

OS TRES LIVROS DAS OBRIGAÇOENS
CHRISTANS, E CIVIS DO GRANDE PA-
DRE DA IGREJA SANTO AMBROZIO
BISPO DE MILAÕ.

TRADUZIDOS POR ORDEM DE SUA
MAGESTADE PARA O UZO DO COLLE-
GIO REAL DE NOBRES POR JOZÉ CAIE-
TANO DE MESQUITA, PROFESSOR DE
RETHORICA, E DE LOGICA DO MESMO
COLLEGIO.

REEDIÇÃO EM TUDO CONFORME À DE
1768, COM INTRODUÇÃO DE JOAQUIM
MENDES DE CASTRO

Os Tres Livros das Obricaçoens Christans,
e Civis do grande Padre da Igreja
S.^{to} Ambrozio Bispo de Milaõ.
Traduzidos por ordem de S. Magestade
para o uzo do Collegio Real de Nobres
por Jozé Caietano de Mesquita, Professor
de Rethorica, e de Logica
do mesmo Collegio.

«Discurso preliminar»

Santo Ambrósio forma com S. Jerónimo e Santo Agostinho uma tríade que faria, só por si, a glória de qualquer literatura¹. Preparado no estudo dos clássicos gregos e romanos para a carreira da administração imperial mas chamado providencialmente a ocupar a Sé de Milão quando já era governador da Gália Cisalpina, esmerou-se em completar a sua formação profana com o estudo constante da Sagrada Escritura e dos autores cristãos que o precederam. Deste modo realizou uma síntese admirável de pensamento e integrou na formação da sua personalidade em grau eminente as virtudes da justiça e da compreensão, da firmeza e da ternura, do zelo e da tenacidade, que lhe permitiam em cada caso o ditame certo, a atitude coerente, a decisão oportuna. Durante mais de duas décadas, sente-se a sua presença em todos os acontecimentos que agitam a vida dum grande Império em crise e duma Fé em expansão, que instintiva-

¹ Cfr. H. J. Rose, *A Handbook of Latin Literature*, 1967², p. 884.

mente nele procuram orientação e apoio. Imperadores e políticos, bispos e clérigos, viúvas e virgens, liturgia e catequese, fé e heresia, cristianismo e paganismo, as exigências permanentes do governo duma grande diocese onde para mais vivia a Corte, tudo solicitava os seus cuidados de pastor atento e inspirado. E ele a tudo acorria e a todos acudia, multiplicando-se e intervindo com a acção, com a palavra, com a pena. Foi, no rigor da frase, o *doctor vitae* da sua geração².

E, no entanto, este homem não se dispersou na multiplicidade das suas tarefas: ele sabia concentrar-se no meio da azáfama e do bulício duma grande capital³. Foi mesmo este hábito e prática de se concentrar que lhe garantiram não só o êxito do seu múnus pastoral, mas também o lugar importantíssimo que veio a ocupar na idade de ouro da literatura latino-cristã, com uma produção vastíssima, que vai da oratória à himnologia, passando pela exegese, a filosofia, a teologia, a hagiografia e a ascese. Uma vasta obra de polígrafo em que uma profunda erudição clássica está ao serviço dum propósito decidido de cristianizar. Para Santo Ambrósio, a civilização greco-latina é bem a *praeparatio evangelica* dos Apologetas. Por isso ele soube chamar todas as suas extraordinárias riquezas a participar na formulação da síntese cristã de que ao depois se hão-de alimentar os melhores espíritos de todos os tempos.

Neste aspecto, obtém lugar de relevo o *De Officiis Ministrorum*, que constitui o primeiro tratado sistemático de moral da Patrística, largamente inspirado no *De Officiis* de Cícero, cujo esquema o autor adoptou e onde forrageou pacificamente conceitos e exemplos que julgara úteis para a formação de seu Clero, como aquele os cria proveitosos para a educação do filho. Esta usufruição pacífica duma obra, em que Gregos e Romanos professam na mesma escola, representa a atitude constante de Santo Ambrósio perante os valores antigos, que no Evangelho encontram o suplemento da Graça. E é esta leitura serena que o Bispo de Milão faz da história da Humanidade que faz dele a encarnação mais acabada do espírito romano ennobrecido pelo misticismo cristão⁴.

² Cfr. J. FONTAINE, *La Littérature Latine Chrétienne*, PUF, 1970, p. 63.

³ Santo Agostinho, que do facto é testemunha privilegiada, nos transmite a notícia envolta na veneração pelo Bispo que o havia de baptizar (*Confissões*, 6, 33-PL 32, 719-722).

⁴ R. PICHON, *Histoire de la Littérature Latine*, Paris, 1898², p. 844.

Coube ao *De Officiis Ministrorum* a fortuna de ser a primeira tradução duma obra patrística a ser publicada em língua portuguesa e ao Cónego José António Caetano de Mesquita e Quadros o mérito de a haver traduzido. Foi o tradutor um fecundo publicista que viveu nos três últimos quartéis do século XVIII, tendo-se dedicado principalmente a traduzir e a reeditar⁵. Para que a injúria do tempo o não atirasse para o rol dos esquecidos, ele mesmo nos deixou bastantes dados biográficos no prefácio da sua *Colecção de Várias Obras Portuguesas e Latinas*⁶, dedicada ao Ministro de Estado José de Seabra e Silva. Nele nos informa que, após haver feito «actos grandes» na Universidade de Coimbra, ensinou Latim ao homenageado e a seu irmão. Em Coimbra tivera como Mecenias o pai dos dois discípulos, o qual o propusera para «bibliotecário da livraria da Universidade».

Veio para Lisboa com o propósito de obter o provimento naquele cargo em 1754, mas a morte do protector frustrou-lhe os intentos. Em sua vez conseguiu a regência da cadeira de Retórica e Poética nos Estudos Menores, instalados no Hospício da Cotovia. Nessa qualidade, proferiu a *Oração para a abertura dos Estudos, em 30 de Setembro de 1759, na presença do Senhor Rei D. José I*⁷.

Pouco depois, quando «no lanço que estava da casa... se fundou e estabeleceu o Colégio de Nobres», Mesquita e Quadros foi escolhido para um dos primeiros mestres: «o único português»⁸. Ali regeu a cadeira de Retórica, «em que estava», mais a de Lógica, até 1774, ano em que foi demitido⁹.

⁵ O apelido *Quadros*, que tarde foi usado pelo escritor, aparece em todos os 18 opúsculos publicados sob o título de *Colecção de várias Obras portuguesas e latinas*, editada em Lisboa em 1794. Desses escritos, que já em grande parte corriam impressos, faz parte a «Dedicatória do Livro das Obrigações dos Amos e Criados», com a data de 27-6-1771, a qual traz aquele apêndice onomástico. O mesmo acontece no frontespício da *Vida do Venerável Padre Fr. António da Madre de Deus*, Lisboa, 1793.

⁶ É a obra, que já descrevemos na nota anterior.

⁷ Publicada em 1760 com o título de *Oração sobre a Restauração dos Estudos das Belas Letras em Portugal, que disse José Caetano de Mesquita, professor régio no Hospício da Cotovia, e censor da Sociedade dos Arcades de Lisboa*.

⁸ O edifício onde foi instalado o Colégio dos Nobres pertencera à Companhia de Jesus, que o mandara construir para o Noviciado. O Colégio propriamente dito foi criado a 7-3-1761; mas J. C. de Mesquita só foi nomeado a 9-9-1765. (Cfr. A. A. de ANDRADE, *Verney e a Cultura de seu Tempo*, Coimbra, 1965, p. 341.) M. BUSQUETS DE AGUILAR, *Colégio Real dos Nobres*, Lisboa, 1931, retarda a nomeação para 8-10-1765 e atribui-lhe o ordenado de 450 mil réis anuais. No prólogo que vimos seguindo Mesquita e Quadros assinala a abertura do Colégio no dia 19-3-1766.

⁹ «Nesse ano — escreve o Mestre de Retórica — aconteceu o successo que é notório, no qual foi Deus servido que eu padecesse o que padeci». Servir-lhe-á de conforto «a incomparável bondade da Rainha (D. Maria I)» que o «honrou com a jubilação por inteiro e a mercê do Hábito de Cristo».

Durante os anos em «que naquele Colégio servira com muito zelo», o «mandaram trabalhar noutro serviço efectivo de Sua Magestade, traduzindo as *Obrigações Cristãs e Civis* de Santo Ambrósio... para uso dos colegiais e em todos os outros escritos que Sua Magestade ordenou que se imprimissem para justificação da maior necessidade que então tinha o Ministro entre mãos»¹⁰. Tudo ou quase tudo versões, como reconhece o mestre de Retórica, que se justifica com declarar que trabalhava «não em compor de novo algumas obras... mas em traduzir os melhores mestres que no mundo sábio se reconheciam»¹¹.

Nos apontamentos auto-biográficos do Cónego Mesquita, não se encontra qualquer referência à sua qualidade de membro da Arcádia Lusitana. E, no entanto, ele fez parte dos arcades que constituíram aquela academia em Abril de 1756¹². E no ano seguinte, que foi o da inauguração oficial, desenvolveu alguma actividade dentro dessa agremiação académica, tendo proferido a «Oração de Agradecimento», a «Oração sobre a verdadeira imitação dos Autores» e ainda a «Oração sobre o augustíssimo mistério da Conceição Imaculada de Maria Santíssima» na festa que os Arcades celebravam no dia 8 de Dezembro em honra da sua Padroeira. Em 1760 ainda se orgulhava de «sócio e censor dos Arcades de Lisboa», no frontespício da *Oração sobre a Restauração dos Estudos das Belas Leiras*. Cedo, porém, se deve ter desligado dos «muito amados companheiros», por quem não se deixou encaminhar, dirigir e ensinar, como solenemente prometera¹³. A sua «justa docilidade» vai antes para o Marquês «sem controvérsia, maior que todos...»¹⁴.

Afastado do magistério, pastoreou a paróquia de S. Lourenço, e, para «os fiéis que tinha a seu cargo», publica em 1780 o *Compêndio da Doutrina Cristã*, quase uma reimpressão do Catecismo do Padre

¹⁰ J. Mesquita e Quadros iniciara a sua actividade de escritor em Coimbra, publicando a tradução do *Catecismo Histórico da Doutrina Cristã*, de Fleury.

¹¹ Na «Dedicatória a El-Rei Nosso Senhor D. José I» anteposta à tradução dos *Elementos de Burlamaqui*. Na *Colecção*, pp. 102-103.

¹² É o número 10 da lista elaborada por T. Braga na *Arcádia Lusitana*, Porto, 1899, p. 222, nota 30. C. C. Branco faz justos reparos ao rol de Teófilo; mas as suas dúvidas não atingem a presença do nosso autor (cfr. *Curso de Literatura Portuguesa*, Lisboa, pp. 185-186, nota).

¹³ J. Mesquita teria sido irradiado da Academia por denunciar os sócios junto do Marquês de Pombal. Aragão Morato atribui o colapso da Arcádia à má vontade do ministro todo poderoso de D. José «o qual deu fáceis ouvidos às vozes da calúnia e pretendeu subjugar a Arcádia, tomando por ministro dessa sujeição um dos menos distintos sócios». Mas não identifica o culpado. (Cfr. F. M. T. DE ARAGÃO MORATO, «Sobre o Estabelecimento da Arcádia de Lisboa», em *Memórias da Academia Real das Ciências*, VI, pp. 75-76).

¹⁴ Na *Oração sobre a Restauração dos Estudos*, p. 21.

Granada, e dedica-o à Rainha D. Mariana Vitória (viúva de D. José), «protectora e juíza perpétua da irmandade de novo erigida em obséquio de S. Lourenço».

Em 1790 é nomeado reitor do Seminário do Patriarcado¹⁵, e logo aos seus alunos consagra o *Compêndio Histórico da Doutrina Cristã*¹⁶, sendo ainda a eles que dedica a sua última publicação, as *Instruções de Retórica e Eloquência, dadas aos Seminaristas do Patriarcado*, editada em 1795¹⁷. Quatro anos depois extinguiu-se uma vida acidentada, talvez nem sempre rectilínea, mas seguramente operosa.

J. A. C. de Mesquita e Quadros foi sobretudo e quase só um tradutor. Orador sem brilho e prosador sem garra, a leitura dos seus trabalhos literários provoca uma sensação de cansaço, enquanto a subserviência aos poderosos do tempo, pecha aliás muito frequente nos autores do Arcadismo, aumenta de ponto a indisposição inicial. De qualquer maneira, o estilo do nosso árcaide não corresponde ao que seria legítimo esperar dum mestre de retórica. Desta mediania arrelhiadora emerge, porém, a versão do tratado ambrosiano *De Officiis Ministrorum*¹⁸, que lhe foi encomendada, em nome do Rei, por D. Tomaz de Almeida, Primeiro Principal da Santa Igreja de Lisboa e Director Geral dos Estudos, «para uso do Colégio de Nobres», no intuito do que se poderia chamar laicização da moral

¹⁵ Cfr. A. A. ANDRADE, *o. c.*, p. 395.

¹⁶ Editado em Lisboa em 1793. O autor confessa haver forrageado o melhor que pôde em vários autores, copiando e traduzindo sem cuidado de citar. Por isso não alcançará «o nome de erudito ou de sábio... mas certamente o de homem amante da sua pátria que procura servir conforme os talentos que recebeu daquele mesmo Senhor, de que deseja ser ministro fiel» (Do prólogo).

¹⁷ O Cónego da Sé Patriarcal tinha a paixão de escrever e ainda mais a de publicar. Há, porém, alguns manuscritos: um na Biblioteca da Universidade de Coimbra, outro na Biblioteca Nacional e ainda outro na Biblioteca da Academia das Ciências. Os dois primeiros vêm citados pelo Prof. Rosado Fernandes na utilíssima «Bibliografia das Obras de Retórica que, de algum modo, dizem respeito à cultura portuguesa» (Cfr. H. LAUSBERG/R. M. R. FERNANDES, *Elementos de Retórica*, Lisboa, 1970, p. 51). O manuscrito da Biblioteca da Academia de Ciências tem 188 folhas de boa caligrafia, sob o título *Compêndio da Dissertação composta pelo sábio douto e católico teólogo Pio Costa, doutor em Teologia na Universidade de Pavia, sobre a Abstinência das Obras servis nos dias Santos, feita por J. C. de Mesquita e Quadros, Cónego da Basílica de Santa Maria de Lisboa*. Não traz data, mas a obra compendiada saíu a lume em 1788.

¹⁸ Foi editado em Lisboa, na oficina de A. R. Galhardo em 1768, com a seguinte epígrafe:

Os Tres Livros das Obrigações Christians, e Civis do grande Padre da Igreja S.to Ambrozio Bispo de Milão. Traduzidos por Ordem de S. Magestade para o uzo do Collegio Real de Nobres por Jozé Caietano de Mesquita, Professor de Rethorica, e de Logica do mesmo Collegio. Lisboa 1768.

cristã¹⁹. Esta finalidade que está patente no próprio título *Obrigações Cívicas e Cristãs*, onde os dois adjectivos substituem o genitivo *Ministorum*, declara-a o tradutor no «Discurso preliminar», no qual, depois de confessar que «esta obra foi escrita e destinada para os ministros da Igreja», conclui que «nem por isso daqui se segue que não sirva para todos os fiéis se aproveitarem dela»²⁰.

Independentemente da intenção régia, é certo que o professor de retórica do Colégio dos Nobres possuía capacidade para a empresa, embora não se houvesse ainda exercitado em traduções da «nobre língua do Lácio»²¹. Ele não vai trabalhar às escuras. Com efeito, Mesquita e Quadros, que já abordara a problemática da tradução na «Oração sobre a verdadeira imitação dos Autores», agora adopta o critério e escuda-se na autoridade do bispo de Abranches para a tradução dos Santos Padres²², asseverando-nos que cuidou «muito de conservar fielmente não só a mesma figura de oração, mas a mesma frase e estilo do Santo Doutor, desejando que parecesse que era ele mesmo que falava»²³.

Este critério ambicioso, que exigia naturalmente «grande ciência das duas línguas e também perfeito conhecimento do génio e do natural do autor que se traduz», vai pôr à prova a arte de Mesquita e Quadros num empreendimento em que é «o primeiro e em que não tem exemplar para este género de tradução». Para mais, o autor que lhe cabe em sorte reveste-se de particular dificuldade. De facto, os escritos ambrosianos são peças oratórias que só depois o Santo Doutor redigiu definitivamente, em momentos de grande concentração. Daqui resulta um estilo surpreendentemente conciso, a que,

¹⁹ Cfr. MARIA A. R. M. CAPITÃO, «Secularização da moral entre os Oratorianos». Edições da Revista *Filosofia*, Lisboa, 1957, p. 3, nota 1.

²⁰ O «Discurso preliminar» consta de 35 folhas não numeradas, no princípio da tradução. Mas, na *Colecção*, o mesmo «Discurso preliminar» vai da p. 119 a 175.

²¹ Efectivamente, traduções do latim, só fizera a da sua *Dissertação sobre a Inauguração dos Estudos*.

²² No opúsculo sobre a arte de traduzir, Pedro Daniel Huet, bispo de Abranches, depois de acentuar que os Livros Sagrados trazem a recomendação divina de que nem um til se pode perder, prossegue: «Supparem vero ac propemodum aequalem in Patrum convertendis scriptis sollicitudinem requiro» (*Opuscula duo, quorum unum est de optimo genere interpretandi et de claris interpretibus*, Veneza, 1757).

²³ Esta imagem da perfeita tradução impõe-se definitivamente ao espírito de Mesquita e Quadros: ela aparece na «Oração sobre a verdadeira imitação dos Autores» (*Colecção...*, p. 84), e voltará a aparecer no prólogo da tradução dos Sermões de Massilon que pretendia «que falasse verdadeiramente em português com a mesma liberdade, a mesma força, o mesmo vigor e a mesma graça que fala na língua original» (*Colecção...*, p. 183). De algum modo, uma antecipação do que ensina F. FINLAY: «A tradução ideal deve reproduzir o sentido do original de maneira que o leitor não se dê conta de que está a ler uma tradução» (em *Translating*, Londres, 1971, p. 22).

por outro lado, não são estranhos todos os cânones da retórica clássica, permeados muito embora de intensa informação bíblica. A concisão do estilo ambrosiano obriga o tradutor a assumir com frequência o múnus de intérprete: a este compete a compreensão do texto; àquele, a transposição do mesmo, sem perda dos seus primores literários. Vamos ver rapidamente como se houve o nosso árcade na elaboração do seu trabalho²⁴.

Antes de mais, deve reconhecer-se que o tradutor descobriu, por via de regra, o sentido exacto do original. «Saragoça» em vez de *Siracusa* (168/3.11.71); «vencidos» por *triumphali caterva* (172/3.13.82); «calor do Verão» por *verno tempore* (36/1.14.55) poderão tomar-se à conta de lapso num trabalho de apreciável extensão e singular densidade. Há, no entanto, certas passagens em que uma leitura mais ou menos ambígua não se poderá imputar a distração de momento, embora se trate em geral de pequenos sintagmas sem apreciável ressonância na inteligência do texto. São deste género «verdadeira sabedoria» por *sapientiae edocendae* (19/1.1.1); «amam» por *diligantur* (27/1.7.24); «o seu era o verdadeiro anúncio» por *veri se esse annuntium* (115/2.10.54).

Nesta última frase o desacerto nasce do desprezo da oração infinitiva. Nestoutra «sem ela (a benevolência) não pode subsistir a sociedade, ensinar o caminho ao peregrino... trazer à estrada... dar hospedagem...», a omissão da partícula *ut* antes de «ensinar...» converte em simples enumeração o que pretendia definir a «sociedade», isto é, o *usus hominum* do original (71/1.32.167).

Uma louvável preocupação de clareza, embora mal orientada, leva o autor a introduzir no texto anotações dos editores. Pertence a este género a frase explicativa «quanto baste para a sua obrigação» anteposta à sentença do Autor: «alguma parte do seu património» (67/1.30.152). Pelo mesmo motivo, o tradutor submeteu a verdadeira tortura o original ambrosiano *sanguinis consecrationem... consummandorum consortium sacramentorum* para obter o que se supunha constituir a única leitura ortodoxa «repartir o consagrado sangue... a companhia em distribuir os Sacramentos», quando tudo deveria indicar que a sinonímia entre «repartir» (interpolado) e «distribuir» exigia igual correspondência entre «sangue» e «sacramentos» (mistérios) (83/1.41.204).

²⁴ Nas citações seguimos este método: o número antes da barra indica a página da Revista; os números depois da barra indicam por ordem o livro, o capítulo e a perícopa da *Patrologia Latina*, onde o tratado de Santo Ambrósio se encontra, vol. 16, cc. 23-185.

Igual cuidado de clareza explica os frequentes pleonasmos espalhados pela obra, aparentemente supérfluos, mas justificados pela intenção de tudo esclarecer, como neste passo: «Se alguém manifestar as justiças de Deus, se alguém as puser sobre o altar», em que a segunda oração é totalmente interpolada, embora sugerida pelo apódose latina *incensum imponat* (98/1.50.258). Ou também de explicitar o agente da acção: «Os cristãos» (45/1.19.83); *usus loquendi* — «o uso que fazemos da fala» (41/1.18.67). Ou de sublinhar o objecto: (131/2.24.119) *affectatio et indecora ambitio* — «nem afectação, nem uma ambição que nos esteja mal, em as pretensões que tivermos, deste género».

Do mesmo teor, abundam as definições em forma de perífrase: *domesticis* — «que tem cada um de nós em particular» (30/1.10.33); *denarius* — «o que lhe dás» (31/1.11.38).

Mais interessantes, porém, uma vez que entram no campo da retórica e eram de uso constante nos prosadores do século xvi, são os binarismos, quando um segundo vocábulo continua o primeiro ou à maneira de sinónimo: *officium* — «ofício» ou obrigação», (27/1.8.25); ou a título de amplificação: *tenebras* — «confusão e trevas» (36/1.14.53), *dolorem* — «dor e aflição» (103/2.4.53), *dolores* — «dor e mágoa» (138/2.27.135), *vilibus* — «vis e desprezíveis» (166/3.9.65), *mota sunt viscera* — «que se enternece, que se aflige» (112/2.8.45). Ou a jeito de hendíadis: *per speciem in aenigmate* — «em figura, em representação» (39/1.16.62), *benevolentiae liberalitas* — «liberalidade e benevolência» (71/1.32.168), *congregationem populi* — «povo congregado e junto» (178/3.18.102).

Os binarismos, de que deixámos pálida amostra, relevam da arte do escritor e não de qualquer dificuldade em encontrar o termo que na língua portuguesa corresponda ao da latina. O nosso tradutor dispunha de notável riqueza vocabular que lhe facultava para cada contexto o termo adequado. Atente-se apenas na variedade de sinónimos que usa para traduzir o lexema *gratia*: graça, mercê, virtude, prémio, beleza, formosura, galanteria, amizade, afecto, estimação, alívio, boa medra, o mais excelente.

Mesquita e Quadros faz gala do seu domínio lexicológico, mesmo quando a exibição apaga uma figura de retórica tão usada como a anáfora. Assim lhe acontece com a expressão *pulchrum est* que abre os capítulos 31 e 32 do 1.^o livro e que ele traduz respectivamente: «é muito justo» (68/1.31.160) é «é coisa muito acertada» (70/1.32.165). Esta afectação de independência tem todas as características de volun-

tária, pois surge até em lugares que ditariam a raiz original para a tradução a um autor desprevenido, tais como: *proponit... vident*, na versão «representa... conhecem» (24/1.4.16); *quotidiano usu palaestrae durantes membra*, na versão «fortalecendo os membros todos os dias na luta», logo, porém, seguida da tradução «palestra da voz» para *palaestra vocis* (29/1.10.32 e 33).

Este critério que, levado ao extremo, conduz à tradução algo bizarra de «Assim seja, vos digo» para *Amen dico vobis* (99/2.1.2), escamoteia, por vezes, as galas do estilo de Santo Ambrósio, como em «conserva-te imóvel» para *tu in petra fixum vestigium tene* (25/1.5.20), onde se esbate a imagem do atleta com os pés bem firmes na pedra, e mais ainda em «exterioridades feias e brutais», paráfrase recatada de *belluinis posterioribus ac ferinis ungulis*, onde se perde a alegoria dos faunos ou das sereias que desfiguram com o apêndice animalesco a beleza dum rosto humano (117/2.13.64).

São exemplos recolhidos a esmo de entre muitos outros que se poderiam aduzir e que revelam certamente a personalidade dum escritor com os seus gostos e as suas preferências. Não faltam outros em que o tradutor procede de maneira diferente, ora insistindo no mesmo vocábulo como «instruir... instruir» para *erudiendum... informandos* (26/1.7.24) e «que se passam... e que se hão-de passar» para *tractata... volvenda* (36/1.14.54); ora reduzindo duas ou mais palavras a uma só como «não arrogando nada a si» para *nihil sibi usurpans, nihil sibi vindicans* (42/1.18.70) e «lisonja» para *assentatione, assentatiuncula, adulatione, obsecratione* (133/2.23.117-118); ora aderindo à etimologia: «não querendo gravar a Igreja» para *Ecclesiam nolens gravare* (67/1.30.49) e «discómodo» para *dispendio* (28/1.9.28), quando em 70/1.32.165 *humescamus* dá um morno «nos consolemos», mesmo contra a insinuação do «orvalho» no fim da frase.

A versão de *nihil sibi usurpans nihil sibi vindicans* merece voltar à liça, pois merecia figurar num novo parágrafo sobre o tratamento das simetrias, abundantes no texto de Santo Ambrósio, como forma perfeita, talvez a mais perfeita, do estilo clássico. Neste domínio, Mesquita e Quadros procede com a mesma liberdade já observada ou ainda maior, quer desprezando a sugestão do original, quer interrompendo a sequência com assimetrias oportunas, quer construindo outras com elementos não simétricos do texto. Vejamos com alguma demora.

A tradução descuida a construção da frase segundo a fórmula *abab*, bem patente em casos como estes: *necessitati consuleret et gratiam*

venustaret — «atendendo à necessidade e à graça» (44/1.18.77), e *ad cautionem verecundiae et custodiam castitatis* — «para recomendar o pejo e a castidade» (45/1.18.80).

Agora uma progressão simétrica: *Rogatus oraret, laesus benediceret, appetitus remitteret*, que diz na versão portuguesa: «sendo rogado fizesse oração, sendo ofendido abençoasse, perdoasse sendo acometido» (175/3.15.93). O movimento da frase latina é interrompido entre o segundo e terceiro estíquios, não sem que da inversão do participio e da forma verbal finita resulte uma agradável sensação de balanceamento. Idêntico processo, mas sem tão agradável efeito, na tradução *in consiliis fidelis, in prosperis laeta, in tristibus moesta* por «fiel nos conselhos, alegre nas felicidades, nas infelicidades triste» (71/1.32.167), onde a redução de dois vocábulos bem distintos a outros de igual raiz provocou um eco ao invés, estranho à boa sonoridade.

E é curioso que o nosso retórico aproveitou o passo em questão para introduzir no texto uma especial forma de simetria (aqui, fazendo dissemetria no conjunto da frase) a que se dá o nome de simetria concêntrica ou quiástica, de esquema *abba*. Na verdade, ele que descuida simetrias concêntricas de belo efeito como *Hoc nostrum est, naturae illud* — «está em nossa mão o moderá-la, não o deixar de a sentir» (48/1.21.93), assim como procura simetrias próprias, do tipo desta: *tacitus vultus vel sermo* — «o nosso semblante no silêncio, as nossas palavras no que dissermos» (47/1.20.89), de igual modo sabe enriquecer o seu estilo, convertendo, por exemplo, a sequência *juvencae... spicae/fetu et fructu* em «vacas... espigas/fruto e feto» (123/2.16.83).

Já vai sendo tempo de deixarmos estas minuciosidades e saborearmos o texto no seu conjunto. E, se do que ficou dito e analisado se poderá deduzir que Mesquita e Quadros terá subtraído ao seu modelo as irrupções voluntárias dum enorme vigor concentrado mas zelosamente irreprimível, escrevendo na tranquilidade de seu gabinete para os filhos da nobreza de seu tempo²⁵, o que há de belezas espalhadas por estas 174 páginas paga com usura o tempo que à sua leitura se dedicar, sem contar mesmo com o fundo doutrinal

²⁵ «O silêncio da noite, o aposento fechado e a luz acesa são coisas que ajudam a nossa meditação» (Em *Introdução ao Estudo da Retórica*, ditada por J. C. de Mesquita, professor de Lógica e Retórica no Real Colégio de Nobres, ms. da BNL fl. 22v, § 13).

subscrito por um dos expoentes máximos da civilização ocidental e cristã. É impossível não admirar o acerto de traduções como esta «Nós nos regulamos mais pelo futuro do que pelo presente» para *futurorum magis quam praesentium formula metimur* (28/1.9.28), com a redução da perífrase latina a um só verbo da raiz do substantivo; ou a ressonância de profunda humanidade de «ajudemos a quem na natureza e na figura nos é semelhante» para *consortem et conformem tuum adjuves* (31/1.11.38); ou ainda o vernaculismo de expressões e vocábulos que dá gosto ler: «Quando Deus for servido» *quando placuit Deo* (177/3.17.100); «saber regular» / *tenere mensuram* (30/1.10.35) «não tornava ferida» / *non percussit* (49/1.21.93); «extravagância do andar» / *insolentis incessus* (43/1.18.72); «dar o peito» / *lactarem* (112/2.8.44); «nadar ao lume da água» / *supernatare* (147/1.3.6); *vindicare* / despicar; *commoda* / interesse; *specula* / atalaia; *indolentia* / boa saúde; *flagitiosi* / libertinos; *alacritas* / desembaraço; *otium* / sossego; *inteperantium* / / descompostos; *scurrarum* / chocarreiros; *amaritudinis* / fel; *calliditas* / / sagacidade; *illecebras* / agrado; *fastigium* / remate; *fenus* / onzena; *choros* / rancho...

Aventuremos um juízo. Mesquita e Quadros, prosador túbio como em geral os prosadores do século XVIII, era senhor, no entanto, dum excelente domínio da língua portuguesa que um texto excepcional o convidou a pôr a seu serviço. E ele, que afectava um estudado desdém por determinados princípios da retórica tradicional²⁶, veio a utilizá-los na sua tradução. Não terá conseguido expressar rigorosamente as duas facetas da língua do Lácio, a fala do homem que sabe exactamente o que dizer e o diz com toda a força e intimação²⁷. Mas correspondeu seguramente à primeira exigência. Por isso a sua obra não morreu de todo; ou pelo menos mereceu ressuscitar nesta edição diplomática que lhe consagra a revista da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. E merecia, certamente, muito mais que este modesto discurso preliminar, que adopta o nome do prefácio com que o tradutor abriu a sua obra.

J. MENDES DE CASTRO

²⁶ Mesquita e Quadros minimiza a importância das figuras e dos tropos, utilizando uma imagem de mau gosto que diz usada por outros: a dum indivíduo que para caminhar precisa de chamar a razão e a vontade a decidir em cada caso a mudança dos pés (ms. da BNL. fl. 49).

²⁷ Cfr. TH. SAVORY, *The Art of Translation* Londres, pp. 68-69.

Résumé

Réédition intégrale de la version portugaise du *De officiis ministrorum* de St Ambroise de Milan, publiée en 1768 sous le titre *Os tres livros das obrigaçoens christans, e civis*.

La note préliminaire étudie la personnalité de l'auteur de la traduction — le Chanoine Jozé Caietano de Mesquita, professeur de rhétorique au Collège des Nobles de Lisbonne — et la qualité de son travail.

Das obrigaçoens christans, e civis
do grande Padre Santo Ambrozio,
Doutor da Igreja, e Bispo de Milaõ

LIVRO I

CAPITULO I

Mostra o Santo Doutor que he proprio do officio do Bispo ensinar: porém que elle deve aprender para o fazer assim; ou, para o dizer melhor, deve ensinar o que não aprendeu; ou ao menos deve ensinar, e aprender ao mesmo tempo.

Naõ julgo que pareça suberba emprender ensinar, falando com os meus filhos: tendo dito o mesmo Mestre da humildade: *Vinde filhos, ouvime: ensinar-vos-hei o temor do Senhor.* No que se deixa bem ver a modesta humildade, e mercê do mesmo Senhor. Pois dizendo que ha de ensinar *o temor do Senhor*, que parece ser commum a todos, mostrou huma singular modestia. E com tudo, sendo o mesmo temor o principio da sabedoria, e o auctor da felicidade (pois são bemaventurados os que temem a Deos) he claro que se mostrou mestre da verdadeira sabedoria, e da felicidade, que unicamente se deve procurar. Psalms. 33.12.

Pelo que nós dezejando imitar a sua modestia, e não podendo fazer o mesmo beneficio, e dar a graça que o espirito da sabedoria lhe inspirou; o que só faremos he ensinar-vos como a filhos as doutrinas, que elle nos manifestou, e temos aprendido, vendo, e ouvindo; já que não podémos fugir da obrigação de ensinar; a qual, a nosso pezar, nos impoz o nosso ministerio; certamente a huns *deu Deos para Apostolos, outros para Profetas, outros para Evangelistas,* Ephes. 4.12.
outros em fim para Pastores, e Mestres.

- Naõ tomo para mim a gloria dos Apostolos; porque quem o faria, a naõ serem aquelles, a quem o mesmo filho de Deos escolheu? Naõ tomo a graça dos Profetas, naõ a virtude dos Evangelistas, naõ a prudencia dos Pastores; mas sómente dezejo alcansar o estudo, e sciencia das Divinas Escrituras; o que o Apostolo contou no ultimo lugar entre as obrigaçoens dos Santos: e dezejo isto mesmo para que com a applicação de ensinar possa aprender. Certamente verdadeiro Mestre ha só hum, que he quem unicamente naõ aprendeu o que havia de ensinar a todos: mas os homens aprendem primeiro do que ensinem; e desse Mestre he que recebem o que aos outros ensinaõ. Mas a mim nem ainda me succedeu aprender para ensinar; pois tirado dos Tribunaes, e do governo da Republica para o Sacerdocio, vos comecei a ensinar o que eu mesmo naõ tinha aprendido. Donde veio que comecei a ensinar primeiro que aprendesse. Pelo que hei de aprender, e ensinar ao mesmo tempo, já que até agora naõ tive lugar para aprender.

CAPITULO II

*Ha muito perigo em falar: o remedio deste, diz a Escritura,
que consiste no silencio*

Mas que outra coiza devemos aprender mais do que os outros, senaõ a calarmo-nos, para podermos falar, para que naõ succeda que primeiro me condemnem as minhas palavras, do que as alheias me absolvão? pois esta escrito: *Pelas tuas palavras serás condemnado*. Que necessidade ha de te apressares a incorrer no perigo de seres condemnado por falar, podendo estar em mais seguranca calando-te? Tenho visto muitos, que por falar cahiraõ em peccado; por calar quazi ninguem: pelo que he mais difficultozo saber calar-se, do que falar. Sei que muitos falaõ ao mesmo tempo que naõ sabem calar-se: mas he coiza rara calar-se alguem, ainda quando de nada lhe aproveita o falar. Pelo que com razão se chama sabio aquelle, que sabe calar-se. A Sabedoria de Deos disse: *Deu-me o Senhor lingua de erudição, que sabe quando deve dizer palavras*. Com razão se chama sabio aquelle, a quem o Senhor ensina o tempo em que deve falar. Daqui se vê que diz a Escritura muito bem:

Math. 12.37.

Isaiac 50.4.

Eccles. 20.7. *O homem sabio ha de calar-se até certo tempo.*

Por esta razão os servos do Senhor, que sabião que a palavra do homem muitas vezes annuncia peccado, e o principio do erro he a fala do mesmo homem, estimavaõ o silencio. Assim o diz David servo do Senhor: *Disse eu: Guardarei os meus caminhos para que não peque em a minha lingua;* sabia, e tinha lido que só a Divina protecção podia fazer que o homem se livrasse do açoite da sua lingua, e do testemunho da propria consciencia. Na verdade a accusação do nosso proprio juizo, e o remórso da consciencia nos açoitaõ: não menos nos açoitaõ as nossas palavras, quando dizemos coizas, com que o nosso animo se maltrata, e se fere o nosso espirito. Pois quem ha que tenha o coração limpo da inundaçãõ dos peccados, ou não commetta culpa em o que diz? E esta he a razão, porque, como não via que ninguem podesse conservar a boca pura da corrupçãõ das palavras, elle mesmo para conservar a innocencia se impoz a si a lei do silencio, para que calando-se evitasse a culpa, de que não podia escapar, se falasse. Psaln. 38.2.

Ouçamos este nosso Mestre: *Disse: Guardarei os meus caminhos;* isto he: Disse a mim mesmo, puz interiormente hum preceito a mim mesmo de guardar os meus caminhos. São huns os caminhos, que devemos seguir; outros os que devemos guardar: seguir os caminhos do Senhor, guardar os nossos para que nos não levem para a culpa. Ora só os podes guardar, se não falares inadvertidamente. Diz a lei: *Ouve Israel ao Senhor teu Deus.* Não disse: *fala;* mas disse: *ouve.* Cahio Eva porque disse a seu marido o que não tinha ouvido ao Senhor seu Deos. A primeira voz de Deos te diz a ti: *ouve.* Se ouves, guardas os teus caminhos: e se cahiste emenda depressa. Porque *em que emenda o moço o seu caminho, senão em guardar as palavras do Senhor?* Pelo que cala-te primeiro, e ouve, para que não erres em as tuas palavras. Deuter. 6.3.

He grande desgraça ser o homem condemnado por sua propria boca. Mas se da palavra ocioza ha de dar conta cada hum de nós; quanto mais da palavra impura, e torpe? Porque são mais graves estas palavras, do que as ociozas. Mas se da palavra ocioza se nos ha de pedir conta, quanto mais rigoroso castigo se nos ha de dar das palavras contra a lei do Senhor? Matth. 12.36.

CAPITULO III

Que não deve o silencio ser perpetuo, nem ociozo: e de que modo se deve pôr guarda ao coração, e á boca contra as paixoes desordenadas.

Pois que? Devemos por ventura ser mudos? De nenhuma sorte: *Ha tempo de estar calado, e tempo de falar.* Além de que se havemos de dar conta das palavras ociozas, vejamos que a não demos tambem do silencio ociozo. Ha silencio effectivo, como era o de Suzana, que em se calar fez mais do que se tivesse falado; pois estando calada para com os homens, falou com Deos; nem achou indício algum da sua castidade maior do que o silencio. Falava a propria consciencia onde a voz senão ouvia; nem buscava a seu favor o juizo dos homens, tendo o testemunho do Senhor. Por isso queria que a absolvesse quem elle sabia que de nenhum modo se podia enganar. O mesmo Senhor em o Evangelho, guardando silencio, obrava a saude dos homens: por isso com razão não impoz David a si silencio perpetuo, mas observancia d'elle bem regulada.

Guardemos pois o nosso coração: guardemos a nossa boca; porque huma, e outra coiza está escrita: no Psalmo se nos diz que guardemos a boca, em outro lugar: *Guarda o teu coração com toda a vigilancia.* Se David a guardava, não a guardarás tu? Se Izaías tinha a boca impura, e disse: *Mizeravel de mim, que estou traspassado de dor; porque sou homem, e tenho a boca impura:* se o Profeta do Senhor tinha a boca impura, como diremos nós que a temos pura?

E para quem, senão para cada hum de nós he que se escreveu: *Cérca a tua quinta de espinhos... e ata a tua prata, e o teu ouro, e faze para a tua boca porta, e fecho, e para as tuas palavras jugo, e balansa?* A tua quinta he o teu espirito: o teu ouro o teu coração: a tua prata as tuas palavras: *As palavras do Senhor, palavras castas, prata purificada no fogo.* Boa quinta he tambem o bom espirito. Em fim quinta precioza he o homem puro. Pelo que cerca esta quinta, e poem-lhe muro com os pensamentos; fortalece-a com os espinhos, com os cuidados, para que não entrem nella de tropel, e a levem escrava as injustas paixoes do corpo, não a assaltem os movimentos desordenados, não lhe roubem os que passão pelo caminho os fructos da sua colheita. Guarda o teu homem interior: não o queiras desprezar, e aborrecer como coisa vil, pois he coiza

precioza. E precioza com razaõ; pois o seu fructo não he caduco, e temporario; mas estavel, e de salvaçaõ eterna. Cultiva a tua quinta, para que seja rendoza.

Prende as tuas palavras, para se não desconcertem, para que se não descomponhaõ, e com a demazia dem cauza a peccado. Sejaõ mais moderadas, e corra a sua torrente dentro das suas margens. De pressa se turva todo o rio, que trasborda as suas ribeiras. Prende os teus sentidos, não sejaõ froxos, nem te escapem, para que senão diga de ti: *Naõ pode applicar medicina, nem oleo, nem ligadura.* A modestia do espirito tem suas redeas, com que se dirige, e se governa. Isaia: 1.6.

Tenha porta a tua boca, para que se feche quando he necessario: e feche-se com mais diligencia, para que ninguem provoque para a ira as suas palavras, e pagues huma afronta com outra afronta. Ouviste ler hoje: *Irrei-vos, e não queirais peccar.* Logo ainda que nos iremos, porque he paixão da natureza, e não está em o nosso poder; não deixemos sahir da nossa boca palavra má, para não cahirmos em culpa. Tenhaõ as tuas palavras jugo, e balansa, isto he, humildade, e medida, obedeça a lingua ao entendimento: prenda-se com cadeias, que a reprimaõ: tenha seu freio, com que possa governar-se: pronuncie as palavras tendo-as pezado na balansa da justiça; de sorte, que haja gravidade em o sentir, pezo no discurso, e moderação nas palavras. Psal. 4.5.

CAPITULO IV

Com a mesma vigilancia se acautela que as palavras não nasçaõ das paixões más, mas da boa razaõ: em o que nos arma principalmente siladas o demonio.

Qualquer, que isto observa, he manso, benigno, modesto; porque guardando a boca, e reprimindo a lingua, e não falando antes de perguntar, e examinar, e averiguar as suas palavras; se deve dizer isto, se o deve dizer contra este; se he este o tempo de falar; sem duvida observa modestia, e mansidaõ, e paciencia; de sorte que não rompa da indignação, e da ira para algumas palavras; não mostre nas suas palavras indicio de paixão alguma; não descubra que o fogo do appetite arde em o que diz; e que ha nisto estimulos de ira: para que ultimamente as palavras, que servem

de dar honra ao interior do homem, declarem, e mostrem que não ha vicio algum nos costumes.

Então he que maiores siladas arma o inimigo, quando vê que se criaõ em nós algumas paixoens: então esperta os estimulos, prepara os laços. Donde com razão, como hoje ouvistes ler, diz o Profeta:

Psalm. 90.3. *Elle me livrou do laço dos cassadores, e da palavra aspera.* Simaco traduzindo este lugar disse *palavra de impaciencia*, outros disseraõ *de inquietação*. Laço do inimigo saõ as nossas palavras; mas tambem elle mesmo nem por isso he menos inimigo. Falamos muitas vezes coiza que ouça o inimigo, e quazi nos fira com a nossa propria espada. Quanto he mais toleravel perecer com espada alheia, do que com a propria?

Averigua o inimigo as nossas armas, e prova as suas lansas. Se vê que eu me inquieto, dá os seus golpes, para excitar discordias em grande numero. Se eu disser humia palavra indecorosa, aperta o seu laço. Às vezes me representa como attractivo o poder vingar-me; de sorte, que em quanto dezejo vingar-me, eu mesmo me metto em o laço, e aperto a mim mesmo o nó da morte. Pelo que se alguém sente que esteja perto este inimigo, então deve applicar maior vigilancia ás suas palavras para lhe não dar lugar: mas não saõ muitos os que isto conhecem.

CAPITULO V

Ainda contra o inimigo, que vemos, quando nos provoca, devemos uzar de silencio, por meio do qual unicamente escapamos aos maiores, e conservamos a humildade, que devemos praticar com todos.

Mas tambem devemos fugir daquellelle inimigo, que se pode ver; e he todo aquelle, que nos impacienta, que nos provoca, que nos exaspéra; todo aquelle, que nos suggere estimulos de impureza, ou de devacidaõ. Pelo que quando alguém nos afronta, nos desafia, nos provoca á violencia, nos excita á discordia, então guardemos silencio; não nos envergonhemos então de ser mudos. Porque quem nos provoca, quem nos faz injuria he peccador, e dezeja fazer-nos semelhantes a si.

Em fim se calas, se disfarsas, costuma dizer: para que te calas? fala, se te atreves. Mas não te atreves: es mudo, e eu te fiz mudo. Se te calas, mais se despedaça; temse por vencido, desprezado,

estimado em menos, e illudido. Se respondes, julga-se superior, porque tem achado hum igual. Se te calas, dirão: aquelle afrontou, este desprezou áquelle. Se pagares a afronta, haõ de dizer: ambos se insultarão. Hum, e outro se condemna, nenhum se absolve. Assim o seu dezejo he irritar-me para que eu fale, para que eu obre coizas semelhantes ás suas: mas a obrigação do justo he disfarçar, não dizer nada, conservar o fructo da boa consciencia, deixar mais ao juizo dos bons, do que ao atrevimento de quem o crimina; contentar-se com a gravidade das suas acçoens. Isto he o que vem a ser *calar dos bons*; porque quem conhece a sua boa consciencia, não deve inquietar-se com o que he falso: nem entender que péza mais a afronta alheia, do que o testemunho proprio.

Psalm. 38.3.

Desta sorte acontece que até tem humildade. Mas se não quer parecer humilde, cuida isto, e diz comsigo: Com que este desprezame, e na minha prezensa fala semelhantes coizas contra mim, como se eu não pudesse nem abrir a boca contra elle? Porque razão não direi eu coizas, que o possaõ mortificar? Ha de este fazer-me injurias como se eu não fosse homem, como se eu me não podesse vingar? Há este de criminar-me, como se não podesse dizer coizas mais asperas contra elle?

Quem isto diz não he manso, e humilde; não está sem tentação. O tentador o desinquieta, e lhe inspira taes juizos. Algumas vezes o espirito mau busca, e se serve de hum homem, que diga isto: mas tu conserva-te immovel. Ainda que o escravo seja quem diga a afronta, cala-se o justo: ainda que o fraco faça injuria, cala-se o justo: ainda que o pobre accuze, o justo não responde. São estas as armas do justo, vencer cedendo. Assim como os que são destros em atirar a lansa, costumão vencer cedendo, e fugindo ferir com mais duros golpes a quem os segue.

CAPITULO VI

Nesta materia devemos imitar o silencio, e humildade de David para que não pareça que merecemos a injuria.

Que necessidade ha de nos inquietarmos quando ouvimos huma afronta? Porque não imitamos a quem diz: *Emmudeci e humilhei-me, e calei-me por cauza dos bons*? Disse por ventura sómente isto, e não o fez tambem David assim? Certamente o fez.

Psalm. 38.3.

2 Reg. 16.6. Porque quando Semei filho de Gemini o afrontava, calava-se David; e ainda que cercado de tropas, não respondia á afronta, não buscava vingansa; tanto, que, dizendo-lhe o filho de Sarvia que o queria despicar, lho não consentio. Hia como mudo, e humilhado, hia em silencio, nem se perturbava, ao mesmo tempo, que lhe chamavaõ homem sanguinolento, porque conhecia a propria mansidão. Não se perturbava com as afrontas; porque tinha grande conhecimento das suas boas obras. Pelo que quem se perturba facilmente com a injuria, faz que pareça que a merece, ao mesmo tempo que procura que se creia que não he assim. Daqui vem que he melhor o que despreza a injuria, do que aquelle, que a sente; porque o que a despreza, despreza-a como quem a não sente; mas quem se afflige com ella, afflige-se como quem a tem sentido.

CAPITULO VII

Quão discretamente se escolheu o Psalmo 38 para exordio; e com elle se determinou o Santo Bispo a escrever das Obrigaçoens Christans, e Civís; e isto com mais razaõ, do que Cicero o fez a seu filho: e porque cauza?

Psalm. 38.1.

Naõ me servi eu inadvertidamente do exordio deste Psalmo, querendo escrever-vos a vós, filhos meus. O mesmo Psalmo, que o Profeta David deu ao Santo Idithum para o cantar, esse vos persuado eu que estudeis, estando cheio de gosto dos seus profundos sentimentos, e excellencia das suas sentensas. Do que brevemente tenho tocado se vem a conhecer que assim a paciencia em calar como a oportunidade de falar, e ultimamente o desprezo das riquezas, em o que consistem os primeiros fundamentos das virtudes, se ensinão neste Psalmo. Daqui veio que ao tempo, que nelle meditava, me lembrou escrever das Obrigaçoens Christans, e Civís.

A respeito destas ainda que já escreveraõ alguns Filozofos entre os Gregos, como Panecio, e seu filho; e entre os Latinos Cicero; não julguei ser coisa alheia do meu officio escrever eu tambem. E assim como Cicero o fez para instruir seu filho, assim tambem eu o faço para vos instruir a vós, filhos meus; porque na verdade não vos tenho menos amor a vós, a quem gerei espiritualmente no Evangelho, do que se fosse vosso pai por natureza; não he mais poderosa para o amor a natureza, do que he a graça. Certamente

mais devemos amar aquelles, que julgamos que haõ de viver eternamente com nosco, do que aquelles, que sómente haõ de viver com nosco neste mundo. Os filhos por natureza, degenerando, muitas vezes desacreditaõ o pai: a vós primeiro vos escolhemos, do que vos amassemos. Assim aquelles amaõ por necessidade, a qual naõ he mestra muito accommodada, e diuturna para o amor ser perpetuo: a vós amo-vos por escolha do meu juizo, com o que se augmenta grandemente o pezo do amor quando se ama com viveza, tendo escolhido a quem se ama, e amando a quem se tem escolhido.

CAPITULO VIII

O nome de Officio, ou Obrigação naõ sómente he uzado dos Filozofos, mas tambem dos Escritores Sagrados: e donde vem a sua origem.

Pelo que como as pessoas concordaõ, vejamos se por ventura o escrever eu dos Officios, ou Obrigaçoens me convenha tambem a mim; e se este nome he proprio sómente da escola dos Filozofos, ou se se encontra tambem nas Divinas Escrituras. No Evangelho, que hoje lemos (como se nos exhortasse a escrever) nos offereceu felismente o Espirito Santo hum lugar, com que provassemos que ainda entre nós os Christaõs se podia chamar Officio a Obrigação Christã, e Civil. Porque tendo o Sacerdote Zacarias emmudecido no Templo, e naõ podendo falar, diz o mesmo Evangelho: *Succedeu que se cumpriraõ os dias da sua Obrigação ou Officio; e foi para sua caza.* Luc. 1.23. Logo já achamos que tambem podemos dizer Officio, ou Obrigação.

Nem a isto repugna a mesma razão: porque a palavra Latina *officium* parece que se derivou da palavra *efficiendo*, isto he *efficium*: mas o decóro da linguagem fez que mudando-se huma letra, em lugar de *efficium* se dissesse *officium*: talvez certamente porque só devemos fazer o que a ninguem offende e aproveita a todos.

CAPITULO IX

A Obrigação Christã, e Civil deduz se do Honesto, e do Util: e da comparação, que se faz entre hum, e outro. Os Christãos não tem por honesto, nem por util, senão o que serve para a vida eterna: e até por isto ha de ser proveitozo este Tractado das Obrigaçoens Christans, e Cívís.

Julgaraõ que as Obrigaçoens, ou Officios se deduziaõ do Honesto, e do Util, e da escolha, que se fazia vendo qual destes dois se devia preferir: além disto que succedia encontrarem-se entre si duas coisas honestas, e duas uteis, e pôr-se em questaõ qual dellas era mais util, e qual mais honesta. Pelo que primeiramente dividimos a Obrigação em tres partes, Honesta, e Util, e qual destas seja melhor comparando-se entre si. Além disto estas tres especies dividiraõ-as em sinco, duas do Honesto, duas do Util, e a escolha, que o juizo faz. Dizem que as primeiras pertencem á honra, e honestidade da vida; as segundas aos interesses, aos cabedaes, riquezas, e faculdades: que para fazer escolha destas serve o juizo. Isto dizem elles.

Porém nós regulamos mais pelo futuro, do que pelo presente, tudo o que he decorozo, e honesto; e julgamos que nada he util, senão o que aproveita para merecermos a vida eterna, e não o que sómente serve para passar gostozamente esta vida. Nem entendemos que haja interesse algum nos cabedaes, e nas riquezas: mas temos huma, e outra coiza por incommoda, se vivermos com apêgo a ella; e que mais servem de pezo quando se estimaõ, do que de discommodo quando liberalmente se repartem.

À vista do que não he desnecessaria esta nossa escritura; porque regulamos as Obrigaçoens por outra regra diversa daquella, por onde os Filozofos as regularaõ. Elles tem por bons os commodos do seculo: nós dizemos que nos servem de detrimento; porque quem na terra tem estes com apêgo, na vida futura he atormentado como o Rico do Evangelho: e Lazaro, que na terra teve incommodos, e padeceu, na vida futura achou consolação. Além de que os que não lem as obras dos Filozofos, lerão as nossas, se assim lhes parecer: e seraõ estes os que não buscaõ nem a elegancia das palavras, nem a arte da Eloquencia; mas a graça natural, que acompanha o argumento, que se trata.

CAPITULO X

Primeiro se tratou do Decóro na Sagrada Escritura, do que nos livros dos Filozofos. A lei do silencio, que Pythagoras estabeleceu, tirou-a de David, cuja doutrina he mais excellente. A primeira Obrigação Christãa, e Civil he a Moderação no falar.

Sabemos, e conhecemos que nas Sagradas Escrituras se trata primeiro do decóro (os Gregos lhe chamaõ *prepon*) e a prova he esta, tirada do Psalmo, que diz: *A vós, Senhor Deos, serve de decóro o cantico em Sion.* O Apostolo tambem diz: *Fala o que he decóro da doutrina sãa:* e em outro lugar: *Era decóro que aquelle, por quem tudo, e por amor de quem tudo tinha sido feito, trazendo muitos filhos á gloria, se consummasse director da salvação delles pela sua paixão.*

Psalm. 64.2.
Tit. 2.1.

Hebr. 2.10.

Porventura Panecio, por ventura Aristoteles, que tambem tratou das Obrigaçoens, he mais antigo do que he David? sendo certo que o mesmo Pythagoras, que foi mais antigo do que Socrates, seguindo a David estabeleceu aos seus discipulos a lei do silencio. Mas Pythagoras o fez assim, prohibindo aos seus discipulos o falarem por tempo de sinco annos: mas David não o fez para impedir o effeito da natureza; mas sim para ensinar a regular a moderação, que devia haver nas palavras. Pythagoras o fez assim, para que ensinasse a falar com o não ter falado; David, para que falando, melhor aprendessemos a falar. Porque como pode haver doutrina sem exercicio, ou aproveitamento sem uzo?

Psalm. 38.
2 & seq.

Quem se quer instruir da disciplina militar exercita-se nas armas todos os dias; e como se estivesse posto em campo, e na prezença do inimigo, se ensaia para a batalha; e para poder, e saber atirar, ou prova as suas forsas, ou desvia os golpes dos inimigos, e se livra delles com attenta vigilancia. Quem pertende governar bem a nau em o mar, primeiro se exercita dentro do rio. Quem procura a suavidade da Muzica, e a perfeição de cantar, vai exercitando a voz pouco a pouco. E os que por meio das forsas do corpo, e da luta aspiraõ á coroa, costumaõ-se ao trabalho, fortalecendo os membros todos os dias na luta, e ajudando-se a supportar a fadiga.

Isto mesmo nos mostra a natureza em os meninos, que primeiro aprendem o som das vozes, do que saibaõ falar: he para elles o som huma especie de exercicio, e palestra da voz. Da mesma sorte os que querem aprender a regular bem as suas palavras não

deixem de falar; que isso he effeito da natureza: exercitem-se em falar a tempo; que he o que pede a moderação: imitem os que vigiaão na atalaia; estão attentos vigiando, e não se deixaão adormecer. Porque na verdade tudo se aperfeiçoa com o exercicio, e pratica domestica, que tem cada hum de nós em particular.

Daqui vem que David nem sempre estava calado, mas quando era tempo. Não o estava continuamente, nem para com todos; mas quando o inimigo o irritava, ou o peccador o provocava á ira, não lhe dava resposta. E como elle diz em hum lugar: *Psalm. 37.13. & 14. dava ouvidos aos que falavaão a vaidade, e consideravaão o engano: como se fosse surdo, e como se fosse mudo, nem huma só palavra lhes dizia:* e tambem nos Proverbios se nos diz: *Prov. 26.4. Não queiras responder ao imprudente conforme a sua imprudencia, para que não fiques semelhante a elle.*

Donde inferimos que a primeira Obrigação he a moderação no falar. Com esta fazemos sacrificio de louvor a Deos, com esta mostramos respeito, quando se estão lendo as Divinas Escrituras; com esta honramos aos pais. Sei eu que muitos falaão, sendo que não sabem calar-se. He coiza rara haver alguem, que se cale quando o falar lhe não aproveita. O homem sabio, se quer falar, considera primeiro muitas coizas; que diz; a quem o diz; em que lugar; em que tempo. Logo temos regra de falar, e de nos calarmos: tambem ha regra do que devemos fazer. Assim he coiza bem acertada, e bem conveniente saber regular as Obrigaçoens ainda nesta parte.

CAPITULO XI

Toda a Obrigação ou he media, ou perfeita: prova-se com a auctoridade da Escritura: louva-se a mizericordia, e se exhorta para ella.

Toda a Obrigação ou he *media*, ou *perfeita*: o que se pode provar com a auctoridade das Sagradas Escrituras. Vemos no Evangelho que disse o Senhor: *Matth. 19.17. & seq. Se queres vir para a vida eterna, observa os Mandamentos. Disse-lhe elle: Quaes? Jezus lhe respondeu: Não matarás: não fornicarás: não furtarás: não levantarás falso testemunho: honra pai, e mãe: amarás ao teu proximo como a ti mesmo. Tudo isto são Obrigaçoens medias; falta-lhe alguma coiza.*

Disse ao Senhor o moço: *Ibid. 20. & 21. Tudo isto guardei desde a minha primeira idade: que me falta ainda? O Senhor Jezus lhe diz: Vai: se queres*

ser perfeito, vende todos os teus bens, e da-os aos pobres; e terás hum thezouro no Ceo: e vem, e segue me. Em outro lugar do Evangelho o Senhor nos diz que devemos amar os inimigos, e orar pelos que nos calunhaõ, e nos perseguem, e dizer bem dos que dizem mal de nós; devemos fazer isto, se queremos ser perfeitos como he nosso pai, que está no Ceo, o qual manda ao Sol que dê a sua luz aos bons, e aos maus, e faz que a chuva, e o orvalho fertilizem as terras de todos sem alguma differença. Pelo que a obrigação perfeita he aquillo, que os Gregos chamaraõ *catrotoma*, com que se emendaõ aquellas obras, que podêraõ ter algumas faltas.

Matth. 5.44.
& 45.

Boa he tambem a Mizericordia, a qual nos faz perfeitos; porque imita o Pai infinitamente perfeito. Não ha coiza alguma, que faça tão recomendavel a alma Christãa, como a Mizericordia. Primeiramente para com os pobres, fazendo que os julguemos filhos communs da natureza, que cria os fructos da terra para todos se servirem delles; fazendo que o que temos, liberalmente o demos ao pobre, e ajudemos a quem na natureza, e na figura nos he semelhante. Tu lhe dás o dinheiro, consegue elle a vida; tu lhe dás o alimento, elle o julga por sua substancia. He teu o que lhe dás; para elle he tributo.

Além de que mais te aproveita elle a ti; pois te fica devendo a salvação. Se vestes o nú, vestes a ti mesmo a justiça. Se recolhes o peregrino em tua caza, se agasalhas o necessitado, elle te grangea as amizades dos Santos, e os Tabernaculos eternos. Ora não he pequena esta graça. Semeias os bens do corpo, e colhes os bens do espirito. Admiras-te do juizo do Senhor acerca do Santo Job? Admira-te da sua virtude. Podia elle dizer. *Era eu os olhos dos cegos os pés dos aleijados. Era eu o pai dos enfermos, aqueantaraõ-se os seus hombros com as lãas dos meus cordeiros. Não ficava de fora o peregrino: estava aberta a minha porta a todo o que chegava.* Bem-aventurado verdadeiramente aquelle, de cuja caza nunca sahio pobre com as maons vazias; nem ha ninguem mais bem-aventurado, do que aquelle, que soccorre a necessidade do pobre, e a mizeria do enfermo, e do desamparado; no dia do juizo alcansará a salvação eterna da mão do Senhor, que lhe ha de pagar a mizericordia, que tiver praticado.

1. Cor. 9.11.

Job. 29. 15. &
16.

Psalms. 40.1.

CAPITULO XII

Ninguém deixe de ter misericórdia com o proximo. Deos tem cuidado das açoens dos homens. Todo o mau ainda na mesma abundancia he infeliz; o que se mostra com o exemplo de Job.

Mas muitos deixão de praticar obras de misericórdia; porque entendem que Deos não cuida das açoens do homem, nem sabe o que fazemos occultamente, nem o que se passa na nossa consciencia: nem parece que he justo o juizo deste Senhor, quando vem que os peccadores tem grandes riquezas, alcançaõ honras, tem boa saude, e descendencia: pelo contrario que os justos vivem pobres, desestimados, com molestias, e desconsolaçoens quasi continuas.

Job. 4. & seq. Não he de pouco momento esta questaõ; pois os tres Reis
Ibid. 8. 3. & amigos de Job inferiaõ que elle era peccador, porque depois de
seq. rico tinha ficado pobre, depois de pai de muitos filhos tinha ficado
Ibid. 11.14. & sem nenhum, cheio de feridas, e chagas asquerosas, desde a cabeça
seq. até aos pés. Propoem-lhe o Santo Job esta duvida: Se eu pelos
Ibid. 21.7. & meus peccados padeço isto, *porque razãõ vivem os impios? Fizeraõ-se*
seq. *poderozos; está a sua geraçaõ com riquezas, conforme a sua vontade; os seus filhos diante dos seus olhos, a sua caza com abundancia; não tem temor de nada: não apparece nelles o castigo do Senhor.*

Ibid. 1. & seq. O homem fraco, que isto vê, inquieta-se interiormente, e deixa a sua confiansa. Quiz Job repetir as palavras deste, e advertio primeiro dizendo: *Levai-me, eu falarei; depois zombai de mim. Porque, se sou accusado, sou accusado como homem. Levai pois o peso das minhas palavras.* Hei de dizer o que não approvo: mas hei de dizer palavras injustas para vos arguir. Ou de estoutra sorte (porque tambem se acha traduzido assim). Pois que? Sou accusado porventura pelo homem? Isto he, não me pode o homem accusar de que eu tenha peccado, ainda que mereço que me accusem; não me accusais de culpa manifesta, mas julgais haver culpas, que mereçaõ castigar-se pelo que vedes soffrer. Vendo o homem fraco que os peccadores tem feliz successo, e que elle he perseguido, diz ao Senhor: *Apartai-vos de mim; não quero saber os vossos caminhos.* De que aproveita o termo lo servido? que utilidade ha em lhe obedecermos? Nas maons dos peccadores estão todos os bens; e não vê o Senhor as obras dos mesmos peccadores.

Louvaõ em Plataõ ter escrito na sua Policia que aquelle, que tomasse sobre si escrever contra a justiça, pedisse licença para dizer

o mesmo, que não approvava; e declarasse que assim o fazia sómente para descobrir a verdade, e melhor examinar o ponto. Isto mesmo approvou Cicero; tanto, que no livros, que escreveu. da Republica, assentou que o devia fazer por este modo.

Mas quanto mais antigo do que elles he Job, que foi quem primeiro isto descobrio? e julgou que devia fazer tal advertencia preliminar, não para ostentar eloquencia, mas para provar a verdade? Rezolveu logo a questaõ, dizendo que a luz dos impios se extingue, e haõ de ser destruidos de todo: que Deos, Mestre da sabedoria, e da doutrina não se engana; mas he Juiz da verdade: e que daqui vem que não devemos avaliar a felicidade de cada hum pela abundancia exterior, e bens da fortuna, mas pela sua consciencia, e pelo seu interior; o qual só distingue os innocentes, e os peccadores, e he verdadeiro, e incorrupto Juiz dos castigos, e dos premios. Morre o innocente na sua simplicidade na satisfação da vontade propria, da mesma sorte que morreria não lhe faltando nada: mas o peccador, ainda que exteriormente tenha abundancia, esteja cheio de delicias, e viva entre regalos, passa a vida entre a amargura da sua alma, e acaba o ultimo dia, não levando coiza alguma boa daquellas, com que se regalou vaidosamente, não tendo na sua companhia mais, do que o castigo das suas culpas.

Ora depois de considerares isto, ó homem, nega, se o podes fazer, que Deos seja Remunerador. Aquelle no seu animo he bemaventurado; este he miseravel: aquelle no seu juizo está innocente; este está réo: aquelle no fim da vida está alegre; este triste. Quem pode absolver o homem, que nem ainda no proprio juizo he innocente? onde está a protecção dos seus bens, dizemo? não se ha de achar vestigio d'elle. A vida do impio he como o sonho. Abrio os olhos, passou o seu socego, desfez-se o gosto. O mesmo socego, que os peccadores tem em quanto vivem, está no Inferno; porque ao Inferno descem vivos.

Psal. 54. 16.

Ves o peccador na sua meza esplendida; perguntalhe pela sua consciencia: não lansa de si cheiro mais asquerozo, do que as sepulturas? estás vendo a sua alegria, admiras-te da sua boa saude, do seu grande numero de filhos, e da sua abundancia de cabedae: olha para o seu interior, vê as feridas, e chagas da pobre alma, e o afflicto coração. Que posso eu dizer das riquezas, lendo no Evangelho, que a sua vida não consiste na abundancia? não sabes que, ainda que te pareça rico, para si he pobre; e o juizo, que tu fazes, com o seu o refuta? O grande numero de filhos, e a boa

saude, que vem a ser? o mesmo, que tem huma, e outra coiza, esta chorando, e entende que ha de acabar sem herdeiro, e não quer que os seus successores o imitem, porque não he nenhuma a heransa do peccador. Concluamos pois que o peccador he castigo para si mesmo; o justo he para si mesmo felicidade; e tanto a hum como a outro se lhe pagão as boas, ou más obras pelo que he em si.

CAPITULO XIII

Refuta-se a opiniaõ dos Filozofos, que negão que Deos N. Senhor tenha cuidado do mundo, ou de alguma das suas partes.

Mas tornemos ao nosso assumpto, para que não pareça que nos esqueceu a divisão que fizemos, para responder á opiniaõ daquelles, que, vendo muitos peccadores ricos, alegres, honrados, e poderozos; e ao mesmo tempo muitos justos em necessidade, e com doensas, julgaõ que Deos ou não cuida de nós (como dizem os Epicureos) ou não sabe o que os homens fazem, como entendem os Libertinos: ou, se sabe tudo isto, he Juiz injusto, porque soffre que os bons padeçaõ; e os maus não tenham trabalho. Não foi superflua a digressão, para que respondessemos com a sua mesma consciencia daquelles, a quem tem por bemaventurados, tendo-se elles por infelices a si mesmos. Pareceu-me que mais facilmente dariaõ credito a si proprios, do que mo dariaõ a mim.

Tendo pois satisfeito a esta parte, pareceme natural refutar outra; e primeiramente a opiniaõ daquelles, que dizem que Deos não tem cuidado nenhum do mundo; como Aristoteles, que diz que a Providencia deste Senhor sómente chega até á Lua. Ora que artifice ha, que se despreze de ter cuidado da sua obra? que desestime, e deixe a obra que elle mesmo entendeu devia formar? se he injuria sua governalla, não he maior têlla feito; pois não a ter feito, não seria injustiça; mas não cuidar della depois de feita he certamente falta de clemencia?

Mas se ou negão que Deos seja o seu Creador, ou entendem que entraõ no numero das feras, e dos brutos, que posso eu dizer de taes homens, que se condemnaõ com tal ignominia? Affirmaõ elles mesmos que Deos está em toda a parte, e que tudo subsiste pela sua virtude; que o seu poder, e magestade penetra todos os

elementos, Terra, Ceo, e Mares: e então parece-lhes que he injuria deste Senhor penetrar o espirito do homem, que he a coiza mais excellente, que elle nos tem dado, e entrar nelle a sua Divina sciencia?

Mas do mestre destes Filozofos, como de homem embriagado, e protector dos deleites, zombaõ os Filozofos, que são tidos por sobrios. Que hei de eu dizer da opiniaõ de Aristoteles, que entende que Deos se contenta com os seus confins, e tem hum Reino limitado com certas balizas como fingem os poetas, que dizem que está dividido o mundo entre tres, de modo que a hum lhe coube por sorte o Ceo, a outro o Mar, a outro o Inferno*, para governar: que tem grande cuidado em não usurpar parte alguma do alheio, para não levantarem guerra entre si. Deste modo bem mostra que não tem cuidado nenhum da terra, assim como o não tem do mar, nem do inferno. E como excluem elles de si os poetas, a quem seguem?

CAPITULO XIV

Nada escapa ao conhecimento de Deos: prova-se com a auctoridade da Escritura Sagrada, e com o exemplo do Sol, que, sendo mera creatura, ainda assim ou com a luz, ou com o calor tudo penetra.

Segue-se responder agora à questão: Se por ventura Deos tem sciencia, e conhecimento da sua obra; já que tem cuidado della. Ora he possível que quem plantou o ouvido não ouça? quem formou os olhos não veja? não considere?

Psal. 93.9.

Naõ ignoraraõ esta opiniaõ vã os Santos Profetas. Introduz David a falar os homens inchados com a suberba. Porque que coiza ha taõ suberba como he que, estando elles mesmos debaixo do pecado, soffraõ mal que vivaõ os outros peccadores, dizendo: *Até quando, Senhor, os peccadores, até quando os peccadores se haõ de gloriar?* E logo abaixo: *E disseraõ: não ha de ver o Senhor; nem o Deos de Jacob ha de entender.* O Profeta lhes responde dizendo: *Ignorantes no povo, entendei agora: e estultos sabei em fim: aquelle, que plantou o ouvido, não ouve? e aquelle, que fez os olhos, não considera? aquelle,*

Ibid. 3.

Ibid. 7. & seq.

* O Ceo a Juppiter: o Mar a Neptuno: o Inferno a Plutaõ.

que reprehende as gentes, não accusa; aquelle, que ensina ao homem a sciencia? o Senhor sabe que são vãos os pensamentos dos homens. Ora este Senhor, que conhece as coizas, que são vãs, he possivel que não saiba as que são santas, e ignore o que elle mesmo fez? Pode o artifice não conhecer a sua obra? he homem o artifice, e na sua obra até as coizas occultas conhece: e não ha de conhecer Deos a sua obra? seria logo mais alta a profundidade na obra, do que no auctor. Fez alguma coiza que fosse superior a si, e cujo merecimento ignorasse elle, seu auctor, cujo affecto não conhecesse elle, seu juiz? Esta he a resposta, que a elles lhes dou.

Mas a nós basta-nos a auctoridade do mesmo Senhor, que diz:

Jerem. 17.10. *Eu sou escrutador dos corações, e das entranhas.* E Jesus Christo no

Luc. 5. 22. Evangelho tambem diz: *Que males considerais nos vossos corações?* Sabia certamente que consideravaõ maldades. Em fim o Evange-

Luc. 6.8. lista testifica: *Sabia Jesus os seus pensamentos.*

Se considerarmos as obras daquelles homens, não nos poderá mover a sua opiniaõ. Não querem ter assim de si hum juiz, a quem nada se esconda: não querem conceder o conhecimento das coizas occultas áquelle Senhor huns homens, que temem que as suas coizas occultas se manifestem. Mas o mesmo Senhor conhecendo as suas obras os entregou á confusão, e ás trevas. Elle he quem diz: *De noite virá o ladrão, e os olhos do adultero observarão as trevas dizendo: Não me verão os olhos de ninguem: poz escondrigio á sua pessoa.* Todo o que foge da luz ama a obscuridade, dezejando esconder-se; ao mesmo tempo que não pode esconder-se a Deos, que conhece não sómente as coizas que se passaõ, mas ainda as que se haõ de passar dentro do profundo do abismo, e dentro do espírito dos homens. Em fim o mesmo impio he quem diz no livro do Eccleziastico: *Quem me vê? As trevas, e as paredes me encobrem: a quem receio?* Ainda que considere isto lansado na sua cama, ahi mesmo he prezo, onde não julgou que o havia de ser. *Ibid. 31. E terá (diz o Espirito Santo) deshonra, porque não entendeu o temor de Deos.*

E na verdade que coiza taõ estolida como entender que se esconda coiza alguma a Deos; quando o Sol, que he ministro da luz, até penetra os lugares occultos, e a fôrça do seu calor se introduz nos alicerces da caza, e nas recameras interiores? Quem pode negar, que com o calor do verão aquece o interior da terra, que o gélo do inverno tinha indurecido? Experimentaõ as arvores a fôrça occulta do calor, ou do frio, de sorte que as suas raizes ou com o

frio se queimaõ, ou reverdecem com o calor do Sol. Todas as vezes que o ar he benigno, logo a terra lansa de si copiozos fructos.

Ora pois se os raios do Sol espalhaõ a sua luz por toda a terra, e se introduzem naquillo mesmo, que está encerrado, e não os embaraça que penetrem, nem o pezo, nem forsa do ferro, com que as portas estaõ fechadas; como he possivel que o esplendor de hum Deos infinitamente Sabio não entre dentro nos pensamentos, e coraçoens, que elle mesmo creou; e não veja as coizas que elle mesmo fez, de sorte que sejaõ melhores as coizas, que fez, e mais poderozas do que he o mesmo que as fez; de sorte que possaõ, quando quizerem, esconder-se ao conhecimento do seu auctor? Taõ grande forsa, e poder deu aos nossos espiritos, que não possa elle mesmo comprehendella quando quizer?

CAPITULO XV

Mostra-se com o exemplo de Lazaro, e a auctoridade de S. Paulo, que ha na outra vida premio, e castigo: com o que se satisfaz aquelles, a quem não parece bem ver que muitos maus neste mundo tem felicidades; e muitos bons tem trabalhos.

Temos acabado de tratar os dois pontos, que escolhemos; e segundo nos parece, não foi intempestiva, e impropria a nossa doutrina. Resta-nos huma terceira questao para examinar, e vem a ser: Qual he a razao, porque muitos peccadores tem fortunas, e cabedaes, meza bem servida, e vivem sem pena, sem afflicção: e pelo contrario muitos justos tem necessidade do precizo, e padecem o incommodo ou da perda de suas espozas, ou dos seus filhos? Para satisfazer a esta deve bastar a parabola do Evangelho, daquelle Luc. 16.25. Rico, que vestia olanda, e purpura, e todos os dias dava esplendidos banquetes: e o pobre coberto de chagas apenas tinha os restos, que ficavaõ da meza. Morreraõ ambos; foi o pobre para o seio de Abraham a descansar; e o rico para os tormentos eternos. Ora não he bem evidente com esta prova, que nos esperaõ depois da morte premios, ou castigos das nossas obras?

E com razao: nesta vida estamos em viva guerra; e o que ha he trabalho; depois da guerra he certo que huns tem victoria, outros

deshonra. Por ventura antes que alguém tenha acabado a carreira alcança a palma, ou ganha a coroa? Com razão diz S. Paulo:

2. Tim. 4. 7. & 8. *Tive boa contenda, consummei a carreira, guardei a fê: resta agora que me está rezervada a coroa de justiça, a qual me ha de dar naquelle dia o Senhor Juiz justo: porém não só a mim, mas também áquelles, que amaõ a sua vinda.*

Act. 14.21. *O Apostolo não diz: ha de dar aqui; mas ha de dar naquelle dia. Aqui, isto he, neste mundo, contendia como bom soldado nos trabalhos, nos perigos, nos naufragios; porque sabia que era necessario que entrassemos no Reino de Deos por entre muitas tribulaçoens. Donde se vê que não pode ninguem alcançar premio, sem ter pelejado com valor; nem he glorioza a victoria, senão depois de ter havido batalhas custozas.*

CAPITULO XVI

Prova-se o que fica dito ácerca dos premios, e castigos. Não he de admirar que aquelles, que não haõ de ter premio na vida futura, não tenhaõ neste mundo nem trabalhos, nem afflicção. Tem felicidades temporaes para que lhes não fique desculpa alguma.

Não he porventura injusto quem dá premio antes que a guerra esteja acabada? Por isso diz o Senhor no Evangelho: Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles he o Reino dos Ceos. Não disse o Senhor: Bemaventurados os ricos; mas os pobres. Em o juizo de Deos começa a bemaventuransa naquillo, em que se julga que está a desgraça humana. Bemaventurados os que tem fome; porque haõ de ser fartos. Bemaventurados os que choraõ; porque haõ de ser consolados. Bemaventurados os mizericordiozos; porque delles ha de ter Deos mizericórdia. Bemaventurados os limpos do coração, porque haõ de ver a Deos. Bemaventurados os que padecem perseguição, por amor da justiça; porque delles he o Reino dos Ceos. Bemaventurados sois, quando dizem mal de vós, e vos perseguem, e falaõ contra vós todo o mal, por amor da justiça. Alegraivos, e saltai de prazer, porque a vossa paga he muito grande no Ceo. Fala do futuro, não do prezente: promette que ha de dar paga, não na terra, mas no Ceo. Ora, Christaõ, para que pedes em hum lugar o que se te deve dar em outro? Para que pertendes intempestivamente a coroa antes que vensas? Para que procuras alimpar o pó? Para que dezejas descansar?

Matth. 5.3. *guerra esteja acabada? Por isso diz o Senhor no Evangelho: Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles he o Reino dos Ceos. Não disse o Senhor: Bemaventurados os ricos; mas os pobres. Em o juizo de Deos começa a bemaventuransa naquillo, em que se julga que está a desgraça humana. Bemaventurados os que tem fome;*

Ibid. 5. & seq. *porque haõ de ser fartos. Bemaventurados os que choraõ; porque haõ de ser consolados. Bemaventurados os mizericordiozos; porque delles ha de ter Deos mizericórdia. Bemaventurados os limpos do coração, porque haõ de ver a Deos. Bemaventurados os que padecem perseguição, por amor da justiça; porque delles he o Reino dos Ceos. Bemaventurados sois, quando dizem mal de vós, e vos perseguem, e falaõ contra vós todo o mal, por amor da justiça. Alegraivos, e saltai de prazer, porque a vossa paga he muito grande no Ceo. Fala do futuro, não do prezente: promette que ha de dar paga, não na terra, mas no Ceo. Ora, Christaõ, para que pedes em hum lugar o que se te deve dar em outro? Para que pertendes intempestivamente a coroa antes que vensas? Para que procuras alimpar o pó? Para que dezejas descansar?*

Para que queres pôrte alegre á meza antes que esteja acabada a carreira? Ainda o povo está olhando, ainda os contendores estão no campo, e tu já queres descanso?

Mas dir-me has talvez: Porque razão tem alegria os peccadores? Porque razão tem regalos? Porque razão não padecem trabalhos, tambem como eu? Porque quem não deu o seu nome para o certame, não he obrigado ao trabalho delle: quem não desceu para entrar na carreira, nem se ungiu com o azeite, nem se cobrio de pó, correndo. Aquelles, a quem espera a gloria, são os que experimentaõ o trabalho; os delicados são quem costuma ver a contenda, e não entrar nella: não soffrem nem o Sol, nem o vento, nem o pó, nem a chuva, nem o frio. Com razão lhe podem dizer os contendores: Vinde, trabalhai com nosco. Mas elles, que só querem estar vendo, haõ de responder: Agora somos nós quem vos julga: mas se vencerdes, haveis de alcansar a gloria da coroa sem nós.

Pelo que esses homens, que occuparaõ os seus affectos nas delicias, na devacidaõ, nos roubos, nos lucros, nas honras, não são contendores, são espectadores sómente. Tem o lucro, isto he, não trabalhaõ; não padecem nada, mas não tem tambem o fructo da virtude. Gozaõ da ociozidade, amontoaõ riquezas por meios astuciozos, e injustos; mas haõ de ter castigo da sua culpa, ainda que tarde. Ha de ser a sua morada no Inferno; a tua, ó Christaõ, no Ceo: ha de ser a sua caza na sepultura eterna; a tua no Paraizo. Donde disse Job. 21.32. elegantemente o Santo Job: Que vigiavaõ no sepulcro, porque não podem ter o descansado somno, que só dorme quem verdadeiramente recuscita.

Não queiras pois, filho, saber como pequenino, falar como pequenino, considerar como pequenino, como pequenino pertender para agora as coizas, que são só do tempo futuro. A coroa he só dos que chegaraõ á perfeiçaõ. Espera que ella chegue: no tempo, em que possas ver a mesma Fórma da Suprema Verdade, não em figura, e representaçaõ, mas face a face. Entaõ he que se te ha de descobrir porque cauza foi rico aquelle, que era mau, e roubador do alheio; porque cauza foi poderoso este; porque cauza teve aquelle muitos filhos; porque cauza aquelloutro tantas dignidades. 1. Cor. 13.12. Ibid. 12.

Talvez para se dizer entaõ ao que roubou: Tu eras rico, porque cauza roubavas o alheio? Não te obrigou a necessidade, não te forçou a isso a falta do precizo. Por ventura não te fiz eu rico para que não podesses ter desculpa? Para que se diga ao poderoso: Porque razão não socorreste a viuva, e os orfãos, que soffriaõ vexaçaõ?

Por ventura eras fraco? Por ventura não podias soccorrellos? Eu te fiz poderoso, não para que fizesses vexação, mas para que livrasses della os outros. Não está escrito para ti: *Livra o que soffre injuria?* Eccles. 4.9.
 Não está escrito para ti: *Livra o pobre, e o necessitado da mão do peccador?* Psalm. 81.4. Para que tambem se diga ao que tem abundancia: Enchi-te de filhos, e de honras; dei-te boa saude; porque não observaste os meus preceitos? Servo meu, que te fiz, ou em que te magoei? Por ventura não te dei descendencia, não te dei honras, não te dei saude? Porque razão me negavas? Porque entendias que não havia de chegar á minha noticia o que fazias? Porque razão conservavas os meus beneficios, desprezavas os meus mandamentos?

Mich. 6. 3. & seq.

Em fim esta mesma doutrina podemos colher do que se vio em o traidor Judas, que foi eleito entre os doze para Apostolo; tinha a seu cargo a bolsa das esmolas, que se repartião pelos pobres; e isto para que não parecesse que tinha entregado o Senhor aleivozamente, ou por lhe ter faltado honra, ou por ter tido necessidade. Assim fez-lhe o Senhor estas distincçoens para que nellas mesmas se justificasse, e fosse maior o peccado de Judas, tendo-o commettido não exasperado com alguma injuria, mas abuzando da graça por sua vontade.

CAPITULO XVII

Obrigaçoens proprias dos Moços: exemplos accommodados á sua idade.

Já que temos mostrado assás claramente que o peccado ha de ter castigo, e a virtude premio; vamos agora falar das Obrigaçoens que devemos guardar na mocidade, para que vão crescendo juntamente com os annos. He primeira Obrigação dos moços virtuosos ter temor de Deos, respeitar os Pais, honrar os mais velhos, ter cuidado da Castidade, estimar a humildade, amar a clemencia, e o pejo, que servem de esmalte aos poucos annos. Assim como nos velhos se louva a gravidade, nos homens feitos o desembaraço; da mesma sorte nos moços o pejo he hum singular dote da natureza.

Gen. 22. 9. & seq.

Ibid. 37.6. & seq.

Izaac, como quem era filho de Abraham, temia a Deos, respeitava a seu pai tanto, que nem ainda contra a sua vontade recuzava a morte. Ainda que Jozé tinha sonhado que o Sol, Lua, e Estrelas o haviaão de adorar, comtudo obedecia cuidadosamente

a seu pai: era tão casto, que nem huma só palavra queria ouvir, Ibid. 39.8. & seq. que não fosse honesta: tão humilde, que foi escravo: de tanto pejo, que fugio a quem o tentava: de tanta paciencia, que soffreu o carcere: e tanto perdoou as injurias, que deu premio a quem o tinha aggravado. Foi tão grande o seu pejo, que, pegando delle a mulher de seu senhor, antes fugindo lhe quis deixar nas maons a propria capa, do que offender aquella virtude. Moizés, e Jeremias, tendo-os escolhido o Senhor para prégarem ao povo a sua palavra Exod. 4.10. Jerem. 1.6. (o que podiaõ fazer á vista do favor, que tinhaõ) escuzavaõ-se disso por cauza do seu pejo, e vergonha.

CAPITULO XVIII

Especies diversas do Pejo, ou Vergonha: ve-se nas palavras, e no silencio: acompanha a castidade: faz valer as nossas oraçoens diante de Deos: dirige o exterior. Refere-se hum successo notavel de dois Clerigos: como deve ser o nosso andar, e quanto se deve evitar nelle a falta de vergonha. Prova-se tudo com bons exemplos.

He pois excellente virtude o Pejo, ou Vergonha; he admiravel a sua formozura, que apparece não só em as nossas acçoens, mas ainda em as nossas palavras, não excedendo nós a moderação no falar, não havendo nada menos decente em o que dizemos; porque ordinariamente as nossas palavras são o espelho, em que se vê a nossa alma. O mesmo som da voz a modestia o regula, para que, se for mais forte, não offenda os ouvidos de alguem. Em o mesmo cantar o primeiro preceito he a modestia; antes, para o dizer melhor, em todo o uzo que fazemos da fala; de sorte, que, ou comecemos a cantar, ou a falar, sempre o pejo nos acompanhe no principio, e na continuação do que fizemos.

O mesmo silencio, em que consiste o socego das mais virtudes, he hum singular acto da vergonha. Se o silencio se attribue a ignorancia, ou a suberba, serve de afronta: se se attribue a vergonha, serve de louvor. Calava-se Suzana entre os perigos, e tinha por damno mais grave o do pejo, do que o da vida; nem lhe parecia que devia conservalla com perigo do mesmo pejo. Falava só com Deos, a quem a sua casta vergonha se podia explicar: recuzava ver os homens; porque tambem nos olhos ha vergonha; de sorte, que por isso nem a mulher quer ver homens, nem ser vista delles. Daniel. 13.35.

Luc. 1.29. &
seq.

Nem julgue alguém que este louvor só pertence á Castidade; porque a vergonha he companheira desta virtude, e com a sua companhia está a castidade mais segura. Na verdade he o pejo bom companheiro para governar a castidade; e pondo-se diante dos perigos, que são primeiros, não consente que ella seja offendida. A virtude do pejo he quem logo á primeira vista faz recommendavel a Mãe de Deos a quem lê o que lhe succedeu na Annunciação, e he abonada testemunha de que esta Senhora era digna de tal escolha: estava só em a sua camera: he saudada por hum Anjo; está calada: perturba-se com a entrada do mesmo Anjo, assusta-se com a vista da figura de hum homem. Ainda que tão humilde, por cauza do seu pejo, saudando-a o Anjo, ella o não saudou, nem lhe deu alguma resposta, senão depois que ouviu falar na Incarnação do Divino Verbo, e isto para mostrar a sua vontade, não para falar.

Luc. 18.13. &
14.

Em as nossas mesmas oraçoens agrada muito o pejo, e nos concilia muito a graça diante do nosso Deos. Não foi este o que fez attender ao Publicano, e deu merecimento a hum homem, que nem os seus olhos se atrevia a levantar ao Ceo? Por isso em o juizo do Senhor he mais justificado, do que o Farizeu, a quem a presumpção fez desattendido. Assim façamos a nossa oração na pureza do espirito pacifico, e modesto, que he rico diante de Deos, como diz o Apostolo S. Pedro. He grande a modestia; remittindo o seu direito, não arrogando nada a si, estreitando-se de hum certo modo dentro das suas foras, he rica diante de Deos, diante de quem ninguem he rico. He rica a modestia, porque he huma porsão de Deos. S. Paulo ensinou que as nossas oraçoens as fizessemos com vergonha, e sobriedade. Quer que ella vá diante; e preceda á oração, para que o peccador na sua oração se não glorie; mas offerecendo-a coberta com o véo do pejo, quanto mais tiver desta virtude com a lembrança da culpa propria, tanto mais abundante graça possa merecer.

1. Petr. 3.4.

Tim. 2.9.

No mesmo movimento do corpo, no gésto, no andar se deve ter honesta vergonha. Porque a disposição do animo, e o seu habito mostra-se no modo exterior do corpo. Daqui se infere se o nosso espirito he ou mais leve, ou mais vaidoso, ou mais inquieto: e tambem pelo contrario se he mais grave, mais constante, mais puro, e mais prudente. Pelo que podemos dizer que o movimento do corpo he voz do animo.

Estais bem lembrados, meus filhos, daquelle homem, que, parecendo que pelo seu cuidadoso serviço se fazia recommendavel,

comtudo eu o não admitti ao Clero, unicamente porque o seu gésto era muito indecente: tambem do outro, que, achando-o eu já no Clero, lhe ordenei não fosse nunca diante de mim, porque me mortificava os olhos com a extravagancia do seu andar. E disse eu isto quando foi restituído por mim ao seu lugar depois de ter commetido culpa. Esta foi só a condição, que lhe puz: nem me enganou o meu juizo: hum, e outro apostatou da Igreja: tal era a perfidia do animo, qual se mostrava em o seu modo de andar. Hum deixou a Fé, abraçando o partido Arriano: outro por dinheiro, que se lhe deu, negou ser do partido Catholico, para evitar ser julgado no Tribunal da Igreja. Ora he certo que no andar de cada hum delles apparecia hum certo ar de leveza, e hum certa figura de chocorreiros inquietos.

Ha também alguns, que, andando de vagar, imitaõ o gésto dos actores, e o movimento das estatuas, que se levaõ em triumpho, de sorte, que todas as vezes, que daõ hum passo, parece que observaõ certas, e determinadas leis de movimento affectado.

Naõ me parece decente andar a correr, excepto quando alguma grave cauza, ou justa necessidade o pede. Porque ordinariamente vemos que os que andaõ de pressa fazem movimentos violentos do rosto, e com a fadiga respiraõ desagradavelmente; o que parece mal, e não he desculpavel sem que haja justa cauza da pressa. Mas eu não falo daquelles, que andaõ de pressa por alguma cauza, e em cazo particular; sim daquelles, que continuamente andaõ deste modo, que lhes he como natural. Naõ approvo áquelles serem como estatuas; nem a estes andar com movimento desordenado.

Também o passo deve ser regular, deve ter autoridade, gravidade, socego: sem cuidado, nem affectação, mas natural, e simples; porque nada affectado agrada. Dirija a natureza o nosso movimento. Se nella houver algum defeito, emende-o a industria: ainda que falte a arte, não falte a emenda.

Mas se estas coizas se consideraõ taõ attentamente, quanto mais cuidado devemos ter em que pela nossa boca não saia palavra alguma torpe! porque isto he que mancha gravemente o homem. Naõ o mancha o comer, mas a murmuração injusta, a torpeza das palavras. Matth. 15.18. Tambem estas coizas geralmente cauzaõ pejo. Naõ haja em nós palavra alguma menos honesta; nenhuma, que nos envergonhe. E não sómente não devemos dizer palavra nenhuma immodesta, mas nem devemos ouvir taes palavras. Assim o fez o Santo Jozé, Gen. 36.12. que, por não ouvir nada contrario á sua vergonha, fugio deixando

a capa. E he certo que quem gosta de ouvir, provoca a outro a que fale.

Até o entender o que he torpe cauza grandissimo pejo; e que horror não he ver o que he torpe, se acontece cazualmente coiza semelhante? Ora o que nos outros desagrada pode agradar a cada hum em si mesmo? Não nos ensina a mesma natureza, a qual dispoz perfeitamente todas as partes do nosso corpo attendendo á necessidade e á decencia? Deixou manifestas e patentes aquellas que tinham decóro à vista; entre ellas a cabeça ficando como em hum lugar mais elevado para que a graciosidade da figura e a belleza do rosto apparecessem, e podessem servir mais promptamente. Aquellas porém, que haviaó de servir á necessidade da vida, para que não offerecessem hum feio objecto á vista, humas as occultou, e escondeu, outras ensinou, e persuadio que se escondessem. Ora não he a mesma natureza boa mestra da vergonha? Com o seu exemplo encobrio, e occultou a modestia dos homens o que já achou escondido em a fabrica do nosso corpo (parece-me que a modestia teve este nome da moderação, ou modo de saber o que he decente) semelhante á porta que se fez de hum lado na arca de

Gen. 6.16. Noé, na qual se via a figura ou da Igreja, ou do nosso corpo: pela qual porta se lansavaó fóra os restos dos alimentos. Cuidou o Auctor da natureza tanto em a nossa modestia, observou tanto o decóro em o nosso corpo, que os canaes, que serviriaó a purificar o corpo, os encaminhou para lugar apartado da nossa vista, para

1. Cor. 12.23. que o seu uzo não escandalizasse os olhos. Excellentemente diz o Apóstolo sobre isto: *Os membros do corpo, que parecem mais despreziveis, são mais necesarios: e os que nos parecem membros mais vis, a estes damos maior honra; e os que são menos honestos, tratamos com maior honestidade.* Na verdade a industria querendo imitar a natureza augmentou a perfeição. Isto já em outro lugar explicámos, fazendo ver que não só escondemos aquellas partes do nosso corpo, mas até julgamos por coiza indecente nomear por seus proprios nomes os signaes, e o uzo dellas.

Lib. 1. de Noe
& Arca cap. 8.

Gen. 9.22. &
seq.

Daqui vem que, se por acazo se descobrem, confunde-se o pejo; e se de propozito, julga-se impudencia. Por isso Caó filho de Noe commetteu culpa, porque, vendo seu pai nú, zombou delle: e os dois, que o cobriraó, alcansaraó a bensaó. Era tambem antigo costume em Roma, e em outras cidades, não entrarem no banho nem os filhos púberes com seus pais, nem os genros com seus sogros, para que se não faltasse em nada á reverencia, que se devia para

com elles: ainda que he certo que entraõ no banho muitos com todo o recato, de sorte que, despindo-se todo o corpo alli, só o que offenderia a modestia se não descobre.

Os mesmos Sacerdotes, conforme lemos em o Exodo, vestiaõ calsoens de linho, como o Senhor tinha ordenado a Moizés, dizendo: *Mandar-lhe-has fazer calsoens de linho para cobrirem o que o pejo pede que se cubra: chegarão desde o meio das costas até á barriga da perna; e vestillos-ha Aaraõ, e seus filhos, quando entrarem no Tabernaculo do Testimunho, e quando chegarem ao Altar do Santuario a sacrificar; e não trarão sobre si o peccado, para que não morraõ.* O que ouço que alguns dos nossos irmaõs ainda observaõ: outros julgaõ que aquillo só foi dito figuradamente para recommendar o pejo, e castidade.

Exod. 28. 42.
& 43.

CAPITULO XIX

Como descreve Cicero o Decóro. Se a formozura aproveita para a virtude, e quanto? Que devemos ter muito cuidado em que não haja em nós nada affectado, nem affeminado

Gostei de me dilatar mais tempo em tratar da virtude do pejo, porque falava com vosco, filhos meus, que naturalmente conheceis os seus bens, ou ignorais os seus damnos. He ella accommodada a todas as idades, pessoas, tempos, e lugares; comtudo a ninguem está melhor, do que aos moços.

Em toda a idade deve haver cuidado, que tenha decóro, e concorde com ella, e se conforme com a serie da nossa vida o que fazemos. Pelo que julga Cicero que ainda no mesmo decóro se deve observar ordem. Diz que este decóro consiste em certa formozura, certa ordem, certo ornato proprio da acção, que fazemos: o que elle confessa ser difficultozo de explicar, e por isso basta que se entenda.

O que não entendo bem he a razão, porque falou em formozura; ainda que o mesmo Cicero tambem louva as foras do corpo. Os Christaõs certamente não contamos a formozura do corpo por virtude; ainda que comtudo não excluimos a graça, e perfeição exterior; porque a modestia cobre o rosto de pejo, e o faz mais engraçado. Na verdade do modo que o artifice costuma obrar melhor na materia que he melhor; do mesmo modo a modestia sobresahe mais em a formozura do corpo: mas comtudo esta não

ha de ser affectada, mas natural, simples, que mais se despreze, do que se procure; nem se ha de ajudar com vestidos preciosos, e ricos mas com os ordinarios; de sorte, que não falte nada, nem á necessidade, nem á decencia, mas não haja nada magnifico com excesso.

A nossa voz não deve ser froxa, nem requebrada, não ter nada affeminado; o que muitos costumão affectar por gravidade: mas deve ter hum tom viril, e saõ. Nisto consiste ter verdadeira formozura de viver, accommodar a cada sexo, e pessoa o que lhe convém. Esta he a melhor regra dos costumes, este o decóro accommodado a todas as acçoens. Mas deve-se saber que assim como não approvo o tom da voz brando, e requebrado, e o gésto com affectação, assim tambem não louvo o que he agreste, e rustico. Imitemos a natureza: a sua imitação he a regra da arte, he a regra do decóro.

CAPITULO XX

Para conservar o pejo, e a modestia devemos fogir das companhias dos homens descompostos; dos banquetes, em que ha demazia; da communicação das mulheres; e occupar o nosso tempo em exercicios honestos, e pios.

Tem a modestia na verdade seus perigos, não que ella busque, mas em que vai topar muitas vezes, como succede quando entramos na companhia de homens descompostos, que com o pretexto de recreação lansaõ veneno nos animos innocentes. Estes homens se se frequentão muito, e principalmente na meza, no jogo, no brinco, perdem a gravidade digna do homem. Tenhamos pois grande cuidado de que em quanto queremos aliviar o espirito, não desconcertemos toda a sua harmonia, que he como hum todo bem ajustado, que se compoem das boas obras; porque he certo que o costume depressa faz mudar a natureza.

Assim parece-me que he muito proprio dos filhos da Igreja, e mais que tudo dos seus Ministros, não frequentar os banquetes dos estranhos, e Infiéis, ou para que possaõ mais facilmente hospedar os peregrinos, ou para que, uzando de similhante cautela, não haja lugar para os accuzarem. Porque os banquetes dos estranhos não só occupão o tempo, mas tambem mostraõ paixão pelos regalos. Além disto introduzem-se muitas vezes conversaçoes sobre os negocios do seculo, e sobre os appetites sensuaes: não podemos tapar os ouvidos; e querer embaraçallas tem-se por suberba. Tambem

insensivelmente se segue hum copo a outro, ainda sem querermos. Melhor he que te desculpes huma vez do teu descuido de sobriedade aos da tua caza, do que muitas vezes o faças aos da alheia: e ainda que saias da meza estranha sobrio, comtudo não he justo que a desordem dos outros sirva para condemnar o estares tu alli.

Naõ ha necessidade de que os moços vão a caza de viuvas, ou de donzellas, a não ser por vizita, a que obrigue a caridade, ou a civilidade; e isto ou na companhia do Bispo, ou na companhia dos Presbyteros, se o cazo for mais grave. Para que havemos de dar aos leigos occasiaõ de murmurarem? Para que havemos de procurar que estas vizitas frequentes se fação reparaveis? E se alguma deilas cahir em erro, para que havemos de tomar sobre nós o odio da sua culpa? A quantos, ainda dos mais fortes, enganou a falsa doçura da communicação? Quantos não deraõ cauza ao mal, e a deraõ á suspeita?

Porque razaõ não occupamos na lição espiritual, e honesta o tempo, que temos desoccupado da Igreja? Porque não vizitamos JESU Christo? Porque lhe não falamos? Porque o não ouvimos? Falamos lhe quando fazemos oração, ouvimo-lo quando lemos as Divinas Escrituras. Que temos com as cazas estranhas? Huma caza unica, onde todos cabem, he a Igreja. Antes venhaõ ter com nosco esses, que nos buscaõ. Que temos com as conversações? Nós obrigámo-nos a servir aos Altares de JESU Christo, não a obsequiar os homens.

Em fim he necessario que sejamos humildes, mansos, benignos, graves, pacientes, moderados em tudo, de sorte, que nem o nosso semblante no silencio, nem as nossas palavras em que o que dissermos, mostrem que ha vicio algum em os nossos costumes.

CAPITULO XXI

Devemos prevenir-nos contra a ira; mas se nos assaltar, reprimilla, e mitigalla: se nem isto podermos conseguir, ao menos evitemos as palavras asperas, de sorte, que as nossas paixoes se pareçaõ com as dos meninos. Refere-se o dito do filozofa Architas. Mostra-se que David com as obras, e com os escritos ensinou primeiro esta doutrina, do que este filozofa

Estejamos acautelados contra a ira, ou, se ao menos a não podermos acautelar, refreemo-la; porque na verdade he grande estimulo

do peccado: perturba de sorte o animo, que não deixa lugar á razão. Primeiramente, se podérmos, com o uzo, affecto, e propozito convertermos em proprio genio, e natural, a tranquillidade do animo. Mas como ás vezes a paixão está taõ impressa em a natureza, e costumes, que se não pode arrancar, e tirar de todo, se a podérmos advertir, e conhecer antes, sirvamo-nos da razão para a reprimir. E se o animo já estiver occupado desta paixão antes que possamos prevêlla, e acautelalla para que o não senhorêe, consideremos entãõ no modo, por que havemos de vencer tal paixão, e por que a havemos de moderar. Rezistamos á ira, se podérmos: se não podérmos, cedamoslhe; porque está escrito pelo Apostolo: *Dai lugar á ira.*

Gen. 27.24. & seq. Cedeu Jacob piamente a seu irmão irado contra elle; e instruído por Rebecca nas regras da paciencia, antes quis auzentar-se, e ser peregrino, do que despertar a ira de seu irmão; e só quis voltar quando entendeu que já lhe tinha passado a paixão contra elle: e esta foi a razão, porque tanto mereceu diante de Deos. Com quantos obsequios, com quantos beneficios reconciliou depois comigo o mesmo irmão para que elle se não lembrasse da bensaõ, que lhe tinha roubado, mas sim da satisfação, que lhe dava?

Ibid. 32.3. & seq. Pelo que se a ira te prevenir, e occupar o teu animo, filho, não deixes o teu lugar. O teu lugar he a paciencia, he a sabedoria, he a razão, he o saberes socegar a ira. Ou se a obstinação, e perversidade do teu adversario te mover, e provocar á ira, se não podêres aplacar o animo, ao menos reprime a lingua. Porque assim está escrito pelo Espirito Santo: *Reprime do mal a tua lingua, e não falem engano os teus beiços... busca a paz, e segue-a.* Olha a paz do Santo Jacob: primeiramente com ella aplaca o teu animo: se isto não bastar, poem freio á tua lingua; depois não deixes o cuidado de te reconciliares. Os oradores Gentios tirando esta doutrina dos nossos, a escreveraõ nos seus livros; mas na verdade deve-se o beneficio della a quem foi o primeiro, que a escreveu.

Psalm. 33.14. & 15. Evitemos pois, ou moderemos a ira: não louvemos o não a ter, nem exaggeremos o sentilla. He certo que he grande virtude mitigar a ira; nem he menor, do que não a sentir nunca. Está em a nossa mão o moderalla; não o deixar de a sentir. A ira nos meninos he innocente, tem mais galantaria do que fel. Se os meninos se enfadaõ depressa huns com outros, depressa se poem bem, e continuam a viver com maior agrado; não sabem tratar-se com malicia, nem com artificio. Não desprezeis os meninos; delles diz o Senhor: Matth. 18.3. *Se vos não converteres, e vos fizeres como este menino, não haveis de*

entrar no Reino dos Ceos. Pelo que o mesmo Senhor, a Virtude de Deos, como innocente menino, quando o amaldiçoavaõ não respondia com maldiçaõ; quando o feriaõ, não tornava ferida. Pelo que, filho, dispoem o teu animo de sorte, que como o menino não te lembres da injuria, não uzes de malicia, faze tudo com innocencia, não consideres o que os outros praticão a respeito de ti. Conserva o teu lugar, a tua paciencia; cuida da simplicidade, e pureza do teu coração. Não respondas ao irado conforme a sua ira, nem ao imprudente conforme a sua imprudencia; huma culpa facilmente traz consigo outra. Porventura, se ferires a pedreira, não ha de sair fogo? 1. Petr. 2.23.

Dizem os auctores Gentios (que tudo costumão encarecer com excesso) que fora sentença do filozofa Architas Tarentino, que a disse a hum seu hortelaõ: *O' desgraçado, castigar-te-hia, se não estivesse irado contra ti.* Mas muito antes disto já David tinha reprimido o seu braço estando irado. E quanto mais nobre he não responder com maledicencia a quem diz mal de nós, do que não tomar vingansa? E já Abigaíl tinha obrigado com seus rogos a que voltassem os soldados, que hiaó castigar Nabál. Onde se vê que não só devemos ceder ás supplicas, que se nos fazem a tempo; mas tambem gostar dellas. E gostou tanto David, que abensoou a quem tinha intercedido, porque assim tinha deixado o dezejo da vingansa. 1. Reg. 25.32.

Já elle mesmo tinha dito a respeito dos seus inimigos: *Lansaraõ para mim a iniquidade, e eraõ molestos para comigo na ira.* Ouçamos o que disse estando perturbado com a ira: *Quem me dará azas como as da pomba, e voarei, e descansarei?* Provocavaõ-o para a ira, mas elle escolhia o socego. Psalm. 54.4.

Já tinha dito: *Irai-vos, e não queirais peccar;* este mestre da verdadeira Moral, que sabia que huma paixão da natureza mais se deve dobrar por meio da doutrina, do que se pode extirpar de todo, ensina verdadeira filozofia: irai vos quando ha culpa contra quem vos deveis irar; porque não he possível que nos não iremos com o que naturalmente faz irar, aliás não feria virtude, mas froxidaõ, e insensibilidade. Assim irai-vos, mas sem commetter culpa. Ou tambem de outra sorte: Se vos irais, não queirais peccar, mas vencei a ira por meio da razão. Ou de estout a sorte: Se vos irais, irai vos contra vós mesmos, porque vos tendes irado; e não peccareis. Porque quem se ira contra si por se ter irado facilmente, deixa de se irar contra outro; e quem quer provar que a sua ira he justa, inflamma-se mais, e depressa cahe em peccado. Porém he melhor, como diz Salomão 1. Prov. 16.32.

maõ, quem reprime a ira, do que quem toma huma cidade; porque a ira até aos victoriosos faz escravos.

Pelo que devemos ter cautela em que nos não deixemos levar das paixoens, antes que a razaõ socegue os nossos animos; porque muitas vezes ou a ira, ou a dor, ou o medo da morte nos perturba o espirito, e o abate com hum assalto repentino. Assim he coiza excellente prevenirmo-nos com a nossa consideraçaõ, meditando coizas, que exercitem o espirito, para que se não inquiete com as paixoens repentinas, mas esteja obediente, opprimido com o jugo, e freio da razaõ.

CAPITULO XXII

Dos pensamentos, e do appetite: do decóro, que se deve observar na conversação, e quando se disputa.

Ha dois generos de movimentos; huns do pensamento, ou consideraçaõ; outros do appetite; e estes não são misturados, e confuzos, mas separados, e distinctos. Os pensamentos o que fazem he examinar a verdade, e, pelo dizer assim, pezalla; o appetite move, e excita para obrar alguma coiza. Assim pela sua mesma natureza os pensamentos, ou consideraçoens infundem tranquillidade, e socego; e o appetite desperta a paixãõ, inquieta-nos. Por isso devemos prepararnos de sorte, que as consideraçoens, e pensamentos do nosso entendimento sejam bons: obedeça o appetite á razaõ (se devéras queremos cuidar em guardar o decóro) para que paixãõ nenhuma embarace a nossa razaõ; mas possa examinar ella o que convém ao decóro.

E como já dissemos que pertencia á conservação do decóro sabermos qual he o modo, que se deve guardar em obras, e palavras; e primeiro está a regra de falar, do que a de obrar: dividiunos o falar em duas partes, em *Conversação Familiar, e Discurso*, ou *Disputa sobre as doutrinas da Fé, e da Moral*. Em hum, e outro cazo devemos observar que não haja desordem; mas falemos mansa, e socegradamente, com muita amizade, e agrado, sem algumas palavras descomedidas. Não haja em a conversação familiar teima, nem porfia; porque isso mais excita questoens inuteis, do que cauza utilidade. Seja o nosso disputar sem ira, tenha suavidade sem acrimonia, advirtamos sem aspereza, exhortemos sem offender. E assim

como em toda a acção da vida devemos acautelar que nenhuma paixão demaziada embarace a razão, mas que consultemos, e deliberemos socegradamente; assim tambem na conversação devemos observar este método, que não excitemos ira, ou odio, nem mostremos alguns signaes nem de cobiça, nem de covardia.

Pelo que seja a nossa conversação, quanto mais poder ser, a respeito da Sagrada Escritura. Porque ha coiza, em que mais nos importe falar, do que sobre a melhor conversação? como devemos exhortar á observancia das regras, e devemos praticar a doutrina? Tenha o seu principio boa razão, e o fim seja modesto; porque a conversação fastidiosa excita ira. E quanto he indecorozo que, costumando toda a conversação ter adiantamento pelo gosto, que cauza, tenha agora a nodoa da offensa de quem ouve!

Tambem o discurso, que se fizer a respeito da doutrina da Fé, da Continencia, da Justiça, de alguma exhortação para o fervor espirital, nem sempre havemos de escolher hum só; mas conforme se offerecer a lição, o devemos abraçar, e proseguillo como poder-mos: não seja nem demaziadamente prolixo, nem se interrompa depressa; ou para que não deixe fastio, ou para que não mostre preguiça, e descuido. Devem as nossas palavras ser puras, simples, claras, e sinceras, cheias de gravidade, e de pezo: não devem ter elegancia affectada, mas huma graça natural, que continue sempre.

CAPITULO XXIII

Os ditos jocosos, ainda que algumas vezes sejam honestos, comtudo devem desterrar-se totalmente das pessoas Eccleziasticas. a voz deve ser clara e simples.

Os Gentios dão muitos preceitos sobre o método, e arte de falar: estes devo eu desattender: e assim não devo falar em a *Arte de zombar, ou falar jocosario*: pois ainda que ás vezes isto seja honesto e suave; he comtudo contra a regularidade Eccleziastica*: porque na verdade he certo que as coizas, que não achamos nas

* Esta doutrina se entende no mesmo sentido, em que S. Bernardo diz no l. 2. de Considerat. cap. 13. *Os ditos jocosos entre os seculares são meramente ditos jocosos: na boca do Sacerdote são blasfemias.*

Luc. 6.21. Sagradas Escrituras, de que modo podemos uzar dellas? Deve-se tambem ter cuidado nas conversaçõens, que não perturbemos a gravidade de hum assumpto mais serio: *Ai de vós, que rides; porque chorareis*, diz o Senhor. E nós buscamos materia para rir, para que, rindo neste mundo, choremos no outro? Julgo que não sómente se devem evitar os ditos jocosos demaziados, e chocarreiros, mas todos: porém o uzarmos de hum modo de falar cheio de suavidade, e de graça, não he contra o decóro.

Que direi da voz, a qual entendo que basta que seja simples, e clara? o ser sonora he coiza da natureza, não da industria. Seja distincta no modo de pronunciar, e cheia de substancia vigorosa, de sorte, que evitemos hum tom agreste, e rustico; não affectemos huma pronunciação de theatro, mas seja accommodada á santidade dos nossos Mystérios.

CAPITULO XXIV

Devem-se observar tres coizas nas nossas acções: Que o appetite se sujeite á razão: nos estudos guarde-se huma moderação prudente: cada coiza faça-se por sua ordem, e tempo. Tudo isto resplandeceu em os Santos do Velho Testamento, de sorte, que he coiza manifesta que forão dotados singularmente das virtudes, que se chamaõ Cardiaes.

Entendo que tenho dito bastante a respeito do modo de falar: agora consideremos qual seja o decóro a respeito das acções da vida. Creio que neste genero devemos olhar tres coizas: huma que o appetite não desobedeça á razão; pois só deste modo se podem as nossas obrigações ajustar com o decóro. Porque se o appetite obedecer á razão, facilmente se pode conservar em todas as obrigações o decóro. Além disto não emprendamos nada com maior empenho, nem menor, do que merece o que emprendemos: não pareça que trabalhamos com maior cuidado por coiza de pouca importancia, ou que faltamos á que he de importancia grande, tendo cuidado menor nella. A terceira coiza he ácerca da regra dos nossos estudos, e das nossas obras: e tambem creio que não devo deixar de falar da ordem, que devemos seguir nas coizas, e como nos devemos aproveitar do tempo opportuno.

Mas a primeira coiza, e que he como fundamento de todas as mais, he que o appetite obedeça á razão: a segunda, e a terceira

vem a ser o mesmo, isto he, que regra se deve ter em huma coiza, e outra. Porque entre nós os Fiéis não tem lugar o tratar da graça exterior, e boa figura, a que chamaõ formozura. Segue-se naturalmente falar em a ordem das coizas, e oportunidade do tempo. E desta sorte tres saõ as coizas, que devemos ver se podemos achar completas em algum dos Santos.

Primeiramente o Patriarca Abraham, que foi instruido, e ensinado particularmente para Mestre dos seus descendentes, sendo mandado pelo Senhor sair fóra da sua terra, e dos seus parentes, e da caza de seu pai, porventura prezo com o affecto de tudo isto deixou de fazer que o seu appetite obedecesse á razãõ? Quem não faria gosto da sua patria, dos seus parentes, da propria caza? Dava-lhe gosto a suave communicacão dos seus; mas o considerar a ordem do Ceo, e o premio eterno obrigava-o mais que tudo. Porventura deixava elle de conhecer que sua mulher era fraca para soffrer os trabalhos, delicada para se expor ás injurias, formosa para correr perigo da parte dos homens atrevidos, e que assim não podia levalla sem se arriscar muito? Comtudo julgou que era mais acertado expor-se a tudo isto, do que desculpar-se. Além de que, descendo ao Egypto, lhe advertio que dissesse que era sua irmã, não sua espoza. Gen. 12..1 & seq.

Ora vejamos quantos appetites lhe foi necessario vencer. Temia succedesse mal á honestidade da espoza: temia o damno da propria vida: desconfiava da devassidão dos Egyptios: e comtudo pôde mais com elle a razãõ de obedecer á ordem de Deos. Considerou que com o favor de Deos podia estar seguro em toda a parte: e que, se ofendesse a este Senhor, até na sua propria caza não estava sem perigo. Por isso venceu a razãõ ao appetite, e fez que elle lhe obedecesse. Ibid.

Sendo cativo Lot seu sobrinho, não se aterrando, nem perturbando com a gente de tantos Reis, torna á guerra: ganhando a victoria, rejeita huma parte da preza, de que foi senhor. Sendo-lhe prometido hum filho, estando vendo quebrantadas as foras do corpo, a esterilidade, e idade decrepita de sua espoza, creu em Deos, ainda a pesar do uzo da mesma natureza. Gen. 14.14. & seq.

Reparemos que tudo concorda entre si, e tem decóro. Não deixou de ter appetite; mas reprimio-o. Teve hum animo igual ás obras, que devia fazer, o qual nem tinha por grandes as coizas pequenas, nem as pequenas por grandes: tinha regra á proporção das coizas, ordem nellas, tempo opportuno, comedimento nas pala- Ibid. 15.6.

vas. Era o primeiro na fé, na justiça o melhor, na batalha valerozo, desinteressado na victoria, de benigna hospedagem em caza, attento para com sua espoza.

Gen. 27.24. &
seq.

Tambem ao seu sagrado neto Jacob dava gosto viver socegado em sua caza: mas quiz sua mãe que elle peregrinasse para dar lugar a que se mitigasse a ira de seu irmão. Venceu a bondade do conselho ao appetite. Foi desterrado de caza, fugio de seus pais; comtudo em toda a parte guardou moderação accommodada aos sucessos, e observou a oportunidade dos tempos. Em caza foi tam bemquisto dos pais, que hum obrigado da pontualidade da sua obediencia lhe deu a bensaõ, o outro lhe mostrou hum amor mais singular. Preferido

Gen. 25.34.

tambem no juizo do irmão, tendo julgado que lhe devia ceder o proprio sustento: na verdade seguindo a natureza, fazia gosto do mesmo sustento: mas conformando-se com a piedade cedeu delle sendo-lhe pedido. Foi pastor fiel ao dono do rebanho, genro obediente a seu sogro, desembaraçado no trabalho, moderado na meza, prompto na satisfação, e na compensação liberal. Em fim mitigou de sorte a ira do irmão, que alcançou a estimação delle ao mesmo tempo que receava a sua inimizade.

Gen. 31.6. &
seq.

Gen. 33.1.

Gen. 39.1. C
seq.

Que direi do Santo Jozé, que certamente dezejava a liberdade, e se sujeitou necessariamente á escravidão? Quanto foi obediente sendo escravo? quanto foi constante na virtude, quanto foi benigno no carcere, sabio em interpretar, moderado no governo, pródigo em abundancia, justo no tempo da fome, dando boa ordem ás coizas, aproveitando a oportunidade do tempo, administrando com a rectidão do seu officio justiça aos povos?

Job. 23. & seq.

1. Reg. 17. 3.
& seq.

O Santo Job, que he igualmente irreprehensivel nas prosperidades, e nas adversidades, soffrido, agradavel, e aceito a Deos, sim era opprimido com dores, mas consolava-se. O Santo David valerozo na guerra, soffredor nas adversidades, pacifico em Jeruzalém, manso na victoria, contrito no peccado, pródigo na velhice, observou a moderação, e oportunidade do tempo, conforme todas as idades, de sorte, que me parece que não menos em o seu genero de vida, do que na suavidade do seu canto, offereceu ao seu Deos hum hymno immortal do seu merecimento.

Ora que obrigação das principaes virtudes faltou a estes varoens santos? Dellas a que puzeraõ em primeiro lugar he a Prudencia, que consiste na investigação da verdade, e infunde dezejo de sciencia mais completa: em segundo lugar a Justiça, que dá a cada hum o que he seu, não toma para si o alheio, despreza a utilidade propria

para guardar a igualdade commua: em terceiro lugar a Fortaleza, que sobresahe na guerra com a magnanimidade, e na paz, e brilha em as foras do corpo: em quarto lugar a Temperansa, que observa moderação, e regra em todas as coizas, que julgamos que se devem fazer, ou dizer.

CAPITULO XXV

*Expõem a razão, porque começou pelas sobreditas virtudes:
mostra que as houve melhor em os Patriarcas antigos.*

Dirá talvez alguém que se deviaõ pôr em primeiro lugar estas quatro virtudes, porque dellas nascem os diversos generos de Obrigaçoens. Mas definir primeiramente a Obrigação, e dividilla depois em certos generos he coiza propria da Arte; porém nós fugimos da arte: propomos exemplos dos nossos maiores, os quaes nem tem obscuridade, que entender, nem artificios em se referir. Assim seja espelho da nossa doutrina a vida dos nossos maiores, não o seja a obra do artificio: seja veneração para imitarmos, não seja astucia para disputar.

Houve pois em o Santo Abraham primeiramente prudencia. Delle diz a Escritura: *Abraham creu em Deos, e se lhe attribuiu a justiça*. Porque não he prudente quem desconhece a Deos. *Disse o ignorante: Não ha Deos*; porque o Sabio não o havia de dizer. Porque como pode ser sabio quem não busca o seu Auctor, quem diz a huma pedra: *Tu es meu pai*: quem diz ao diabo, como o Manicheu* *Tu es o meu auctor*? Como pode ser sabio o Arriano**, que antes quer ter hum auctor imperfeito, e desigual, do que igual, e perfeito? Como pode ser sabio Marcion, e Eunomio***, que antes querem ter hum Deos mau, do que hum bom? Como pode ser sabio quem não teme o seu Deos? pois *o temor do Senhor he o principio da sabedoria*. E em outro lugar se nos diz: *Os sabios não descahem da boca do Senhor, mas conversão nas suas confissoens*. A mesma Escritura diz *que se lhe attribuiu a justiça*; e bem se vê que lhe concedeu a prerogativa tambem de outra virtude.

Gen. 15.6.
Rom. 4.

Psalm. 13.1.
Jer. 2.27.

Psalm. 110.9.
Prov. 24.7.

* Os Manicheus attribuião ao Diabo a criação das coizas corporeas.

** Os Arrianos negavaõ a consubstancialidade do Verbo com o Eterno Pai.

*** Tanto Marcion, como Eunomio admittiaõ dois principios na criação das coizas. Veja-se Theodoreto. 1. 2. Hist. cap. 29.

Assim os nossos foraõ os que primeiro definiraõ que a prudencia consistia no conhecimento da verdade. Porque qual dos Filozofos viveu antes de Abraham, de David, de Salomaõ? Além disto ensinaraõ que a justiça pertencia á sociedade dos homens. Em

Psalm. 111.9. fim David diz: *Repartio, deu aos pobres: permanece para sempre a sua justiça. O justo compadece-se, o justo empresta.* Das riquezas do sabio, e do justo todo o mundo he senhor. Tem por seu o que he commum, e por commum o seu. Accuza-se o justo primeiro a si, do que aos outros; porque he justo quem nem perdoa a si, nem soffre que se escondaõ os seus defeitos occultos. Ora vejamos quaõ justo foi Abraham: com huma promessa do Ceo tinha tido hum filho na velhice; pedio-lhe o Senhor que lho sacrificasse; ainda que unico, julgou que o não devia negar.

Gen. 22.3. &
seq.

Notai em huma unica acção todas as quatro virtudes. Foi sabedoria crer em Deos, e não preferir o filho ao preceito do Auctor supremo: foi justiça restituir o que tinha recebido: foi fortaleza reprimir com a razão a paixão propria. Levava o pai diante de si a victima; perguntava por ella o filho; tentava-se o amor paternal, mas não se vencia. Repetia o filho o nome de pai, enternecia as entranhas paternaes; mas não diminuia o seu fervor. Ha mais huma quarta virtude, que he a temperansa. Observava o justo Velho tanto a moderação da sua piedade, como a boa ordem na execução. Em quanto leva o necessario para o sacrificio, em quanto accende o fogo, em quanto ata o filho, em quanto desembainha a espada, com esta ordem, que guardou no sacrificio, mereceu que se lhe conservasse o filho.

Gen. 32.1. &
seq.

Quem ha mais sabio, do que o Santo Jacob, que vio a Deos face a face, e mereceu a sua bensaõ? Quem ha mais justo, do que aquelle, o qual voluntariamente repartio com seu irmaõ o que tinha adquirido? Quem ha mais valerozo, do que hum homeni, que luctou com Deos? Quem ha mais modesto, do que aquelle, que uzava de modestia assim em lugar devido, como em tempo, de sorte, que mais queria encobrir a injuria feita á filha, dando-lhe espoz, do que vingar-se; porque, vivendo entre estranhos, julgava que devia procurar antes o amor, do que grangear odio?

Gen. 6.14. &
seq.

Quanto foi sabio Noé, que fabricou taõ grande Arca? Quanto foi justo elle, que, sendo rezervado para pai universal, só elle ficou saõ, e salvo d'entre todos, como cabeça da geração extincta, e auctor da vida futura, e que mais nasceu para o mundo, e para todos, do que para si? Quanto foi valerozo elle, que venceu a forsa do

diluvio? Quanto moderado foi para supportar o incommodo do mesmo diluvio? Conhecia quando devia entrar; com que moderação devia viver; quando devia soltar o corvo, quando a pomba; quando lhe havia de abrir para se recolherem, quando havia de buscar oportunidade para sahir.

CAPITULO XXVI

No examinar a verdade peccarão os Filozofos contra os seus mesmos preceitos. Mostrou Moyzês que era mais sabio do que elles. Devemos trabalhar com tanto maior empenho para alcansar a sabedoria, quanto maior he a sua dignidade: para ella se inclinaõ naturalmente todos.

Por isso dizem que na investigação da verdade se deve observar o decóro, de sorte, que averiguemos com o maior cuidado o que ella seja: que não tomemos por verdadeiras as coizas falsas: não involvamos as coizas verdadeiras com coizas escuras: que não occupemos o animo com coizas superfluas, ou embaraçadas, ou duvidozas. Que coiza tanto contra o decóro, como dar veneração a paos, o que os Gentios fazem? Que coiza tão obscura, como tratar da Astronomia, e Geometria? o que elles approvaõ: e medir os profundos espaços do Ar; encerrar o Ceo, e o Mar dentro do calculo, deixar as cauzas da salvação eterna, buscar erros?

Mas porém Moyzês, que era instruido em toda a sciencia dos Egypcios, não approvou isto; mas entendeu que similhante sabedoria era damno, e estulticia; e apartando-se della buscou a Deos com o intimo do coração; e por isso vio, perguntou, e ouviu a este Senhor, que lhe falava. Quem mais sabio do que aquelle homem, a quem Deos ensinou, o qual com o valor da sua obra desfez toda a sabedoria dos Egypcios, e todo o poder das artes? Não tinha por sabido o que ignorava, e lhe dava consentimento indiscretamente. Aprendaõ a evitar estas duas coizas, principalmente neste natural, e honesto lugar, aquelles, que entendem que nem he contra a natureza, nem lhes está mal adorar pedras, e pedir favor a estatuas, que não sentem nada.

Exod. 3.1. &
seq.

Quanto he pois mais sublime virtude a sabedoria, tanto mais creio que nos devemos esforsar para que a possamos conseguir. E assim para que não sintamos nada contra a natureza, nada torpe, e indecorozo, devemos observar duas coizas, *tempo*, e *diligencia*, que saõ

necessarias para a consideração, quando queremos examinar bem os pontos. Porque não ha nada, em que o homem exceda mais aos outros animaes, do que em ter uzo da razaõ, examinar as cauza das coizas, julgar que deve saber quem he o seu auctor, em cujo poder está o dominio da nossa vida, e morte; que governa este mundo com a sua vontade, a quem sabemos que havemos de dar conta das nossas acçoens. Porque nenhuma coiza ha, que mais aproveite para a vida ajustada, do que persuadirmo-nos que ha de ser nosso Juiz aquelle Senhor, a quem se não escondem as coizas occultas; a quem offendem as obras injustas; e a quem agradaõ as de virtude.

Matth. 7. 21. Tem pois todos os homens naturalmente dezejo de investigar a verdade, o que nos leva para o estudo do conhecimento, e da sciencia, e nos inspira a vontade de examinar. He coiza admiravel o sermos excellentes nesta parte; mas poucos o alcançaõ; os quaes meditando as suas consideraçoes, examinando os seus conselhos, occupaõ grandemente o tempo trabalhando, para que possaõ chegar com as proprias obras a viverem feliz, e santamente. *Porque nem todo o que me disser (diz Jezu Christo) Senhor, Senhor, ha de entrar no Reino dos Ceos, mas quem fizer as coizas que eu digo.* Porque estudos de sciencia Moral, sem boas obras, não sei se diga que embaraçaõ ainda mais.

CAPITULO XXVII

A primeira fonte das Obrigaçoens he a Prudencia: della nascem outras tres virtudes; e saõ taõ unidas com ella, que de nenhum modo se podem separar

Prov. 17. 15. & 16. A Primeira fonte das Obrigaçoens he a Prudencia. Pois que obrigaçaõ ha taõ grande, como ter respeito, e veneraçã do Auctor Supremo. Desta fonte nascem as mais virtudes; porque não pode haver justiça sem prudencia; pois não he pequena parte desta virtude examinar o que he justo, e o que he injusto. Em huma, e outra coiza he perigozo o erro; *porque quem julga justo o que he injusto, e injusto o que he justo, he abominavel diante de Deos. De que servem as riquezas ao peccador?* diz Salomaõ. Nem ha prudencia sem justiça; porque a piedade para com Deos he o principio da sabedoria, donde conhecemos que o que os sabios do seculo disseraõ, pondo

a piedade como fundamento de todas as virtudes, não o inventarão, mas antes o tirarão dos Escritores Sagrados.

A primeira obrigação da justiça, isto he, a primeira piedade he para com Deos; a segunda para com a patria; a terceira para com os pais; a ultima para com todos. Isto mesmo ensina a Lei Natural. Desde os primeiros annos, tanto que temos o primeiro sentimento, amamos a vida como mercê de Deos; a patria, os pais, e os outros homens, com quem queremos viver em sociedade. Daqui nasce a Caridade verdadeira, que prefere os outros a si, não buscando o interesse proprio; em o que consiste o que a justiça tem de mais nobre.

Todos os viventes naturalmente procuraõ a sua conservação, fogem do que lhes faz mal, buscaõ o que lhes aproveita, como o pasto, os covis, onde se defendem do perigo, das tempestades, do calor. Isto he huma sombra de prudencia. Tambem todos os viventes são por natureza sociaveis, primeiramente com os da sua raça, e figura; depois com os outros. Vemos que os bois gostaõ do seu rebanho, os cavalos do seu, e sobretudo gostaõ os iguaes dos seus iguaes: os veados fazem companhia com veados, e muitas vezes com os homens. Que direi eu do dezejo natural de multiplicar a especie propria, ou tambem do amor para com ella, em o que se vê huma singular imagem da justiça?

Pelo que he evidente que são virtudes estas, e outras semelhantes. A Fortaleza, que na guerra defende dos inimigos a patria, na paz defende da injustiça os fracos, ou dos ladroens os companheiros, toda he justiça. Saber qual he o conselho, com que defende, e ajuda, aproveitar a oportunidade dos tempos, e dos lugares, he prudencia, e modestia. A mesma Temperansa sem prudencia não pode saber a sua regra. Conhecer a occasião propria, e pagar á medida do que se deve, he justiça: em tudo isto he necessaria magnanimidade, e fortaleza de espirito, e muitas vezes tambem vigor do corpo, para cada hum poder cumprir o que dezeja.

CAPITULO XXVIII

A Sociedade sustenta-se com a justiça, e a beneficencia. Vingansa, e posse particular não a conhecem os Christaons. O que os Estoicos ensinão da Communicação dos bens, e soccorro de huns para com outros, tirarão-no da Sagrada Escritura. Quão grande he a excellencia da Justiça: que coizas embaraço o chegar a ella.

He pois necessaria a justiça para a sociedade, e communicação dos homens. Divide-se a natureza da Sociedade em duas partes, Justiça, e Beneficencia, a que alguns chamaõ Liberalidade, e Benignidade. A Justiça parece-me mais sublime; a Liberalidade mais grata: aquella faz juizo das coizas; esta mostra bondade.

Mas o que os Filozofos julgaõ primeira obrigação da Justiça, os Christaons o reprovamos. Dizem elles que he primeira regra da Justiça não fazer mal a ninguem, senão se nos provocar injustamente*. Isto he condemnado com a auctoridade do Evangelho; porque este manda que haja em nós o Espirito do Filho do homem, que veio a dar salvação, não a fazer injuria.

Além disto julgaraõ que era regra da justiça ter por commuas, e publicas as coizas publicas, por suas proprias as particulares. Tambem isto não he conforme á Lei Natural: porque a natureza criou tudo em commum para todos. Mandou Deos que nascesse tudo para que fosse commum sustento de todos, e a terra fosse como huma propriedade commua de todos. A natureza fez commum este direito; a apprehensão de cada homem he que o fez particular. Aqui dizem que foi opiniaõ dos Estoicos que tudo, o que se cria na terra, se cria para o uzo dos homens: que os homens nascem por cauza dos mesmos homens, para que huns possuão aproveitar aos outros entre si.

Ora donde tiraraõ isto, que dizem, senão da nossa Escritura? Escreveu Moyzès que disse Deos: *Façamos o homem à nossa imagem, e similhansa, e tenha poder dos peixes do mar, e das aves do Ceo, e dos gados, e de todos os viventes, que arrastão sobre a terra.* Tambem David diz: *Sujeitaste debaixo dos seus pés tudo, todas as ovelhas, e bois, e além disto gados do campo, aves do Ceo, e peixes do mar.* Logo dos nossos Auctores Sagrados he que aprenderaõ, que tudo foi sujeito ao homem; e por isso dizem que por amor do homem he que foi creado tudo.

* Cicero l.1. de Offic. errou ensinando o contrario. Lactancio o mostra evidentemente. Divin. Instit. l. 6. cap. 12.

Tambem nos livros de Moyzés achamos que foi creado o homem por amor do homem; pois disse o Senhor: *Naõ he bom que o homem esteja só; façamos-lhe hum adjutorio semelhante a si.* Foi a mulher dada ao homem para que gerasse, e lhe servisse de o ajudar, e assim servisse o homem de socorro ao mesmo homem. Antes que fosse formada a mulher, diz a Escritura a respeito de Adam: *Naõ se achou ajudador semelhante a elle;* porque o homem naõ podia ter verdadeiro adjutorio, senaõ da parte de outro homem. De todos os animaes naõ se achou nenhum semelhante; e para dizer tudo, nenhum, que fosse ajudador do homem. Assim era necessaria a mulher, para que ajudasse ao homem. Gen. 2 2. 18.

Pelo que segundo a vontade de Deos, ou o vinculo da natureza, devemos socorrer-nos, e ajudar-nos de parte a parte; procurarmos vencer os outros em o cumprir das obrigações; considerar todos os interesses como próprios; e, para me servir das palavras da Escritura, dar socorro huns a outros, ou com a vontade, ou com o favor, ou com o dinheiro, ou com as obras, ou por outro qualquer modo, de sorte, que se augmente entre nós o bem da sociedade. Nem alguém deixe de favorecer com o temor do perigo; mas julgue como coiza propria tanto as adversidades, como as boas fortunas. O Santo Moyzés naõ temeu emprender perigozas guerras a favor do seu povo; naõ receou as armas do Rei poderozissimo; nem temeu a ferocidade da crueldade barbara; mas desprezou a propria vida para restituir a liberdade ao seu povo. Ora he grande a excelencia da justiça, que mais nasceu para os outros do que para si; conserva a nossa communicação e sociedade: busca lugar sublime, de sorte, que tem tudo sujeito ao seu juizo, dá socorro aos outros, distribue dinheiros; naõ recusa favor, toma sobre si os perigos alheios. Ibid. 20

Quem naõ dezejaria possuir a alteza desta virtude, se a avareza naõ quebrasse, e enfraquecesse o vigor della primeiro? Em quanto tempo dezejamos augmentar os cabedaes, amontoar dinheiros, dominar terras, exceder aos outros nos bens da fortuna, despimos a estola da justiça, perdemos a liberalidade commua. De que modo pode ser justo quem pretende tirar a outro o que busca para si?

Tambem a ambição do poder enfraquece a forsa da justiça. De que modo pode interceder pelos outros quem os procura sujeitar a si; e dar favor ao fraco contra os poderozos quem pretende para si hum auctoridade pezada á liberdade alheia?

CAPITULO XXIX

Mostra-se com os exemplos de Moyzês, e Elizeu que se deve guardar justiça na Guerra com os inimigos. Dos Hebreus aprenderão os Gentios a darem nome menos aspero aos inimigos. O fundamento da Justiça consiste na Fé; e a sua imagem está na Igreja.

Quão grande seja a Justiça se conhece de que não se limita a lugares, nem a pessoas, nem a tempos: também chega aos inimigos, de sorte que, se ajustarmos com o inimigo, ou seja o lugar, ou o dia da batalha, he contra a justiça faltar-lhe ou n'uma, ou n'outra coiza. He necessario distinguir se alguém he prizioneiro em alguma batalha, ou conflicto grave, ou por alguma melhor occasião, ou algum successo. Dos inimigos mais crueis, e desleaes, e que mais offenderão, vingamo-nos mais severamente, como succedeu a respeito dos Madianitas, que por intervenção das suas mulheres fizeram que peccassem muitos dos Judeus; o que fez que a ira de Deos descarregasse sobre o povo Hebreu; e por isso não consentio Moyzês, depois da victoria, que escapasse nenhum; e Jozué não destruiu de todo os Gabaonitas, que mais com engano, do que com guerra, tinham perseguido a seus pais; mas sómente lhes impoz a pena da escravidão. Elizeu castigou os Syros, os quaes, quando bloqueavaõ a cidade, os introduzio dentro nella, sómente com a cegueira repentina, para que não podessem ver por onde entravaõ: e querendo

Num. 31. 3.
& seq.

Josue 9. 20.
& seq.

4. Reg. 6.14.
& seq.

O Rei de Israel matallos, o Profeta o não consentio, dizendo: *Naõ has de matar o que não cativaste com a tua lansa e a tua espada: mandalhes dar pão, e agua para que comaõ, e bebaõ, e que se soltem, e vaõ para sua caza: para que desta sorte obrigados com a benignidade pagassem com o agradecimento. Naõ tornaraõ depois mais os piratas á terra de Israel.*

Logo se até na guerra vale a justiça, quanto mais deve valer na paz? Este agradecimento deu o Profeta aos que tinha vindo para o prender. Lemos que tinha ElRei da Syria mandado o seu exercito para cercar Elizeu, porque sabia que elle era quem se oppunha a todos os seus conselhos, e estratagemas. Tanto que Giezi escravo deste Profeta avistou o exercito, começou a assustar-se com o perigo. O Profeta lhe disse: *Naõ temas; porque estão mais homens connosco, do que com elles.* E fazendo o Profeta oração para que se abrissem os olhos do seu servo, abriam-se, e vio Giezi todo o monte coberto de cavalos, e de coches ao rodór de Elizeu: indo descendo

diz o Profeta: *Deos meu, fere com a cegueira o exercito da Syria.* Fazendo-o o Senhor assim, disse entãõ Elizeu aos Syros: *Vinde apoz de mim, e vos levarei ao homem, que buscaís.* Viraõ Elizeu, que dezejavãõ prender, e não o podiaõ prender estando-o vendo. Pelo que he claro que ainda na guerra se deve guardar a fé, e a justiça; nem pode ser licito faltar a ella.

Aos inimigos nomeavaõ os antigos com hum nome brando: chamavaõ lhe peregrinos; porque, segundo a formalidade antiga, peregrinos se nomeavaõ os inimigos publicos. Isto mesmo podemos dizer que o tiraraõ dos nossos Escriitores. Os Hebreus chamavaõ aos seus inimigos *allofilos*, isto he, estranhos: no primeiro livro dos Reis lemos estas palavras: *E succedeu naquelles dias que se ajuntaraõ os estranhos para a batalha em Israel.* 1. Reg. 4.1.

Pelo que o fundamento da justiça he a fé; a fé he o que meditaõ os coraçõens dos justos; e o justo, que se acuz a si, colloca a justiça sobre a fé; pois, se confessa a verdade, entãõ he que apparece a sua justiça. Por Izaías diz o Senhor: *Eis alii lanko a pedra para o alicerse de Siaõ,* quer dizer, Christo para fundamento da Igreja. De todos nós a fé he Christo: a Igreja he huma imagem da justiça. He lei commua de todos: Em commum ora* em commum obra, em commum he perseguida. Aquelle, que se nega a si mesmo, esse he justo, esse he digno de Christo. Por isso o Apostolo S. Paulo poz a Christo como fundamento, para que sobre elle edificassemos as obras da justiça; porque a fé he o fundamento; e nas obras más ha peccado, nas boas justiça. 1. Cor. 3.11.

CAPITULO XXX

Da Beneficencia, e da Liberalidade, e Benevolencia, que saõ suas partes: que circumstancias se requerem para a Liberalidade ser louvavel, e meritoria.

Mas falemos já ácerca da Beneficencia: divide-se esta virtude em Benevolencia, e Liberalidade. Destas duas se compoem a

* Isto he, ora, obra, e he tentada por todos, ou para utilidade de todos: nisto consiste a Communicação dos Santos. Comtudo não ora em commum, de sorte, que não faça oraçãõ por cada hum dos Fiéis em particular; pois em muitos lugares deste mesmo Santo Padre temos visto aconselhar muitas vezes aos peccadores que recorraõ ás oraçoens da Igreja. Mas estas mesmas oraçoens, que faz pelo bem de cada particular, vem a servir para utilidade de todos por meio de caridade. Assim entendem este lugar os Doutissimos PP da Congregaçãõ de S. Mauro.

- Beneficencia para ser perfeita. Porque não basta querer bem; he necessario fazer bem: nem basta fazer bem, se isto não nascer de hum bom principio, quero dizer, da boa vontade: *Porque Deos ama ao que dá com alegria.* Porque se fizermos bem contra nossa
2. Cor. 9.7. vontade, que premio se nos deve? Donde conclue o Apostolo geralmente: *Se eu faço isto querendo, tenho premio; se o faço sem querer, a mim foi-me confiada a dispensação.* Temos no Evangelho muitas doutrinas da liberalidade bem regulada.
1. Cor. 9.17.

He coiza excellente querer bem, e dar com animo de que aproveite o que damos, e não faça mal. Porque se nós deímos ao deshonesto para dispendir com a torpeza, ao adúltero para gastar com o adulterio; como não ha querer bem neste cazo, tambem não ha Beneficencia. Dar áquelle, que conspira contra a Patria, que á nossa custa quer ajuntar homens perdidos, que assaltem a Igreja, isto não he aproveitar-lhe, he fazer-lhe mal. Tambem não he liberalidade louvavel ajudar áquelle, que com demanda injusta persegue a viuva, e o orfão, ou lhe pretende tirar os bens por algum modo violento.

- Naõ he liberalidade darmos a hum o que tiramos violentamente a outro; adquirirmos injustamente, e julgar que justamente o havemos de repartir: excepto se como Zaqueu pagarmos quatro vezes em dôbro áquelle, a quem defraudámos: e compensarmos os vicios da Gentilidade com a fé, e com as obras; porque a nossa liberalidade deve ter seu fundamento.
- Luc. 19.8.

- He o primeiro requizito darmos com fidelidade, não faltarmos á promessa, não dizermos que damos mais, e darmos menos. Para que he o dizello? O engano está na promessa: na tua mão está dares o que quizeres. O engano destroe o alicerce, arruina a obra. Porventura enfureceu se S. Pedro tanto que quis morresse logo Ananias, a sua mulher? Mas não quis que os outros morressem com o seu exemplo.
- Act. 5.3.

- Nem tambem he perfeita liberalidade dar mais por jactancia, do que por mizericordia. O animo que temos, he quem dá o ser á nossa obra: como vem da nossa tensão, assim he que se julga. Ora vêde que Juiz temos das nossas acçoens. Consulta-nos, para ver como ha de receber a nossa obra; pergunta primeiro ao nosso animo. *Não saiba,* diz o Senhor, *a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita.* Não fala sómente do corpo, mas diz: Ainda quem he mesmo que tu, quem he teu irmão, não saiba o que fazes; para que não percas no Ceo a remuneração, em quanto buscas a vaidade
- Matth 6.3.

cá na terra. Assim he perfeita a liberalidade, quando cada hum encobre com o silencio a sua obra, e remedeia as necessidades do proximo occultamente; quando a boca do pobre, e não a propria boca he quem louva.

Além de que a liberalidade perfeita tem fé, cauza, lugar, tempo; de sorte, que a sua primeira obra he para com os companheiros da mesma fé. He culpa grave padecer necessidade hum Fiel, sabendo o nós; sabendo que não tem que gastar, que tem fome, que padece afflicção, maiormente o que he envergonhado: se os seus parentes forem cativos, ou calumniados, e não lhe valermos: se estiver no carcere, e soffrer pena, e castigo por alguma divida o homem, que he justo (porque ainda que de todos devemos ter misericordia, comtudo do justo devemos ter mais) se no tempo da sua afflicção não alcansar de nós coiza nenhuma: se no tempo do perigo, em que vai arrebatado para a morte, valer mais para connosco o nosso dinheiro, do que a vida do que vai a morrer. A'cerca disto disse excellentemente Job: *Venha contra mim a bensaõ* Job. 29.13. *do que ha de morrer.*

Na verdade não faz Deos excepção de pessoas, porque tudo sabe, e conhece: nós sim devemos uzar da misericordia para com todos; mas porque alguns por meio de enganos pertendem alcansalla, e fingem trabalhos; por isso quando he manifesta a cauza, se conhece a pessoa, obriga o tempo, deve mostrar-se mais largamente a misericordia. Porque o Senhor não he avarento para querer demaziado. Bemaventurado na verdade quem deixa tudo, e o segue; mas tambem he bemaventurado quem faz com o affecto o que pode fazer. Os dois dinheiros da viuva do Evangelho estimou-os o Senhor Suc. 21.3. mais do que as grandes esmolos dos ricos; porque a viuva deu tudo o que tinha: elles deraõ hum pequena parte do sobejo. Pelo que o animo, a boa vontade he quem faz a dadiva grande, ou pequena, e lhe dá o seu justo valor. Porém o Senhor não quer que se esperdissem de hum vez os bens; mas que se repartaõ; excepto 3. Reg 19.21. em cazo similhante ao de Elizeu, que matou os proprios bois, e sustentou os pobres com o que teve, para que o não prendesse nenhum cuidado domestico; mas, tendo deixado tudo, seguisse a vida Profetica.

He tambem louvavel liberalidade favorecer aos parentes chegados, se conhecermos que necessitaõ. Porque he melhor que soccorramos aos nossos, que se envergonhaõ de pedir aos outros, ou rogar a alguem soccorra a sua necessidade: comtudo não deve ser

de sorte que fiquem mais ricos com o que lhe damos, e podemos dar aos necessitados; porque o que faz valer a obra he o motivo, não o que se dá. Nós não somos Ministros da Igreja para fazermos ricos os nossos: mas para que ganhemos a vida eterna com os fructos das boas obras, e com o preço da misericordia resgatemos os nossos peccados. Parece-lhe que pedem pouco? pedem o que he premio nosso; querem levar o fructo da nossa vida*, e entendem que obraõ justamente. Accuzaõ-nos de os não termos feito ricos, querendo eles defraudar-nos do premio da vida eterna.

- Temos descoberto o nosso parecer: busquemos auctoridade. Primeiramente ninguem se deve envergonhar. se de rico se fizer pobre por dar ao pobre; porque Christo Senhor nosso se fez pobre, sendo rico, para que enriquecesse a todos nós com a sua pobreza. Deu-nos huma regra, que seguirmos, para que haja verdadeira rectidão em dispender os bens proprios. Se alguem matou a fome dos pobre, aliviou a sua necessidade. Pelo que diz o
2. Cor. 8.10 *Apostolo: Tambem nisto vos dou conselho, porque isto vos he util: que imiteis a Christo. O conselho da-se aos bons; a correcção reprehende os que vão errados. Falando com os bons diz: Começastes a obrar bem, e a querer bem desde o anno, que passou. Huma, e outra coiza he dos homens perfectos, não huma só. Ensina que a liberalidade sem benevolencia, e a benevolencia sem liberalidade não he perfeita.*
- Ibid. *Por isso exhorta á perfeição dizendo: Pelo que agora completai o trabalhar, para que assim como he prompta em vós a vontade de trabalhar, assim o seja tambem a de aperfeiçoar por aquillo que tendes. Porque se a vontade he prompta, aceita-se segundo aquillo que tem, não segundo aquillo, que não tem. Não para que os outros tenham abundancia, porém vós falta: mas com igualdade neste tempo, sirva a vossa abundancia para a sua falta, para que a sua abundancia sirva tambem para a vossa falta, de sorte que haja igualdade: assim como está escrito: Aquelle, que teve muito, não foi com abundancia: e aquelle, que pouco, não foi com diminuição.*
- Ibid. 11. & seq

Bem vemos que comprehende a benevolencia, e a liberalidade, e a regra de huma, e outra, e o fructo, e as pessoas. Com-

* Deve advertir-se a singular prudencia do Santo Doutor, que da á piedade o que lhe he devido, mas de sorte, que não tira nada á justiça. Pede a piedade que Ecclesiasticos se não esqueçam dos parentes para os favorecer; mas que sejam os primeiros dos favorecidos. A justiça manda que se não enriqueçam com o que se deve aos outros pobres. Nem pareça que isto, que o Santo diz, he conselho de maior perfeição; porque aliás não acrescentaria: *Accuzaõ nos & c.* He certo que o espirito da Igreja não foi nunca satisfazer ao luxo do Eiipo, nem á ambição dos parentes. *Maurian. PP. bic.*

prehende a regra, porque o Apostolo dava conselho a imperfeitos; pois só os homens imperfeitos soffrem aquellas estreitezas. Mas tambem se alguem, que está estabelecido no Episcopado, ou n'outro ministerio Ecclesiastico, não querendo gravar a Igreja, não der tudo o que tem, mas rezervar para si alguma parte do seu patrimonio quanto basta para a sua obrigação, não me parece ser imperfeito. E creio que lhe chamou a isto não estreiteza do animo, mas do patrimonio da sua caza.

A respeito das pessoas he que entendo que se diz: A vossa abundancia sirva para a sua falta; e a sua abundancia para a vossa; isto he, que a abundancia sirva para aliviar a sua necessidade de sustentação, e a sua abundancia espirital ajude em o povo a falta de merecimento espirital, e lhe dê o valor que não tem.

Poz hum exemplo excellent: O que teve muito não foi com abundancia; e o que teve pouco não foi com diminuição. Exhorta este exemplo bem a todos os homens para a obrigação da misericordia; pois quem he senhor de muito ouro, não tem abundancia, porque tudo, o que neste mundo ha, he nada; e quem tem pouco não tem diminuição; porque he nada o que perde. He sem perda huma coiza, que em si toda he perda.

Tambem he boa esta intelligencia: Quem tem muito, posto que não dá, não tem abundancia; porque, por mais que adquira, como dezeja mais, sempre tem necessidade: e quem tem pouco, não sente diminuição; porque o com que se sustenta o pobre não he muito. Da mesma sorte o pobre, que dá bens espirituaes em vez de temporaes, ainda que tenha muito agradecimento, não tem abundancia; porque o agradecimento não lhe grava o animo, mas lho alivia. Luc. 7.28.

Tambem se pode entender deste modo: Não tens abundancia, ó homem. Quanto he o que recebeste, ainda que para ti he muito? Maior, que o Baptista, não nasceu ninguem entre os homens; comtudo era menor, do que aquelle, que he o mais pequeno no Reino dos Ceos.

Em fim pode entender-se tambem deste modo: Não tem abundancia a graça de Deos corporalmente, não faz vulto, porque he espirital. Quem pode comprehender a sua grandeza, ou a sua largura, se a não vê? Se a fé for tamanha como hum grão de mostarda, pode passar os montes de huma parte para a outra; e não a tens maior, do que hum grão de mostarda. Se a graça em ti he abundante, não se deve recear que o teu animo coméce a elevarse

com tão grande favor; porque ha muitos, que cahiraõ mais gravemente da altura do seu coração, do que se não tivessem tido graça alguma do Senhor? E quem tem pouco não sente diminuição, pois não he coiza corporea, que se divida: e o que parece pouco a quem o tem, he muito para quem lhe não falta nada.

Deve considerar se tambem, quando se dá, a idade, e a fraqueza da pessoa, algumas vezes tambem o pejo, que mostra haver nascimento nobre: de sorte, que favoreçamos mais aos velhos, que já não podem ganhar o sustento com o seu trabalho. Do mesmo modo tambem a molestia do corpo se deve soccorrer com mais promptidão. O mesmo deve ser para com aquelle, que das grandes riquezas cahio em miseria; e muito mais, se não foi por sua culpa perder o que tinha, mas ou por cauza de roubos, ou castigo, ou demandas injustas.

Luc. 11.8.

Mas dirme-ha talvez alguem: Está o cego sentado no seu lugar, e não se faz cazo delle; e o moço com boa saude ordinariamente he favorecido. He verdade, porque com a importunação obriga a isso. Não se lhe dá a esmola por compaixão, mas por aborrecimento. No Evangelho diz o Senhor a respeito do homem, que já tinha fechado a sua porta, que, se alguem teimar em lhe bater a ella, se levanta, e dá o que se lhe pede, por não ser importunado.

CAPITULO XXXI

Com o exemplo da terra nas suas produções se mostra que o beneficio se deve compensar com largueza: allega-se o exemplo de Salomão sobre o mesmo ponto; e se explica em o sentido espiritual

Tambem he muito justo favorecermos mais liberalmente quem nos fez algum beneficio, ou mercê, se cahe em necessidade. E na verdade que ha, que seja tanto contra a Obrigação, como não pagar o que temos recebido? Nem só julgo que devemos pagar com igualdade, mas com vantagem, e considerar a utilidade da mercê, para que soccorramos com quanto baste para livrar da necessidade; porque não ser superior em pagar o beneficio, he ficar menor; pois quem deu primeiro he maior no tempo, melhor na humanidade.

Pelo que tambem nisto devemos imitar a natureza das terras, que costumaõ pagar com muita vantagem o que tem recebido. Esta

he a razão, porque está escrito: *O homem ignorante he como a agricultura: e o homem, que não tem juizo, he como a vinha. Se o deixares, será destruido.* Tambem o sabio he como a agricultura, pois o que recebeu o restitue em maior medida, como o que se dá a juro. A terra ou cria fructos espontaneamente, ou produz, e restitue com maior vantagem os que se lhe confiaraõ. Huma, e outra coiza debes fazer por hum certo direito hereditario da mesma terra tua mãi, para que não fiques desamparado como campo infecundo. Comtudo dêmos que possa alguem desculpar-se de não ter dado: de que modo se pode desculpar de não ter restituído? O não dar talvez he licito a alguem: o não pagar, a ninguem he licito. Prov. 24.30. & 31.

Por isso diz excellentemente Salomaõ: *Se te assentares para cear á meza do poderoso, conhece sabiamente as coizas, que se te poem diante: e lansa a tua mãõ, sabendo que he necessario que tu prepares taes coizas: porém se es insaciavel, não queiras dezejar os seus sustentos; porque isto faz a vida enganadora.* As quaes sentensas eu escrevi, dezejando-as imitar. He coiza boa pagar o agradecimento; mas quem não sabe dallo he de coraçãõ durissimo. A mesma terra nos dá hum exemplo da benignidade. Administra espontaneamente os fructos, que não semeamos; e tambem paga muito em dôbro o que recebeu. Não podemos negar o dinheiro, que se nos deu de contado: como poderemos deixar de pagar o beneficio recebido? Lemos no Ecclesiastico que esta compensaçãõ do beneficio costuma valer muito diante de Deos; de sorte, que ainda no dia da ruina, quando os peccados podem pezar mais, tem recompensa. E para que me servirei eu d'outros exemplos, promettendo o mesmo Senhor no Evangelho maior remuneraçãõ aos merecimentos dos Santos, e exhortando a que façamos huma obra boa nos diz: *Perdoai, e perdoar-se-vos-ha: dai, e se vos dará: medida boa, bem medida, e avultada faraõ que fique no vosso regasso?* Prov. 13.1 & seq. Eccles. 3.34. Luc. 6.37.38.

Pelo que aquelle banquete de Salomaõ não he dos mantimentos, mas das boas obras. Porque qual he a coiza, com que melhor se regalaõ os animos, do que com boas obras? ou que outra coiza pode taõ facilmente satisfazer os animos dos justos, como a consciencia das boas obras? E que sustento he mais gostozo, do que fazer a vontade de Deos? O qual sustento disse o Senhor que só abundava para elle, como está escrito no Evangelho: *O meu sustento he fazer a vontade de meu eterno Pai, que está no Ceo.* Joan. 4.34.

- Psalm. 36.4. Consolemo-nos com este sustento: delle diz o Profeta: *Consola-te no Senhor*. Com este sustento se consolaõ aquelles, que com admiravel ingenho conheceraõ as consolaçoens Celestiaes, e podem saber qual he o deleite, e consolação pura, e intelligivel do espirito. Pelo que comamos o paõ da sabedoria, e fartemonos com a palavra de Deos; porque não sómente no paõ, mas tambem em toda a palavra de Deos consiste a vida do homem creado á imagem do mesmo Deos. A respeito do beber disse assás expressamente o Santo Job: *Assim como a terra, que espera a chuva, assim tambem estes esperão as minhas palavras*.
- Job. 29.23.

CAPITULO XXXII

Tendo-se exposto o agradecimento, que se deve dar pelo sustento espiritual, referem-se varios modos de pagar o beneficio. Trata-se do louvor da benevolencia, os seus effeitos, e a sua ordem

- Ora he coiza muito acertada, que nos consolemos com a palavra das Divinas Escrituras, e desçaõ sobre nós as palavras de Deos, como suave orvalho. Assim quando estiveres á meza do poderozo conhece quem elle he: e pondo-te em o paraizo de delicias, e no banquete da sabedoria, considera quaes são as coizas, que se te poem diante. A Divina Escritura he banquete da sabedoria: as iguarias são cada livro de per si. Sabe primeiro que iguarias haja, e entaõ lansa a maõ, para que executes com as obras o que lês, ou recebes do Senhor teu Deos; e agradeças com as tuas acçoens a mercê, que se te fez; assim como S. Pedro, e S. Paulo, que, prégando o Evangelho, pagaraõ ao Senhor, que era liberal para com elles, podendo dizer cada hum: *Pela graça de Deos sou o que sou; e a sua graça não foi pobre em mim; mas trabalhei mais do que todos elles*.
1. Cor. 15.10.

Hum homem paga com ouro, outro com prata o beneficio recebido; outro paga com o trabalho, outro em fim (e não sei se com mais vantajem) paga sómente com a boa vontade. Porque que diremos, se não tem meio algum de pagar por obra? Em pagar o beneficio vale mais a boa vontade, do que o effeito; e mais se estima a benevolencia, do que poder pagar com obra effectiva. Na verdade o agradecimento paga com aquillo mesmo, que se conserva, e nos fica. Grande coiza he a benevolencia, a qual, ainda que com effeito não dê nada, sempre vale muito; e não tendo

bens nenhuns exteriores, abrange a grande numero, e o faz assim sem despeza propria, e com lucro de todos. Por isso com razão excede a benevolencia muito á liberalidade. He ella mais rica no seu affecto, do que esta nas suas dadivas; porque mais são os que necessitam de beneficios, do que os que excedem nelles.

Anda junta a benevolencia com a liberalidade, e della nasce esta quando á vontade de dar se segue o effeito; mas he virtude separada, e distincta. Onde falta a liberalidade pode haver benevolencia; e esta he como mãe commua de tudo: ella une, e ajunta a amizade: he fiel nos conselhos, alegre nas felicidades, nas infelicidades triste; e faz que cada hum mais confie no conselho do amigo, do que do sabio. O que se viu em David, que sendo mais prudente, e de mais idade, accitava comtudo os conselhos de Jónathas, que era mais moço. Tiremos da sociedade dos homens a benevolencia, será o mesmo que se tirassemos do mundo o Sol: sem ella não pode subsistir a sociedade, ensinar o caminho ao peregrino, trazer á estrada o que vai errado, dar hospedagem (na verdade não he virtude pequena esta, de que se louvava Job, dizendo: *Naõ ficava de fóra o hospede, estava aberta a minha porta a todo o que chegava*) dar agua ao que tem sede, dar luz a quem a pede. Pelo que he a benevolencia em tudo isto como fonte de agua corrente, que conforta ao sequiozo: e he como luz, que, ainda que luza para os outros, não faz falta áquelles, que com a propria luz valeraõ aos outros. He tambem especie de liberalidade, e benevolencia, se temos hum escrito de divida que se nos deve, rasgallo, e não pedirmos nada ao devedor, de quem elle he. Isto nos ensina o Santo Job, que façamos ao seu exemplo. Porque quem tem, não pede emprestado: quem não tem, não desobriga o seu escrito. Logo se tu não cobras a divida, para que a rezervas aos teus herdeiros, podendo sem perda da propria fazenda, e com louvor da liberalidade dar-te por satisfeito?

1. Reg. 20.42.

Job. 31.32.

Ibid. 35. & seq.

E para que mais completamente examinemos a materia: a benevolencia, começando primeiro pelas pessoas domesticas, pelos filhos, pais, irmaõs, e continuando pelos graus do parentesco, abrange a todos os cidadãos; e saindo do Paraizo encheu o mundo. Tendo Deos infundido no homem, e na mulher a benevolencia, disse: *Seraõ dois em huma só carne*, e em hum só espirito. Por isso Eva deu credito á serpente, porque, como tinha benevolencia natural, não entendia que houvesse affecto contrario a este da parte de quem lhe falava.

Gen. 2.24

CAPITULO XXXIII

A Benevolencia, ou verdadeiro amor acha-se principalmente entre os Catholicos; e da mesma sorte as virtudes, que lhe são semelhantes

Augmenta-se o verdadeiro amor, ou benevolencia, na Igreja entre os Catholicos, com a uniaõ da fé, com a sociedade do ministerio, com o parentesco espirital, com a participaçã dos Sacramentos, com a communhã dos mysterios sagrados. Deste amor he que nascem os diversos nomes das nossas unioens, o respeito dos filhos espirituaes para comnosco, a nossa auctoridade, e piedade para com elles, o nome de irmaons, que os Fiéis daõ huns a outros. Ora he certo que vale de muito para augmentar o verdadeiro amor a uniaõ, e parentesco espirital, que temos na Igreja por meio da graça.

Vale tambem para a verdadeira benevolencia a inclinaçã que temos a virtudes semelhantes. Tambem a benevolencia faz similhansa de costumes. Jónathas sendo filho de hum Rei imitava a mansidaõ do Santo David; porque o amava. Diz a Escritura: *Com o Santo serás Santo*. Isto parece que não pertence sómente á convivencia, mas á benevolencia verdadeira. Certamente os filhos de Noé viviaõ juntos, e não tinhaõ harmonia nos costumes entre si. Ezaú, e Jacob Gen. 9.22. & seq. tambem viviaõ na caza de seu pai; mas não se uniaõ bem. Não Gen. 25-27. havia entre elles benevolencia, que preterisse o outro a si mesmo; Ibid. 27.14. & seq. mas havia discordia, que pertendia tirar ao outro a bensã. Era hum delles aspero, o outro benigno; e sendo os costumes desiguaes, e contrarias as inclinaçoens, não podia haver benevolencia. O Santo Eccles. 22.31. Jacob não podia preferir á virtude quem degenerava da Caza de seu pai.

Naõ ha nada que tenha tanta uniaõ como a justiça com a equidade; e he como companheira da benevolencia, e faz que aquelles, que julgamos que nos são semelhantes, os amemos. Comprehende a benevolencia tambem a fortaleza; porque como a amizade nasce da benevolencia, e verdadeiro amor, não duvida soffrer grandes perigos, e arriscar a vida pelo amigo: *E se me succederem males por cauza delle* (diz o Espirito Santo) *soffrellos-hei*.

CAPITULO XXXIV

Outras utilidades, que nascem da Benevolencia

Tambem a Benevolencia pode tirar da mão a espada a quem está irado. Ella faz que sejaõ mais proveitozas as feridas, que o amigo dá, do que os ósculos do inimigo. Ella faz que muitos homens fiquem sendo hum só; porque se os amigos são muitos, são como hum unico homem; nelles ha hum só espirito, huma só vontade. Observamos tambem que as reprehensoes do amigo agradaõ; porque penetraõ, e não magôaõ. O que os amigos nos dizem advertindo-nos, assim he que nos fere, mas a viveza desta ferida dá-nos gosto. Prov. 27.6.

Em summa nem a todos devemos sempre as mesmas obrigaçoens; nem sempre se preferem as pessoas; preferem-se muitas vezes as cauzas, e os tempos, de sorte que ás vezes antes acodimos a hum vizinho, do que a hum irmão. Diz Salomaõ nos Proverbios: *Melhor he o vizinho, que está perto, do que o irmão, que mora longe.* Ibid. 10. Por isso muitas vezes mais se fia cada hum da benevolencia do amigo, do que do parentesco do irmão. Tanto pode a benevolencia, que muitas vezes vence as foras da natureza.

CAPITULO XXXV

Da Fortaleza. Divide-se em Militar, e Civil: a Militar não pode ser sem justiça, e prudencia: a Civil consiste principalmente no soffrimento.

Temos tratado assás largamente da natureza, e forsa do Honesto, falando da justiça: tratemos agora da Fortaleza, a qual como mais elevada, do que as outras, se divide em Militar, e Civil. Tratar de coizas militares parece que já he materia alheia do nosso officio, e ministerio; porque sendo Bispo mais nos occupamos do que pertence á alma, do que ao corpo: o nosso exercicio já não pertence ás armas; mas serve para a paz: ainda que os Patriarcas, que nos precederaõ como Jozué, Hierobaal, Sansaõ, e David tambem alcansaraõ gloria com acçoens militares. He pois a fortaleza mais elevada do que as outras; mas nunca sem ellas, porque nunca se fia de si mesma: e de outra sorte, sem a justiça he a fortaleza materia para obrar mal; pois quanto mais vigorosa he, tanto he

mais prompta para opprimir os inferiores; sendo que nas mesmas guerras se deve examinar se são justas, ou injustas.

- David nunca fez guerra sem ser provocado: assim foi companhia da sua fortaleza na guerra a prudencia. Estando para pelejar só por só com Goliath, homem de desmarcado corpo, não quis as armas que o carregavaõ; porque o valor mais se segura no proprio braço, do que nos defensivos alheios. Com a pedra, que atirou de longe para ferir mais fortemente, matou o inimigo. Nunca depois empreendeu guerra, se não tendo consultado o Senhor. Vencedor em todas as batalhas, esforcado até á ultima velhice, commettendo guerra contra os Filisteus entrava por entre os ferozes inimigos cobiçoço de gloria, desprezando a vida.
1. Reg. 17.40. nheira da sua fortaleza na guerra a prudencia. Estando para pelejar só por só com Goliath, homem de desmarcado corpo, não quis as armas que o carregavaõ; porque o valor mais se segura no proprio braço, do que nos defensivos alheios. Com a pedra, que atirou de longe para ferir mais fortemente, matou o inimigo. Nunca depois empreendeu guerra, se não tendo consultado o Senhor. Vencedor em todas as batalhas, esforcado até á ultima velhice, commettendo guerra contra os Filisteus entrava por entre os ferozes inimigos cobiçoço de gloria, desprezando a vida.
9. Reg. 5.19. & seq. de longe para ferir mais fortemente, matou o inimigo. Nunca depois empreendeu guerra, se não tendo consultado o Senhor. Vencedor em todas as batalhas, esforcado até á ultima velhice, commettendo guerra contra os Filisteus entrava por entre os ferozes inimigos cobiçoço de gloria, desprezando a vida.
3. Reg. 21.15. & seq. contra os Filisteus entrava por entre os ferozes inimigos cobiçoço de gloria, desprezando a vida.

- Mas nem só esta fortaleza he nobre; tambem o he a daquelles, que pela Fé com a sua magnanimidade *taparaõ as bôcas dos leoens, apagaraõ a virtude do fogo, escaparaõ do fio da espada, sahiraõ fortes da enfermidade*: que não estando cercados de companheiros, nem de tropas, alcansaraõ victoria juntamente com muitos; mas só com o valor do animo triunfaraõ elles sós dos inimigos. Quanto foi insuperavel Daniel, que não se assustou com os leoens, que rugiaõ a seus lados? Bramiaõ as feras; e elle comia socegado, e alegre.
- Hebr. 11.33. & 34. que pela Fé com a sua magnanimidade *taparaõ as bôcas dos leoens, apagaraõ a virtude do fogo, escaparaõ do fio da espada, sahiraõ fortes da enfermidade*: que não estando cercados de companheiros, nem de tropas, alcansaraõ victoria juntamente com muitos; mas só com o valor do animo triunfaraõ elles sós dos inimigos. Quanto foi insuperavel Daniel, que não se assustou com os leoens, que rugiaõ a seus lados? Bramiaõ as feras; e elle comia socegado, e alegre.
- Daniel. 14.38. a seus lados? Bramiaõ as feras; e elle comia socegado, e alegre.

CAPITULO XXXVI

As Obrigaçoes da Fortaleza são: Primeira: Defendemos o mais fraco da injuria que se lhe faz. Segunda: Reprimir os movimentos desordenados do animo. Terceira: Desprezar as coizas vís; procurar com grande animo as virtuozas. Todos os Christaõs o devem fazer assim; mas principalmente os Eccleziasticos.

- Não consiste pois a Fortaleza sómente nas forsas, e vigor do corpo, mas sobre tudo no valor do animo; nem em fazer mal mas em defender delle: porque quem não defende, se pode, a seu irmão, do mal, que se lhe faz, commette tanta culpa, como o mesmo, que o faz. Por isso o Santo Moyzês, por aqui he que começou primeiro os exercicios da sua fortaleza Militar. Tendo visto que hum Egypcio maltratava a hum Hebreu, acodio a este, matou o Egypcio, e o enterrou. Tambem Salomaõ diz a este propozito: *Tira aquelle homem, que levaõ para a morte.*
- Exod 2.11. & seq. irmão, do mal, que se lhe faz, commette tanta culpa, como o mesmo, que o faz. Por isso o Santo Moyzês, por aqui he que começou primeiro os exercicios da sua fortaleza Militar. Tendo visto que hum Egypcio maltratava a hum Hebreu, acodio a este, matou o Egypcio, e o enterrou. Tambem Salomaõ diz a este propozito: *Tira aquelle homem, que levaõ para a morte.*
- Prov. 24.10. matou o Egypcio, e o enterrou. Tambem Salomaõ diz a este propozito: *Tira aquelle homem, que levaõ para a morte.*

Ora he bastantemente claro donde Cicero, ou Panecio, ou Aristoteles tiraraõ o que disseraõ sobre isto. Ainda que tambem Job mais antigo, do que estes dois, disse: *Salvei o pobre da mão do poderoso; e ajudei o pupillo, que não tinha ajudador: venha sobre mim a bensaõ do que ha de morrer.* Porventura não he valerozissimo quem tão animozamente soffreu os assaltos do demonio, e com o esforço do seu animo o venceu? Não devemos duvidar da fortaleza daquelle, a quem o Senhor diz: *Cinge-te como o homem, toma alteza de animo, e valor: abate todo o que te injuriar.* Tambem o Apostolo diz: *Tendes fortissima consolação.* Logo tem virtude de fortaleza aquelle, que na afflicção, e trabalho se consola. Job. 29.12. & 13.

E na verdade com razão se diz que ha fortaleza quando cada hum se vence a si mesmo, refreia a ira, não se abranda, nem se dobra com alguns atractivos, não se perturba com os contratempos, não se ensuberebece com as fortunas, nem se move com a variedade, e mudansa das coizas, como com o vento. E que ha mais elevado, e magnifico, do que exercitar o animo, mortificar a carne, e reduzilla á escravidão, para que obedeça á ordem, se sujeite aos conselhos, entrando nos trabalhos execute animozamente a propria rezolução, e vontade? Esta he a primeira parte da Fortaleza, porque em duas coizas se conhece, e se mostra. Primeiramente julga por nada as coizas exteriores do corpo, e como superfluas crê que mais se devem desprezar, do que pertender. Em segundo lugar todas as coizas, que são grandes, e todas as coizas em que apparece o honesto, e o decóro, trabalha nellas com grande empenho até as conseguir. Porque que ha tão illustre como formar o proprio animo de sorte, que não tenha por estimaveis nem as riquezas, nem os deleites, nem as honras, nem empregue nisto todo o seu estudo? E tanto que estivermos com este animo, necessariamente havemos de julgar que se deve preferir aquelle honesto, e decóro, e lhe havemos de conformar a vontade, de modo, que tudo o que nos acontecer, e costuma quebrantar os animos, ou seja a perda dos bens, os quebra na honra, ou maledicencia dos inimigos, nada disto sintamos, como superiores a tudo. Em fim de sorte, que os mesmos perigos da vida, a que nos expomos pela justiça, nos não perturbem.

Esta he a verdadeira fortaleza, que tem o atleta de Christo, o qual não he coroadado senão em verdadeira batalha. Porventura parece-vos pequeno preceito de Fortaleza o que diz o Apostolo: *A tribulação obra paciencia, a paciencia prova, a prova esperansa?* Vede quantas batalhas, e humas só coroa! Este preceito só o dá 2. Tim. 2.5. Rom.5.3. & 4

quem está confortado em Jezu Christo, cuja pessoa não tinha descanso: de toda a parte tinha afflicção: fóra tinha guerra; dentro temores. E ainda que estava entre perigos, em muitos trabalhos, em carceres, entre mortes; comtudo não quebrava o animo, mas pelejava de sorte, que com as suas mesmas fraquezas se fazia mais poderoso.

Considerai pois, filhos, como elle ensina os que vem para o ministerio da Igreja a desprezarem as coizas humanas: *Pelo que se estais mortos com Christo da parte deste mundo, para que contendeis ainda ácerca do mesmo mundo como vivos? Não toqueis, não procureis, não gosteis coizas, que todas são para se corromper com o mesmo uzo.*

Ibid. 3.1. E abaixo: *Logo se resuscitastes com Christo, buscai as coizas que estão assim, não as que estão sobre a terra.* E outra vez diz: *Mortificai os vossos membros, que estão sobre a terra.* E isto certamente diz o Apostolo a todos os Fiéis: mas a vós, ó filhos, aconselha-vos o desprezo das riquezas, o aborrecimento das fabulas profanas, e desprezíveis; e só vos permite o que vos exercita para a piedade; porque o exercicio do corpo para nada serve; a piedade porém para tudo he util.

Exercite-vos pois a piedade para a justiça, para a continencia, para a mansidão; fogi das obras juvenis; fortificados, e estabelecidos na graça entrai na boa contenda da Fé; não vos embaraceis com negocios do seculo, pois militais para Deos. Porque se aquelle, que milita para o Imperador, está prohibido pelas leis Civis de ser procurador de demandas, tratar de negocios forenses, e commerciar; quanto mais se deve abster de toda a negociação quem exercita a milicia da Fé, contentando-se com os fructos do seu pequeno campo, se o tem; se o não tem, com a sua pensão Eccleziastica? Psalm. 36.25. Na verdade he boa testemunha quem diz: *Fui moço, e sou velho; e não vi justo desamparado, nem seus filhos buscando paõ.* Esta he a tranquillidade do animo, e a temperansa, a qual nem se mortifica com o dezejo de adquirir, nam se afflige com o medo de necessitar.

CAPITULO XXXVII

Tanto nas felicidades, como nas adversidades, devemos ter igual prezença de animo: algumas vezes comtudo devemos fugir aos trabalhos.

He tambem virtude a que se chama Izensaõ de afflicções da parte do animo, isto he, a Tranquillidade; a qual faz que nem nas penas sejamos mais abatidos, nem nos gostos mais elevados. E se aquelles, que aconselhaõ para o governo da Republica, daõ estes preceitos, quanto mais nós, que somos chamados para o serviço da Igreja, devemos fazer obras, que agradem a Deos, procurar que appareça em nós a virtude de Christo, e mereçamos louvor do nosso General, e sejaõ os nossos membros armas de justiça, não armas carnaes, em que reine o peccado, mas armas fortes em Deos, com que o peccado se destrua: mortifique-se a nossa carne. para que nella se acabe toda a culpa; e como vivos depois da morte resuscitemos com obras, e costumes novos.

Estas obras da fortaleza tem muito de honesto, e de decóro. Mas como em tudo, o que fazemos, não só examinamos o que he honesto, mas tambem o que he possivel, para que não emprendamos coiza, que não possamos executar: esta he a razãõ, porque no tempo da perseguição quer o Senhor que nos retiremos, ou, para que uze da sua mesma palavra, que *fujamos* de huma cidade para outra Matth. 20.13. cidade, para evitar que, por querer alguem a gloria do martyrio, se não exponha aos perigos, que talvez ou a carne por mais fraca, ou o animo por mais covarde, não possa soffrer, nem tolerar.

CAPITULO XXXVIII

Devemos fortalecer o animo com o exercicio contra os incommodos futuros; e reforsallo com a consideração anticipada: que difficuldades se encontraõ nisto?

Nem por fraqueza deve ninguem ceder, nem por medo do perigo deixar a Fé. Deve preparar-se o animo, exercitar-se o espirito, e affirmar-se na constancia, de sorte, que não possa perturbar-se com nenhuns terrores, quebrar-se com nenhuns trabalhos, fraquear a nenhuns castigos, por meio desta virtude. Estas coizas difficultozamente se soffrem: mas como todas as penas se vencem

com o temor de outras mais graves; se fortalecemos o nosso animo com o bom propozito, assentarmos em nos não apartarmos da razão, e nos propozermos o temor do juizo Divino, os tormentos do castigo eterno, podemos alcançar verdadeira fortaleza.

Ao trabalho pertence aparelharmo-nos deste modo: ao entendimento prever, se pode, com a sua perspicacia, o futuro, e pôr diante dos olhos o que póde succeder; e assentar que deve fazer no cazo que assim succeda: meditar ás vezes dois, ou tres cazos, que lhe parece que possam succeder, ou de per si, ou juntos; e para cada hum, ou junto ou de per si, dispor os remedios, que entende haõ de aproveitar. He obrigação da fortaleza não disfarçar quando alguma coiza ameaça; mas attender, e observar, como de huma atalaia, com o entendimento os sucessos futuros, e acodir-lhes a tempo com providencia, para que não diga depois: Succedeu-me assim; porque não entendi que podia succeder tal. He certo que, se se não advertirem antes as adversidades, de pressa de apossarão de nós. Assim succede na guerra: o inimigo, que nos toma de repente, não o podemos supportar, e facilmente se faz senhor de nós, se nos acha desapercibidos: do mesmo modo as desgraças imprevistas nos quebrantaõ mais.

Matth. 5.8. Consiste pois esta grandeza de alma em duas coizas: primeira-mente exercitando o animo em boas consideraçoens, fazer que elle veja com limpeza de coração o que he verdadeiro, e honesto: *Porque são bem-aventurados os limpos do coração, pois tambem elles mesmos haõ de vêr a Deos:* e sómente julgue bom o que he honesto: em segundo lugar não se perturbar com paixoens algumas; não fluctuar entre nenhuns appetites.

Job. 1.21. Nem isto he coiza, que alguém faça com facilidade. Porque que coiza ha tão difficultoza como desprezar as riquezas, e todos os mais bens, que a muitos parecem grandes, e elevados, olhando para elles, como de hum alto lugar da sabedoria? Que coiza tão difficultoza como estabelecer o proprio juizo em huma razão solida, e desprezar como coizas, que não haõ de aproveitar de nada, as coizas, que temos julgado leves? Que coiza tão difficultoza como, se nos acontecer alguma adversidade, e esta se julgar pezada, e amargoza, soffrermola de sorte, que julguemos que nos não tem acontecido nada superior á natureza; pois temos lido: *Nasci nú; nú hei de sair do mundo: o que o Senhor deu, o Senhor o levou?* Tinha Job perdido os filhos, e os proprios bens. Que coiza tão difficultoza como conservarmos em tudo o character do sabio, e do

justo, como o guardou o mesmo Job, que diz: *Assim como agradou ao Senhor, assim succedeu: seja bemdito o nome do Senhor?* E logo abaixo: *Falaste como humas das mulheres ignorantes: se recebemos bens da mão do Senhor, porque razão não soffreremos os males?* Ibid. 2. 10.

CAPITULO XXXIX

Deve a Fortaleza pelejar contra todos os vícios, principalmente contra a Avareza. Prova-se com o Santo Job.

Naõ he pequena, nem separada das outras virtudes, e tal que peleje contra ellas, a Fortaleza; mas só ella defende o esplendor, e merecimento de todas as mais virtudes, e peleja em batalha insuperavel contra todos os vícios, sendo invencivel nos trabalhos, animoza nos perigos, sevêra contra os deleites, desabrida contra os attractivos, aos quaes não sabe dar ouvidos, nem ainda saudar: despreza o dinheiro, foge da avareza como de peste, que inficiona a virtude; porque não ha nada tão contrario á Fortaleza, como deixar-se vencer com o lucro. Muitas vezes derrotados os inimigos, e posto já o seu exercito em fugida, em quanto o vencedor se prende com os despojos dos que ficam mortos, acabou miseravelmente entre os mesmos, que venceu: e as tropas deixando-se do seu triumpho tornaraõ a chamar contra si o inimigo, que tinha fugido. Pelo que destrua, e abata a Fortaleza humas pestes tão cruéis; não se deixe tentar da cobiça, nem quebrar do medo; porque a virtude he constante em perseguir valerosamente todos os vícios, como seus inimigos: lanse fóra, como com as armas, a ira, que tira o acôrdo; e acautele-se contra ella como contagio. Acautele-se tambem da ambição de gloria, que, sendo buscada com demazia, fez mal muitas vezes; e sendo tomada indevidamente sempre o fez.

Qual destas coizas faltou ao Santo Job na virtude, ou se lhe introduzio com o vicio? De que modo soffreu o trabalho da doensa, da fome, do frio? Como desprezou o perigo da vida? Porventura amontoou riquezas com roubos, tendo com ellas socorrido abundantemente aos necessitados? Porventura despertou-lhe o seu cabedal a avareza, ou a paixão, e dezejo dos deleites? Porventura a injusta guerra dos tres Reis, ainda com afronta dos seus escravos, provocou-o á ira? Porventura emsuberbecceu-o como vaidoso a gloria a elle, que rogava lhe viessem trabalhos, se

jámais ou tinha encoberto a culpa involuntaria, ou tinha respeitado o grande numero do povo, para que não a annunciasse á vista de todos? Porque as virtudes não se conformaõ nunca com os vicios; mas são constantes sempre. Quem teve pois tanta fortaleza, como o Santo Job, a quem se não pode ajuntar segundo; pois he certo não teve igual?

CAPITULO XL

Naõ faltou aos nossos Santos Patriarcas valor militar. Mostra-se com os exemplos dos antigos, principalmente com o de Eleázaro

Mas talvez tem a gloria militar occupado tanto a alguns, que entendem que só nella tem lugar a Fortaleza: e que por isso eu me desviei della para falar no que tenho dito; porque não a havia em os nossos. Quão grande foi a fortaleza de Jozué, que n'hum só batalha lansou por terra sinco Reis cativos juntamente com seus povos: Quando carregava a batalha contra os Gabaonitas, e receava que a noite impedisse a victoria, com grandeza de animo, e de fé bradou: *Pare o Sol*, e parou até a victoria se completar. Gedeão só com trezentos homens triumphou de hum grande povo, e de hum cruel inimigo. Mostrou o Moço Jónathas o seu valor n'hum grande batalha. Que direi dos Macabeus? Mas falarei primeiro dos Israelitas, que estando promptos para pelejar pelo templo de Deos, e pelas suas leis, desafiados no dia do Sabbado por malicia dos inimigos, antes quizeraõ offerecer os corpos descobertos ás feridas, do que pelejar, para não violarem o Sabbado. Assim se offereceraõ todos á morte alegres. Mas os Macabeus considerando que com este exemplo se podia destruir toda a nação, sendo desafiados para a guerra em hum Sabbado, vingaraõ a morte dos irmaons innocentes. Estimulado com isto depois ElRei Antioco, accendendo a guerra por meio dos seus Generaes Lyzias, Nicanor, Gorgias, foi batido de sorte juntamente com as tropas Orientaes, e Assyrias, que ficaraõ no campo 48 000 homens destroçados pelos 3 000, que seguiaõ aos Macabeus.

Vêde o valor do General Judas Macabeu em hum seu unico soldado. Vendo Eleázaro hum elefante maior do que os outros, ornado com divizas Reaes, e entendendo que nelle montava ElRei, lansando-se para o meio da tropa entrou animozamente; e deixando

Josue. 10.5. & seq.

Judic. 7.8. & seq.

1. Reg. 14.1. & seq.

1. Mach. 2. 35. & seq.

1. Mach. 6.43. & seq.

o escudo, começou a ferir com huma, e outra mão até chegar á fera; e metendo-se debaixo della, atravessando-a pelo ventre com a espada, a matou: cahindo morta esmagou Eleázaro, e ahi acabou a vida. Que grande valor de animo! Primeiramente não temeu a morte: além disto cercado das tropas inimigas, rompia por entre os inimigos formados, atravessava o centro do exercito, e mais feroz desprezando a morte, lansando fóra o escudo, tomava sobre si o pezo da fera, a que feria com huma, e outra mão depois mettendo-se debaixo della para que a ferisse com golpe mais seguro, antes encerrado, do que abatido na ruina, ficou sepultado no proprio triunfo.

Nem enganou a este grande homem o seu juizo, posto que o enganasse a diviza, e insignias Reaes: porque os inimigos assombrados com a vista de valor tão singular, não se atrevendo a accommettello, nem ainda sem escudo, e opprimido, depois de ter cahido em terra a fera, tremeraõ de sorte, que todos se julgaraõ desiguaes ao valor deste unico homem. ElRei Antíoco pupillo de Lyzias, que tinha vindo com 120 000 homens, e 32 elefantes tão monstruozos, que apparecendo o Sol por sima de cada hum delles, como de montes, brilhava com o esplendor das armas, como tochas ardentes, aterrado com o esforso daquelle só homem, pedio a paz. Assim deixou Eleázaro a paz como herdeira do seu valor. Mas isto quanto aos triunfos.

CAPITULO XLI

Louva-se a grandeza de animo de Judas, e de Jónathas: e mostra-se a constancia dos Martyres, a qual não he a menor parte da Fortaleza.

Mas porque a fortaleza não se prova sómente na boa fortuna, mas tambem na adversa; vejamos agora o fim do Santo Judas Macabeu. Tendo este vencido a Nicanor General d'ElRei Demetrio, mais animozo contra vinte mil do exercito Real, começou a guerra só com nove centos homens: querendo estes retirar-se, para que não os cortasse o maior numero dos inimigos, aconsellhou-os que antes quizessem morte glorioza, do que vergonhoza fugida: *Naõ deixemos, lhes dizia elle, hum crime á nossa gloria.* Assim commettida a batalha, tendo-se pelejado desde o romper do dia até á tarde, atacando o lado direito, onde conheceu que estava a maior forsa dos inimigos, facilmente os fez retirar. Mas seguindo-os

1. Mach. 9.8.
& seq.

na fugida deu lugar a que o ferissem pela rectaguarda; e deste modo alcançou lugar de morte mais glorioso, do que os triunfos.

Para que ajuntarei com este seu irmão Jónathas, o qual pelejando com pequena tropa contr2 os exercitos Reaes, tendo sido desamparado pelos seus, e deixado sómente com dois, renovou a guerra, bateu o inimigo, trouxe para acompanharem o triumpho os seus, que fugião todos?

Aqui tendes a fortaleza militar, em a qual se vê huma nobre imagem do honesto, e do decóro, porque prefere a morte á escravidão, e á torpeza. Mas que direi eu do que padecerão os martyres? E por não buscar outro exemplo, os Moços Macabeus não alcançaraõ do suberbo Rei Antioco menores triunfos, do que seus proprios pais: elles venceraõ armados, estes sem armas. Esteve firme a invencivel companhia dos sete Moços, cercada das tropas Reaes: fraqueçaraõ os castigos, desfaleçeraõ os algozes, não desmaiaraõ os martyres. Esfolada deshumanamente a cabeça a hum delles, perdera a figura; mas era dobrado o valor. Manda-se a outro tire fóra a lingua, para que se corte, responde logo: *O Senhor não só ouve os que falaõ, tambem envia a Moizés sem falar.* Melhor ouve os occultos pensamentos dos seus, do que as vozes de todos. Temes o açoite da lingua; não temes o do sangue? Tambem o sangue tem sua voz, com que a Deos clama, como clamou em Abel.

Que hei de dizer da mãe, que estava alegre achando tantas mortes dos filhos, quantos triunfos; e se consolava com as vozes dos que morrião, como com canticos de suave muzica, vendo nos mesmos filhos o formozissimo instrumento, que se tinha formado no seu peito, e a harmonia da sua piedade mais suave, do que a de todos os instrumentos mais bem ajustados?

Que hei de dizer dos Santos Innocentes, que alcançaraõ a palma da victoria, antes que tivessem o sentimento da natureza? Que de Santa Ignês Virgem, que posta no perigo de dois bens preciozissimos, a castidade, e a vida, salvou a castidade, e trocou pela immortalidade a vida?

Não nos esqueçamos de S. Lourenço, que, vendo que era levado ao martyrio o seu Bispo S. Xisto, começou a chorar, não porque o via padecer, mas porque ficava sem padecer elle. Começa a falar-lhe com estas palavras: Aonde hides, Santo Pai, sem o vosso filho? aonde vos apressais, Sacerdote Santo, sem o vosso Diácono? Vós não costumaveis offerecer nunca sacrificio sem ministro. Ora que vos desagradou em mim, Pai meu! Achastes porventura que eu

2. Mach. 7. 1.
& seq.

Exod. 14.15.
Gen. 4.10.

2. Mach. 7.20
& seq.

Gen. 22.9.

degenerasse? Experimentai se escolhestes em mim ministro idóneo. A'quelle, a quem entregastes o repartir o consagrado sangue do Senhor, áquelle, a quem concedestes a companhia em distribuir os Sacramentos, a este negais agora a companhia do vosso sangue? Olhai não arrisqueis o vosso credito, em quanto he louvada a vossa fortaleza. O desprezar o discipulo diminue a boa opiniaõ do Mestre. Que? não vencem illustres, e distinctos homens nas contendas dos discipulos como proprias? Abraham offereceu seu Gen. 22.9. filho; Pedro mandou Estevão adiante: tambem vós, Santo Padre, Act. 7.57. mostrai o vosso valor no vosso filho; offerecei aquelle, que instruistes, para que descansado da vossa escolha, chegueis á coroa com huma nobre companhia.

Diz-lhe entaõ o Santo Bispo: Eu não te deixo, filho, nem desamparo; mas a ti devem-se batalhas maiores. Nós como velhos temos a carreira de huma batalha menos custoza: a ti como moço espera-te mais gloriozo triumpho do tyranno. Logo has de vir; não chores; segui-mehas depois de tres dias. Entre o Bispo, e o Diácono he bem que medêe este numero. Não era coiza propria de ti venceres com o Mestre, como se buscasses ajudador. Para que pertendes acompanhar-me no martyrio? Eu te deixo toda a heransa d'elle. Para que queres a minha prezença? Vaõ diante do Mestre os discipulos fracos; os fortes vaõ depois d'elle, para que vensão sem mestre, como quem já não necessita de ensino. Assim deixou Elias a Elizeu. Eu te entrego a successão do meu valor.

Tal era certamente a contenda, digna na verdade de sobre ella disputarem hum Bispo, e hum Diácono, qual padeceria primeiro pelo nome de Christo. Conta-se nas Tragedias fabulozas, que se levantaraõ no theatro grandes vivas quando Pylades dizia que era Oréstes, e Oréstes affirmava que o era elle: aquelle o fazia para morrer por Oréstes; Oréstes para não consentir que por elle morresse Pylades. Não deviaõ viver; porque hum, e outro era réo de parricidio; hum, porque o tinha feito; outro, porque tinha ajudado. Aqui nada obrigava S. Lourenso a tal excesso, senão o amor da piedade: e elle mesmo passados tres dias, posto sobre as grelhas, depois de ter zombado do tyranno, diz: *Está assado; volta, e come.* Desta sorte com o valor do animo vencia o poder do fogo.

CAPITULO XLII

*Não se devem irriar os animos dos ministros Gentios:
nem dar ouvidos á lizonja.*

Julgo que tambem deve haver cautela em que não se offendaõ atrevidamente os ministros Gentios por alguns, que se deixaõ levar do demaziado dezejo de gloria; nem se provoquem os animos dos mesmos ministros, que já estaõ contra nós, para quererem a perseguição; nem os inflammem para a ira. Desta sorte, posto que possaõ perseverar, e vencer es castigos, quantos fazem morrer?

Devemos tambem ter cuidado em não darmos ouvidos a lizonjeiros. Porque deixar-se levar da lizonja, não só não he fortaleza, mas covardia.

CAPITULO XLIII

Da Temperansa, e das suas principaes partes, Tranquillidade, e Moderação do animo: Cuidado do Honesto, e consideração do Decóro

Ja que temos falado das tres virtudes, resta falarmos da quarta, que se chama Temperansa, ou Moderação: nella principalmente se olha, e busca a Tranquillidade do animo, o estudo da Mansidaõ, a formozura da Modestia, o cuidado do Honesto, a consideração do Decóro.

Devemos depois seguir huma certa ordem na vida, de sorte, que os primeiros fundamentos se deduzão da modestia, a qual he companheira, e familiar do socego de animo, inimiga do atrevimento, alheia de todo o luxo, e por isso estima a sobriedade, louva o Honesto, e ama o Decóro.

Segue-se agora a escolha das pessoas para a communicação: e a regra he, que nos ajuntemos aos que forem mais bem approvados entre os velhos. Porque assim como he mais gostosa a communicação dos iguaes na idade, assim he mais segura a dos velhos, que com a sua doutrina, e direcção da vida dá boa côr aos costumes dos moços, e es tinge, pelo dizer assim, com a rica purpura da virtude. Se aquelles, que são ignorantes dos lugares, gostãõ de se metter á estrada com os que sabem os caminhos; quanto mais devem os moços entrar com os velhos em o caminho da vida

que para elles he novo para que assim possam errar menos e nunca desviar-se do verdadeiro caminho da virtude? Porque não ha nada mais excellente do que ter os mesmos por Mestres, e testemunhas da propria vida.

Devemos examinar tambem em todas as acções, que convenha ás pessoas, aos tempos, ás idades, e que seja accommodado aos genios de cada hum. Porque muitas vezes o que a hum está bem, não o está a outro. Huma coiza he propria de hum moço, outra de hum velho: huma coiza convém aos perigos, outra ás felicidades.

Dansou David diante da Arca do Senhor: não dansou Samuel 1. Reg. 6.14. nem por isso David foi reprehendido; e Samuel foi louvado. Ibid. 21.13. Mudou de semblante diante de ElRei Achís: mas se tivesse feito isto sem ter medo, de nenhum modo se tivera podido livrar da nota de leveza. Estando Saúl cercado do côro dos Profetas, tambem cantou; e só d'elle como indigno se disse: *Tambem Saúl entre os Profetas!* Ibid. 19.24.

CAPITULO XLIV

Deve cada hum estudar as Obrigações proprias: muitos o não fazem, imitando os estudos de seus pais: pelo contrario o fazem os Ecclesiasticos.

Deve cada hum conhecer o seu genio, e applicar-se áquillo, que julgar que lhe he accommodado. Assim considere primeiro o que ha de seguir. Conheça as coizas boas, que tem; mas conheça tambem os seus vicios; e seja recto juiz de si mesmo, para que aperfeiçoe as coizas boas, e fuja dos vicios.

Hum he mais proprio para ler bem, outro mais accommodado para cantar; outro mais solícito para exorcizar os que são atormentados do espirito mau; outro em fim he mais apto para o cuidado da sacristia. Considere o Bispo tudo isto, e assigne a cada hum aquelle officio, que lhe for proprio. Porque aquillo, para onde leva o genio a cada hum, e aquella obrigação, que fica decente, esta se cumpre com maior gosto, e perfeição.

Mas sendo isto difficultozo em toda a vida, he difficultozissimo em a Ecclesiastica; pois cada hum gosta de seguir a vida de seus pais. Inclinaõ-se muitos para a milicia; porque seus pais militaraõ: outros se inclinaõ para diversos generos de vida.

Mas no ministerio Ecclesiastico não ha coiza mais rara, do que achar quem siga a vida de seu pai espiritual; ou porque o desanima

o pezo do trabalho, ou porque na idade arriscada he mais difficultoza a abstinencia; ou porque a hum moço vivo, e desembaraçado parece mais obscura esta vida: e por isso abração aquelles exercicios, que julgão mais plauziveis. Porque são mais os que preferem o presente, do que os que preferem o futuro. Elles militaõ para o presente, nós para o futuro. Pelo que quanto mais nobre he a cauza, tanto mais attento deve ser o nosso cuidado.

CAPITULO XLV

Da Formozura, e do Honesto. Que differença ha entre huma coiza, e outra, assim nos Auctores Sagrados, como nos Profanos

Conservemos pois o pejo, e a modestia, que faz sobresahir a perfeição de toda a vida. Não he pouco observar moderação em todas as coizas, e guardar boa ordem: em o que certamente resplan-dece o que se chama Decóro, que he taõ unido com o Honesto, que se não pode separar d'elle. Pois he certo que o que está bem, he honesto; e o que he honesto está bem; de sorte que mais se acha distincção nas palavras, do que differença na virtude. Pode conhecer-se que estas coizas se differensão entre si; mas não se pode explicar.

E para que procuremos descobrir alguma differença: o Honesto he como a boa saude, e vigor do corpo; o Decóro he, pelo dizer assim, a sua graça, e formozura. Pelo que assim como a formozura parece que somente brilha na saude, e vigor do corpo, e sem estas duas coizas não pode estar, nem se pode separar dellas de nenhum modo; pois sem boa saude, nem formozura, nem graça pode haver; da mesma sorte o Honesto contém em si o decóro, de sorte que parece que d'elle nasce este, e sem elle não pode subsistir. He o Honesto, se o posso dizer assim, a saude de todas as nossas obras, e acçoens; e o decóro he a apparencia exterior, que estando juntamente misturada com elle, só pelo entendimento he que se distingue. Porque ainda que em algum cazo pareça que sobresahe mais, comtudo sempre nasce na raiz do Honesto, mas como primeira flor, que sem elle descahe, com elle reverdece. Na verdade que outra coiza he o Honesto, se não fugir da torpeza como da morte? Que he contrario ao Honesto, senão aquillo, que traz consigo extincção, e morte? Assim em quanto está viçosa a substancia da virtude, brilha o decóro como flor; porque está

illeza a raiz: mas todas as vezes, que a raiz da virtude se corrompe, nada floresce, nem fructifica.

Ora isto temos nós mais expressamente em os nossos Escriitores Sagrados. Diz David: *Reinou o Senhor; vestio o Decóro.* E diz o Psalm. 92.1. Apostolo: *Andai conforme o Honesto, como de dia;* o que os Gregos Rom. 13.13. dizem com palavra, que significa com bom habito, com bom exterior. Quando Deos creou o primeiro homem, formou-o com bom habito, boa conformação de membros, e lhe deu excellente figura exterior. Não lhe deu o perdão das culpas, mas renovou-o depois em espirito, e lhe infundio graça o mesmo Senhor, que viera em figura de servo; e com a natureza de homem tomou para si o Decóro da redempção dos homens. Por isso disse o Profeta: Psalm. 64.2. *Reinou o Senhor; vestio o Decóro.* Em outra parte tambem diz: *A ti, ó Deos, he Decóro o hymno em Siaõ,* isto he, he Honesto que te temamos, que te amemos, que te roguemos, que te honremos; pois está escrito: *Façã-se todas as vossas coizas conforme o Honesto.* 1. Cor.14.40. Podemos temer, amar, rogar, e honrar ao homem; mas hymno especialmente só a Deos se diz. Devemos ter por coiza mais excellente, que as outras, o Decóro, que offerecemos a Deos. Convém que a mulher ore com habito decente; mas com especialidade pede o decóro que ore coberta com o veio, e promettendo castidade 1. Tim. 2.9. & 10. em vida santa, e ajustada.

CAPITULO XLVI

Duas divizoens do Decóro: mostra-se que o Honesto he conforme a natureza; e que o contrario se deve julgar torpe: illustra-se esta divizaõ com exemplos.

He pois Decóro o que sobresahe, e brilha mais: delle temos duas divizoens. Ha hum Decóro quazi geral, que se espalha por todo o Honesto, e se está vendo quazi em todo o corpo: ha outro especial: este brilha primeiramente em alguma parte. O geral he como quem tem a figura igual, e toda do Honesto, que apparece em toda a sua acção; pois toda a sua vida se conforma comsigo, nem discrepa em coiza alguma: o especial he quando tem alguma acção, que mais se distingue nas suas virtudes.

Tambem se deve advertir que he decóro viver conforme a natureza; e he contra o decóro o que he contra a natureza. Diz o Apostolo como quem pergunta: *He decóro que a mulher faça oração*

1. Cor. 11.13. *a Deos sem estar coberta com véo? Nem a mesma natureza vos ensina que o homem certamente, se tem cabelo, he ignominia para elle, porque he contra a natureza? E diz mais: A mulher porém se tiver cabelo, he gloria para ella.* Porque he conforme á natureza; pois os cabelos servem de véo; quero dizer, são véo natural. A natureza mesma nos dá a figura, e imagem, que devemos guardar: e praza a Deos que possamos guardar a sua innocencia; nem a nossa malicia a mude, tendo-a recebido.

Temos o decóro geral: pois o Senhor creou a formozura deste mundo. Temo-lo tambem por partes; pois creando Deos a luz, e separando o dia, e a noite, formando o Ceo, separando a terra, e o mar, pondo o Sol, e a Lua, e as estrellas para luzirem sobre a terra, approvou cada humas destas coizas de per si. Assim este Decóro, que resplandecia em cada humas das partes do mundo, resplandeceu em o todo, como diz a Sabedoria: *Eu era a quem applaudia... quando se alegrava acabado o mundo.* Da mesma sorte tambem na fabrica do corpo humano he agradavel a formozura, e proporção de cada membro: mas dá maior gosto ver toda a boa conformação dos membros; porque deste modo parece que tudo he proporcionado, e concorda entre si.

Gen. 13. &
seq.

Prov. 8.30. &
31.

CAPITULO XLVII

Que devemos fazer, e que appetites devemos reprimir para que na nossa vida haja este Decóro

Pelo que se alguem observar igualdade em toda a vida, e regra em cada humas das acçoens, ordem, constancia, e moderação nas palavras, e nas obras, resplandece na sua vida este decóro, e brilha como em hum espelho.

Comtudo he necessario que haja suavidade nas palavras, para conciliarmos o affecto de quem nos ouve, e sermos agradaveis aos nossos amigos, ou Cidaãos, ou, se pode ser, a todos. Nem mostremos que somos lizonjeiros, nem queiramos que nos lizonjeem; porque a primeira destas duas coizas he malicia, a segunda vaidade.

Naõ desprezemos o conceito, que os outros fazem de nós, e maiormente o que fazem os homens virtuosos. Porque deste modo aprendemos a respeitar os bons. E desprezar o conceito dos bons,

ou he arrogancia, ou soltura; e a primeira destas coizas se attribue a suberba, a segunda a negligencia.

Tenhamos cuidado com as paixões do nosso animo; porque elle he quem deve attender, e olhar por si; e assim como deve estar prevenido contra si mesmo, assim tambem se deve defender de si mesmo. Ha paixões, nas quaes ha hum movimento, que rompe com certo impeto, e sahe com huma forza repentina. Nestas ha huma forza do animo, e da natureza, que não he pequena: esta forza he de dois modos; huma consiste no appetite, outra na razão, que refreia o mesmo appetite, e o faz obedecer, e o leva para onde quer; e como com diligente cuidado lhe ensina que deva fazer, que deva evitar, obedecendo a quem justamente o sujeita.

Devemos ter o maior cuidado em não fazermos nada temeraria, nem descuidadamente, ou de que absolutamente não possamos dar razão provavel; porque ainda que nem a todos damos razão das nossas acções, com tudo isso todos as examinaõ: nem temos com que nos possamos desculpar. Porque ainda que em todo o appetite haja huma certa forza da natureza; comtudo o mesmo appetite por lei da mesma natureza he sujeito á razão, e lhe obedece. Pelo que o bom especulador deve dispor de sorte o animo, que nem o appetite vá diante da razão, nem a deixe; para que indo-lhe diante a não perturbe, nem aparte; e deixando-a, a perca. O perturbar-se tira a constancia, o fraquear mostra covardia, denota frouxidão. Perturbado o animo, espalha-se mais ao largo, e por mais longe o appetite; e partindo com furiozo impeto, não admite o freio da razão, nem sente o governo de quem toma as redeas para o poder guiar. Donde vem que muitas vezes não só se descompoem o animo, se perde a razão; mas tambem se inflamma o rosto, ou com a ira, ou com a paixão; se faz pallido com o medo, não cabe em si de gosto, e se inquieta com a alegria demaziada.

Quando assim acontece, perde-se a natural auctoridade, e gravidade de costumes, nem se pode guardar a constancia, que he quem nas acções, e nos conselhos só pode conservar o respeito, e o que he decóro.

He maior a paixão, que se accende com a demaziada ira, do que aquella, que se nos excita ordinariamente com a pena da afronta, que recebemos. Sobre isto nos instruem bastantemente os preceitos do Psalmo, que puz em o Prologo desta Escritura. Succedeu felismente que querendo eu escrever das Obrigações, me servi da

prova, que aproveitava tambem para a doutrina das mesmas Obrigaçoens.

Mas porque assim toquei levemente o modo, por que cada hum de nós pode evitar não se indignar com a injuria, que se lhe faz (porque receei que o Prologo fosse hum pouco mais dilatado) parece-me que devo agora tractar mais extensamente da mesma materia: não he improprio falando na temperansa dizer de que modo se deve reprimir a ira.

CAPITULO XLVII

Repete a doutrina de reprimir a ira, e assigna tres graus de pessoas, que soffrem injurias: ao mais perfeito delles subio o Apostolo, e David. Toca de passagem algumas differensas entre a vida presente, e a futura.

Ora quero mostrar tres generos de pessoas, que soffrem injurias; e o farei ver nas Divinas Escrituras. O primeiro he daquellas, a quem o peccador insulta, affronta, scandaliza; a estas como lhes falta a justiça, cresce o pejo, augmenta-se a dor: similhantes a estas ha muitas da minha ordem, do meu Estado. Se a mim, que sou fraco, alguem me fizer injuria, talvez que, ainda que sou fraco, lhe perdoe a injuria, que me faz. Se me accusar de hum crime, não tenho tanta forsa, que me contente com a propria consciencia, ainda que saiba que estou livre do que me accusaõ; mas como fraco dezejo lavar a nodoa, que se fez á minha modestia. Pelo que quero que se arranquem olhos por olhos, e dente por dente, como a Escritura diz, e compenso huma afronta com outra.

Se sou homem, que vou aproveitando, posto que não seja ainda perfeito, não volto a afronta contra quem me afrontou: e ainda que elle dobre os opprobrios, e me carregue os ouvidos de ignomias, calo-me, e não respondo. Mas se sou perfeito (digo o assim por exemplo, porque na verdade sou imperfeito) se sou perfeito, torno a dizer, abensoo a quem me amaldiçoa, como abensoava

1 Cor. 4.12.

Matth. 5.44.

S. Paulo, que diz: *Sou amaldiçoado, e abensão*. Tinha ouvido ao Senhor: *Amai aos vossos inimigos, orai pelos que vos calunhaõ, e perseguem*. Soffria Paulo, e tolerava a perseguiçaõ; porque vencia, e mitigava a paixãõ humana com o beneficio do premio promettido; para ser filho de Deos, tendo amado ao inimigo.

Comtudo podemos dizer que o Santo David tambem neste genero de virtude foi igual a S. Paulo. Quando o filho de Semei o amaldiçoava, e o accusava de crimes, calava-se, e se humilhava, e guardava silencio por cauza das suas boas obras, e conhecimento, que tinha dellas: estimava que o amaldiçoassem; porque com aquella maldição adquiria a Divina misericordia. 2. Reg. 16.7. & seq. Psalm. 38.3.

Ora vêde como conservou a humildade, e a justiça, e a prudencia para alcansar do Senhor a graça. Disse primeiramente: *Amaldiçôa-me, porque o Senhor lhe disse que me amaldiçoe.* Aqui temos a humildade, porque julgava que devia soffrer como servo com paciencia as coizas, que são mandadas por Deos. Disse tambem: *Eis alli o meu filho, que sahio das minhas entranhas, busca a minha alma.* Aqui temos a justiça; porque se da parte dos nossos soffremos coizas tão graves, porque levamos a mal as coizas, que nos fazem os estranhos? Ultimamente diz: *Deixa-o que amaldiçoe; porque o Senhor lho disse; para que veja a minha humiliação; e o Senhor por esta maldição me dê a paga.* Nem só o soffreu em quanto o affrontava; mas até quando o apedrejava, e o hia seguindo, o deixou hir illezo: ainda fez mais; pedindo-lhe elle perdao depois da victoria, de boa vontade lhe perdoou. 2. Reg. 16.10. Ibid. 11. Ibid. 12. Ibid. 19.22.

Escrevi isto para mostrar que o Santo David com espirito Evangelico não só não offendeu, mas até foi agradecido a quem o affrontava; e mais se tinha consolado, do que impacientado, com as injurias, pelas quaes conhecia que se lhe havia de dar premio. Mas comtudo supposto que era perfeito, ainda buscava coizas mais perfeitas. Irava-se com a magoa da injuria, como homem; mas vencia como bom soldado, tolerava como atleta valerozo. O fim da paciencia era a esperansa das promessas, e por isso dizia: *Fazei-me conhecido, Senhor, o meu fim, e o numero dos meus dias qual he, para que saiba o que me falta.* Procura o fim das promessas celestiaes, ou o fim, que ha de chegar, quando cada hum resusitar na sua ordem: *As primicias he Christo: depois aquelles, que são de Christo, que cresaõ na sua vinda; depois o fim.* Porque entregue o Reino a Deos, e ao Padre, e destruidos todos os poderes, como disse o Apostolo, começa a perfeição. Aqui está pois o embaraço, aqui a enfermidade ainda dos perfeitos: alli huma perfeição completa. Busca os dias da vida eterna, que existem, não os que passaõ, para conhecer o que lhe falta: qual seja a terra da promissaõ, que dá perpetuos fructos; qual he a primeira morada diante do Padre, Psalm. 38.5. 1. Cor. 15.23.

qual a segunda, qual a terceira, em que descansará cada hum conforme os merecimentos.

Hebr. 10.1. & seq. Devemos pois procurar as coizas, em que ha perfeição, em que ha verdade. Aqui está a sombra, aqui a imagem, lá a verdade: a sombra em a Lei, a imagem no Evangelho, a verdade nas coizas Celestiaes. D'antes offerencia-se hum cordeiro, offerencia se hum novillo: agora offerece-se Christo. Mas offerece-se como homem, como quem padeceu; e offerece-se como Sacerdote para perdoar os nossos peccados: aqui em imagem; alli em verdade, onde está como se fosse nosso advogado diante de seu Pai. Aqui andamos em imagem, vemos em imagem: alli vemos face a face, onde ha perfeição completa; porque toda a perfeição consiste na verdade.

CAPITULO XLIX

Devemos guardar em nós a imagem das virtudes: riscar a do demonio, e dos vicios; e principalmente da avareza, a qual nos tira a liberdade, e nos despoja da imagem de Deos, perturbando-nos com as vaidades.

Pelo que em quanto aqui estamos, guardemos a imagem, para que cheguemos á verdade. Haja em nós imagem da justiça, imagem da sabedoria; porque chegar-se-ha áquelle dia, e seremos avaliados conforme a imagem estiver em nós.

Joan. 14.30. Não ache então em nós o inimigo a sua imagem, não ache a raiva, não ache o furor; porque nisto he que está a imagem da maldade. O Demonio nosso inimigo, rugindo como leão, busca quem mate, quem devóre. Não ache em nós cubiça de ouro, avareza de prata, imagens dos vicios; para que nos não tire a voz da liberdade. Voz de liberdade he podermos dizer: *Virá o Principe deste mundo, e nada achará em mim.* Pelo que se estás seguro de que em ti não achará nada quando vier a examinar, dirás o que disse o Patriarca Gen. 31.32. Jacob a Labão: *Examina se ha em meu poder alguma coiza das tuas.* Bemaventurado com razão foi Jacob, em poder de quem não poude Labão achar nada seu! Tinha Rachel escondido as estatuas dos seus idolos, as de prata, e as de ouro.

Psal. 39.5. Assim se a sabedoria, se a fé, se o desprêzo do seculo, se a graça esconder em ti toda a infidelidade, serás bemaventurado, pois não olhas para as vaidades, e loucuras falsas. Porventura he pouco tolher a fala ao inimigo para que não possa ter auctoridade para te

accuzar? Quem não olha para as vaidades, não se perturba; quem olha para ellas he quem se perturba, e certamente bem de balde. Porque que he o ajuntar cabedaes, senão vaidade; pois buscar coizas caducas he coiza assás vãa? Demos que as tenhas ajuntado; como sabes se porventura te seja licito possuillas?

Naõ he porventura vaidade caminhar o mercador noites, e dias para augmentar thezouros, para ajuntar fazendas, para se inquietar sobre o custo dellas, para que não as venda por menos do que as comprou, para que averigue o preço, que corre em cada terra, e de repente ou desperte os ladroens contra si com a inveja do seu negocio affamado; ou não esperando monsoens mais favoraveis, em quanto só procura os lucros, faça naufragio, porque não soffre a demora?

Porventura não se perturba tambem com vaidade aquelle, que amontôa cabedaes com grande trabalho, os quaes não sabe a que herdeiro os ha de deixar? Muitas vezes succede que aquillo, que o avarento andou ajuntando com grande cuidado, o herdeiro estragado o destroe com huma profuzaõ desacordada: e o que se ganhou em muitos annos, consome de huma vez o glutaõ desordenado, não olhando para o presente, descuidando-se do futuro. Muitas vezes tambem o herdeiro, que se espera, adquirindo a heransa, adquire inveja com ella, e com a sua morte apressada passa brevemente para os estranhos a mesma heransa, que adquirio.

Ora qual he a razaõ, porque de balde armas hum laço fragil, inutil, e sem fructo, e lansas fracas redes com esses cabedaes inuteis, que, ainda que vão correndo, de nada aproveiteõ; antes, a dizer a verdade te despem da imagem de Deos. e te imprimem a imagem do que he terreno? Se alguem tiver a imagem de hum tyranno, não ficará exposto a ser condemnado? Tu poens de parte a imagem do Principe eterno, e em ti levantas a imagem da morte. Lansa fóra da cidade da tua alma a imagem do demonio, e levanta nella a imagem de Christo. Esta, que he quem desfaz as imagens dos vicios, resplandeça em ti, resplandeça na tua cidade, isto he, na tua alma. Sobre isto diz David: *Senhor, reduzireis a nada as imagens delles na vossa cidade.* Quando o Senhor debuxar Jerusalém conforme a sua imagem, então se desfará toda a imagem dos inimigos.

Psalm. 2.20.

CAPITULO L

Os Ministros da Igreja devem fugir muito dos appetites terrenos. Quaes sejam as virtudes dos mesmos Ministros, ensina o Apostolo, e quão grande deve ser a sua castidade. Qual he a sua dignidade, e Obrigaçoens, para que são necessarias as primeiras virtudes. Não ignorarão estas os Filozofos; mas errarão na sua ordem. Ha algumas coizas, que naturalmente são obrigaçoens; mas por cauza das circumstancias vem a ser contra ellas: donde se vê que dotes requer a dignidade dos Ministros da Igreja. Segue-se a expozição da bensaõ, que Moyzês deu á Tribu dos Levitas.

Mas se no Evangelho do Senhor até o mesmo Povo se instrue, e ensina a desprezar as riquezas, quanto mais he justo que vós, Ministros da Igreja, vos não prendais com os appetites terrenos, vós, cuja heransa he Deos? Quando Moyzes dividio pelo Povo as terras ganhadas, exceptuou o Senhor os Levitas da communicação destas terras; porque o mesmo Senhor era a sua heransa. Por isso diz David: O Senhor he parte da minha heransa, e do meu calix. Assim lhe dá o nome de meu mesmo Levita, ou elle mesmo por mim. He grande a sua dignidade, tanto, que della diz o Senhor: *Elle mesmo he meu:* ou tambem como disse a Pedro ácerca da moeda, que se achou na boca do peixe: *Darlha-has por mim, e por ti.* Pelo que tendo dito o Apostolo que o Bispo devia ser sobrio, casto, ornado, benigno em hospedar, docil, não avarento, não amigo de demandas, bem governado em sua caza. accrescentou: *Similhantemente convém que os Diaconos sejam graves, não de duas linguas, não entregues a muito vinho, não amigos de ganho torpe; que tenham o mysterio da Fé em consciencia pura.* Sejam estes primeiro approvados, e ministrem assim, não tendo crime algum.

Bem vemos quantas são as coizas, que se requerem em nós: que o Ministro do Senhor se abstenha de vinho, que tenha bom testemunho a seu favor, não só da parte dos Fiéis, mas tambem dos que estão de fóra, ou dos Infieis; pois está bem que a opiniaõ publica seja testemunha das nossas obras, e acçoens, para que se não desacredite o ministerio; de sorte, que quem vê o Ministro do Altar ornado com as virtudes, que lhe são proprias, engrandeça o Auctor dellas, e venere o Senhor, que tem taes servos. Porque o louvor do Senhor está onde a heransa he pura, e a doutrina da familia innocente.

Que hei de dizer ácerca da castidade, ao mesmo tempo que vejo que só se permite hum unico matrimonio*, nem se pode repetir? No mesmo casamento he lei não o repetir, nem procurar vinculo de segunda espoza. O que a muitos parece admiravel he, qual he a razão porque ainda antes do Baptismo he impedimento para a eleição do estado, e dignidade da Ordem o matrimonio repetido; ao mesmo tempo que os delictos não costumão prejudicar, se acaso se lavaraõ com o Sacramento do Baptismo*? Devemos entender que com o Baptismo se perdoa a culpa; mas a lei não se pode acabar. Assim no Matrimonio não se olha a culpa, mas olha-se a lei: o que pertence á culpa perdoa-se no Baptismo; o que he lei a respeito do Matrimonio conserva-se. Ora como pode ser que exhorte para a viuvez hum homem, que tem repetido os matrimonios?

Bem vêdes que o vosso ministerio se deve mostrar inculpavel, e sem macula, nem se deve violar com o vinculo do Matrimonio*, já que tendes recebido em hum corpo illezo, com modestia incorrupta, e até apartados do vinculo conjugal, a graça do Sagrado Ministerio. Não deixei de tocar nisto; porque em algumas terras mais retiradas succede que alguns sendo Diáconos e talvez sacerdotes cazaraõ; e querem defender isto com o uzo da lei Antiga, quando o sacrificio se celebrava com intervallo de dias; e mais comtudo isso sempre dois, ou tres dias se purificava o Povo para chegar puro ao sacrificio, como lemos no Testamento Velho; e lavavaõ as suas vestiduras. Ora se na figura havia taõ exacta observancia, quanta deve haver no figurado? Aprende, ó Sacerdote, e Ministro da Igreja, o que he lavar as tuas vestiduras, para que conserves o corpo limpo, e puro para celebrar os Sacramentos. Se o Povo Israelitico sem lavar as suas vestiduras não podia chegar á sua victima: tu, sem lavares, nem a alma, nem o corpo, atreves-te a supplicar pelos outros, ministrar aos outros? Exod. 9.12.

* O Santo Doutor o que quer dizer he o mesmo, que a Igreja requereu sempre nos seus Ministros, conforme o preceito do Apostolo S. Paulo dado a Timoteo, e a Tito; isto he, que não sejaõ bigamos, ou tenhaõ cazado segunda vez. A bigamia foi sempre desde os primeiros seculos impedimento para as Ordens Sacras.

* Foi questaõ entre muitos Santos Padres se aquelle, que tinha sido cazado antes do Baptismo, e depois de Baptizado tornou a cazar, era bigamo, ou não. S. Jeronymo negava: o nosso S. Doutor affirmava, como aqui vemos; e esta foi a opiniaõ, que no Occidente seguiu depois o Papa S. Innocencio, e o Papa S. Leaõ Magno.

* Este lugar he evidente a favor da continencia Clerical; não impoem nelle o Santo Bispo novo jugo aos Clerigos; mas dá hum testemunho do costume estabelecido, e inveterado na Igreja.

Num. 3.12. &
13.

Naõ he coiza pequena o officio dos Ministros da Igreja; delles diz o Senhor: *Eisaqui escolho Levitas do meio dos filhos de Israel, por todo o primogenito, que nasce entre os filhos de Israel: os resgates delles seraõ estes, e seraõ Levitas para mim; porque para mim santifiquei o primogenito na terra do Egypto.* Bem sabemos que os Levitas se naõ contaõ entre os mais, mas saõ preferidos a todos; pois d'entre todos se escolhem, e se santificaõ, como primogenitos, e primicias dos fructos, as quaes se destinaõ para o Senhcr. nas quaes consiste o cumprimento dos votos, e o resgate dos peccados. *Naõ os receberás,* diz o Senhor, *entre os filhos de Israel; mas porás os Levitas no tabernaculo do testemunho, e em todos os seus vazos, e em todas as coizas, que estaõ nelle. Tirem elles o tabernaculo, e todos os seus vazos, e elles mesmos ministrem nelle, e ao rodór do tabernaculo ponhaõ elles mesmos os arraiaes, e ao hir andando, os mesmos Levitas deponhaõ o tabernaculo: e assentando os arraiaes, elles mesmos tambem assentem o mesmo tabernaculo. Qualquer estranho, que chegar, morra certamente.*

Num. 1.49. &
seq.

Ora he certo que tu foste escolhido de todo o numero dos filhos de Israel, avaliado por primogenito entre os Sagrados fructos, posto para vigiar no tabernaculo, para trabalhar nos arraiaes da santidade, e da Fé, aos quaes se chegar algum estranho, morrerá certamente; tambem estás posto para defenderes a Arca do Testamento. Porque nem todos vêm a alteza dos mysterios; porque os Levitas os encobrem, para que naõ vejaõ os que naõ devem ver, tomem os que naõ podem guardar. Vio Moyzes a circumcizaõ espiritual, mas encobrio-a, para que em figura a descrevesse. Vio o ázymo da sinceridade, e da verdade: vio a paixãõ do Senhor: com o azymo corporal cobrio o ázymo da verdade; cobrio a paixãõ do Senhor com o sacrificio ou do cordeiro, ou do novillo: e os bons Levitas guardaraõ o Mystério debaixo do véo da sua Fé: e tu tens por coiza pequena o que te foi commetido? Primeiramente se te encarregou que consideres a alteza de Deos, o que pertence á sabedoria; que vigies pelo povo o que pertence à justiça; que defendas os arraiaes. e segures o Tabernáculo, o que pertence à fortaleza; que sejas continente, e sobrio, o que pertence á temperansa.

Estas principaes especies de virtudes assinaõ tambem os que estaõ fóra da Igreja; mas julgaraõ que era superior a justiça da sociedade á sabedoria; ao mesmo tempo que a sabedoria he o fundamento, a justiça he a obra, a qual naõ pode permanecer sem fundamento: ora este fundamento he Christo Senhor nosso.

1. Cor. 3.11.

He pois a primeira a Fé, a qual he da sabedoria, como Salomão diz seguindo seu pai: *O principio da sabedoria o temor do Senhor.* E a lei Prov. 9.10. diz em o Deuteronomio: *Amarás ao Senhor teu Deos, amarás ao teu proximo.* Deut. 6.5. Na verdade he coiza excellente empregar o valimento, e os proprios officios na sociedade dos homens. Mas he o primeiro decóro occupar com Deos o que témos mais preciozo, isto he, o nos.o entendimento, que he a coiza mais excellente, que temos. Depois de ter pago a divida ao Auctor Supremo, então he bem que empregues as tuas obras em beneficio, e ajuda dos homens, e acudas aos necessitados ou com o dinheiro, ou com o patrocínio, ou com qualquer favor (o que tem largo campo no nosso ministerio); com o dinheiro soccorrendo: em a divida, livrando da obrigação: com o patrocínio encarregando-te de guardar as coizas, que teme perder quem as confiou ao teu depozito.

He pois obrigação guardar, e entregar o depozito. Mas ás vezes ha variedade ou no tempo, ou na necessidade, de sorte, que em algum cazo não ha obrigação de entregar o que temos recebido; como succede quando algum inimigo declarado soccorrendo aos barbaros contra a patria, nos pede o dinheiro depozitado: ou tambem, se entregamos o depozito a hum homem, vendo que está com elle quem lho tira á forsa: se o entregarmos a hum furiozo, que o não pode guardar: se ao loueo lhe dermos a espada, que nos deu a guardar, com que se mate: porventura não he tudo isto contra a obrigação? Se aceitarmos as coizas furtadas, sabendo que o saõ, para que seja defraudado seu dono, não he isto contra a obrigação tambem?

He ás vezes contra a obrigação cumprir a promessa, guardar o juramento, como se vê em Herodes, que jurou que havia de dar á filha de Herodíades tudo o que lhe pedisse; e matou o Baptista, para não faltar á promessa. Matth. 14.7. & seq. Que direi do Capitaõ Jephthe, que sacrificou sua filha, que foi a primeira coiza, que encontrou quando se recolhia victorioso, para cumprir o voto, que tinha feito de que havia de oferecer a Deos qualquer coiza, que primeiro encontrasse? Melhor fora não ter promettido similhante coiza, do que cumprir a promessa com hum parricidio. Judic. 11.39.

Quam grande prudencia seja antever todas estas coizas, bem o sabeis. Por isso se escolhe hum Diácono, que guarde o Santuario, que não erre no conselho; que não deixe a Fé, que não tema a morte, que não faça nada com desconcerto, que no mesmo exterior mostre gravidade: nem só pede o decóro que tenha o animo casto;

Matth 5.18. mas tambem os olhos: que nem ainda o seu encontro casual offenda a sobriedade: pois he certo que *aquelle, que olhar para a mulher, para dezejalla impuramente, commetteu adulterio no seu coração*. Do que se vê que o adulterio não só se commette com a fealdade da obra, mas tambem com a má tensão em olhar.

Deut. 33.2. & seq. Parecem arduas estas coizas, e demaziadamente sevêras; mas não são superfluas em hum dignidade grande: pois he tanta a dos Levitas, que delles dizia Moyzês em as bensaões, que lansou ás doze Tribus: *Dai a Levi os seus homens, dai a Levi os seus illuminados, dai a Levi a sorte do seu voto, e a sua verdade ao homem santo, a quem tentaraõ nas suas tentaçoes, amaldiçoaraõ sobre a agua da contradicção. Que diz a seu pai, e a sua mãe: Não te conheci: e não conheceu seus irmaons, e abdicou seus filhos: este guarda as tuas palavras, e observou o teu testamento*.

Luc. 2.19. Aquelles pois são os seus homens, e os seus illuminados, que não tem dolo algum no coração, não occultaõ algum engano; mas guardaõ as suas palavras. e as conferem no seu coração, como MARIA Santissima as conferia: que não julgaõ que devem preferir seus pais á propria obrigação; que aborrecem os quebrantadores da castidade, vingão a injuria da pureza, sabem os tempos das obrigações, o que he maior, o que he menor, o que he conforme a cada occaziaõ, e sómente fazem o que he honesto: em fim onde se encontraõ duas coizas honestas, julgaõ que se deve preferir o que he mais honesto; estes justamente são abensoados.

Deut. 33.10. Se alguem pois manifestar as justiça de Deos, se alguem as pozer sobre o Altar, como suave incenso: *Abensoai, Senhor, a sua virtude, recebei as obras das suas maons*; para que ache a graça da bensaõ profetica diante d'aquelle, que vive, e reina pelos seculos dos seculos. Assim seja.

Fim do Livro primeiro

LIVRO II

CAPITULO I

A felicidade da vida se alcança com o Honesto: com este, desprezando o Christão a gloria, e louvor dos homens sómente dezeja que as suas obras agradem a Deos

Tratámos no Livro antecedente das Obrigaçoens, que entendiamos que convinhaõ ao Honesto, em que ninguem duvidou jámais que consistia a felicidade daquella vida, que a Escritura chama vida eterna. Na verdade he tão grande o esplendor do Honesto, que a paz da consciencia, e a seguransa da alma innocente bastaõ para fazer a vida feliz. E assim como o Sol faz esconder a Lua, e as estrelas, tanto que nasce; da mesma sorte as luzes do Honesto tanto que brilhaõ com o decóro verdadeiro, e puro, escurecem todas as mais coizas, que se julgeõ boas segundo o gosto do corpo, ou esclarecidas, e illustres, segundo o seculo.

Feliz verdadeiramente a vida, que se não avalia pelos juizos alheios; mas se conhece pelos sentimentos interiores, como quem he juiz de si mesmo. Nem busca como paga o conceito dos outros, nem o teme como castigo. Pelo que quanto menos procura a gloria, tanto mais se levanta sobre ella. Pois a gloria para os que a procuraõ he premio do presente, sombra do futuro, que impede a vida eterna; o que está escrito no Evangelho: *Assim seja, vos digo; recebêraõ a sua paga:* fala daquelles, que como ao som de trombeta gostãõ de publicar a liberalidade, de que uzaõ com os pobres. Da mesma sorte a respeito do jejum, que fazem por vaidade, diz o Senhor: *Tem a sua paga.*

Matth. 6.2.

He proprio do Honesto uzar de mizericordia, ou praticar o jejum em occulto, para que pareça que só se pertende o premio de Deos, e não dos homens; pois quem o pertende dos homens, tem a sua paga; e quem de Deos, tem a vida eterna, que só pode dar o Auctor da eternidade; pois foi quem disse: *Assim seja, te digo, hoje serás comigo no Paraizo.* Com razaõ mais claramente chamou a

Luc. 23.43.

Escritura vida eterna áquella, que he feliz; para que não ficasse a sentença nesta parte ás opinioens dos homens, mas se entregasse ao juizo de Deos.

CAPITULO II

Foraõ varias as opinioens dos Filozofos ácerca da Felicidade: prova-se que consiste no conhecimento de Deos, e no estudo das boas obras, primeiramente com o Evangelho, em segundo lugar com o testemunho dos Profetas, para que não pareça que esta doutrina se tirou dos Filozofos

Pozeraõ os Filozofos a Felicidade em diversas coizas. Huns em não sentir dôr; assim o fez Jeronymo: outros na sciencia; assim o fez Herilo, que ouvindo que Aristoteles, e Theofrasto tinhaõ louvado maravilhozamente a sciencia, a julgou unicamente a ella por summo bem: ao mesmo tempo que elles a louvaraõ como bem, não como unico bem. Outros disseraõ que era o deleite, como Epicuro: outros, como Califo, e Diodóro, explicaraõ desta sorte: hum ao deleite ajuntava o Honesto, outro ao não sentir dôr; porque sem honesto não podia ser feliz a vida. O Estoico Zenon disse que unico, e summo bem era o que he Honesto: Aristoteles porém, ou Theofrasto, e os mais Peripateticos affirmaraõ que sim consistia a vida feliz na virtude, isto he, no Honesto, mas que a sua felicidade se completava com os bens do corpo, e os externos.

A Divina Escritura porém poz a vida eterna no conhecimento de Deos, e no fructo das boas obras. De huma, e outra verdade nos dá prova o Evangelho. A'cerca da sciencia falou assim o
Joan. 17.3. Senhor Jesus: *Esta he porém a vida eterna que te conheçaõ a ti só verdadeiro Deos e Iezu Christo que tu mandaste.* E ácerca das obras respondeu assim: *Todo o que deixar a caza ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou os campos por amor do meu nome, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.*

Mas não se entenda que isto he de novo, e que primeiro o trataraõ os Filozofos, do que se prérgasse no Evangelho (pois he certo que são antes do Evangelho Aristoteles, e Theofrasto, Zenon, e Jeronymo; mas depois dos Profetas) vejaõ como muito antes que se ouvisse o nome dos Filozofos, huma, e outra coiza parece foi ensinada por boca do Santo David. Está escrito no Psalmo:

Bemaventurado aquelle, a quem vós ensinares, Senhor, e o instruires na vossa Lei. E em outro Psalmo: *Bemaventurado o homem, que teme ao Senhor; dezejará muito nos seus Mandamentos.* Temos provado ácerca da sciencia, ou conhecimento, cujo premio disse o Profeta era o fructo da eternidade, accrescentando que na caza deste, que teme ao Senhor, ou he instruido na Lei, e dezeja em os Divinos Mandamentos, *permanece a gloria, e as riquezas, e a sua justiça para o seculo do seculo.* A respeito das obras accrescentou tambem no mesmo Psalmo, que o homem justo tinha o premio da vida eterna. Em fim diz: *Bemaventurado o homem, que se compadece, e empresta: ordenará as suas palavras com juizo, porque não se moverá para sempre. O justo estará em memoria eterna.* E logo abaixo: *Distribuiu, deu aos pobres: permanece a sua justiça para sempre.*

Psalm. 93.12.

Psalm. 111.1.

Ibid. 3.

Ibid. 5. & 6.

Ibid. 9.

Logo bem se vê que a Fé tem felicidade eterna; pois he bom fundamento: tambem as boas obras a tem; porque o homem justo prova-se nas palavras, e nas obras. Se se exercitar em palavras, e se descuidar nas obras, com ellas refuta a sua sciencia; e he maior crime saber o que havemos de fazer, e não fazermos o mesmo, que sabemos que devemos fazer. Da mesma sorte tambem ser solícito nas obras, infiel no coração, he o mesmo que querer levantar altos edificios sobre hum alicerce fraco: quanto mais alto edificarmos, tanto mais se arruina; pois sem a seguransa da Fé não podem subsistir as boas obras. O surgidoiro mal seguro, dentro do mesmo porto estraga a nau; e a terra, que he solta, de pressa cahê abaixo, nem pode sustentar o pezo do edificio, que se lhe poem em cima. Ha pois premio completo onde ha perfeição de virtudes, e santa uniformidade nas obras, e nas palavras.

CAPITULO III

Examina-se a definição da Felicidade; a qual se tira das Sagradas Escrituras. Mostra-se que á Felicidade nada lhe acresce com os bens exteriores nem se lhe diminue tambem com os incommodos temporaes.

E porque temos rejeitado unicamente a sciencia mundana, ou como vãa, segundo as superfluas disputas da Filozofia, ou como opinião imperfeita: consideremos agora que parecer seja o da Divina Escritura ácerca disto, sobre que vemos que ha tantas, e tão embaraçadas, e confuzas questões dos Filozofos. Não julga a

- Escritura Sagrada bom, senão aquillo, que he honesto; e que a virtude he feliz em todo o estado; nem se augmenta com os bens do corpo, ou da fortuna; nem se diminue com as adversidades; e que não ha nada feliz, senão o que he apartado do peccado, cheio de innocencia, cheio de graça de Deos. Está escrito: *Bemaventurado o homem, que não foi ao conselho dos impios, e não esteve no caminho dos peccadores, e não se sentou na cadeira da peste; mas foi a sua vontade na lei do Senhor.* E em outro lugar tambem está escrito: *Bemaventurados sem macula no caminho, os que andão na lei do Senhor.*
- Psalm. 1. 1. & 2.
- Psalm. 118.1.
- Sap. Cap. 2.
- Matth. 5.11. & 12.
- Matth. 16.24.
- Pelo que a innocencia, e a sciencia são o que faz feliz o homem. Tambem já dissemos assim a que a felicidade da vida eterna era a paga das nossas boas obras. Resta pois que, deixando-nos de defender o deleite, ou o medo da dor (humas das quaes coizas se condemna como fraca, e branda, a outra como efeminada, e enferma) mostremos que nas mesmas dores se vê a vida feliz. O que com facilidade se faz, pois lemos no Evangelho: *Sois bemaventurados quando vos amaldiçoarem, e perseguirem, e disserem todo o mal contra vós por amor da justiça. Alegrai-vos, e exultai; porque he copioza a vossa paga no Ceo. Porque desta sorte perseguirão tambem aos Profetas, que erão antes de vós.* E em outro lugar: *Quem quer vir apoz de mim, tome a sua cruz, e siga-me.*

CAPÍTULO IV

Ilustra-se com o exemplo dos antigos o mesmo argumento; isto he, que a felicidade nem se diminue, nem se augmenta com os bens exteriores,

- Ha pois felicidade entre as afflicções, que a virtude cheia de suavidade reprime, e modéra, contentando-se com as riquezas interiores tanto a respeito da consciencia, como da graça. Não foi pouco feliz Moyzês, que cercado dos povos Egypcios, e fechado com o mar, abriu caminho para si, e para o povo por entre ondas com os seus pios merecimentos. Mas quando foi elle mais forte, do que quando, cercado de extremos perigos, não desconfiava da da salvação, mas pertendia o triumpho.
- Exod. 14.13.
- Num. 16.48.
- Daniel. 14.
- Que direi de Aaraão? Quando se julgou mais feliz, do que quando esteve entre os vivos, e os mortos, e se oppoz á morte, para que dos cadaveres dos mortos não passasse dára os exercitos dos vivos? Que direi de Daniel, que era tão sabio, que, estando

entre os leões famintos, nenhum temor das feras o quebrantava? estava tão longe de medo, que podia ter huma regalada meza; nem receava que com o seu exemplo espertasse as feras para o devorarem.

Ha pois tambem entre a afflicção virtude, que mostra a paz da boa consciencia; e por isso mesmo faz certo que a afflicção não diminue o gosto, que a virtude tem. Assim como á virtude se não diminue nada da sua felicidade com a dor, e afflicção, assim tambem com o deleite do corpo, e alivio das commodidades se lhe não accrescenta nada. Sobre isto diz admiravelmente o Apostolo: *O que para mim foraõ lucros, isto julguei eu, por amor de Christo, que eraõ detrimentos. E accrescenta: Por amor de quem julguei tudo por perdas, e avalio como escoria vil para lucrar a Christo.*

Psalm. 3. 7
& 8.

Moyzês entendeu que os thesouros dos Egypcios lhe fervião de damno, e preferio-lhes o opprobrio da cruz do Senhor: nem era rico no tempo, em que abundava em dinheiro; nem pobre ao depois quando necessitava de sustento; excepto se acazo parece a alguem ter sido menos feliz no tempo, em que no dezerto a elle, e ao seu povo lhe faltava a sustentação quotidiana. Mas estaõ (o que ninguem se atreverá a negar ter sido o maior bem, e felicidade) se lhe dava o Mana do Ceo, isto he, o pão dos Anjos: e para alimento de todo o povo descia todos os dias do Cec carne em abundancia.

Hebr. 12.26.
& seq.

Tambem ao Santo Elias faltava o pão para sustento, se se buscasse: mas não parecia que faltava; porque se não buscava. Pela manhã lhe trazia hum corvo o pão; á tarde a carne. Ora porventura era menos feliz, porque era pobre para si? De nenhuma sorte: antes por isso era mais feliz, porque era rico em Deos. Na verdade vale mais o ser rico para os outros, do que para si, como era Elias, que no tempo de fome pedia á viuva, para haver de lhe dar com liberalidade tão grande, que o vaso de farinha, que encheu, lhe durou a ella tres annos e meio; e o vaso do azeite lhe servio pelo mesmo tempo sem faltar. Com razão queria Pedro estar no lugar, onde via estes homens. Com razão apparecerão no monte com Christo em gloria; porque tambem este Senhor se fez pobre, sendo rico.

3.

Ibid. 14.

Matth. 17.4.

Ora bem se vê que as riquezas nada concorrem para a vida feliz; o que o Senhor mostrou evidentemente no Evangelho dizendo: *Bemaventurados os pobres, porque he vosso o Reino de Deos. Bemaventurados os que agora tem fome, e sede, porque elles serão fartos. Bemaventurados vós, que agora chorais; porque haveis de rir. Pelo que bem*

Luc. 6.20. &
seq.

expressamente está declarado que a pobreza, a fome, as dores, que são coizas, que se tem por más, não sómente não servem de impedimento para a felicidade da vida, mas ajudam para esta certissimamente.

CAPITULO V

As coizas, que se julgaõ boas, muitas vezes impedem a felicidade da vida; e as que se julgaõ más servem de materia ás virtudes: o que se prova com varios exemplos

Ibid.24.& seq. Mas he expresso nas palavras do Senhor que as coizas, que parecem boas, as riquezas, a fartura, a alegria livre de afflicções, servem de embaraço á verdadeira felicidade; pois se diz: *Ai de vós ricos, que tendes a vossa consolação! ai de vós, que estais fartos, que haveis de ter fome!* Tambem aos que riem se diz que haõ de chorar. Assim bem se vê que os bens do corpo, e da fortuna tanto não ajudam para a felicidade, que antes a impedem.

3. Reg. 21.13. Era feliz Nabot, ainda quando o rico o apedrejava, pois, sendo pobre, e fraco a respeito das riquezas do Rei, no affecto, e na religião era rico; de sorte, que não trocava a heransa da vinha de seu pai pelo dinheiro Real: e era perfeito, porque com o sangue proprio defendia o direito dos seus maiores. Era miseravel Achab, ainda no seu proprio juizo, porque mandara matar o pobre para possuir a sua vinha.

He certo que o unico, e summo bem he a virtude*, e que só ella basta de sobejo para gozar a felicidade da vida: nem com os bens exteriores, e do corpo, mas só com a virtude se segura a vida feliz, com a qual se alcança a vida eterna. A vida feliz he fructo do presente: a vida eterna he a esperansa do futuro.

Ha alguns comtudo, que lhes parece que neste corpo tão enfermo, e tão fragil he impossivel vida feliz; pois lhe he necessario affligir-se, doerse, chorar, adoecer: como se eu dissesse que a vida feliz consiste no contentamento do corpo, e não em a alteza da sabedoria, em a paz da consciencia, em a sublimidade da virtude.

* He claro pelo que o Santo Doutor diz no cap. 2. o que entende por virtude, e vem a ser aquella acção, pela qual se merece a vida eterna. Porque, se as acções não aproveitaõ para conseguir a vida eterna, *de nenhum modo podem ser verdadeiras virtudes.* 86S. Agostinho o diz expressamente contra Juliano l. 4. cap. 3. n. 19.

Porque não he a felicidade não ter paixões, mas vencellas, e não se deixar abater com o pezo das afflicções temporaes.

Supponhamos que nos acontecem algumas coizas, que são custozas de soffrer pela afflicção, que cauzaõ, cegueira, desterro, fome, estupro da filha, morte dos filhos. Quem dirá que Isaac não foi feliz, que na sua velhice não tinha vista, e com as suas bensaões dava felicidades? Porventura não he feliz Jacob, que desterrado da caza de seu pai, feito pastor de soldada, soffreu o desterro, chorou a offensa da castidade de sua filha, padeceu fome? Não são felizes hums homens, sobre cuja palavra Deos aceita o testemunho, quando se diz: *Deos de Abraham, Deos de Isaac, Deos de Jacob?* Miseravel he a escravidão; mas Joze não he miseravel nella; antes grandemente feliz, pois estando escravo sabia refrear a paixão de sua senhora. Que direi do Santo David, que chorou a morte de tres filhos, e o incêsto da filha, o que ainda he mais custozo? Como não será bemaventurado hum homem, de cuja descendencia nasceu o Auctor da felicidade, o qual fez felizes a tantos? *Bemaventurados os que não viraõ, e creraõ.* Experimentaraõ elles os effeitos da enfermidade humana, mas della sahiraõ fortes, e victoriosos. Quem houve nunca mais attribulado, do que o Santo Iob, ou seja com o incendio da caza, ou com a morte repentina de dez filhos, ou com as dores do corpo? Porventura he menos feliz, do que se não tivesse padecido isto, em que foi mais provado ainda?

Gen. 17.1. & seq.

Ibid. 31.1. & seq.

Gen. 34.1. & seq.

Ibid. 39.8. & seq.

2. Reg. 13.3.

Joan. 20.29.

Job. 1.14. & seq.

Ibid. 2. 7. & seq.

Concedamos que houve nelles alguma crueldade: qual he a dôr, que o valor do animo não encobre? Nem eu posso negar que o mar he alto, porque junto das praias se lhe acha fundo: nem que o Ceo he resplandecente, porque algumas vezes se encobre com nuvens: nem que he fecunda a terra, porque em alguns lugares he pedregosa, e areenta: ou que as searas são abundantes, porque costumaõ ter misturada avêa esteril. Façamos juizo semelhante a respeito da mêsse da boa consciencia, que ás vezes lá experimenta alguma molestia com a aspereza das afflicções. Porventura na seara de toda a vida feliz, se acazo succeder alguma adversidade, ou amargura, não se esconde, como avêa esteril, ou como o mau sabor do joio, se disfarsa com o bom gosto do trigo? Mas tornemos ao nosso assumpto.

CAPITULO VI

Do Util, que tambem he justo, e honesto, e se adquire até com as mesmas perdas: divide-se em Util Corpóreo, e Util de Piedade

No Livro antecedente dividimos a nossa materia de modo, que ficou em primeiro lugar o Honesto, e o Decóro, donde se derivaõ as Obrigaçõens; em segundo o Util. E assim como dissemos que entre o Honesto, e o Decóro ha hum differença, a qual mais se pode entender, do que explicar: assim agora quando tratamos do Util parece se deve examinar o que he mais util.

- Nós não regulamos a utilidade pelo lucro pecuniario, mas pela piedade adquirida, como diz o Apostolo: *Mas a piedade he util para tudo, tendo a promessa da vida prezente, e futura.* Pelo que nas Divinas Escrituras, se examinarmos com diligencia, acharemos que
1. Tim. 4.8. se chama util muitas vezes o que he Honesto: *Todas as coizas me são licitas, mas nem todas são uteis.* Assim falava dos vicios o Apostolo. Por isso diz: *Posso peccar, mas não he Decóro para mim. Estão em meu poder os peccados; mas não são Honestos.* Posso eu não ser casto, mas não sou justo. Pois o regalo não he para Deos, mas para o appetite.
1. Cor. 6.12.

- Pelo que como o que he Util tambem he justo; he justo que sirvamos a Christo, que nos resgatou: por isso são justos aquelles que pelo seu nome se offerecerão á morte: são injustos aquelles, que se desviaraõ: dos quaes diz o Psalmo: *Que utilidade ha no meu sangue?* Isto he, qual he o proveito da minha justiça? Donde
- Psalm. 29.10. tambem elles dizem: *Prendamos o justo, porque nos he inutil;* isto he, o injusto que nos accuza, condemna, reprehende. Ainda que tambem isto se possa applicar á avareza dos homens impios, a qual he vizinha da infelicidade, como lemos ácerca do traidor Judas, o qual com a paixão da avareza, e cobiça do dinheiro, cahio, e ficou prezo no laço da aleivozia.
- Isai. 3.10.

- Devemos pois tratar daquelle Util, que todo he Honesto, como
1. Cor. 7.35. definio o Apostolo dizendo: *Mas digo isto para vossa utilidade, não para que vos lanse hum laço; mas para aquillo, que he Honesto.* Ora está claro que aquillo, que he Honesto, he Util; e o que he Util he Honesto; e o que he util he justo; e o que he justo he util. Porque eu não falo a negociantes avarentos cheios de cobiça do ganho mas falo com os meus filhos e falo sobre as obrigaçõens, que procuro inculcarves, e imprimirvos em vós, a quem escolhi

para o Ministerio do Senhor, para que aquillo mesmo, que já está estabelecido nos vossos animos, e nos vossos costumes pela practica, e pela instrucção, se manifeste tambem nas palavras, e na doutrina.

Para falar pois do Util servir-me-hei das palavras do Profeta: *Desviai o meu coração para os vossos testemunhos, e não para a avareza;* para que o gosto do Util não desperte a cobiça do dinheiro. Alguns dizem: *Desviai o meu coração para os vossos testemunhos, e não para a utilidade:* isto he, para aquelle Util, que busca cuidadosamente os lucros temporaes; aquelle Util, que pela practica dos homens se derivou, e se voltou para a paixão do dinheiro. Geralmente só chamaõ Util áquillo, que traz ganho: porém nós falamos daquelle Util, que até com as perdas se adquire, para que ganhemos a Christo, cujo ganho he a piedade com as mais obras de virtude. He grande sem duvida o lucro, com que adquirimos a piedade, que he rica diante Deos, não com os bens caducos, mas com os bens eternos: em os quaes não ha tentação perigoza, mas posse constante, e perpetua.

Psalm. 118.36.

1. Tim. 6.6.

Ha Util Corporal, e ha Util da Piedade, como o Apostolo o dividio: *O exercicio corporal, diz elle, he util para pouco: porém a piedade para tudo he util.* Que coiza taõ honesta como a pureza? Que coiza de tanto Decóro, como conservar o corpo sem macula, e a modestia inviolavel, e intacta? Que coiza de tanto Decóro, como guardar fidelidade a espoza viuva ao defunto espozo? Que coiza tambem mais Util, do que aquillo, com que se adquire o Reino do Ceo? *Porque ha homens, que se castraraõ por amor do Reino dos Ceos.*

Ibid. 4.8.

Matth. 19.12.

CAPITULO VII

Que o Util he o mesmo, que o Honesto. Não ha nada mais util, que a Caridade, que se adquire com a Mansidaõ, Affabilidade, Beneficencia, Justiça, e outras virtudes, como se prova da historia de Moyzès, e de David: em fim que da Caridade nasce a Fé, e da Fé a Caridade

Não só ha fiel companhia entre o Honesto, e o Util; mas tambem o Util he o mesmo que o Honesto. Por essa razãõ aquelle Senhor, que queria abrir a todos o Reino dos Ceos, não procurava o que lhe era util a si, mas o que era a todos. Pelo que devemos fazer caminho, e degrau destas coizas uzuaes, e commuas, para as

que são mais excellentes, para deste modo colhermos de muitas coizas o proveito do Util.

E primeiramente devemos saber que não ha nada tão util, como o ser amado: nada tão inutil, como não o ser; porque ser aborrecido he coiza arriscada, e muito pernicioza. Pelo que trabalhemos com todo o cuidado em fazer valer a nossa reputação, e credito; primeiramente com a Mansidão, e Benignidade insinuemo-nos em o affecto dos homens. A Bondade he grata, e bem aceita de todos; nem ha nada, que tão facilmente ganhe o coração humano. Esta, se a ajudarmos com a suavidade, e facilidade dos costumes, com a moderação em mandar, com a affabilidade das palavras, com a atensão do falar, com a paciencia em as respostas, e a formozura da Modestia, he incrível quanto aproveita para sermos amados singularmente.

Naõ só entre as pessoas particulares, mas ainda nos mesmos Principes sabemos quanto tem aproveitado a Facilidade, e Brandura affavel; e quanto mal lhe tem feito a suberba, e vaidade do falar, tanto, que lhes destruiu os mesmos Reinos, e tirou o poder supremo. Se algum com o conselho, com o prestimo, com o serviço, com o favor alcansar a estimação do povo; se algum se arriscar ao perigo por todo elle, he sem duvida que será tão grande o amor do povo para com elle, que o mesmo povo preferirá a saude, e estimação delle á sua propria.

Quantas affrontas consumia em si Moyzés, que o povo lhe fazia? e querendo o Senhor castigar os atrevidos, quantas vezes se offerencia pelo povo para o livrar da ira do mesmo Senhor? como eraõ brandas as palavras, com que, depois de receber injurias, chamava o povo, e o consolava nos trabalhos, o aliviava com as promessas futuras, o favorecia com as obras, e ao mesmo tempo que falava a Deos com constancia, aos homens comtudo costumava falar com palavras humildes, e agradaveis? Com razão foi julgado ser superior aos homens, de tal modo que nem podiaõ olhar fito para os seus olhos, nem julgavaõ que se tivesse descoberto a sua sepultura: de tal sorte tinha prezo comsigo os animos de todo o povo, que mais o amavaõ pela mansidão, do que o admiravaõ pelas obras.

Quem foi o seu imitador o Santo David, escolhido d'entre todos para governar o povo! Quaõ suave e brando, humilde no espirito, solícito em o coração, facil em o affecto! Antes de reinar offerencia-se por todos: sendo Rei igualava-se na vida militar,

e communicava o trabalho com todos: com fortaleza na batalha, com mansidão no Reino, com paciencia nas affrontas, mais prompto em soffrer injurias, do que em castigallas. Por isso era tão amado de todos, que sendo moço, ainda a seu pezar, era pedido para o Reino; não querendo aceitar, era obrigado; sendo velho, os seus lhe rogavaõ não entrasse na batalha; porque antes queriaõ todos arriscar-se por amor delle, do que elle se arriascasse por todos.

Tinha unido a si o povo com vinculos tão gostozos, que nas discordias do mesmo povo antes queria estar desterrado em Hebron, do que reinar em Jeruzalem: que amava a virtude ainda no seu inimigo: julgava que devia fazer justiça tanto aos que tinhaõ tomado as armas contra elle, como aos seus mesmos: ao General Abner, defensor valerosissimo do partido contrario, e que lhe fazia a guerra, o admirou, e não o desprezando, quando lhe pedia o favor da paz, o honrou com a sua meza; sabendo que fora morto á traição, affligio-se, e chorou; honrou-o com o funeral vingando a morte, seguiu a fé, que transmittio a seu filho entre os direitos hereditarios, tendo maior cuidado em não deixar sem castigo a morte do innocente, do que em que se fizesse sentir a sua morte.

Naõ he pequena virtude, maiormente em hum Rei, cumprir os officios da Humildade, de sorte que se mostre igual aos infimos, não busque o sustento, nem queira beber hum só copo de agua com perigo alheio: confessar o peccado, e offerecer-se a si mesmo à morte pelo povo, para que a ira de Deos se voltasse contra elle, quando dizia ao Anjo, que feria o povo, offerecendo-se a si por elle: *Aqui estou, eu pequei, e eu pastor fiz mal; e este rebanho que fez? Seja a vossa mão contra mim.*

Para que hei de dizer o mais? Naõ dizia huma só palavra aos que meditavaõ engano contra elle; e como quem não ouvia, julgava que não devia tornar resposta nenhuma: não respondia ás affrontas: quando o affligiaõ orava: quando diziaõ mal delle, dizia bem: andando na simplicidade, e fugindo da suberba, seguindo os innocentes, misturava cinza com o seu sustento; e com a sua bebida lagrimas, quando chorava os peccados proprios. Com razão o pertendeu todo o povo com tal empenho, que vieraõ ter com elle todas as familias de Israel, dizendo: *Aqui estamos nós; somos ossos teus, e tua carne: hontem, e antes de hontem, quando havia Saúl, e reinava sobre nós, tu eras quem tirava a campo, e guiavas Israel. E o Senhor te disse: Tu apascentarás o meu povo.* Que mais hei de dizer delle, sendo a sentença de Deos tão favoravel a ser

2. Reg. 1.2.
& seq.

Ibid. 3.32. &
seq.

Ibid. 23.13. &
seq.

Ibid. 24-17.

Psalm. 37.14.
& alibi.

2. Reg. 5.1.
& seq.

Psalm. 88.21. respeitado, que chegou o Senhor a dizer: *Achei David á medida do meu coração?* Quem na santidade do coração, e na justiça caminhou como elle, que encheu a vontade de Deos; como elle, por amor de quem perdoou o Senhor aos seus vindouros quando peccaraõ, e deu a preferencia aos seus herdeiros? Quem não amaria este homem, que via que tão amado era dos amigos, e como amava sinceramente aos amigos, julgava que estes o amavaõ igualmente? Os pais o preferiaõ a seus filhos, os filhos aos pais. Pelo que indignando-se gravemente Saul quis atravessar a seu filho Jónathas com huma lansa, julgando que valia mais para com elle a amizade de David, do que a veneração, e o respeito de pai.

Na verdade para estímulo do amor mutuo aproveita grandemente vêr-se que correspondemos bem aos que nos amaõ, e provar que não pagamos menos a amizade, do que o merece o amor, que se nos tem; e mostrarmos isto com exemplos vivos. Que coiza ha tão bem accita aos homens, como o agrado? Que coiza tão natural, como amar a quem nos ama? Que coiza tão propria, e tão viva em o coração do homem, como querer amar áquelle, que queremos que nos ame? Justamente diz o Sabio: *Naõ se te dê de perder o dinheiro por amor do irmão, e do amigo.* E em outro lugar: *Não me envergonharei de saudar o amigo, e não me esconderei da sua face.* O Eccleziastico testifica que o remedio da vida, e da immortalidade he o amigo; e ninguem duvidou nunca que no amor havia a melhor protecção; pois diz o Apostolo: *O amor tudo soffre, tudo acredita, tudo espera, tudo sustenta, não cahe nunca.* Naõ cahic David, porque foi amado de todos; e antes quis que os vassalos o amassem, do que o temessem. Porque na verdade o temor sim guarda algum tempo, mas a sua guarda não tem duração. Assim acabando o temor, logo entra a ouzadia; porque a fidelidade, o affecto he que faz que se conserve; o temor não obriga a ella.

Deste modo a primeira coiza, que nos faz recommendaveis, he o amor fiel. He grande bem sermos amados de muitos. Daqui nasce a boa fé, que faz que não receiem os estranhos confiar-se ao nosso affecto, tendo conhecido que somos amados de muitos. Por meio da boa fé, que se tem de nós, se chega ao amor, de sorte, que em nós sendo fiéis a hum, ou dois amigos, isto faz impressão em os amigos de todos, e nos adquire o agrado, e estimação de todos.

CAPITULO VIII

Nada serve mais para conciliar a estimação, do que os conselhos: ninguém se pode confiar delles, senão fundados na justiça, e na prudencia. A celebre sentença, que deu Salomão, prova quanto nelle resplandecerão estas duas virtudes

Servem pois de muito para a nossa honra, e estimação o amor, e a fidelidade; e mostrarmos que temos alguma qualidade digna de admiração, e que justamente merece ser honrada.

E como os conselhos são o que mais que tudo concilia os homens, por isso o que se dezeja achar em cada hum he prudencia, e justiça, e he o que a maior parte delles dezeja; e aquelle homem, em quem se achão estas virtudes, se confia delle que possa dar conselho util, e fiel a quem lho pede. Pois quem ha, que se fie daquelle homem, que julga que não sabe mais do que esse mesmo, que delle se fia, e pede conselho? Pelo que he necessario que seja maior aquelle homem, a quem o conselho se pede, do que aquelle, que o pede. Para que hei eu de consultar hum homem, que não julgo que pode descobrir alguma coiza melhor, do que eu entendo?

Mas se nós acharmos hum homem, que na viveza do ingenho, na forsa, e auctoridade do entendimento seja excellente; e accrescer a isto que com o exemplo, e com o uzo esteja mais aparelhado, desfaça os perigos presentes, veja d'antes os futuros, advirta os que ameaçaõ, dissolva hum argumento, dê remedio na occasiaõ, esteja preparado não só para aconselhar, mas tambem para socorrer: a este homem se lhe dá credito, de sorte que a mesma pessoa, que pede o conselho, diz: *E se me acontecerem males por elle, eu soffro.*

Eccles. 22.31.

Entregamos a nossa saude, e reputação áquelle homem, que he, como assima dissemos, justo, e prudente. A justiça faz que não haja medo nenhum de engano: tambem a prudencia faz que não haja suspeita nenhuma de erro. Comtudo confiamo-nos mais facilmente do homem justo (para que agora fale segundo o uzo vulgar) do que do prudente. Mas segundo a opiniaõ dos Filozofos aquelle homem, em quem ha hum virtude, concorrem as mais; nem sem justiça pode haver prudencia. Esta doutrina achamos tambem em os nossos livros. Diz David: *O justo compadece-se, e empresta. Que coiza*

Psalm. 36.21.

seja a que o justo empresta, o Profeta o diz em outro lugar:

Psalm. 111.5. *Agradavel o homem, que se compadece, e empresta: ordenará as suas palavras com juizo.* Porventura não he cheia de sabedoria, e de justiça aquella celebre sentença de Salomão? Vejamos se he assim.

3. Reg. 3.16.
& seq.

Apparecerão duas mulheres na prezença de Salomão; e huma dellas lhe disse: Ouve-me, senhor: Viviamos eu, e esta mulher n'huma caza: ha tres dias parimos cada huma de nós seu filho: estavamos sós, ninguem mais em caza comnosco. Nesta noite, que passou, tendo ella comsigo o seu filho, estando dormindo, cahio sobre elle, e o matou. Acordou pela noite adiante, vio o que lhe succedia, foi á minha cama, tirou-me o meu filho, pôllo comsigo na sua; e o seu, que estava morto, o metteu na minha. Acordei pela manhã, quis dar o peito ao meu filho, e o achei morto; vi-o muito bem, e conheci que não era o meu: ella então me disse: Não he assim; este, que está vivo, he o meu filho: o teu he o que morreu já.

Esta era a contenda: cada huma dellas queria que fosse seu filho o que estava vivo; não queria que o fosse o que tinha morrido. Manda ElRei trazer hum cutello, e com elle cortar em dois o menino, e dar cada parte a cada huma das mulheres, metade a huma, e metade a outra. Clama ouvindo isto a que sentia verdadeiro affecto de mãe: Senhor, não mandeis de nenhum modo que se corte o menino: antes ella o leve todo, e viva elle, e não o mateis. Responde a outra: Não seja meu, nem seja della; reparta-se por ambas. Assentou ElRei que devia dar o menino á que tinha dito: Não o mateis; dai-o antes a essa mulher. Dizia ElRei: Ella, que se entenece, que se afflige, he seu o filho.

Com razão se disse que elle tinha intelligencia de Deos: pois que ha que seja occulto a Deos? Mas que coiza mais occulta, do que o testemunho do interior, a que o entendimento do sabio desce como Juiz da piedade verdadeira, e tira como huma voz do ventre materno? Bem se vio o amor de mãe, que antes queria que seu filho vivesse, ainda que fosse com huma pessoa estranha, do que fosse morto á sua vista.

Soube Salomão distinguir pela sua sabedoria o occulto da consciencia, deste deduzir a verdade, e com a espada do espirito, como com hum cutello afiado, abrir não sómente o ventre, mas tambem a alma, e o entendimento. Tambem foi digno da sua justiça não levar o filho alheio aquella, que tinha morto o seu; mas recuperar o seu a verdadeira mãe. A mesma Escritura disse isto: *Ouvio todo o Israel esta sentença, que proferio ElRei: e temerão a sua face; porque havia nelle intelligencia de Deos para fazer justiça.* O mesmo Salomão

3. Reg. 3.28.
Ibid. 9.

pedio sabedoria; que se lhe desse hum coração prudente para ouvir, e para julgar com justiça.

CAPITULO IX

Ainda que a justiça, e a prudencia sejam inseparaveis, contudo devemos conformar-nos com o senso commum, que distingue entre si as virtudes Cardiaes

He claro tambem que segundo a Divina Escritura, que he mais antiga, não pode haver sabedoria sem justiça; porque onde se acha huma destas virtudes, ali estão ambas. Quão sabiamente com huma pergunta judicioza apanhou Daniel a mentira da malicioza accuzação, de sorte que não concordava entre si a resposta dos calumniadores? Foi prudencia descobrir os reos com o testemunho da sua propria voz: foi justiça entregar os maus ao castigo; livrar delle o innocente.

Dan. 13.54.
& seq.

He pois inseparavel a companhia da sabedoria, e da justiça: mas em o sentir commum dividem-se as virtudes de tal modo, que a temperansa consiste em desprezar os deleites: a fortaleza em vencer os trabalhos, e os perigos: a prudencia na escolha do bom conhecendo o util, e o prejudicial: a justiça em guardar o direito a cada hum, restituir a cada hum o seu, e conservar-lho. Para não fugirmos da opinião commua, aceitemos esta divizaão; porque assim nos apartamos da disputa da Filozofia, que se faz logo ao principio, para averiguar a verdade. Sigamos o uzo commum. e a intelligencia vulgar. Supposto isto, tornemos ao assumpto.

CAPITULO X

Com mais razão fiamos o nosso interesse do conselho do homem justo, do que do prudente. Todos querem a amizade daquelle, que tem justiça, e prudencia: disto foi exemplo Salomaão, cujas palavras se explicaão; e tambem o foi Jozé, e Daniel

Confiamos o nosso interesse do homem, que julgamos mais prudente; e lhe pedimos conselho de melhor vontade a elle, do que aos outros. Contudo o conselho fiel do homem justo prefere,

Prov. 27.6. e prevalece ordinariamente ao do homem muito sabio: *Porque as feridas do amigo são mais uteis, que os beijos dos outros.* De mais disto o que o justo diz, he o seu juizo; o que diz o sabio, só he argumento: naquelle temos a sentença do que queremos averiguar; neste temos a sagacidade do que elle inventa.

Mas se unirmos hum a coiza, e outra, será grande o proveito dos conselhos, para que todos olhão com admiração da sabedoria, e com amor da justiça. Todos procuraõ ouvir a sabedoria daquelle homem, em quem estão unidas estas duas virtudes: assim como todos os Reis da terra procuravaõ ver o rosto de Salomaõ, e ouvir a sua sabedoria; e até a Rainha Sabá o veio ouvir, e provallo em varias questoes: *E veio, e falou todas as coizas, que tinha no seu coração: ouviu a sabedoria de Salomaõ toda, e não lhe escapou hum só palavra.*

Quem seja esta, a quem nada se encobre, nem ha coiza alguma, que o verdadeiro Salomaõ lhe não tenha annuciado, conhece-o, ó homem, disto, que lhe ouves dizer: *He verdadeira, diz ella, a pratica, que ouvi na minha terra ácerca das tuas conversações, e ácerca da tua prudencia; e não dei credito áquelles, que me diziaõ, até que vim, e viraõ os meus olhos: e o que me diziaõ não he nem metade do que agora vejo. Puzeste os bens assim de tudo o que ouvi na minha terra. Bemaventuradas as tuas mulheres, e bemaventurados os teus meninos, que te assistem, que ouvem toda a tua prudencia. Vê o banquete do verdadeiro Salomaõ, e as coizas, que nelle se apresentaõ; vê sabiamente, e considera em que terra tem ouvido os Fiéis a fama da verdadeira sabedoria, e justiça, e com que olhos o vio, contemplando certamente as coizas, que se não vem: Porque as coizas, que se vem, são temporarias: porém as que se não vem, são eternas.*

Que mulheres são bemaventuradas, senão aquellas, de quem se diz que muitas ouvem a palavra de Deos, e frutificaõ? E em outro lugar: *Porque todo aquelle, que cumprir a palavra de Deos, esse será meu irmão, irmã, e mãe.* Quaes são os vossos servos felizes, que vos assistem, se o não he Paulo, que dizia: *Até este dia estou firme, protestando ao maior, e menor?* Se o não he Simeão que esperava no templo ver a consolação de Israel? De que modo pediria que se deixasse hir, senão porque assistindo ao Senhor não podia ter meio de se retirar, sem que tivesse alcançado a vontade do mesmo Senhor? Propoz-se-nos por exemplo Salomaõ, que pedia, instantemente que se ouvisse a sua sabedoria.

Tambem Jozé não estava esquecido no carcere, nem deixava de ser consultado a respeito de coizas duvidozas. Aproveitou o seu conselho a todo o Egypto, de sorte, que sete annos de esterilidade não os sentio; e aos outros homens aliviava da penuria da miseravel fome. Gen. 41.19. & seq.

Daniel sendo feito arbitro dos conselhos Reaes, e tirado d'entre os captivos, com os seus conselhos emendou o presente, annunciou o futuro; daquellas coizas, que tinha interpretado frequentemente, tendo-as explicado mostrava que o seu era o verdadeiro annuncio; e em tudo se lhe dava credito. Dan. 2.16. & seq.

CAPITULO XI

Mostra-se em Moyzés, Daniel, e Jozé a terceira condição, que serve para conciliar fé, e credito.

Mas parece que com o exemplo de Jozé, de Salomaõ, e Daniel se mostra a terceira condição, que he necessaria nos que são dignos de serem admirados. Que direi de Moyzés, cujos conselhos pedia quotidianamente todo o Israel, cuja vida conciliava credito á sua prudencia, e augmentava a admiração, que d'elle havia? Quem se não confiaria do conselho de Moyzés, para cujo parecer ainda os mais velhos, quando entendiaõ que algum ponto era superior á sua intelligencia, e virtude, lho rezervavaõ a elle para o decidir? Exod. 18. 13. & seq.

Quem recuzaria o conselho de Daniel, de quem disse o mesmo Deos: *Quem mais sabio, que Daniel?* De que modo poderiaõ os homens duvidar das suas decizoens, a que Deos dava tanta graça? Ezech. 28.3.

Com o conselho de Moyzés se acabavaõ as guerras: pelos merecimentos de Moyzés chovia do Ceo o sustento: brotava da pedra a agua necessaria.

Quanto era puro o animo de Daniel, que abrandava os costumes barbaros, amansava os leoens? Quanta era a sua temperansa? Quanta a castidade do animo, e do corpo? Com razãõ foi admirado de todos; pois tendo da sua parte a amizade de ElRei (o que os homens admiraõ grandemente) não buscava ouro, nem estimava mais a honra, que tinha, do que a sua fé. Antes se queria expôr ao perigo pela lei do Senhor, do que deixar-se vencer para agradar a hum homem. Dan. 14.39.

Gen. 3.8. &
seq.

Que hei de dizer da castidade, e justiça do Santo Jozé (de quem quasi me tinha esquecido) com a primeira das quaes virtudes recusou o agrado de sua senhora, rejeitou os premios: com a segunda desprezou a morte, rebateu o medo, quis antes o carcere? Quem

Ibid. 41.25 &
seq.

naõ julgaria por mais capaz para conselho em hum negocio particular aquelle homem, cujo fecundo animo, e fertil entendimento, com a providencia dos seus conselhos, e do seu coração deu fartura no tempo da esterilidade?

CAPITULO XII

Ninguém peça conselho a hum homem viciozo, nem a hum homem impertinente, e difficultozo de contentar; mas sómente áquelle homem, cujo exemplar temos na Sagrada Escritura

Advirto pois que em os conselhos vale de muito a probidade dos costumes, a excellencia das virtudes, a experiencia da amizade, a graça de poder communicar facilmente. Pois quem ha de buscar hum fonte entre o lodo? Quem ha de hir beber á agua encharcada? Onde ha impureza, onde ha descompostura, onde muitas culpas, quem pode julgar que ahi pode colher coiza util para si? Quem não desprezará a torpeza da vida? Quem entenderá que he proveitozo para hum negocio alheio o homem, que está vendo que he inutil para a sua propria vida? Outra vez o digo, quem não fugirá do homem depravado, malévolo, affrontozo, e aparelhado sempre para fazer mal? quem se não apartará d'elle com todo o cuidado?

Quem hirá buscar aquelle homem, que, ainda que capaz para o conselho, comtudo he de difficultozo accêso; o que faz que seja o mesmo que se estivesse a fonte de agua perenne fechada á chave? De que serve ter sabedoria, se não se quer dar conselho? Se nos fechaõ a entrada para consultarmos, está fechada a fonte, nem corre a agua para os outros, nem aproveita a quem a fecha.

Tambem concordão todos justamente nisto; que he inutil para o conselho aquelle, que, tendo prudencia, a contamina com o veneno dos vicios; porque desta sorte inficiona a agua, que corre. A vida dá a conhecer os animos desconcertados. De que modo poderemos julgar por superior no conselho aquelle, que vemos que he inferior na vida? Deve ser mais do que eu aquelle, a quem determino

confiar-me. Porventura julgarei capaz de me dar conselho aquelle, que o não toma para si? e persuadir-me-hei que me attende aquelle, que a si mesmo se desattende, aquelle, cujo animo senhoreão os deleites, governa o appetite, subjúga a avareza, descompoem a cobiça, inquieta o medo? Como pode ter lugar o conselho onde o não tem aquietação?

Devo eu admirar, e respeitar o conselheiro, que he semelhante áquelle, que o Senhor, quando estava bem com os Israelitas, lhes deu, e lho tirou quando o offenderaõ. A este deve imitar quem pode dar conselho, e conservar sem vicios a sua prudencia; porque não se pode ajuntar nenhum com ella. Isaia: 3.3.

CAPITULO XIII

Tendo declarado com a auctoridade Divina qual he a formozura da sabedoria, vai provar a uniaõ, que ella tem com as outras virtudes

Ora quem mostrará no semblante a figura da belleza humana, e desfeará com exterioridades fêas e brutaes a graça da melhor formozura, isto he, da sabedoria; sendo taõ admiravel, e esclarecida a imagem das virtudes, e com especialidade a da sabedoria, como bem mostra toda a Sagrada Escritura? He mais resplandecente, que o Sol, e mais formozza do que as estrellas, se com ellas se compara; pois he certo que a esta luz obscurece a noite; mas á sabedoria não a vence a malicia. Sap. 7. 29.

Tenho falado da sua formozura; e provei-a com a auctoridade da Escritura: resta ensinar com a mesma auctoridade, que não tem communicação alguma com os vicios; mas inseparavel uniaõ com as outras virtudes: o seu espirito he discreto, sem macula, seguro, santo, amante do bem, perspicaz, não impede fazer bem, he benigno, estavel, firme, possui toda a virtude, attende a tudo, ensina a sobriedade, e tambem a justiça, e a fortaleza. Ibid. 7. 22. & seq.

CAPITULO XIV

A prudencia está unida com todas as virtudes principalmente com o desprêzo das riquezas

Pelo que a prudencia faz tudo: está unida com todos os bens. Pois como pode dar conselho util, se não tiver justiça, vestindo-se

de constancia, não temendo a morte, não retrocedendo com algum terror, ou medo, não se desviando da verdade com adulação nenhuma: não recusando o desterro; porque sabe que todo o mundo he patria do sabio: não temendo a pobreza, porque conhece que ao sabio não falta nada, para quem todo o mundo são riquezas? Na verdade que ha mais sublime que o homem, que não sabe inquietar-se com o outro, despreza os dinheiros, está olhando como de hum lugar alto para os appetites dos homens? Certamente aquelle, que fizer isto, este julgaõ os homens que he mais do que homem: *Quem he este, diz o Ecclesiastico, e louvallohemos? Fez maravilhas na sua vida.* Na verdade como não admiraremos hum homem, que despreza as riquezas, as quaes muitos preferirão á propria salvaçaõ?

Ora sem duvida a frugalidade, a continencia está bem a todos, e maiormente áquelles, que excedem na dignidade; porque não he justo que os seus thezouros domínem hum homem grande, e lhe sirva como escravo quem prezide a homens livres. Ainda está muito melhor estar com animo assima do thezouro, e com o obsequio prompto para o amigo. Porque a humildade augmenta em nós o agrado. Isto he que merece louvor, isto he que he digno de hum homem Principe, não ter cobiça de lucro, a qual he commua aos negociantes de Tyro, e mercadores Galaaditas, nem pôr toda a felicidade no dinheiro, e contar os lucros de cada dia, calcular as conveniencias como em officio mercenário.

CAPITULO XV

Da liberalidade: com quem se deve uzar principalmente: como podem exercitalla as pessoas de menos cabedaes, com o serviço, e com os conselhos

Mas se he louvavel ter o animo sóbrio, quanto melhor será grangear o amor dos homens com a liberalidade, não sendo esta nem superflua para com os importunos, nem restricta para com os necessitados?

Ha muitos generos de liberalidade, não só repartir, e dispensar o sustento com huma despeza quotidiana pelos necessitados, para que possam sustentar a vida; mas tambem attentar. e socorrer áquelles, que se envergonhaõ de fazer publica a sua necessidade; e com tanto, que se não falte á sustentação geral dos que necessitaõ. Eu

falo de quem preside em algum cargo, como se for Presbytero, ou Diácono, para que advirta sobre isto ao Bispo, nem encubra algum, que achar em necessidade, ou descahido de fortuna, e reduzido a miseria; muito mais, se assim lhe succeder, não pelo ter gastado mal, mas ou por lho terem roubado, ou por ter tido alguma perda, ficando reduzido a tal falta, que não possa supprir a despeza de cada dia.

He tambem grande liberalidade resgatar captivos, tirallos das maons dos inimigos, livrar os homens da morte, e muito mais as mulheres do perigo de se corromper, restituir os filhos aos pais, os pais aos filhos, os cidadãos á patria. Vê-se isto claramente na desolação do Illyrico, e da Thracia: quantos captivos estavaõ em venda por todo o mundo; e estes se os resgatássemos não podiaõ encher a falta de huma provincia? Comtudo houve alguns que até àquelles que as Igrejas resgataraõ. os quizeraõ reduzir á escravidão: fazendo-se desta sorte mais peizados, que o mesmo cativeiro, tendo inveja da misericordia alheia. Se tivessem estado na escravidão, serviriaõ livres: se tivessem sido vencidos, não recuzariaõ a mesma escravidão; e querem annullar a liberdade alheia, ao mesmo tempo que não poderiaõ annullar a sua escravidão; excepto sómente se acazo o comprador quizesse aceitar o preço, com o qual todavia se não annulla a escravidão, mas se resgata.

He pois excellent liberalidade resgatar os captivos, e maiormente do poder de hum inimigo barbaro, que não tem humanidade nenhuma para se compadecer, senão aquella, que a avareza lhe conservar para que aceite o resgate: pagar as dividas alheias, se o devedor não poder pagar, e o apertarem para que pague o que deve justamente, e não paga, porque não pode: sustentar os meninos, defender os orfãos.

Ha tambem alguns, que cazaõ as donzelas orfãs, para lhes salvar a honra, e as ajudaõ não só com a diligencia, mas com a despeza. Ha tambem outro genero de liberalidade, que o Apostolo ensina: *Que se algum Fiel tem viuvas, as soccorra para que a Igreja não seja gravada com a sua sustentação, para que favoreça aquellas, que são verdadeiramente viuvas.* 1. Tim. 5. 16

He util esta liberalidade; mas não he commua a todos. Porque ha muitos, ainda homens virtuosos, que são de poucos cabedades, que se contentaõ com pouco para o seu uzo, mas não servem para socorrer, e aliviar a pobreza alheia; comtudo tem outro genero de liberalidade, com que podem ajudar o necessitado. Porque ha duas

especies de liberalidade: huma, que soccorre com o dinheiro; outra, que favorece com os serviços, a qual de ordinario he muito mais brilhante, e muito mais illustre.

Gen. 14.16.

Quanto mais illustre foi recuperar Abrahaõ o seu sobrinho por meio das armas, e da victoria, do que se o tivesse resgatado com dinheiro? Com quanta maior utilidade ajudou o Santo Jozé a Faraó com o conselho da sua providencia, do que se lhe tivesse dado dinheiro? Pois o dinheiro não remediou a abundancia de huma cidade; a sua providencia evitou por sinco annos a fome de todo o Egypto.

Gen. 41.33. &
seq.

Ora he certo que o dinheiro com facilidade se consome: porem os conselhos não podem acabar-se, com o seu mesmo exercicio se augmentaõ: o dinheiro diminue-se, falta depressa, e desampara a liberdade; de sorte, que quanto mais forem as pessoas, com quem quizermos ser liberaes, tanto menos ajudaremos, e muitas vezes nos faltará o que entendermos que se deve dar aos outros. Mas o conselho, e o serviço a quantas mais pessoas chega, tanto mais fica accrescentado, e volta com vantagem para o lugar, donde nasceu. Na verdade o copiozo rio da prudencia corre em beneficio proprio; e a quantos mais lugares repartir as suas aguas, tanto mais abundante, e cheia fica a sua corrente.

CAPITULO XVI

Deve haver moderação em a nossa liberalidade: nem se deve dar a indignos o que sómente se deve aos mais benemeritos. Comtudo as esmolas não se devem fazer tímida, e escassamente; mas devemos imitar nellas o Santo Patriarca Jozé, cuja prudencia foi admiravel

He claro que deve haver moderação em a nossa liberalidade, para que não cheguem a ser inuteis os beneficios. Devemos ser sóbrios nesta parte, maiormente os Ecclesiasticos, de sorte que não dispensemos os bens por jactancia; mas conforme pede a justiça. He certo que em nada he maior a tentação de pedir: chegaõ os saons, chegaõ os que não tem motivo nenhum de pedir mais, do que o andarem vagando, e querem diminuir o socorro dos pobres, tirar-lhes o que se lhes deve; e não se contentando com pouco, buscaõ maiores esmolas, fazendo valer a sua penção com a pobreza affectada do traje; e com fingirem o nascimento nobre, ou Christaõ,

armão á maior conveniencia. A estes, se facilmente se lhes der credito, de pressa se consomem os bens, que só deviaõ servir para alimento dos pobres. Haja moderação em dar, e seja de modo, que nem aquelles se vão sem nada, nem tambem, o que he sustento dos pobres, seja despojo para enganadores, e fingidos. A regra he esta, nem se falte á humanidade, nem a necessidade fique desamparada.

Muitos fingem que tem dívidas: examine-se a verdade. Alguns queixaõ-se de terem sido roubados: faça isto certo ou a injuria, que tem recebido, ou o conhecimento, que houver da sua pessoa, para que de mais boa vontade sejaõ soccorridos. Aos que estaõ desterrados, ou em pena publica, dê-lhes a Igreja a sustentação, se não tiverem donde lhes venha. Desta sorte bem se vê que quem guarda moderação no que dá, não he avarento para ninguem, mas largo para todos. Pois não só devemos ter ouvidos para ouvir as vozes dos que pedem, mas tambem olhos para considerarmos as necessidades. Mais alto clama ao bom dispensador a miseria, do que a voz do pobre. Não he possivel que a importunação dos que pedem, deixe de obrigar a que se lhes dê mais: mas não dêmos sempre occasião, nem lugar ao descaramento em pedir. Devemos procurar ver aquelle pobre, que nos não vê a nós: devemos buscar aquelle, que se envergonha de que o vejamos. Até o que está prezo no carcere, nos lembre; e o que está enfermo na cama, clame ao nosso coração, já que o não pode fazer aos ouvidos.

Quanto mais o povo vir que nós servimos, tanto mais nos ha de amar. Sei eu que muitos Bispos, quanto mais deraõ, tanto mais tiveraõ que dar; porque quem vê hum bom operario, gosta de lhe dar que distribua, estando certo de que a sua esmola ha de chegar ao pobre; porque ninguem quer que ella aproveite, senão a quem necessita. Se porém virem hum dispensador ou demaziado em dar, ou muito apegado ao que tem para repartir, haõ de desprezallo, vendo que dissipa os bens alheios, e o fructo do trabalho alheio com esmolas superfluas, ou as tem escondidas comsigo. Mas assim como se deve guardar moderação na liberalidade, assim tambem ás vezes se deve despertar para ella. Deve-se guardar moderação, para que o bem, que fazemos, o possamos fazer todos os dias; nem roubemos á necessidade o que concedermos á profuzaõ: devemos despertar para ella, porque de mais serve o dinheiro empregado no sustento do pobre, do que guardado no thezouro do rico. Tenhamos

cuidado em que não fechemos na nossa bolsa a saude dos miseraveis, e alli enterremos a vida dos pobres, como em sepulturas.

Gen. 41.56. & 57. Bem poudo o Patriarca Jozé dar todas as riquezas do Egypto, e gastar os thezouros Reaes; comtudo não quis parecer desperdiçado do alheio: antes quis vender os trigos, do que dallos aos que tinhaõ fome; porque se os tivesse dado a alguns, tivera faltado a muitos. Escolheu aquella liberalidade para ter abundancia para todos. Abrio os celleiros, para que todos comprassem o trigo necessario, e não desamparassem a cultura da terra, tendo-o levado gratuitamente; porque he ordinario, que quem se serve do alheio despreza o proprio.

Ibid. 47.14. & seq. Pelo que primeiramente ajuntou dinheiro, depois outros preparos, em fim grangeou para ElRei os direitos, que deviaõ pagar as terras; e o fez assim, não para que tirasse a todos o que era seu, mas para que ajudasse: para que estabelecesse hum tributo publico, com que podessem ter os seus bens mais seguramente. O que foi taõ aceito a todos, a quem tinha tirado as terras, que julgaraõ que não era venda do seu direito, mas resgate da sua vida. Em

Ibid. 25. fim elles lhe disseraõ: *Saraste-nos: achámos graça na vista do nosso Senhor*. Quanto á propriedade não perderaõ nada; porque recobrarão o direito: e quanto á utilidade nada perderaõ; porque adquiriraõ a perpetuidade della.

Ó verdadeiramente grande homem que não buscou a gloria temporal de huma liberalidade superflua; mas estabeleceu hum perpetuo cómodo de providencia! Fez que os povos se ajudassem a si com os seus tributos, nem necessitassem do soccorro alheio no tempo da necessidade. Na verdade melhor foi dar alguma parte dos fructos, do que perder tudo quanto ao direito. Determinou que se desse huma quinta parte, mostrando-se mais perspicás em prover, e mais liberal no tributo. Em fim nunca o Egypto soffreu depois fome semelhante.

Ibid. 41.22. & seq. Ora quaõ illuminadamente comprehendeu o futuro? Em primeiro lugar, com quanta agudeza, sendo interprete do sonho de ElRei, declarou a verdade? Foi o primeiro sonho de ElRei este. Surgiaõ assima do rio sete vaccas novas, formozas, e bem nutridas, e andavaõ pastando na ribeira. Outras tantas disformes, e magras surgiaõ assima do rio logo depois daquellas, e ahi ao pé andavaõ pastando na margem: e vio que estas magras, e disformes devoravaõ as que lhe excediaõ na figura, e boa medra. O segundo sonho foi este. Sahiaõ da terra sete espigas escolhidas, e boas, e de

traz dellas outras sete mal medradas, batidas do vento, e murchas trabalhavaõ por sahir para sima: e vio que as espigas mal medradas, e murchas devoraraõ ás que eraõ formozas, e cheias. Declarou o Santo Jozé este sonho por este modo: Que as sete vaccas eraõ sete annos; e similhantemente as sete espigas eraõ outros sete; entendendo os tempos pelo fructo de humas, e fêto de outras. Pois bem se sabe que o fêto da vacca dura hum anno, e o fructo da seara tambem gasta hum anno inteiro. Surgiaõ assima do rio; porque os dias, os annos, e os tempos vaõ á maneira de rios, e passaõ correndo. Assim declara que os primeiros sete annos haõ ser férteis, e fecundos: os outros sete annos porém ultimos declara que haõ de ser estereis, e infrutiferos; porque a sua esterilidade havia de consumir a abundancia dos antecédentes. Com isto ensinou que se devia acautelar que nos annos mais abundantes se ajuntasse provimento de trigo, que podesse sustentar a falta da esterilidade futura.

De que me admirarei primeiramente? Do seu ingenho, com que desceu até ao mesmo lugar da verdade: ou do conselho, com que acautelou taõ grave, e diuturna necessidade? Ou da sua vigilancia, e justiça, huma das quaes, tendo sobre si taõ grande cargo, ajuntou tantos mantimentos: a outra guardou igualdade para com todos? Que direi da sua magnanimidade? Vendido, como escravo, por seus irmaõs, não pagou a injuria com outra; mas matou-lhes a fome. Que da sua ternura, com a qual procurou ver presente o irmaõ, que amava, por meio de hum pio engano, e o fez criminozo de hum roubo, que fingio engraçadamente, para deste modo lhe ficar como penhor para o seu gosto? Gen. 44.2. & seq.

Pelo que com razãõ lhe diz seu pai: *Jozé filho meu augmentado, filho meu augmentado, zelozo filho meu mais moço... ajudou-te o meu Deos, e abensoou-te do alto com a bensaõ do Ceo, e com a bensaõ da terra, da terra, que tem tudo, por amor das bensaons de teu pai, e mãi. Prevaleceu sobre as bensaons dos montes permanentes, e os dezejos das alturas eternas. E no Deuteronomio diz tambem: Tu, que foste visto na sarsa, venhas sobre a cabeça de Jozé, e sobre a sua altura. Honrado entre os irmaons, o primeiro do rebanho a sua honra, as pontas dos unicornios as suas pontas. Na sua forsa lanfará com hum sopro os Gentios todos juntos até á extremidade da terra. Para elle dez mil manda Ephraim, e para elle mesmo manda dez mil Manasses.* Ibid. 49.22. & seq.
Deut. 33.16. & seq.

CAPITULO XVII

Que virtudes deve ter aquelle, a quem pedimos conselho: e como o Santo Patriarca Jozé, e o Apostolo S. Paulo as tiverão

Deve pois ser tal o que dá conselho a outro, que mostre em si huma imagem, e exemplar das boas obras, na doutrina, na inteireza, na gravidade: de modo, que seja a sua pratica saudavel, e irreprehensivel, o conselho util, a vida honesta, o parecer com decóro.

1. Cor. 7.25.
& seq.
Tit. 2.7.

Tal era o Apostolo S. Paulo, conselheiro das Virgens, Mestre dos Sacerdotes; de sorte, que primeiro era a imagem, que se nos offerecia para a imitação. Sabia humilhar-se, como tambem soube o Patriarca Jozé, que nascendo da illustrissima familia dos Patriarcas, não se tendo por indigno da escravidão, que lhe era impropria, cumpria com a obediencia, ilustrava-a com as virtudes. Soube humilhar-se, soffreu a quem o vendeu, e a quem o comprou, e lhe chamava senhor. Ouçamo-lo humilhando-se: *Se meu senhor por amor de mim não sabe nada em sua caza, e todas as coizas, que tem, as entregou nas minhas maons, nem a mim se me tirou coiza alguma, excepto tu, porque es sua espoza: como farei esta palavra má, e peccarei diante do Senhor?* Palavras cheias de humildade, cheias de castidade, cheias de honra: cheias de humildade; porque respeitava o senhor: cheias de honra; porque lhe dava agradecimento: cheias tambem de castidade, porque julgava peccado grave manchar-se com o delicto da torpeza.

Gen. 39.8. &
seq.

Tal deve pois ser o conselheiro, não ter nada encoberto, nada enganozo, nada dissimulado, que desfaça na sua vida, e costumes; nada mau, nem malévolo, que afaste de si os que pertendem conselho. Ha huns defeitos, de que se foge; outros, que se desprezaõ. Foge-se daquelles, que podem prejudicar, que podem maliciosamente trazer damno; como he, se esse, a quem pedimos conselho, for de duvidoza fe, cubiçozo de dinheiro, que possa mudar-se com interesse: mas se he injurioso, fugimos, e desviamo-nos d'elle. Aquelle, que he voluptuoso, descomposto, ainda que inimigo do engano, todavia avarento, e cubiçozo de lucro sórdido, este despreza-se. Porque que signal pode dar da sua industria, que fructo do seu trabalho, que cuidado, e vigilancia pode conceber quem se entregou à inacção, e á negligencia?

Por isso hum varão de bom conselho diz: *Certamente eu aprendi a ter sufficiencia nas coizas, em que estou.* Sabia que a avareza era raiz de todos os males, e contentava-se com o seu, não procurava o alheio. He assás para mim, diz elle, o que tenho: ou tenha pouco, ou muito, para mim he muito. Parece que se deve dizer alguma coiza mais significativa. Servio-se de huma expressão particular: Basta-me, diz elle, aquillo, em que estou: isto he, nem me falta, nem sobeja. Não falta, porque não quero nada mais; não sobeja, porque não só tenho para mim, mas para muitos. Isto quanto ao dinheiro.

Mas a respeito de tudo se pode dizer que lhe bastavaõ as coizas presentes, isto he, não dezejava maior honra, não mais avultados obsequios, não procurava agradar indevidamente, não pertendia gloria desmedida: mas esperava o fim da contenda que devia ter, soffrendo o trabalho, certo do merecimento: *Sei, diz elle, tambem ser humilhado.* Não se louva a humildade ignorante, mas a que tem modestia, e sabedoria. Porque ha humildade de medo, ha humildade de impericia, e de ignorancia; e por essa razão diz a Escritura: *E salvará os humildes de espirito.* Disse pois singularmente: *Tambem sei humilhar-me,* isto he, em que lugar, com que modo, com que fim, em que officio, em que emprego. Não soube o Farizeu humilhar-se, por isso foi desattendido: soube-o o Publicano, por isto foi justificado.

S. Paulo sabia ter abundancia; porque tinha o animo rico, ainda que não tinha thezouro de rico. Sabia ter abundancia; porque não olhava no dinheiro para o que dava; mas esperava o fructo em o premio da graça, que fazia. Podemos tambem entender deste modo: que sabia ter abundancia; porque podia dizer: *A nossa boca está patente para vós, ó corinthios; o nosso coração dilatou-se.*

Era instruido em tudo: sabia fartar-se, e ter fome. Bemaventurado elle, que sabia fartar-se em Christo. Não he a fartura corporal, mas a espiritual, na qual trabalha a sciencia. E com razão ha necessidade de sciencia; *porque o homem não vive só no pão, mas em toda a palavra de Deos.* Assim quem deste modo sabia fartar-se, e deste modo ter fome, sabia de sorte, que buscava sempre coizas novas, tinha sede de Deos, tinha fome em o Senhor. Sabia ter fome; porque sabia que os famintos haõ de ter de comer. Sabia, e podia ter abundancia; porque não tinha nada, e possuia tudo.

CAPITULO XVIII

Quanto damno cauzaõ os maus conselheiros. Prova-se com o exemplo das dez Tribus, que se rebellaraõ contra ElRei Roboão

3. Reg. 12.4.
& seq.

A Justiça faz egregiamente recommendaveis os que tem algum emprego publico: pelo contrario a injustiça os malquista, e faz desestimaveis. Temos exemplo na Escritura, a qual diz que pedindo, depois de morrer Salomaõ, o Povo de Israel a Roboão seu filho que o aliviasse da dureza da escravidão, e abrandasse a aspereza do reinado de seu pai, elle desprezando o conselho dos velhos, levado do que os moços lhe suggeriaõ, respondeu deste modo: Que havia de dobrar o pezo ao jugo, que seu pai lhe tinha posto; e as penas, que eraõ mais leves, as havia de fazer mais pezadas.

bid. 16.

Desesperados os Povos com esta reposta disseraõ: *Naõ temos parte com David; nem heransa com os filhos de Jessé: volte cada hum para as suas tendas de campanha, ó Israel;* porque este homem naõ ha de ser para nós nem Principe, nem General. Desta sorte deixando-o, e dezerando-lhe o povo, apenas poudes conservar a companhia de duas Tribus, que os merecimentos de David lhe sujeitaraõ.

CAPITULO XIX

Conciliaõ-se muito os homens com a Justiça, Benevolencia, e Affabilidade; mas esta deve ser sincera

He pois claro que a Justiça estabelece os Imperios; e a Injustiça os arruina. Porque como pode possuir hum Reino ella. que nem ainda pode reger hum familia particular? He grandemente necessaria a Benignidade, naõ só para que satisfaçamos o governo publico, mas administremos justiça no particular. Vale de muito a benevolencia virtude, que dezeja abranger a todos com os beneficios, obrigarlos com o favor, prendellos com a estimação.

Tambem serve grandemente para nos conciliar o affecto dos outros homens a affabilidade das palavras, e bom modo em os tratarmos. Mas esta affabilidade queremos que seja sincera, e sóbria; sem lizonja nenhuma: que a adulação das palavras naõ desfeie a singeleza, e pureza do que dizemos: pois devemos ser exemplar para com os outros naõ só nas obras, mas tambem nas palavras, na

castidade, e na fé. Sejam os taes, quaes dezejam os que nos reputem: e mostremos affeição tal como a temos. Nem em o nosso coração tenhamos escondido affecto mau, que julgemos que se encobre com o silencio; porque aquelle Senhor, que fez o que está occulto, ouve o que se diz, e se passa occultamente: conhece os segredos dos corações; pois foi quem lhes deu o sentimento. Pelo que conhecendo que estamos diante dos olhos do nosso Juiz, julgemos que está á luz do dia para ser manifesto a todos tudo o que fazemos.

CAPITULO XX

A todos, e principalmente aos Moços, he muito util a communicação com os bons: mostra-se com o exemplo de Jozué, e Moyzés, e outros. Às vezes os que são differentes na idade, são iguaes na virtude, como se vio em S. Pedro, e S. João

Aproveita muito a cada hum de nós chegarmos-nos aos bons: e tambem he util aos Moços acompanharem com homens iluminados, e sabios; pois quem acompanha aos sabios, he tido por sabio; e pelo contrario o que acompanha os ignorantes, he julgado por ignorante. Serve isto de muito assim para a instrucção, como para prova da bondade, e virtude. Porque os moços, que assim o fazem, mostram que são imitadores daquelles, com quem acompanhaõ; e a respeito delles se estabelece o conceito de que tomaraõ o modo de viver das pessoas, com quem fizeraõ gosto de se communicar.

Por essa razão foi tão grande Jozué, a quem a communicação de Moyzés não só instruiu na sciencia da Lei, mas tambem o santificou para lhe succeder na dignidade. Resplandecendo a prezença do Senhor, e vendo-se a sua magestade em a tenda de campanha de Moyzés, sómente estava alli com elle Jozué. Falava Moyzés com Deos, estava igualmente encoberto com a sagrada nuvem Jozué. Exod. 24.13. Esperavaõ os Sacerdotes, e o Povo na raiz do monte; Jozué subia assim com Moyzés a receber a Lei. Ficava o Povo todo dentro dos arraiaes; Jozué fóra delles na Tenda do testemunho. Quando a columna da nuvem descia, e falava o Senhor com Moyzés, estava Jozué ao pé d'elle, como fiel Ministro: e ainda que moço, não sahia da Tenda, ao mesmo tempo que os velhos estando de longe viaõ assustados as Divinas maravilhas. Exod. 33.11.

Deut. 34.9. Em toda a parte estava com o Santo Moyzés inseparavelmente Jozue, entre as obras admiraveis, e os veneraveis segredos. Donde nasceu que, como tinha sido companheiro na vida, ficou successor na dignidade. Com razão sahio homem tão grande, que detinha as correntes dos rios: dizia: Pare o Sol; e parava; como se querendo ser espectador da victoria, para isso dilatasse a noite, extendesse o dia. Que? (o que senão concedeu a Moyzés). Foi escolhido unicamente para metter o Povo dentro da terra da promissaõ. Grande homem nas maravilhas da fé, grande nos triunfos. Foraõ as obras de Moyzés mais augustas: as de Jozue mais venturozas. Confiado hum, e outro na graça Divina, se adiantou além do que pode a condição humana. Mandou Moyzés ao mar: Jozue ao Ceo.

Ora he certo que he formosa coiza a communicação entre os velhos e os moços. Huns servem para dar auctoridade, outros consolação: huns para a doutrina, outros para o prazer. Não digo que Gen. 12. 4. Loth sendo moço acompanhou a Abrahaõ ainda sahindo da sua terra; para que se não julgue que isto mais foi effeito do parentesco, e de huma companhia necessaria, do que de huma voluntaria uniaõ.

3. Reg. 19.21. Para que falarei em Elías, e em Elizeu? Ainda que a Escriitura não declarou expressamente que Elizeu era moço; comtudo conhecemos, e sabemos que o era. Em os Actos dos Apostolos vemos que S. Barnabé escolheu para companheiro a Marcos: S. Paulo escolheu Sylla, escolheu Thimoteo, escolheu Tito.

Act. 12. &
alibi.

Mas naquelles, que nomeámos em primeiro lugar vemos divididos os officios; os velhos valiaõ com o conselho, os moços com o serviço. Muitas vezes succede que os que são iguaes nas virtudes, desiguaes nas idades, go tão de se communicar, e ter amizade entre si: o que se via entre S. Pedro, e o Evangelista S. Joaõ. Porque do Evangelho sabemos, e pela sua propria confissaõ, que S. Joaõ Evangelista era moço, ainda que nos merecimentos, e na sabedoria a nenhum dos velhos era inferior: havia nelle velhice veneravel de costumes, e prudencia coberta de cans. Na verdade huma vida innocente merece tributo da boa velhice.

CAPITULO XXI

Serve muito para nos fazer estimaveis defendermos os fracos, hospedarmos os peregrinos, e cumprirmos outras obrigações semelhantes, principalmente para com pessoas virtuosas. Condemna-se a avareza; mais que tudo a prodigalidade em os Bispos

Serve tambem para augmentar a boa reputação o tirarmos o desamparado das maons do poderoso; livrarmos da morte o que está condemnado a ella, quanto sem perturbação o podermos fazer *; para que se não diga que obramos daquelle modo mais por jactancia, do que por mizericordia, e abrimos feridas mais profundas, ao mesmo tempo que queremos curar as menos perigosas. He certo que, se valermos áquelle, que está opprimido pelas foras do poderoso, e vexado mais pelos inimigos, do que por sua culpa, damos huma grande prova da nossa boa reputação.

A muitos os faz louvaveis a hospitalidade com os peregrinos. Certamente he huma imagem publica da humanidade não faltar com a pouzada ao peregrino, recolhello com bom agasalho, ter lhe aberta a porta a toda a hora que chega. He summamente honrado no conceito de todo o mundo receber com estimação os peregrinos, não lhes negar o beneficio da nossa meza, sahir a esperallos com obsequioza liberalidade, andar examinando quando chega algum hospede para o recolher.

Gen. 18.1. &
seq.

O que se louvou em Abrahaõ; que posto á sua porta estava observando se passava acazo algum peregrino, e tinha o mais solícito cuidado em lhe hir ao encontro, sahir a recebello, pedir-lhe que não passasse a diante, e lhe dizia: *Senhor, se achei graça diante de ti, não passasses a diante da caça do teu servo, sem entrares nella.* Por isso em recompensa da sua hospitalidade alcançou o premio de huma grande descendencia.

Tambem Loth seu sobrinho, chegado a elle não só no sangue, mas tambem na virtude, em premio da sua hospitalidade se livrou a si, e aos seus do castigo de Sodôma.

Gen. 10. &
103.

Pelo que he coiza, que está muito bem ao Christaõ, ter hospitalidade, ser benigno, justo, não cobiçozo do alheio; antes

* Adverte o Santo Doutor esta cautela; porque succedia naquelles tempos que os Bispos, e Clerigos, ás vezes tambem os Monges, levados de hum zelo mais forte do que prudente, se empenhavaõ em livrar dos castigos os reos; e deste modo davaõ occasião ou a tumultos, ou ao menos a queixas dos Ministros seculares.

ser tal, que ceda alguma parte do seu direito, se acaso for demandado; e não impugne o direito alheio; fuja de demandas, aborreça discordias, compre a todo o custo a paz, e a tranquillidade. Pois he certo que deixar o homem de bem relaxar-se alguma parte do que lhe he devido, não só he liberalidade, mas muitas vezes até he conveniencia. Não he pequena conveniencia estar livre do dispendio de huma demanda: accresce tambem á conveniencia augmentar-se a amizade; donde nascem muitas commodidades as quaes a quem despreza algumas coizas quando he tempo, ao depois são proveitozas.

- Em cumprir as obrigaçoens da hospitalidade, he regra, que se deve mostrar humanidade a todos; mas aos virtuosos, e bons deve ser maior a distincção: *Porque todo aquelle, que receber o Justo em nome do Justo receberá premio do Justo*, como disse o Senhor. He tão grande diante de Deos o bem da hospitalidade que nem ainda hum copo de agua fria, que dermos, ha de ficar sem remuneração, e premio. Vês que Abrahaão teve a Deos por seu hospede em quanto busca hospedes, que recolher? Não vês que Loth recolheu em caza Anjos? Donde sabes tu se, quando recolhes em caza hum homem, recolhes a Christo? Ainda que Christo se representa em o hospede; porque se representa no pobre, como elle mesmo diz: *Estava no carcere, e vieste ter comigo: estava nú, e cobriste-me.*
- Matth. 10.41. Ibid. 42. Gen. 18.1. Gen. 19.3. Matth 25.36.

- He suave coiza ter amor não ao dinheiro, mas á virtude: mas ha muito tempo que se apoderou dos animos dos homens esta enfermidade, que o dinheiro dá honra, e os animos dos homens se cativão da admiração das riquezas. Isto fez que se introduzisse a avareza que he como secca, e esterilidade das boas obras: tem os homens por perda sua tudo o que dispendem fóra do costume, sem ser comsigo: mas tambem nesta parte se acautelou a Escritura Sagrada contra a avareza para que não servisse de embaraço algum, dizendo: *Que he melhor a hospitalidade com a hortaliça.* E logo abaixo: *He melhor o pão em suavidade com paz.* Porque não ensina a mesma Escritura que sejamos prodigos, mas liberaes.
- Prov. 15.17. Prov. 27.1.

- Ha dois generos de liberalidade: huma se chama propriamente liberalidade, outra prodigalidade, ou profuzaão. He liberalidade dar pouzada ao peregrino, vestir o nú, remir os cativos, ajudar com esmola os que necessitaão: he prodigalidade dispendem em iguarias sumptuosas, e muito vinho: daqui vem que lemos em os Proverbios: *He prodigalidade o vinho; e a embriaguez he ignominioza.* He prodigalidade consumir os proprios cabedaes para alcansar boa fama do povo; o que fazem aquelles, que estragaão os seus bens, ou nos
- Prov. 20.1.

jogos do Circo *, ou nos theatros, ** ou nas contendas dos gladiadores, *** ou tambem em as cassas das feras; e isto para excederem as funsoens dos que lhes precederaõ; sendo mera vaidade tudo o que fazem. Quanto mais que ainda na dispeza das obras virtuozas não está bem ser demaziado.

He excellente liberalidade observar justa medida, ainda para com os mesmos pobres, para termos que dar a outros muitos, e não dispende mais do que he justo para conciliar boa aceitação. Tudo o que nasce de hum affecto puro, e sincero na liberalidade, isto he que he decóro; não o emprender obras superfluas, não o deixar as necessarias.

E convém muito mais ao Bispo ornar o Templo de Deos com a decencia conveniente, para que a Caza do Senhor resplandeça com este ornato: fazer as dispezas repetidas, que pede a mizericordia: quanto deva dar aos peregrinos, não o superfluo, mas o preciso; não o sobejo, mas o que pede a humanidade: não procurar para si a estimação dos outros à custa dos pobres, nem mostrar-se mais apertado para com os Eccleziasticos, ou mais largo. Huma destas coizas he ser deshumano: a outra he ser prodigo; se acazo faltar o preciso áquelles, que deve livrar dos sórdidos enganos da negociação, ou lhe accrescentar para o regalo o que não devia.

CAPITULO XXII

Deve haver meio entre a demaziada brandura, e a severidade. Os que pertendem com brandura affectada ganhar o animo dos outros, não conseguem nada solido, e permanente: temos o exemplo em Absalaõ

Até nas palavras, e regras deve haver medida; de sorte, que não pareça que temos demaziada brandura, nem demaziada severidade. Muitos querem ser mais brandos para parecerem que são bons: mas he certo que a verdadeira virtude não tem nada dissimu-

* Eraõ os divertimentos, que em huma praça publica se davaõ ao Povo, contendendo homens com leons, tigres &c. Para se conduzirem estas feras da Africa, se faziaõ dispezas extraordinarias.

** Onde nos espectaculos se representavaõ com grande custo Tragedias, e Comedias.

*** Eraõ homens, que meios nús pelejavaõ huns com outros até se matarem, ou deixarem mal feridos, para divertir o Povo, que lhes pagava.

lado, nem fingido; antes o que assim he, não costuma ter duração. Ao principio parece bem, agrada: depois sécca-se, e desfaz-se como a florzinha: mas o que he verdadeiro, e sincero, está firmado em raiz profunda.

E para provar com exemplos estas coizas, que digo, isto he, que as coizas fingidas não podem ser de duração, mas como flor, que reverdecem algum tempo, depressa murchaõ, e cahem; quero repetir hum prova da dissimulação, e do fingimento, a qual hei de tirar daquella familia, donde tenho tirado muitos exemplos para doutrina da virtude.

2. Reg. 14.25. Tinha David hum filho insigne em a formozura, de singular belleza, em idade florente, que em todo o Israel não havia algum semelhante, sem macula, nem defeito algum em todo o corpo. Era
2. Reg. 15.1. Absalaõ. Mandou fazer carruagens, comprou cavalos, e escolheu
& seq. sincoenta homens para correrem a diante d'elle. Levantava-se de madrugada; hia-se á porta da cidade esperar quem entrava: se via que algum pertendia ter audiencia de seu pai, chegava a elle, e dizia-lhe: De que cidade és? Elle lhe respondia: Sou de hum Tribu das de Israel; sou teu servo. Tornava-lhe Absalaõ: São boas, e rectas as tuas palavras: e não te deu ElRei hum Ministro, que te ouça! Quem me déra ser Juiz; todo o que viesse ter comigo, e a quem fosse necessario que eu dêsse audiencia, e julgasse, eu lhe faria justiça. Com estas palavras lizonjeava a todos. E quando chegavaõ para lhe beijar a maõ, lhes lansava elle as suas, os abraçava, e os beijava. Com este artificio attrahio a si os coraçoes de todos, ganhando com estas lizonjas os seus animos, que ellas feri õ suavemente.

2. Reg. 28.5. Mas estes delicados, e ambiciozos homens preferiraõ o que só os honrava, e lhes era agradavel, e gostozo por breve tempo: tanto que continuou hum pequena dilação, que o sabio Profeta julgou devia metter de permeio cedendo por algum tempo, não poderaõ tolerar, nem soffrer a Absalaõ. Em fim não duvidando já David de ganhar a victoria, encommendava aos seus Soldados que não offendessem a seu filho; e por isso nem quis assistir á batalha, para que nem ainda parecesse que pegava das armas, ainda que contra hum parricida, comtudo contra hum filho.

A' vista do que he claro que são perpetuas, e solidas as coizas, que são verdadeiras, e aquellas, que une entre si a singeleza, e não o engano; e que as coizas, que se fazem com dissimulação, e lizonja, não podem perseverar muito tempo.

CAPITULO XXIII

He fraca a fidelidade daquelles, que se ganharaõ ou com o dinheiro, ou com a lizonja

Quem julgará que lhe são fiéis aquelles, cuja obediencia compra com dinheiro, ou aquelles, que ganha por meio da lizonja? He certo que os primeiros querem vender-se muitas vezes; e estes não podem soffrer hum subordinação pezada. Prendem-se facilmente com hum pequena lizonja: se com hum só palavra os tocarmos, murmuraõ, deixaõ-nos, vaõ-se inimigos, desamparaõ-nos impacientes; querem antes mandar, do que obedecer: julgaõ que como obrigados com o beneficio lhe devem estar sujeitos aquelles, que deviaõ ter por superiores.

Na verdade quem ha de julgar que lhe são fiéis aquelles, que entendeu que lhe deviaõ ficar obrigados ou pelo dinheiro, ou pela lizonja? Aquele, que aceitou o dinheiro, julga-se por vil, e desprezível a si, se não for comprado muitas vezes: por isso espera muitas vezes o seu preço: e aquelle, que foi ganhado pela lizonja, sempre que o roguem, e o lizonjeem.

CAPITULO XXIV

Devem-se merecer as dignidades, principalmente Eccleziasticas, pelas virtudes, e boas partes: as que se alcansarem devem-se administrar com modestia, e sabedoria. Os Eccleziasticos não devem diminuir a boa opiniaõ do Bispo com virtudes affectadas; nem o Bispo deve diminuir o bom conceito do Clero, mas observar justiça em tudo, e muito mais em julgar.

A'vista do que com as virtudes, e boas obras, he que eu julgo que se deve procurar subir ás dignidades, principalmente Eccleziasticas: nem devemos ter hum suberba reprehensível, nem hum negligencia descuidada, nem hum affectação vicioza, nem hum ambição, que nos esteja mal, em as pertensoens que tivermos, deste genero. Para tudo serve de muito hum rectidão sincera; e ella só per si se faz recommendavel.

Mas em a dignidade, que alcansamos, não he justo que tenhamos nem severidade aspera, nem brandura demaziada; para que se não

diga ou que exercitamos hum poder dispotico, ou que não cumprimos de nenhuma sorte o officio que se nos commetteu.

Devemos tambem trabalhar com cuidado em obrigarmos a muitos com os nossos beneficios, e favores; e conservarmos na lembrança o agradecimento, com que nos correspondem, para que se não fação esquecidos do beneficio com razão os que se queixarem de que os temos offendido gravemente. Pois succede muitas vezes que aquelles a quem ajudamos com o favor ou adiantamos mais em a dignidade, os ponhamos contra nós, se acazo vêm que entendemos que alguém, que não era digno disso, o devemos, preferir a elles. Mas he justo que o Bispo favoreça com os seus beneficios, e com a sua approvaçãõ para observar justiça; e que o Presbytero, ou o Diácono, e mais ministros o respeitem como pai.

Nem he razão que estes, por elle os ter approvado huma vez, de fação suberbos; mas antes lembrando-se da graça, que receberãõ, tenhaõ humildade: nem tambem que o Bispo se escandalize, se adiantarem o seu credito ou o Presbytero, ou o Diacono, ou algum do Clero, com as virtudes ou da mizericordia, ou do jejum, ou da rectidaõ; ou com a doutrina, e liçaõ Sagrada; pois he certo que he louvor do Mestre a boa opiniaõ, que a sua Igreja tem. He coiza excellente louvarem-se as obras de cada hum, com tanto, que seja sem desejo de vaidade. Louvem a cada hum as vozes dos outros, não a sua propria boca; e fação-no recommendavel as suas obras, não os seus desejos de ser louvado.

Mas se alguém não obedece ao Bispo dezeja elevar-se, e exaltar-se; procura obscurecer os merecimentos do mesmo Bispo com a fingida affectaçãõ de doutrina, ou de humildade, ou de mizericordia: este desviando-se da verdade, he suberbo; porque a regra da verdade he não fazermos nada para nos engrandecermos, e abatermos os outros; e se tivermos alguma virtude, que não a pratiquemos para desfear, e vituperar a outrem.

Não defendamos o homem mau, nem queiramos que se entreguem as coizas santas ao indigno; nem tambem apertemos, e persigamos aquelle, cujo crime nos não consta. Porque he certo que, escandalizando depressa a injustiça em todos, muito mais escandaliza na Igreja, onde convém que haja equidade; onde pede o decóro que se guarde igualdade com todos; de sorte, que nem o mais poderoso tome nada para si indevidamente; nem o mais rico usurpe coiza alguma. Porque ou seja pobre, ou seja rico o homem, todos saõ huma só coiza em Christo. Não arrogue o

mais santo nada para si; porque pede a razão que elle seja mais humilde.

Quando julgarmos, não façamos acepção de pessoa: não haja paixão; examinem-se os merecimentos da cauza. Não ha nada, que tanto damno faça á boa opiniaõ, ou, para o dizer melhor, á fé, que se tem em nós, do que a justiça, que o pobre tem na cauza, entregarmo-la ao mais poderoso, ou tambem castigarmos ao pobre innocente, e desculparmos o rico, que está reo do crime. Inclinaõ-se os homens a favorecer aos mais distinctos, para que estes não julguem ter sido offendidos, nem se queixem de que os venceraõ. Mas primeiramente, se receamos scandalizar, não nos encarreguemos de ser Juizes; se somos Bispos, ou quaesquer outros, não provoquemos ninguem. He-nos licito calarmo-nos em os negocios, cujo interesse he temporal; ainda que he constancia favorecer a parte, que tem justiça. Mas quando a cauza he de Deos, quando ha perigo da uniaõ Christãa, entaõ até o disfarçar he grande culpa.

CAPITULO XXV

Devem os beneficios fazer-se antes aos pobres, do que aos ricos; porque estes entendem ou que os querem obrigar a que fação outros, ou se enfadaõ de que os queiraõ obrigar a isso: os pobres tem a Deos, que paga por elles, e confessão os beneficios de boa vontade. Exhorta-nos ao desprezo do dinheiro.

Mas de que nos aproveita fazer beneficios ao rico? Porventura porque te recompensa mais depressa? Porque nós fazemos beneficios mais de ordinario áquelles, de quem esperamos recompensa. Mas devemos tanto mais soccorrer ao fraco, e ao pobre, quanto mais só do Senhor JESUS esperamos a remuneração por parte desse, que não tem nada. Deu este Senhor huma imagem das virtudes na figura do banquete, que refere o Evangelho, ensinando nos que façamos antes os nossos beneficios aquelles, que no los não podem pagar; fazendo ver que se não devem convidar para o banquete, e para a meza os que são ricos, mas os pobres; porque os ricos parece-lhes que os rogamos que nos fação outro tanto: os pobres como não tem com que pagar, todas as vezes que receberaõ algum bem, fazem que fique sendo nosso remunerador aquelle Senhor benigno, que se offereceu a ficar obrigado pelo pobre.

Luc. 14.12. &
13.

Até para a conveniencia temporal serve mais o beneficio, que se faz ao pobre, do que o que se faz ao rico; porque o rico desestima o beneficio, e envergonha-se de ficar devendo o agradecimento. Ainda mais; attribue aos seus merecimentos aquillo, que se lhe deu, e o julga como divida, ou tambem que, se se lhe deu, foi porque o mesmo, que deu, julgou que o rico lho havia de pagar com mais ventajem. Desta sorte quando recebem hum beneficio os ricos, nisso mesmo, que recebem, entendem que antes deraõ, do que receberaõ: pelo contrario o pobre, ainda que não tem com que pague em dinheiro, paga em agradecimento. Nisto he certo que paga mais, do que recebeu; porque o dinheiro acaba-se em a moeda, que se dá; o agradecimento não acaba nunca. Diminue-se o dinheiro pagando com elle: o agradecimento paga-se conservando-se, e conserva-se pagando-se. Além de que o que o rico não quer fazer; o pobre o confessa, que está obrigado á divida; conhece que o socorreraõ, que não se attendeu a alguma sua dignidade: persuade-se que no beneficio se lhe conservaraõ os filhos, se lhe restituiu a vida, se lhe salvou a familia. Ora quanto melhor he empregar o beneficio em os bons, do que em os desagradecidos?

Matth. 10.9. Pelo que diz o Senhor aos discipulos: *Naõ queirais possuir ouro nem prata, nem dinheiro:* com estas palavras, como com agudo instrumento, cortou a avareza, que está brotando em os peitos humanos. Tambem ao aleijado de nascimento, que estava á porta

Act. 3.6. do Templo, diz S. Pedro: *Naõ tenho prata, e ouro; mas o que tenho, eu to dou: Em nome de JESU Christo Nazareno levanta-te, e anda.* Naõ lhe deu dinheiro, deu-lhe saude. Quanto melhor he ter saude sem dinheiro, do que dinheiro sem saude: Levantou-se saõ o aleijado; o que não esperava: não recebeu dinheiro, como pedia. Mas desprezar as riquezas he virtude, que apenas se acha nos Santos do Senhor.

CAPITULO XXVI

Mostra-se com exemplos do Testamento Velho quaõ antigo peccado seja a avareza: daqui se vê quanto seja vã a posse das riquezas

Mas tem-se os animos dos homens deixado cativar da admiração das riquezas, de tal modo, que ninguem se julga digno de estimação, senaõ quem he rico. Nem he novo este abuzo; he já muito antigo; o que he peor. Lansou raizes nos animos dos

homens ha muito tempo. Tendo cahido a grande cidade de Jericó ao som das trombetas, que tocavaõ os Sacerdotes; e tendo Jozué ganhado a victoria, conheceu que por cauza da avareza do Povo, e cobiça do ouro, se tinha enfraquecido o valor do Povo. Porque tendo Achar tomado dos despojos da cidade abrazada hum vestido recamado de ouro, e duzentos didramas, e hum lingua mocica de ouro, sendo apresentado ao Senhor, não poudo negar; mas descobrio o furto. Josue. 7.18. & seq.

He pois antiga, e de muitos annos a avareza começou no tempo, em que foi dada a Lei do Senhor: ou, para o dizer melhor, foi dada a Lei para reprimir a avareza. Por amor da avareza julgou Balach, que se podia tentar Balaaõ com premios para amaldiçoar o Povo de Israel; e tello-hia vencido a avareza, se o Senhor lhe não tivesse ordenado que se abstinhesse da maldiçaõ. Por amor da avareza tendo-se Achar precipitado, tinha arrastado para a sua ruina todo o Povo. Assim Jozué, que poudo fazer parar o Sol, para que não andasse, não poudo reprimir a avareza dos homens para que não fosse crescendo. A' sua voz parou o Sol; não parou a avareza. Tendo o Sol parado, alcansou Jozué o triumpho; mas tendo-se adiantado a avareza, teve quazi perdida a victoria. Exod. 20.17. um. 22.7. & seq. Josue. 10.12, & 13.

Que direi de Sansaõ, o mais valerozo de todos os homens? Porventura não o enganou a avareza de sua mulher Dálila? Elle, que despedaçou com as suas maons o leão, que rugia; elle, que prezo, e entregue aos estranhos, só sem ajuda alguma matou mil homens dentre elles desatando-se as prizoens: elle, que quebrou as cordas tecidas de duro nervo, como se fossem delgados fios: elle mesmo estando recostado sobre o regaço de sua espoza, perdeu a formozura do cabello, em que era invencivel, a excellencia do seu valor. O dinheiro o fez recostar-se sobre o regaço da espoza, e perdeu o que tinha mais excellente. Judie 16.6. & seq.

Funesta coiza pois he a avareza, enganoza coiza o dinheiro, corrompe os que o tem, não ajuda os que o não tem. Demos todavia que em algum cazo o dinheiro ajude; comtudo ajuda ao que lhe he inferior, e que o dezeja. De que importa elle a quem o não dezeja, a quem o não busca, a quem não necessita do seu auxilio? Não tem paixão alguma por elle. Que importa aos outros que aquelle, que o tem, seja mais rico? Porventura por isso he mais bom, mais honesto, porque tem aquillo, com que se perde muitas vezes o honesto; porque mais tem que guarde, do que

que possua? Na verdade nós só possuímos aquillo, de que uzamos: aquillo, que não serve para o uzo, não tem o bem de se possuir, mas o perigo de se guardar.

CAPITULO XXVII

Vê-se a imagem da virtude no desprezo do dinheiro: tanto esta virtude, como outras devem procurallas os Prelados, e os outros Ecclesiasticos. Adverte o Santo que a excommunhaõ se não deve impôr inconsideradamente

Em summa conhecemos que o desprezo do dinheiro he imagem da justiça; e por isso devemos desviar-nos da avareza, e attender com todo o cuidado a que não façamos nada nunca contra, justiça; mas a observemos em todas as obras, e acçoens.

Se queremos agradar a Deos, tenhamos caridade, estejamos bem unidos, sejamos humildes, julgando a cada hum dos outros nosso Superior. Pois esta he humildade, não arrogar nada a si; e julgar-se inferior. Sirva-se o Bispo dos Clerigos, e maiormente dos Ministros, que na verdade são filhos, como de proprios membros: destine para cada emprego aquelle, que vir que para elle he accommodado.

A parte do corpo, que se corrompeu, se se chega a cortar, he com dor, e magoa, e primeiro muito tempo antes se averigua se pode curar-se com remedios: se não pode, então he que a corta o bom cirurgiaão. Da mesma sorte o dezejo do bom Bispo he curar os enfermos, tapar as feridas, que se vão abrindo, cauterizar algumas, não rasgallas: em fim cortar com violencia, e magoa o que se não pode sarar. Donde fica resplandecendo mais aquelle singularissimo preceito: Que consideremos não o que he nosso interesse; mas o que he dos outros. Porque deste modo não haverá nada, que ou estando irados concedamos á nossa paixãõ, ou querendo favorecella permittamos á nossa vontade mais do que he justo.

CAPITULO XXVIII

Devemos praticar a mizericordia, ainda que nos tenhaõ odio; refere-se a historia dos Vazos Sagrados, que o Santo Doutor mandou quebrar, e vender para resgatar os cativos. Daõ-se admiraveis regras ácerca do uzo do ouro, e da prata, que a Igreja tem. Tendo mostrado com o exemplo de S. Lourenso quaes são os verdadeiros thezouros da Igreja, propoem as regras, que se devem observar em mandar fundir, e gastar em obras de piedade os Vazos Sagrados, que já tem servido

He o maior effeito da mizericordia* compadecer-mos das calamidades alheias, ajudarmos as necessidades dos outros quanto podemos, e ás vezes mais anda do que podemos. Pois he melhor darmos as cauzas, porque uzamos de mizericordia; ou expormo-nos ao odio, do que mostrarmos deshumanidade. A mim me succedeu já experimentar o odio publico, por ter mandado quebrar os Vazos Sagrados para resgatar os cativos. Podera isto ter desagradado aos Arianos; mas não lhes desagradava tanto o que eu tinha feito, como gostavaõ de achar em mim que reprehender. Mas quem ha tão duro, tão deshumano, tão de ferro, que lhe desagrade resgatar hum homem de morte, huma mulher dos torpes insultos dos barbaros, que são mais crueis que a mesma morte: as donzelas, os moços, os meninos de contagio da idolatria, com que se corrompiaõ com o medo da morte?

Aquella obra, ainda que eu a não fiz sem alguma cauza, comtudo sobre ella falei ao Povo, confessando-lhe, e provando-lhe que tinha sido muito mais proveitozo conservar as almas, do que o ouro, para

* De todo este Capitulo se vê que já desde os primeiros seculos houve na Igreja Vazos Sagrados, huns dos quaes eraõ destinados, e serviaõ para os Sacramentos; outros sómente para decencia, e ornato: huns, e outros em tal quantidade, que bastavaõ para resgatar innumeraveis cativos. Também se ve que o S. Prelado não condemnava aquelle grande cabedal da Igreja; pois só em certos cazos, e na falta de outros meios permite que se alienem. Pelo que se alguns dos Santos Padres, como S. Jeronymo na Carta segunda a Nepociano, S. Joã Chryzostomo na Homilia 52 a S. Mattheus, e 60 ao Povo de Antioquia; S. Izidoro Peloziota l. 2. Carta 88, e S. Bernardo no cap. 11. da sua Apologia, parece condemnarem nas Igrejas o uzo de ornamentos de ouro, e prata; bem se entende que o seu sentido, e espirito he condemnar não o uzo legitimo, mas o abuzo; isto he, o luxo, o fausto profano, e imprudente religiaõ daquelles, que antes consentiriaõ que morressem de fome os pobres, do que se distrahissem hum só daquelles vazos. Deste animo eraõ os Arrianos, que accuzaraõ o nosso Santo Prelado na occaziaõ de que fala neste Capitulo. A calamidade, de que aqui fala, he a que se seguiu a cruel morte do Imperador Valente com os seus Generaes Trajano, e Sebastiaõ, depois da qual os Godos, e os outros barbaros tendo destruido o Illyrico, assolaraõ tudo até os Alpes: o que foi pelos annos de 377.

- Matth. 10.9. o Senhor: pois elle sem ouro mandou os Apostolos, sem ouro ajuntou as Igrejas. Tem a Igreja ouro, não para que o guarde, mas para que o gaste, e socorra com elle nas necessidades. Para que he necessario guardar o que de nada serve estando guardado? Não sabemos quanto ouro, e prata levarão do Templo do Senhor os
4. Reg. 24.13. Assyrios? Porventura não fazem os Sacerdotes melhor em mandar fundir os vasos Sagrados para sustentarem os pobres no cazo, em que faltem outros subsidios, do que he que os leve comsigo o inimigo sacrilego depois de os ter profanado? Porventura não ha de dizer o Senhor: Porque razão soffreste que morressem de fome tantos necessitados? Tinhas ouro; deras-lhe a sustentação. Porque razão foraõ levados tantos cativos para se negociar com eles, e não sendo resgatados, o inimigo os matou? Melhor fora que tivesses conservado os Templos vivos, do que os vasos de metal.

A isto não se poderia tornar resposta. Porque he o que haviamos de dizer: Temi que faltasse o ornato ao Templo de Deos? Responderia o Senhor: Os Mystérios Sagrados não querem ouro, nem agradaõ com o ouro; porque se não compraõ com ouro. O resgate dos cativos he que he o ornato dos Sagrados Mystérios. São verdadeiramente preciosos aquelles vasos, que resgataõ da morte as almas. He verdadeiro thezouro do Senhor aquelle, que faz, de certo modo, o que o sangue do mesmo Senhor fez. Entaõ se conhece ser vaso do sangue do Senhor quando em hum, e outro se vê a redempção: de sorte que resgata do inimigo o caliz áquelles, a quem o sangue resgatou do peccado. Que formozoa coiza he, quando a Igreja resgata exercitos de cativos, ouvir dizer: A estes resgatou-os Christo! Eisaqui o ouro, que se pode approvar; eisaqui o ouro util; eisaqui o ouro de Christo, que livra da morte: eisaqui o ouro, com que se resgata a virginal pureza, com que se salva a castidade.

Pelo que antes vos quis entregar estes livres, do que guardar o ouro. Este numero de cativos, esta ordem he mais excellente, do que a formozura dos vasos, que desfiz. Devia o ouro do Redemptor eterno servir para esta obra, que era resgatar os que estão em perigo. Creio que o sangue de Christo, que naquelle ouro tinha sido lansado, não só brilhou, mas imprimio o valor de obra Divina no resgate, que eu fiz com elle.

Similhante ouro conservou para o Senhor o Santo martyr Lourenso, a quem pedindo-se-lhe os thezouros da Igreja, prometteu que os havia mostrar. Trouxe no dia seguinte comsigo os pobres.

Perguntando-lhe onde estavam os thezouros, que promettera, mostrou os pobres, dizendo: Estes são os thezouros da Igreja. E verdadeiramente são thezouros, em que está Christo, em que está a Fé. Diz o Apostolo: *Temos hum thezouro em vasos de barro.* Que melhores thezouros tem Christo, do que aquelles, em que este Senhor disse que estava? Assim está escrito: *Tive fome, e destes-me de comer: tive sede, e destes-me de beber: era peregrino, e recolhestes-me.* E logo abaixo accrescenta: *Porque aquillo, que fizestes a hum destes, fizestes-mo a mim.* Que melhores thezouros tem JESU Christo, do que aquelles, em que estima que o vejaõ? 2. Cor. 4.7. Matth. 25.35. Ibid. 40.

Estes thezouros mostrou S. Lourenso, e venceu; nem o perseguidor lhós pode tirar. Por isso ElRei Joaquim, que no cerco da cidade guardava os seus, nem os repartia para ter sustento o Povo, vio roubar o seu ouro, e levarem-no cativo a elle. S. Lourenso, que antes quis dar aos pobres o ouro da Igreja, do que guardallo para o tyranno, em premio da singular viveza, com que se explicou, recebeu a Sagrada coroa do martyrio. Disse-se porventura a S. Lourenso: Não devestes gastar os thezouros da Igreja, nem vender os vasos dos Sagrados Mystérios? 4. Reg. 24.13.

He necessario que cada hum de nós cumpra esta obrigação com fe sincera, e perspicaz providencia. Sem duvida se alguém desvia alguma coiza para utilidade propria, isto he crime; mas se o dá aos pobres, se resgasta o cativo, he misericordia. Porque ninguem pode dizer: Porque vive o pobre? Ninguem se pode queixar de que tem sido resgatados os cativos; ninguem pode accuzar ter-se edificado o Templo de Deos; ninguem pode impacientar-se de que se tenha alargado o terreno para sepultar os cadaveres dos Fiéis: ninguem pode magoar-se de que nas sepulturas dos Christãos haja lugar de descanso para os que morrem. Em todos estes tres cazos he licito quebrar, fundir, vender os vasos da Igreja, ainda os que tem servido aos Sagrados Mystérios.

He justo que não saia fóra da Igreja o vaso consagrado pelos Sagrados mysterios; que o ministerio do caliz Sagrado se não converta para o uzo profano. Por isso se buscaraõ primeiramente dentro da Igreja os vasos, que ainda não estavam no uzo Sagrado: depois comtudo quebraraõ-se, fundiraõ-se, repartiraõ-se em pequenos pedaços aos pobres; até serviraõ para o resgate dos cativos. Porque se faltaõ vasos novos, e que não estejaõ consagrados ainda de nenhuma sorte, entendo eu que entãõ todos se podem converter piamente para estes uzos, que assima tenho dito.

CAPITULO XXIX

Os depozitos das viúvas, ou de todos os Fiéis, que estão guardados na Igreja, deve o Bispo defendellos, ainda com perigo proprio: Vê-se isto com o exemplo do Sacerdote Onías, do nosso Santo Doutor, e do Bispo de Pavia

Deve-se ter o maior cuidado em que os depozitos das viúvas se conservem illezos, se guardem sem alguma diminuição. Que digo? Não só os das viúvas; mas ainda os de todos os Fiéis; porque devemos guardar boa fé para com todos, ainda que o patrocínio das viúvas, e dos orfaons seja maior.

Só com pretexto de serem depozitos das viúvas, como lemos 2; Mach. 3.10. & seq. nos livros dos Macabeus, se guardou tudo o que estava recolhido no Templo. Tendo-se denunciado que havia grande porsão de dinheiro no Templo em Jerusalém, por meio do abominavel Simão a ElRei Antíoco; mandou este a Eleodóro a examinar se era assim: veio ao Templo, declarou ao summo Sacerdote a maligna denuncia, e a cauza da sua vinda.

Respondeu-lhe o Sacerdote, que alli estava depositado o sustento das viúvas, e dos orfaons: mostrou-lhe tambem alguns dinheiros do Santo varão Tobias Hyrcano. Eraõ 40 talentos de prata, 200 de ouro. Quis Eleodoro rouballos, e fazer preza nelles para ElRei: prostraõ-se os Sacerdotes diante do Altar, vestidos dos paramentos Sacerdotaes, e chorando invocaraõ o Deos vivo, que tinha estabelecido a lei dos Depozitos, para que fosse defensor dos seus mandamentos. O rosto, e côr do summo Sacerdote desfigurada mostrava a magoa do seu coração, e o desasocego do animo. Choravaõ todos; porque havia de chegar a desprezo o lugar Sagrado, se nem no Templo de Deos se conservasse segura a observancia da fidelidade: as mulheres crescidas feriaõ o peito; as donzellas encerradas clamavaõ á porta: huns corriaõ aos muros, outros estavaõ olhando das janelas espavoridos, levantavaõ todos os maons ao Ceo, rogando ao Senhor que valesse ás suas leis.

Mas Eliodoro não se atterrando com isto, insistia no que tinha intentado, e tinha cercado o thezouro com as suas tropas. Apparece-lhe de repente hum cavaleiro temerozo, e brilhando com armas de ouro; o cavallo, em que montava, era guarnecido de hum preciozo jaez. Appareceraõ tambem dois moços de vigorosa figura, engraçada prezença, singular esplendor, com vistoza farda, cerca-

rao-no de redor, e de hum lado, e de outro o feria cada hum cruamente sem cessar com seu açoute. Que mais? Cheio de assombro, e confusão cahio por terra, sem accordo jazia á vista do evidente signal do castigo Divino; nem lhe restava esperansa alguma de se livrar. Cobraraõ alegria os tímidos cercados, encherão-se de medo os suberbos: lansando-se aos pés de Onias alguns dos amigos de Eliodoro, lhe rogavaõ lhe conservasse a vida; porque estava quazi expirando.

Então pondo-se em oração o summo Sacerdote, appareceraõ segunda vez a Eliodoro os mesmos moços, ornados das mesmas vestiduras, e lhe disseraõ: Rende as graças ao summo Sacerdote Onias; por amor delle se te salvou a vida. Como tens experimentado os castigos de Deos, vai, e diz a todos os teus quaõ grande conhecestes que era o respeito do Templo, e o poder do mesmo Deos. Ditas estas palavras, desaparecerãõ. Eliodoro tornando a si offereceu sacrificio ao Senhor, deu as graças ao Sacerdote Onias, e voltou para ElRei com o exercito, e diz-lhe: Senhor, se tens algum inimigo, ou algum inconfidente á tua pessoa, manda-o logo ao Templo; e voltará bem castigado.

Donde se vê, ó filhos, que se deve guardar boa fé, e applicar cuidado aos depozitos. Acredita-se singularmente o vosso ministerio quando a violencia do poderozo, a qual não podem tolerar nem a viuva, nem os orfaõs, he rebatida com o favor da Igreja; quando mostrais que vale mais para com vosco o preceito do Senhor, do que o respeito do rico.

Estais lembrados de quantas vezes eu tive de contender com os Ministros seculares para defender os depozitos das viuvras, ou, para o dizer melhor, de todos os Fiéis. Neste trabalho tambem vós tivestes parte comigo. Referirei hum novo exemplo da Igreja de Pavia, que estava em perigo de deixar levar hum depozito de humma viuva, que tinha no seu poder. Pedia lho entregassem hum homem, que por decreto do Principe o queria tirar: não tinhaõ os Ministros da Igreja foras, nem auctoridade: os que tinhaõ servido de Ministros, e os executores das ordens, protestavaõ que se não podiaõ impedir as ordens do Principe. Apresentava-se o decreto expresso, e claro, as ordens do Prezidente do Paço; instava o official executor dellas. Que mais? Era necessario entregar-se.

Comtudo aconselhou-se comigo o Santo Bispo, fechou as cazas, onde se tinha recolhido o tal depozito da viuva: e como o não poderaõ levar, fizeraõ termo de que alli estava, e se foraõ. Depois

em virtude do mesmo tornaraõ a pedillo: tinha o Principe dado segunda ordem: até veio em pessoa buscarme. Comtudo não se entregou: neguei-lhe que se podesse fazer: expuz-lhe a auctoridade da lei Divina; li-lhe o lugar, em que se refere o cazo, e perigo de Eliodóro: apenas depois de muito trabalho admittio razaõ o Principe. Tentou-se depois tambem o meio da obrepçaõ; mas o Santo Bispo prevenio-se; entregou á viuva o que recebera. Salvou-se a boa fé: não fez impressaõ o medo; porque já entaõ o que perigava era o dinheiro, não a boa fé.

CAPITULO XXX

Concluzaõ do livro. Exhorta a fugir dos invejosos; abraçar a prudencia, a fidelidade, e outras virtudes

Filhos, fugi dos maus; guardai-vos dos invejosos. Entre o mau, e o invejozo ha esta differensa; que o mau deleita-se com o seu bem; o invejozo atormenta-se com o alheio: aquelle ama o mau; este aborrece o bom. E deste modo quazi que he mais toleravel aquelle, que quer bem para si, do que o que quer mal para todos.

Filhos, considerai primeiro o que haveis de fazer; e tendo-o considerado muito, fazei entaõ o que vos parecer melhor. Quando se offerece occasiaõ louvavel de morrer, deve-se aproveitar logo. A gloria dilatada foge, nem se consegue facilmente.

Amai a fidelidade; porque com a fidelidade, e a devoçaõ alcansou Jozias para si grande amor da parte dos seus inimigos; pois celebrou a Pascoa do Senhor sendo de idade de 18 annos, como nenhum antes delle tinha celebrado. Pelo que assim como elle venceu no zelo os antepassados, assim vós filhos, abraçai o zelo de Deos. Entre em vós, e devore-vos o zelo de Deos; diga cada hum de vós: *Entrou dentro em mim o zelo da vossa Caza*. Chamou-se Zelozo o Apostolo de Christo. Que digo do Apostolo? O Senhor mesmo diz: *O zelo da vossa Caza me comeu*. Haja pois zelo de Deos; não haja este zelo humano, que a inveja produz.

Haja entre vós paz, que vence todo o sentimento. Amai-vos mutuamente; não ha nada mais doce do que a caridade; nada mais agradável que a paz. Vós muito bem sabeis que eu vos amei

sempre, e amo mais do que aos outros: o amor da vossa irmandade taõ bem unida tem crescido em mim como pai de todos vós.

Conservai o que he bom: e o Deos da paz, e do amor será comvosco em o Senhor JEZUS; a quem seja dada honra, gloria, magnificencia, poder como Espirito Santo pelos seculos dos seculos. Assim seja.

LIVRO III

CAPITULO I

David, e Salomaõ ensinaraõ como deviamos conversar com o nosso coração: Scipiaõ não he primeiro auctor do celebre dicto, que se lhe attribue. Os Santos Profetas em a sua solidaõ obraraõ grandes maravilhas. Compara-se a solidaõ destes com a de outros: e mostra-se que o Justo nunca está só, nem violento.

Ensinou-nos David que andassemos em o nosso coração, como em huma caza espaçosa, e conversassemos com elle, como com hum bom amigo: elle mesmo dizia a si, e falava comsigo: *Eu disse: Guardarei os meus caminhos.* Tambem seu filho Salomaõ diz: *Bebe a agua dos teus teus vasos, e das fontes dos teus póços: isto he, serve-te do teu conselho: Porque he agua profunda o conselho no coração do homem. Ninguem estranho (diz elle) seja participante de ti. Seja tua propria a fonte da tua agua; e alegre-te com a tua espoza, que está comtigo desde a mocidade: semelhante ao servo fiel, e simples, e ao seu pequeno filho innocente, converse comtigo.*

Naõ foi pois Scipiaõ o que primeiro disse: Que naõ estava só quando estava só; nem estava menos ociozo, do que quando estava ociozo: advertio isto Moyzès antes d'elle, o qual quando estava calado clamava: quando estava em pé ociozo, pelejava: nem só pelejava, mas até triunfava dos inimigos, em quem naõ havia tocado. Taõ ociozo estava, que outros lhe sustentavaõ os braços; nem menos occupado, do que os outros; pois com as maons ociozas destruia o inimigo, a quem naõ podiaõ vencer os que pelejavaõ com elle. Daqui se vê que Moyzès em o silencio falava, e em o ocio trabalhava tambem. Quem he aquelle, cujas occupaçoens foraõ maiores do que o ocio deste homem, que, estando quarenta dias em o monte, comprehendeu toda a Lei, e naõ faltou quem falasse com elle naquella solidaõ? Pelo que justamente de David: *Ouvirei que fale em Mim o Senhor Deos.* E quanto mais he falar Deos com alguem, do que cada hum comsigo?

Passavaõ os Apostolos, e a sua sombra curava os enfermos. Act. 5.16.
Tocava-se nos seus vestidos, e cobrava-se saude.

Falou Elias, e parou a chuva; e tres annos, e meio não cahio 3. Reg. 13.
sobre a terra: falou segunda vez, e não faltou o vazo da farinha; 1. & seq.
e o do azeite se não esgotou em todo o tempo, que durou a fome.

E já que muitos gostãõ da guerra: que he mais excellente, ter vencido hum batalha com os braços de hum grande exercito, ou só com as virtudes? Estava o Profeta Elizeu sentado em hum 4. Reg. 6.
lugar, e fazia ElRei de Assyria violenta guerra ao seu Povo; 8. & seq.
ajuntava diversos estratagemas, e maquinava cercallo com siladas: mas o Profeta lhe embaraçava todos os apparatus; e estando presente em toda a parte com a forsa do seu juizo, com a graça de Deos, descobria aos seus naturaes os intentos dos inimigos, e os advertia dos lugares, onde se deviaõ acautelar. Tanto que o Rei de Assyria soube isto, despedindo hum exercito poz o Profeta em sitio. Fez Elizeu oração; todos os de ElRei ficaraõ cegos, e foraõ obrigados a entrar cativos em Samaria os mesmos, que o tinhaõ vindo cercar.

Comparemos este ocio do Profeta com o de outros. Huns para descansar costumaõ apartar o animo dos negocios, e retirar-se da companhia, e ajuntamento dos homens, e buscar o retiro do campo, procurar a solidaõ das quintas, ou estar meditando comsigo; entregarse ao socego, e quietação: mas Elizeu estando solitario no 4. Reg. 2.8.
dezerto separou as aguas do Jordaõ na sua passagem, de sorte, que hum parte foi correndo ao mar, a outra retrocedeu para a sua fonte: no Carmélo livrando da esterilidade a Sunamitis, faz que 4. Reg. 2.8.
ella conceba por meio das suas oraçoens inesperadamente: resuscita mortos, adoça a amargura dos alimentos, e faz que fiquem gostozos com a nova mistura: tendo repartido dez paens, recolhe os restos, ficando satisfeito o Povo: tirando o ferro do machado, e lansando-o na corrente do Jordaõ, faz que nade ao lume da agua; alimpa da lepra hum enfermo; faz que se mude o tempo, e haja chuvas; que acabe a fome, e haja fartura.

Quando he pois que está só o Justo, que sempre está com Deos? Quando está solitário elle, que nunca se aparta de Christo? *Quem nos apartará, diz o Apostolo, do amor de Christo: Confio que nem a morte, nem a vida, nem o Anjo.* Quando porém, he que está 4. Reg. 2.8.
livre de occupaçoens o justo, que nunca o está das virtudes, com que as occupaçoens completamente se satisfazem? Dentro de que lugares está fechado elle, para quem todo o mundo he terra propria?

1. Cor. 5.2. Onde tem encerrada a sua estimação elle, cujo conceito se não comprehende nunca? Porque está como ignorado, e se conhece: esta como morto, e vive: como triste, e sempre alegre: como necessitado, e sempre liberal: como quem não tem nada, e possui tudo. Porque o homem justo não olha para nada, senão para o que he constante, e honesto. E por isso, ainda que a outrem pareça pobre, para si he rico, porque não se avalia pela estimação das coizas, que são caducas, mas das que são eternas.

CAPITULO II

A disputa, que os Filozofos tem entre si, comparando o Honesto com o Util, não tem lugar entre os Christaons; porque para elles não ha nada util, senão o que he honesto. Quaes são as Obrigaçoens perfectas, quaes as medias? Convém o mesmo nome, mas por modo diverso, a diversas coizas. O homem justo nunca busca o seu commodo com incommodo alheio, mas, pelo contrario, procura sempre a utilidade dos outros

E porque temos falado nos lugares antecedentes dos dois primeiros pontos, e nelles tratámos do Honesto, e do Util; segue-se ver se devemos comparar entre si o Honesto, e o Util; e saber qual delles se deva seguir; porque assim como examinámos assim a em primeiro lugar: se a coiza era honesta, ou torpe? e depois, se era util, ou inutil? da mesma sorte neste lugar julgaõ alguns que se deve examinar se a coiza he honesta, ou se he util? Eu porém movo-me a não o fazer, para que não pareça que considero como coizas contrarias entre si aquellas, que já assim mostrei que eraõ só huma; e vem a ser que não pode ser honesto, senão o que he util; nem util, senão o que he honesto: porque eu não sigo a sabedoria humana, a qual estima em mais a utilidade da conveniencia pecuniaria; mas sigo a sabedoria, que vem de Deos, a qual tem por detrimento as coizas, que neste mundo se estimaõ grandes. Pois he certo que *Catrotoma*, que he obrigação perfeita, e absoluta, nasce da verdadeira fonte da virtude. A elle se segue a Obrigação commua, que na mesma palavra se mostra não ser virtude difficultoza, e singular; porque pode ser commua a muitos. Buscar meios de ajuntar dinheiro he coiza familiar a muitos; gostar de meza esplendida, e de iguarias mais delicadas, he coiza frequente: mas escutar, ser casto, he de poucos; não cobiçar o alheio he coiza rara: pelo

contrario, querer tirar a outrem o seu, e não se contentar com o proprio, nisto ha muitos companheiros. Assim as Obrigaçoens, humas são primeiras, outras medias. As primeiras são de poucos; as medias de muitos.

Nas mesmas palavras de ordinario ha differença. Porque chamamos *bom* a Deos em hum sentido; ao homem em outro. Em hum sentido dizemos que Deos he justo; em outro que o homem. Do mesmo modo chamamos a Deos *sabio* em hum sentido; ao homem em outro. Isto nos ensina o Evangelho: *Sêde vós pois tambem perfeitos; assim como tambem vosso Pai, que está nos Ceos, he perfeito.* Leio que S. Paulo foi perfeito, e não perfeito. Tendo elle dito: *Não porque já tenha recebido, ou porque já seja perfeito: mas sigo para ver se alcanço:* acrescentou logo. *Quaesquer que somos perfeitos.* Ha duas fôrmas de perfeição: huma tem numeros incompletos, outra completos: huma aqui na terra, outra lá no Ceo: huma conforme as foras do homem, outra conforme a perfeição da vida futura. Mas Deos he justo por tudo, sabio sobre tudo, perfeito em tudo.

Matth. 5.48.

Phil. 3.12.

Ibid. 15.

Ainda entre os mesmos homem ha differença. Daniel, de quem se disse: *Quem mais sabio, que Daniel:* foi sabio de hum modo: outros o foraõ de outro: de outro o foi Salomaõ, que foi cheio de sabedoria sobre toda a sabedoria dos antigos, e sobre todos os sabios do Egypto. He huma coiza saber commummente, outra he saber perfeitamente. Quem sabe commummente, sabe quanto ás coizas temporaes: sabe quanto a si, para tirar alguma coiza a outro, e accrescentalla a si. Quem sabe perfeitamente não sabe olhar aos seus interesses; mas olha áquillo, que he eterno, que he decorozo, e honesto; e isto com todo o affecto, buscando não o que he util a si, mas a todos.

Ezech. 28.3.

3. Reg. 12. & seq.

Pelo que esta seja a regra, para que entre estas duas coizas Honesto, e Util não possamos errar: o justo não quer tirar nada a outrem, nem augmentar o seu interesse com incommodo alheio. Prescreve o Apostolo a si esta regra, dizendo: *Tudo me he licito; mas nem tudo me he conveniente: tudo me he licito; mas nem tudo edifica: ninguém procure o seu bem; mas o do outro;* isto he, ninguém procure o seu commodo, mas o do outro; ninguém procure a sua honra, mas a do outro. E em outro lugar diz: *Julgando cada hum o outro superior a si, não considerando cada hum as coizas, que são suas, mas as que são dos outros.*

1. Cor. 10.20.

Phil. .2.3. & 4.

Ninguém busque a sua estimação; ninguém o seu louvor; mas o de outrem. O que tambem podemos ver declarado expressamente

Prov. 9.12. nos Proverbios; pois diz o Espirito Santo por Salomaõ: *Filho, se fores sabio, serás sabio para ti, e para o proximo: mas, se fores mau, tu só beberás o mal.* O sabio attende aos outros, como o faz o justo; porque a fôrma da virtude de hum, e outro he a mesma.

CAPITULO III

Insiste na doutrina de não procurar a utilidade propria, primeiramente com o exemplo de Christo; depois com a interpretação da palavra, e com a figura, e uzo dos proprios membros. Mostra quão grande culpa he prejudicar á utilidade alheia; pois com esta culpa se offende a lei Natural, e Divina, e se perde o em que excedemos aos mais viventes; e em fim se atropelaõ as leis Civis com a maior infamia

Philip. 2.6. & seq. Se alguem pois quer agradar a todos, busque em tudo, não o que lhe he util a si, mas o que o he a muitos, como procurava S. Paulo. Porque he conformar-se com Christo não procurar o alheio, não tirar nada a outrem para o adquirir para si. Christo Senhor nosso tendo a fôrma de Deos, aniquilou-se para tomar a fôrma de homem, e a enriquecer com a santidade das suas obras: e tu, Christaõ, despojas aquelle, que Christo vestio? Despes aquelle, que Christo tomou para si? porque isto he o que fazes quando com damno alheio pertendes augmentar os teus interesses.

Considera, ó homem, donde te veio o nome. Certamente da palavra Latina *humus*, que significa *terra*: esta não tira nada a ninguem; mas dá tudo a todos, e cria diversos fructos para o uzo de todos os viventes. Daqui tambem se chamou *humanidade* a especial e interior virtude do homem, que soccorre aos da mesma natureza.

Seja a mesma figura do teu corpo, e o uzo dos teus membros, quem te ensine. Porventura algum membro dos teus toma para si as obrigaçoens do outro? Os olhos tomaõ para si a obrigação da boca, ou a boca a dos olhos? As maõs tomaõ a obrigação dos pés, ou os pés a das maõs? Antes as mesmas maõs, a direita, e a esquerda, tem muitas obrigaçoens separadas, em tal modo, que, se trocares o uzo de cada huma dellas, será huma coiza contra o natural: e primeiro perderás o ser de homem, do que mudarás as obrigaçoens dos proprios membros: como se comeres com a esquerda, ou com a direita fizeres o ministerio da esquerda; senão se acazo assim o pedir a necessidade.

Suppoem que os olhos tem faculdade de poderem tirar á cabeça o sentir, aos ouvidos o ouvir, ao entendimento o discorrer, o cheirar ao olfacto, á boca o sabor, e tomallo para si: porventura não destruirá deste modo todo o ser da natureza? Diz admiravelmente o Apostolo: *Se todo o corpo forem olhos, onde ficará o ouvir? Se todo o corpo for ouvidos, onde ficará o olfacto?* 1. Cor. 12.17. Pelo que todos somos hum só corpo, e diversos membros, mas todos necesarios ao corpo; porque não pode hum dizer a respeito do outro: Não me he necessario. Antes aquelles mesmos, que parecem mais fracos, são muito mais necesarios, e requerem ordinariamente maior cuidado da sua conservação. E se algum delles só per si dóe, todos os mais membros padecem ao mesmo tempo.

Ora quão grave coiza he prejudicarmos em parte áquelle, de quem devemos compadecer-nos: e servirmos de mal, e de prejuizo áquelle, que devemos acompanhar em o ministério. He lei da natureza, que nos obriga a ter toda a humanidade, que mutuamente ajudemos hum a outro, como partes do mesmo corpo. Nem entendamos que se pode tirar alguma coiza a alguém; pois até o não ajudar he contra a lei da natureza. Nascemos taes, que huns membros concordão com outros membros, hum está unido ao outro; e servem huns a outros mutuamente. Mas se hum faltar ao seu officio, embaraçar-se-hão os mais: se a mão arrancar os olhos, porventura não se privou a si do seu uzo? Se ferir o pé, para quantas acções se impossibilita? E quanto mais grave coiza he destruir todo o homem, do que hum só membro? Se em hum membro se offende todo o corpo, em hum homem certamente se destroe a uniaõ de toda a humanidade; offende-se a natureza dos homens, e a uniaõ da Igreja Santa, que subsiste com a uniaõ de fé, e da caridade em hum corpo ligado, e unido. Até Christo Senhor nosso, que morreu por todos, se ha de doer de que se perca o preço do seu sangue.

Que? A mesma lei do Senhor ensina que se deve guardar a regra de não tirar nada a outrem, por cauza de conservar o proprio interesse, quando diz: *Naõ passes além dos limites, que estabelecerão teus pais:* quando ordena que o novillo, que he de nosso irmão, e anda perdido, lho tornemos para caza: quando manda matar o ladrão: quando prohibe que se defraude do salario devido o mercenario: quando determina que o dinheiro se restitua sem juros; porque soccorrer ao que não tem, he humanidade; extorquir-lhe mais, do que lhe démos, he dureza. Pois se elle teve

Prov. 22.28.

Exod. 23.4.

Exod. 22.2.

Levit. 19.13.

Deut. 23.19.

necessidade do nosso favor, porque não teve donde pagar do seu; não he coiza impia debaixo do disfarce de humanidade pedirmos lhe mais a elle, que não tinha donde pagar o menos? Livras de outrem o devedor, para que o condemnes a respeito de ti; e chamas humanidade a esta acção, em que se vê huma venda publica da tua iniquidade?

Excedemos aos mais viventes; porque elles não podem dar nada: as feras tiraõ; os homens daõ. Daqui vem que diz o Psalmista: Psalm. 36.21. *O justo compadece-se, e dá.* Comtudo ha alguns, aos quaes tambem as fêras daõ. Dando sustentaõ a sua criação; e as aves sustentão com o seu comer os seus pequeninos filhos: mas só ao homem he que se concedeu apascentar todos como seus: deve isto pelo mesmo direito da natureza. Mas se não he licito deixar de dar, como será licito tirar a outrem? As mesmas leis nos ensinaõ isto, quando mandaõ que as coizas, que se tiraraõ a outrem com injuria da sua pessoa, as restituamos com augmento dellas mesmas: o que fazem para que apartem com as penas o ladrão de furtar, ou o desviem com a condemnação pecuniaria, que lhe impõem.

Supponhamos comtudo que possa alguem ou não temer o castigo, ou zombar da condemnação: porventura he coiza justa que alguem prejudique a outro? Este vicio he servil, e uzual á gente infima; tanto contra a natureza, que mais parece extorquillo a necessidade, do que persuadillo a natureza. Comtudo os furtos dos escravos são occultos; os roubos dos ricos são publicos.

Mas porém que ha tanto contra a natureza, como offendermos a outrem por cauza do nosso interesse: ao mesmo tempo que o amor natural nos persuade vigiarmos, soffrermos molestias, tollerarmos trabalho a bem de todos, e se julgue coiza glorioza a cada hum de nós procurarmos com os perigos proprios a tranquillidade de todos; e julgue cada hum por coiza mais agradavel a si mesmo evitar a ruina da Patria, do que os perigos proprios; e creia que he mais excellente fazer serviço á Patria, do que posto em socego passar vida socegada, gozando da abundancia dos regalos.

CAPITULO IV

Tendo mostrado que quem faz mal a outrem por interesse proprio, ha de pagar o grave castigo da sua consciencia; infere que não ha nada que seja util para hum só homem, que tambem o não seja para todos. A questaõ, que os Filozofos propõem a respeito de dois naufragantes, não tem lugar entre os Christaõs, que sempre devem exercitar caridade, e humildade.

Pelo que daqui se infere que o homem, que Deos formou segundo a lei da natureza para obedecer a esta, não pode fazer mal a outrem; porque se fizer mal a alguém, offende a mesma natureza; nem he tão grande o commodo, que lhe parece que alcança, quanto o incommodo, que dalli se lhe segue. Porque que castigo ha mais grave, do que a ferida da propria consciencia? Que juizo mais severo, do que o nosso proprio, em o qual cada hum de nós he reo para si mesmo, e se accuza a si mesmo de ter feito injuria indignamente a seu irmão. O que não pouco recommenda a Sagrada Escritura dizendo: *Da boca dos estultos vem a vara da afronta*: condemna-se a estulticia; porque faz a afronta, e ignominia. Porventura não se deve fugir deste vicio mais, do que da morte, da perda da fazenda, da falta do necessario, do desterro, da magoa, da enfermidade? Porque quem haverá, que não julgue por menor o defeito do corpo, ou a perda dos bens, do que o vicio do animo, e a perda da boa opiniaõ? Prov. 14.3.

He pois manifesto que devem todos olhar, e procurar aquillo, em que ha a mesma utilidade de cada hum em particular, e a mesma de todos geralmente; e não se deve julgar util, senaõ o que aproveita a todos em commum. Como pode aproveitar a hum só aquillo, que he inutil a todos, faz mal a todos? A mim certamente não me parece que pode ser util a si aquelle, que he inutil a todos. Na verdade se a lei da natureza he huma para todos, se he huma certamente a utilidade de todos; somos sem duvida obrigados a attender a todos conforme a lei da natureza. Pelo que não deve aquelle, que quer attender a outro conforme a lei da natureza, fazerlhe mal obrando contra a mesma lei.

Se aquelles, que contendem em o exercicio da carreira, ouço que se instruem, e ensinaõ, de sorte, que cada hum contenda com o outro na ligeireza, não no engano; e no correr se apresse para a victoria quanto podér; e lhe não seja licito armar quêda a outro,

ou empuxallo: quanto mais na carreira desta vida devemos procurar a victoria sem engano, e prejuizo de ninguem:

Excitaõ alguns esta questação: Se o sabio em hum naufragio pode tirar vio!entamente ao ignorante, que está no mesmo perigo; ou se o deve fazer? A mim ainda que me parece melhor para a utilidade publica que escape do naufragio antes o sabio, do que o ignorante, comtudo não me parece que o homem Christaõ, e justo, e sabio deva procurar para si conservar a vida com morte alheia; porque elle mesmo ainda que caia nas maons de hum ladraõ armado, ferindo-o este, elle o não pode ferir da sua parte * para que em quanto defende a vida, não offenda a piedade. Sobre isto he regra clara, e expressa do Evangelho: *Esconde a tua espada; porque todo, o que ferir com espada, será ferido com ella.* Que malfeitor mais detestavel, do que o perseguidor, que vinha para que matasse a Christo? Mas este Senhor, que com a sua ferida quis sarar a todos, não quis ser defendido com a ferida dos perseguidores.

Porque razão te has de julgar melhor do que o outro, sendo proprio do homem Christaõ preferir o outro a si, não arrogar a si nada, não tomar para si honra nenhuma, não pedir paga do proprio merecimento? Além de que porque razão te não has de costumar a tolerares anies o teu incommodo, do que roubar o commodo alheio? Que coiza taõ contraria à natureza, como não se contentar o homem com o que tem: procurar o alheio, solicitallo torpemente? Porque se o honesto he conforme á natureza, porque Deos tudo fez muito bem, a torpeza certamente lhe he contraria: logo não pode concordar com o honesto, e com a torpeza; porque estas duas coizas pela mesma lei da natureza saõ contrarias entre si.

* Tertul. no seu Apologético: S. Cypriano na Carta aos Thebános, que he a 56 da edição Prioriana; e na Carta 57 escrita ao Papa S. Cornelio: o Concilio de Ancyra no Can. 22: e S. Bazilio na Carta a Amphilochio ensinaõ esta mesma doutrina, que o Santo Doutor aqui ensina. Mas a doutrina, de que em similhante cazo podemos ferir, e defender-nos, no sentir commum dos Theologos, e dos homens mais pios, he licita, e a Igreja a deixa seguir livremente aos Fiéis.

CAPITULO V

O Justo não faz nada contra a Obrigação, ainda que possa esconder o que faz, e não o saber ninguém: os Filozofos para significar isto inventarão a fabula do anel de Gyges: rejeitada esta, refere-se o exemplo de David, e do Baptista

Mas para que neste livro ponha o remate, ao qual, como ao seu fim, dirija o meu discurso, he certo que se não deve procurar nada, senão o que he honesto. Nada obra o sabio, senão com sinceridade, e sem malicia; nem faz nada, em que entenda que commette alguma culpa, ainda que a possa occultar. Porque he reo de si mesmo antes que o seja dos outros; nem he tão vergonhoza para com elle a publicação da sua culpa, como he o conhecimento proprio, que tem della. Podemos mostrar isto não com fabulas fingidas, como o mostraõ os Filozofos; mas com exemplos muito verdadeiros de homens justos.

Pelo que não fingirei que se abriu a terra, soltando-se por cauza das grandes chuvas, e que ao fundo della desceu Gyges, e ahi encontrou o cavallo de bronze, que diz Plataõ, e que em hum dos lados delle estavaõ duas portas: que abriu estas, e vio hum anel de ouro no dedo de hum homem morto, cujo cadaver alli estava estendido; e que levado da cubiça do ouro tomara o anel— Mas que, tendo-se retirado á companhia dos pastores de ElRei, de cujo numero elle era, voltando por acazo a pedra do anel para a parte interior da mão, notou que via a todos, e a elle ninguém o via: depois, tendo tornado a voltar o anel para fóra, todos o viaõ. Sabendo este effeito admiravel aproveitou se para commetter hum estupro com a Rainha: matou a ElRei, e outros mais, que entendeu que devia matar para que o não embaraçassem; e se fez senhor do Reino de Lydia.

Ora demos (diz Plataõ) este anel ao sabio, para que quando obrar mal possa esconder-se por virtude delle; certamente não ha de evitar menos o mal, do que o faria, se não se podesse esconder; porque para hum sabio não he refugio a esperansa de não ser castigado; mas a innocencia. A lei não foi posta ao justo, mas ao injusto, diz o Apostolo; porque o justo tem a lei do seu entendimento, e a regra da sua equidade, e justiça; e assim não o aparta da culpa o terror do castigo, mas a regra do honesto.

Para tornarmos ao nosso assumpto: não hei de allegar exemplos fabulozos em lugar dos verdadeiros; mas verdadeiros em lugar dos fabulozos. Pois que necessidade tenho eu de fingir aquella abertura da terra, aquelle cavallo de bronze, aquelle anel de ouro achado no dedo do homem morto, cuja virtude era tal, que á vontade de quem o tinha no dedo fazia que o vissem, e não vissem quando quizesse, furtando-se da vista daquelles, com quem estava, de modo, que não podia parecer que estava alli? Em fim isto a que se encaminha he a decidir se porventura o sabio, ainda que tenha hum tal anel, com que possa encobrir os seus crimes, e alcançar hum Reino, não ha de querer obrar mal, e ha de ter por mais grave a culpa, do que o castigo: ou se porventura confiado na impunidade se ha de servir d'elle para commetter o crime? Mas, torno a dizer, que necessidade tenho eu desta ficção do anel, podendo mostrar com exemplos que o homem sabio, ainda que visse que não só podia occultar o seu peccado, mas que, ainda que o commettesse, havia de chegar a ser Rei: e pelo contrario, vendo perigo da vida, se fugisse do crime, antes escolheria o mesmo perigo da vida, para se livrar do crime, do que commetter esse crime para alcançar o Reino?

1. Reg. 26.2.
& seq.

Ibid. 8. & seq.

David fugindo da prezença de ElRei Saul, que o buscava com tres mil homens escolhidos para o matar, entrando nos arraiaes de ElRei, achando-o a dormir não só lhe não fez mal, mas até embaraçou que nenhum dos que tinhaõ entrado juntamente com elle, o matasse. Dizendolhe Abessa: *Hoje fechou o Senhor o teu inimigo nas tuas maons; e agora o matarei*: respondeu David: *Não o mates; porque quem lansará a sua mão no Ungido do Senhor, e será puro?* E acrescentou: *Vive o Senhor; porque se o Senhor o não ferir, ou se não vier a sua hora, para que morra, ou se apartar na batalha, e for posto ao pé de mim, não me seja permittido pelo Senhor lansar a minha mão ao seu Ungido.*

Pelo que não consentio que o matassem; mas sómente levou huma lansa, e huma pedra precioza, que estava junto da sua cabeça. Ficando todos dormindo, tornou a sahir dos arraiaes, sobio á altura de hum monte, e começou a bradar ás sentinellas de ElRei, e principalmente a Abner General do Exercito, accusando-os de que não vigiavaõ fielmente na guarda do seu Rei, e seu Senhor; que lhe mostrassem onde estava a lansa de ElRei, e a pedra precioza que ele tinha à cabeça. Acordando ElRei, e chamando-o David, este lhe entregou a lansa, e lhe disse: *E o Senhor restitui*

a cada hum as suas justças, e a sua boa fê: assim como o Senhor te entregou nas minhas maons, e eu não quis pôr a minha mão no Ungido do Senhor. Dizia isto; comtudo temia a traição de ElRei; fugio, trocando o descanso pelo desterro. Não preferio a vida á innocencia: tendo segunda vez occaziaõ de matar a ElRei, não se quis aproveitar do beneficio della, ao mesmo tempo que com ella lhe vinha seguransa da vida, temendo perdella; e lhe vinha o Reino, estando desterrado.

Que necessidade teve o Baptista do annel de Gyges; pois se se tivesse calado, Herodes o não tivera morto? Poude o seu silencio fazer que estivesse á vista, e o não matassem; mas porque não só não quis peccar para defender a vida, mas nem ainda poude tolerar, e soffrer o peccado alheio, por isso excitou contra si a morte. Sem duvida aquelles, que dizem que não podia ser que Gyges tendo aquelle annel se não escondesse, não podem negar que o Baptista se podia ter calado. Marc. 6.13.

Mas esta fabula, ainda que não tem a forsa da verdade, comtudo lá tem sua razaõ, que vem a dizer que, ainda que o homem justo possa encobrir-se, comtudo evita o peccado, como quem o não pode encobrir: nem tendo o annel, esconde a sua pessoa; mas tendo em si a Christo esconde a sua vida nelle, como diz o Apostolo: *A nossa vida esta escondida com Christo em Deos.* Assim ninguem procure apparecer cá na terra, ninguem arrogue nada a si, ninguem se jacte. Christo não queria ser conhecido cá na terra, não queria que se publicasse o seu nome em quanto estava no mundo; veio para que se escondesse a este seculo. Pelo que nós do mesmo modo escondamos a nossa vida, ao exemplo de Christo; fujamos da vaidade, não esperemos que nos louvem. Melhor he viver cá na terra em humildade; e em gloria lá no Ceo. *Quando Christo apparecer, diz o mesmo Apostolo, então apparecereis tambem vós com elle em a gloria.* Coloss. 3.3. Luc. 9.36. Coloss. 3.4.

CAPITULO VI

Naõ deve valer mais comnosco a utilidade. Que pretexto tomaõ os que procuraõ lucro na venda dos seus trigos; e que selhe deva responder. Expoem-se-lhe a parabola do Evangelho, e os conselhos de Salomaõ.

Naõ prevaleça pois a utilidade contra o honesto; mas este contra ella; falo da que se julga tal, conforme a opiniaõ do vulgo. Mortifique-se a avareza, extinga-se a concupiscencia. O Profeta no Psalmo diz que naõ entrou em negociaçaõ: porque procurar adiantamento dos preços naõ he proprio da simplicidade; mas da malicia. *Prov. 11.26. E o Sabio nos Proverbios diz: O que anda buscando augmento do preço do trigo he maldito no povo.*

He opiniaõ decidida, que naõ deixa nada livre á disputa (qual costuma ser o estilo das controversias) quando hum allega que a Agricultura he tida por louvavel entre todos; que os fructos da terra saõ simples, que por isso quem mais semear ha de ser mais louvado; que os maiores rendimentos da industria naõ saõ defraudados; que mais se costuma reprehender a negligencia, e o descuido de naõ cultivar a terra.

Lavrei (diz aquelle) mais cuidadosamente, semeei com mais largueza; cultivei com mais diligencia, recolhi bons fructos, arrecadei-os com mais cuidado, guardei-os fielmente, conservei-os com providencia. Agora, que he tempo de fome, vendo-os; soccorro aos que tem fome: vendo o trigo, que naõ he alheio, mas meu; naõ por maior preço, que os outros, antes por menos. Que engano ha aqui nisto; pois he certo que podiaõ padecer muito, se naõ tivessem que comprar? Porventura a industria de cada hum he tida por crime? Porventura reprehendes-lhe a sua diligencia? Porventura despreza-se a cautella para o futuro? Dirá talvez quem assim fala: Tambem Jozé recolheu os trigos em hum anno de fartura, vendeu-os no de carestia. Porventura obriga-se a alguem a comprar mais caro? Porventura faz-se violencia a quem compra? A todos se dá liberdade de comprar; naõ se faz injuria a ninguem.

Tendo se disputado desta sorte quanto o juizo de cada hum o permite; vem outro, e diz: A Agricultura certamente he boa, apresenta a todos os fructos da terra, só com a industria augmenta a fertilidade, naõ uzando de malicia, nem de engano. Além de que, se houver alguma culpa, maior he o dispendio; porque se alguem

semear bem, colherá melhor; se lançar á terra melhor qualidade de trigo, terá colheita mais limpa, e mais pura. A terra fértil paga muito em dobro o que recebeu: o campo fiel costuma restituir com usura o que se lhe emprestou.

Está bem. Devemos logo esperar do rendimento da terra fértil a paga do trabalho; da fecundidade do terreno lucros avantajados. Ora qual he a razão, porque convertemos em engano a industria da natureza? Porque razão invejamos á necessidade dos homens os fructos geraes, e publicos? Porque tiramos aos Povos a abundancia? Porque affectamos necessidade? Porque razão fazemos que dezejem esterilidade os pobres? Na verdade como não sentem o bom effeito da fecundidade, estando nós augmentando cada dia o preço, estando escondendo o pão, antes dezejaõ que não nasça nada, do que que nós negociemos com a fome publica. Pertendemos que haja falta de trigos, penuria de alimentos, choramos que haja abundantes fructos, queixamo-nos da fartura publica, lamentamo-nos de ter os celeiros cheios de pão; estamos á espreita de quando he o anno mais esteril, quando são os fructos menos. O' homem, gostas de que a maldição favoreça aos teus dezejos, e não nasça coiza alguma a ninguem? Então alegras-te de ter medrado a tua seara, então amontoas cabedaes á custa da miseria de todos: e a isto chamas tu industria, a isto chamas diligencia, que he malicia da sagacidade, e astucia do engano? e a isto chamas tu remedio, que he hum fingimento da maldade? Que lhe hei eu de chamar? roubo, ou onzena? Andas em busca das occazioens de roubar, nas quaes como traidor deshumano despedaças as entranhas dos homens. Augmenta-se o preço, como com o capital do lucro, com que se accrescenta o perigo da vida. Augmenta-se para ti o lucro do pão, que tens escondido: tu como usurario escondes o pão; como vendedor o poens em almoeda. Para que annuncias mal a todos, de que ha de ser maior a fome, como que não haja fructos nenhuns, como que se espere hum anno de mais falta? O teu lucro he damno do publico.

O Santo José abriu os celeiros a todos, não os fechou: nem esteve á espera do preço do trigo, mas expoz hum soccorro continuo: não ganhou nada para si; mas com huma sabia providencia dispoz o modo, por que a fome se havia de evitar, ainda para o futuro.

Tens lido como o Senhor JESUS representa no Evangelho o homem, que anda á espera do augmento do preço do trigo,

Gen. 41.34.

Luc. 12.17. & 18. e cujas fazendas deraõ abundantes fructos, e elle, como quem não tinha nada, dizia: *Que hei de fazer, não tenho onde recolha? Destruirei os celeiros, e os farei maiores*; não podendo saber se na noite seguinte se lhe pediria conta da sua alma. Não sabia que fizesse: estava embaraçado, como se lhe faltasse a sustentação. Não lhe cabiaõ os trigos no celeiro, e elle entendia que estava em necessidade.

Prov. 11.26. Por isso diz bem Salomão *Quem tem fechado o trigo, deixallo-ha ds naçoens*; não aos herdeiros: porque o lucro da avareza não chega ao direito dos successores. O que se não adquire legitimamente he arrebatado pelos estranhos, como por ventos fortes. E accrescenta:

Ibidem. *O que anda á espera do pão ser caro, he maldito no povo: a benção porém he daquelle, que o reparte.* Ora bem vêes que he justo ser liberal do pão, e não interessado pelo augmento do seu preço. Certamente não he utilidade a que parece haver aqui; porque nella mais se prejudica ao honesto, do que se acrescenta ao util.

CAPITULO VII

No tempo da fome não se devem os peregrinos deitar fóra da cidade. Refere-se o admiravel conselho de hum velho Catholico sobre isto: huma acção indigna feita em Roma: e comparando-se huma coiza com outra, se mostra que no primeiro cazo se ajuntou o Util com o Honesto: o que se não fez no segundo

Não se devem louvar de nenhuma sorte os que affastaõ da cidade os peregrinos em o tempo da fome; porque affastallos em hum tempo, em que os devem ajudar; apartallos da communicação da cidade, que he mãi commua; negar-lhes os fructos nascidos para todos; tirar a communicação da vida já estabelecida; não querer repartir o socorro no tempo da necessidade com aquelles, com quem são commuas as leis, he deshumanidade. As feras não expulsaõ as outras feras; e expulsa hum homem a outro homem. As feras, e os brutos julgaõ que he commum a todos o sustento, que a terra offerece, tambem ajudaõ ás que são da sua mesma especie: o homem persegue-as, sendo quem deve julgar que delle não he alheio tudo o que he humanidade.

Quanto melhor o fez aquelle homem, que sendo já de idade provecta, e padecendo a cidade fome, e pedindo-se pelo Povo (como

em taes cazos costuma succeder) que se lansassem da cidade os peregrinos, como elle tinha o lugar de Prefeito Urbano, chamou a sua Caza os Ministros, e homens mais ricos, e lhes pedio que ponderassem todos quam deshumano era lansarem-se fóra os peregrinos, quanto o era ser despojado hum homem por outro homem, o qual, estando elle a morrer de fome, lhe negava o sustento. Não soffremos, continuava elle que os caens estejaõ sem comer diante da nossa meza; e lansamos fóra os homens: quanto he inutil tambem perecerem tantos povos, quantos a cruel mizeria está matando: quantos acabar para a sua patria, que lhe serviaõ de ajuda ou nos socorros, com que lhe assistiaõ, ou no commercio, que tinhaõ: que ninguem ajude a fome alheia: que dilate quando muito hum dia de vida, não acabe a necessidade: até mortos tantos agricultores, mortos tantos lavradores cuidadosos, certamente haõ de padecer muito daqui por diante os provimentos de paõ. Com que lansamos fóra aquelles, que nos costumaraõ trazer o sustento, não queremos no tempo da necessidade dar de comer áquelles, que em todo o tempo nos deraõ de comer a nós? Quantas saõ as coizas, que ainda neste mesmo tempo nos estaõ elles apresentando a nós? *Naõ vive o homem só em o paõ.* Alli está a nossa familia, muitos tambem saõ nossos pais. Paguemos-lhes o que temos recebido.

Deut. 8.3.

Mas tememos augmentar a nossa falta? Primeiramente a mizericordia nunca he desamparada, mas sim he ajudada. Além disso o paõ, que havemos de repartir por estes, compremo-lo com hum tanto, que dê cada hum de nós; compensemo-lo com o dinheiro. Porventura, em faltando estes, parece-nos que não havemos de ter de buscar outros? Quanto mais barato he sustentar, do que comprar hum agricultor? Onde acharemos hum, a quem formemos de novo, a quem renovemos? Supponhamos que o achamos; será ignorante, e que saiba de outras coizas, que augmente o numero dos outros, e não sirva para a Agricultura.

Que mais? Concorrendo com o dinheiro se ajuntou o trigo. Desta sorte não diminuiu a abundancia da cidade, e proveu a sustentação aos peregrinos. De quanto merecimento foi isto diante de Deos áquelle velho santissimo, de quanta gloria diante dos homens! He verdadeiramente grande este, que poudo verdadeiramente dizer ao Imperador, apontando para os Povos de toda a Provincia: Estes todos te salvei eu, estes vivem por beneficio do teu Senado, estes livrou da morte o teu Tribunal.

Quanto mais nobre foi isto, do que aquillo, que ha pouco tempo se fez em Roma? Foraõ lansados fóra daquella grandissima cidade huns homens, que já nella tinhaõ passado muitos annos: sahiraõ chorando com seus filhos, os quaes como Cidadaons clamavaõ, que deviaõ ser livres do desterro; romperaõ-se as unioens de muitos, desfizeraõ-se varios parentescos. E na verdade a fecundidade do anno tinha dado boa esperansa, necessitava sómente a cidade de paõ, que viesse de fóra: podera ser socorrida, se se pedisse provimento aos da Italia, cujos filhos se expulsavaõ. Não ha nada mais feio do que isto; expulsar hum homem como estranho, e obrigarlo como seu. Para que o lansas fóra a elle, que se sustenta, do seu? Para que o lansas fóra a elle, que te sustenta? Conservas o escravo, lansas fóra o pai? Recebes o trigo, não dás agradecimento? Tiras-lhe á forsa a sustentação; não pagas o beneficio?

Quaõ feia coiza he esta, quaõ inutil! Porque de que modo pode ser util o que não está bem? De quanta utilidade de officiaes incorporados entre si foi defraudada Roma? Poude não os perder, e escapar da fome, esperando algum tempo ventos favoraveis, e provimento de navios, que estavaõ a chegar. Mas quanto foi honesto, e util o que eu assim disse! Porque que coiza ha taõ decente, e honesta, como ajudarem-se os necessitados, dar-se sustentação aos que tem fome, não faltar o comer a ninguem, por meio da contribuição dos ricos? Que coiza taõ util como conservarem se os lavradores para o campo, não deixar morrer os rusticos, e camponezes?

Pelo que he certo que o que he honesto tambem he util; e o que he util he honesto. E pelo contrario o que he inutil he contra o honesto; e o que he contra o honesto, he tambem inutil.

CAPITULO VIII

Deos estima os que preferem o honesto ao util: mostra-se com o exemplo de Jozué, e Caleb

Exod. 12.34.
& seq.

Quando tiveraõ podido os Israelitas sahir da escravidaõ, se não tivessem julgado que não sómente lhes era torpe, mas inutil, servir ao Rei dos Egypcios?

Mandando Jozué, e Caleb a examinar a terra, aonde querião entrar, vieraõ dizer que sim era abundante, mas que habitavaõ nella gentes ferocissimas. Quebrantado o Povo com o terror da guerra, não queria possuir terra semelhante. Persuadiaõ-lhe os dois exploradores Jozué, e Caleb, que era util: julgavaõ ser contra o decóro fraquear áquelas naçoens: escolhiaõ antes ser apedrejados (o que lhe ameaçava o Povo) do que ceder ao honesto. Despersuadiaõ outros, reclamava o Povo, dizendo que haviaõ de ter guerra com gentes crueis, e asperas; que havia de ficar no campo: que as suas mulheres, e filhos haviaõ de ser escravos. Abrazou se a ira do Senhor de sorte, que quis acabar com todos; mas a rogos de Moyzés moderou a sentensa, dilatou a vingansa, julgando que era bastante castigo para os Infiéis (ainda que por hora lhes perdoasse, nem os ferisse como incredulos) não chegarem a entrar, em pena da sua incredulidade, na terra, que tinhaõ rejeitado; mas sómente alcansassem a promettida heransa da mesma terra os meninos, e as mulheres, que não tinhaõ murmurado, e eraõ desculpaveis ou por cauza do sexo, ou da idade. Pelo que despedaçaraõ no dezerto os que eraõ de vinte annos para sima: dilataraõ o castigo dos outros. E os que tinhaõ hido com Jozué, e tambem quizerãõ despersuadir o Povo, acabaraõ logo com hum castigo grande: Jozué, e Caleb entraraõ na terra da promissaõ com todos os que eraõ innocentes ou pela idade, ou pelo sexo.

Num. 13.28.
& seq.

Num. 14.6. &
seq.

Aqui se vê que a melhor parte preferio a gloria á vida; a peor preferio a vida á honra. Mas a sentensa Divina abensoou aquelles, que entendiaõ que o honesto era melhor do que o util; e condemnou aquelles, que preferiaõ as coizas, que pareciaõ serem mais accommodadas á vida, do que á honra.

CAPITULO IX

As trapassas, e os lucros sórdidos estão muito mal aos Clerigos, cuja obrigação he servir á utilidade de todos: não se devem intrometter em causas pecuniarias; mas sim nas causas criminaes, para favorecerem. O exemplo de David lhes ensina que não fação mal a ninguém, nem ainda provocados; e a morte de Naboth, que não prefiraõ a vida ao honesto.

Naõ ha coiza alguma mais feia, do que naõ ter amor nenhum ao honesto; e com a pratica de huma negociação injusta estar inquieto com o ganho sórdido, arder em hum coração avarento, respirar dia, e noite na perda dos bens alheios; naõ levantar o animo ao esplendor do honesto; naõ considerar a formozura do verdadeiro louvor.

Daqui nascem as heransas adquiridas com traça, ganhadas com o disfarce de desinteresse, e gravidade. O que he alheio do espirito de hum homem Christaõ; porque tudo aquillo, que se conseguiu por artificio, e se ganhou com manha, naõ tem o valor da simplicidade. Naquelles mesmos, que naõ tem officio algum da ordem Ecclesiastica, he tida por indigna a ambição de heransa adquirida com artificio. He justo que os que estão no ultimo fim da vida possam testar livremente o que julgaõ; porque depois naõ o podem emendar; porque naõ he honesto impedir as adquições justas, que ou se devem, ou estão destinadas para outros; sendo coiza propria do Bispo, e do Ministro da Igreja aproveitar a todos, se poder, e naõ prejudicar a ninguém.

Mas se naõ podemos soccorrer a hum sem offendermos a outro, melhor he naõ ajudarmos a nenhum, do que prejudicarmos a alguem. Por isso naõ está bem ao Bispo intrometter-se nas causas pecuniarias; porque nellas naõ pode deixar de ser que ordinariamente se scandalize aquelle, que fica vencido; porque julga que o ficou por cauza do favor de quem se introduzio. He pois proprio do Bispo naõ fazer mal a ninguém, querer aproveitar a todos: mas poder fazello, só he de Deos. Certamente em huma cauza crime fazer mal áquelle, que devemos ajudar por estar em perigo, naõ se faz sem grave peccado: mas em huma cauza pecuniaria procurar odios, he estulticia; pois he certo que ordinariamente ha graves trabalhos em livrar hum homem do crime; em o que tambem he gloria soffrellos. Observemos pois a regra, que tenho dito, em o officio do Bispo: naõ faça mal a ninguém, nem ainda provocado,

nem offendido com alguma injuria. Na verdade he homem de bem quem disse: *Se eu tornei paga aos que me retribuiaõ males.* Que gloria he não offendermos aquelle, que nos não offendeu? A virtude he, sendo offendidos, perdoarmos. Psalm. 7.5.

Quanto he honesto, tendo podido David fazer mal ao Rei inimigo, ter querido antes perdoar-lhe! Quanto he tambem util; pois nisto aproveitou ao successor; para que aprendessem todos a guardar fé ao proprio Rei; não lhe usurpar o Reino, mas respeitallo, e obedecer-lhe*. Assim preferio a honestidade ao util, e este seguio o honesto. 1. Reg. 24.5. & seq.

Pareceu-lhe que era pouco o ter perdoado; até teve grande magoa de que morresse na guerra, e chorou por elle amargamente dizendo: *Montes de Gelboé, nem o orvalho, nem a chuva caiaõ sobre vós. Sois montes da morte; porque ahi se tirou a protecção dos poderozos, a protecção, que era Saúl. Não foi tinto em o oleo, e sangue dos feridos, e dos guerreiros. A setta de Jónathas não voltou atraz; e a espada de Saúl não tornou ocioza. Saúl, e Jónathas formozos, e amicissimos inseparaveis na sua vida, tambem na morte se não separaraõ. Mais ligeiros que as aguias, mais fortes, que os leoens. Filhas de Israel, choraí sobre Saúl, que vos vestia vestiduras encarnadas com o vosso enfeite; que punha ouro sobre as vossas vestiduras. Como cahiraõ os poderozos no meio da peleja? Foi Jónathas ferido de morte: quanta pena tenho de ti, irmão meu Jonathas, para mim formozissimo! Cahira em mim o teu amor, como o amor da mãi para o filho unico. Como cahiraõ os poderozos, e acabaraõ as armas dignas de se dezejarem?* 2. Reg. 1.21. & seq.

Que mãi choraria seu filho unico tanto como David chorou neste lugar o seu inimigo? Quem daria tantos louvores ao auctor da sua fortuna, quantos David deu a quem procurava matallo? Quaõ piedozamente sentio, com quanto affecto se lamentou! Seccaraõ os montes com a maldição do Profeta, e cumprio o poder Divino a sentensa delle: pagaraõ os elementos o castigo de terem prezençado a morte do Rei.

Que succedeu com o Santo Naboth? Qual foi a cauza da sua morte, senaõ considerar a sua honra? Queria ElRei a sua vinha, promettendo-lhe pagalla a dinheiro: não quis elle contra o decóro paga, por huma heransa, que recebera de seus pais: antes quis evitar

* Bem se vê quanto este Santo Padre, como todos os mais Gregos, e Latinos entendem a doutrina do Apostolo, sem differença alguma de pessoas e como julgaõ que em cazo nenhum se pode tirar a Coroa ao Soberano, nem deixar de lhe obedecer.

3. Reg. 21.3. esta deshonra com a morte: *Naõ permitta*, diz elle, *o Senhor que eu te dê a heransa de meus pais*: quer dizer: naõ me succeda afronta taõ grande, naõ consinta Deos que eu seja obrigado a taõ grande crime. Ora he certo que naõ fala das vinhas, que alli tinha; porque nem destas faz Deos cazo; nem fala tambem do terreno; mas fala do direito de seus pais. Poude muito bem aceitar outra vinha das de ElRei; e ficar na sua amizade; no que se costuma julgar que ha hum grande utilidade em o mundo: mas julgou que naõ era util o que era torpe; e quis antes arriscar-se ao perigo seguindo o honesto, do que ter utilidade com afronta. Entendo o que vulgarmente se chama utilidade, e naõ aquella, na qual tambem se acha a virtude do honesto.

Poude o mesmo Rei tirar-lha á forsa; mas julgava que era coiza impudente; mas teve pena de o ter morto. Tambem o Senhor annunciou que a deshumanidade da Rainha Jezabel, a qual esquecida do honesto lhe preferio o lucro infame, havia de ser castigada com supplicio proporcionado.

Assim todo o engano he torpe. Ainda nas coizas vís, e desprezíveis a falsidade da balansa, e o engano da medida he abominavel. Se na praça, onde se vende; se no commercio se castiga o engano, pode parecer irreprehensivel quando se acha entre os officios das virtudes? Clamava Salomaõ: *Pezo grande, e pequeno, medidas de duas castas são immundas diante do Senhor*. E tambem mais assim diz: *A balansa adulterada he abominação para o Senhor; porém o pezo igual lhe he bem aceito*.

CAPITULO X

Naõ só o Direito Politico ordenou que se evitasse o engano em todo o contracto; mas na Sagrada Escritura está mandado assim. Mostra-se com o exemplo de Jozué, e dos Gabaonitas

Em tudo tem decóro a boa fé; he agradável a justiça; parece bem a equidade. Que direi dos outros contractos, principalmente da compra de fazendas, de transacçoens, e pactos? Porventura naõ são formulas ordenadas pela Lei, que naõ haja engano, e que aquelle, de quem se achar engano, seja castigado com dobrada pena? Em toda a parte prevalece a consideração do honesto, a qual exclue o dolo, e rejeita o engano. Donde com razão proferio hum geral

sentença David, dizendo: *Nem fez mal ao seu proximo*. Não só nos contractos (nos quaes até os vicios das coizas, que se vendem, se mandaõ declarar; e se o vendedor o não fizer assim, ainda que tenha entregado a coiza a quem a comprou, se annulla o mesmo contracto com acção de dolo) mas geralmente em coiza nenhuma deve haver dolo: deve haver singeleza, deve declarar-se a verdade. Psalm. 14.3.

Esta não antiga formula dos Jurisconsultos sobre o dolo, mas verdadeira sentença dos Patriarcas, exprimio manifestamente a Divina Escritura em aquelle livro do Testamento Velho, que se intitula *Jesu Nave*; ou *Jozué*. Pois tendo-se espalhado fama por aquelles Povos que o mar se tinha seccado para os Hebreus passarem; que tinha sahido agua de huma pedra; que o Ceo dava todos os dias sustento, que bastava a tantos mil; que os muros de Jericó tinhaõ vindo abaixo com o som das trombetas, com os golpes, e clamores do Povo: que o Rei dos Hetheus tinha sido vencido, e enforcado em hum madeiro, alli ficara até á tarde: entaõ os Gabaonitas temendo taõ vigoroso poder, vieraõ ter com Jozué maliciosamente, fingindo que eraõ de terra affastada, e que tendo caminhado muito tempo, tinhaõ estragado o calçado, gasto os vestidos, cujos signaes mostravaõ bem manifestos; e lhe diziaõ que a cauza de taõ grande trabalho era alcansar paz, e fazer amizade com os Hebreus: e pediraõ a Jozué que estabelecesse alliansa com elles. Como ainda era ignorante daquelles lugares, e desconhecia os seus habitantes, não lhes percebeu o engano: nem consultou a Deos; mas deu-lhes credito logo. Josue. 9.3. & seq.

Taõ santa era a boa fé daquelles homens naquelle tempo, que não julgavaõ que alguém podesse enganar. Quem ha de reprehender a sinceridade em os Santos, que julgaõ dos outros pelo seu animo; e como amaõ a verdade, julgaõ que ninguem mente; ignoraõ o que seja enganar: crem voluntariamente o que elles mesmos saõ; nem podem suspeitar o que não saõ. Daqui vem que diz Salomaõ nos Proverbios: *O innocente crê toda a palavra*. Não se deve vituperar a singeleza; deve-se louvar a bondade. Ser innocente he ignorar o que he mau: ainda que alguém o engana, comtudo de todos julga bem; porque entende que em todos ha boa fé. Prov. 14.15.

Pelo que levado Jozué desta boa inclinação do seu animo, deu credito; ordenou a alliansa, fez a paz, estabeleceu a amizade. Mas tanto que chegou ás terras dos Gabaonitas, conhecendo o engano, e vendo que, estando muito vizinhos, tinhaõ fingido que eraõ de longe, começou o Povo a indignar-se de o terem enganado. Josue 9.25. & seq.

Comtudo Jozué persuadio-se que não devia revogar a paz, que tinha feito; porque estava confirmada com a santidade do juramento; acautelando assim que, em quanto accuzava a perfidia alheia, não faltasse á sua propria boa fé. Comtudo condemnou-os a servirem em ministerio mais vil. Foi a sentensa mais benigna, mas de maior duraçãõ: ainda dura o castigo do antigo engano, tendo-se continuado sucessivamente, como heransa, até o dia de hoje.

CAPITULO XI

Refere alguns exemplos de enganos commettidos por se occultar a verdade e ou deixar de se dizer: mostra que estes, e outros muitos estão condemnados na Sagrada Escritura

Naõ hei de notar agora as formalidades uzadas na adiçãõ das heransas, como saõ o tocar os dedos, saltar o herdeiro nú: porque isto he coiza, que todos notaõ: nem tambem notarei os fingimentos de abundancia de pesca, que alguns fazem para attrahir a vontade de quem compra. Porque qual he a razãõ, porque quem cahio neste engano foi taõ apaixonado do luxo, e das delicias, que sofreu engano semelhante?

Que me importa tratar daquella quinta aprazivel, e retirada, que havia em Saragoça, e da astucia daquelle Siciliano, que tendo encontrado hum estrangeiro, e sabendo que dezejava comprar huma quinta, o convidou a que fosse cear a huma sua? Prometteu o convidado; veio no outro dia: n'hum rio, que corria por ella, vio grande quantidade de pescadores: achou huma meza servida de delicadas iguarias: defronte da caza, em que estava a meza, pescavaõ os pescadores, onde nunca tinhaõ lansado redes: o que cada hum tomava, sem demora o offerencia aos que estavaõ á meza; lansavaõ-se alli os peixes, que ainda saltando, e vivos recreavaõ os convidados. Admirou-se o estrangeiro de tanta abundancia de peixe, tanta quantidade de barcos. E disseraõ-lhe que alli era singular pescaria; que, por ser a agua doce, era sem numero o peixe, que alli se achava. Para que he dizer mais? Fez todo o obsequio ao dono, para que o obrigasse a lhe vender a quinta: he obrigado a vender (queria-o assim) aceita o preço, como violentado.

Vem no dia seguinte á quinta, o que a tinha comprado, com os seus amigos; naõ vê barco nenhum. Pergunta se porventura

naquelle dia havia ferias para os pescadores? Respondem-lhe que não, nem alli se tinha pescado nunca, se não no dia antecedente. Que auctoridade poderia ter este para accusar o dolo, tendo procurado tão indigno modo para o seu regalo? Porque quem accusa de culpa a outro, deve estar livre de culpa. Pelo que não condemnarei eu estes frivolos cazos, servindo-me da auctoridade da Igreja. Porque ella geralmente condemna o dezejo de todo o lucro torpe; e em breves palavras reprova a leveza, e a trapassa.

Que direi eu daquelle homem, que com hum testamento, que ainda que feito por outros, elle comtudo sabia que era falso, e comtudo accitou para si a heransa, e hum legado; e por meio de crime alheio alcansou lucro, quando até as leis publicas castigaõ como reo do crime áquelle, que, sabendo-o, uza do testamento falso? He regra expressa da justiça que não deve o homem de bem desviar-se da verdade, nem cauzar damno injusto a ninguem, nem armar dolo, ou fazer engano.

Que ha mais evidente, do que Ananias, que defraudou a Igreja no preço do campo, que tinha vendido, e poz Act. 5.1. & seq. sómente aos pés dos Apostolos huma parte do preço, como se fosse a somma de todo elle, morreu como réo de falsidade? Poude elle certamente não apresentar nada; e tivera feito isto sem fraude. Mas porque cahio neste crime, não teve premio da liberalidade, mas pagou o castigo da falta de boa fé.

No Evangelho rejeitava o Senhor os que chegavaõ a elle com malicia, dizendo: *As rapozas tem covis*: e o dizia assim, porque manda que vivamos em simplicidade, e innocencia de coração. Matth. 8.20. Tambem David diz: *Fizeste dolo, como a navalha do barbeiro*: Psal. 51.4. accusa de maldade o traidor, e falso, com esta similhansa; porque aquelle instrumento serve para asseio do homem, e muitas vezes o fere. Pelo que se algum mostra que quer favorecer, e arma maliciozo engano, ao exemplo do desleal, entregando á morte, como fez Doeg Idumeu, o Sacerdote Achitob, a quem devia proteger, fica similhante áquelle instrumento, que algumas vezes ou por perturbação da cabeça, ou por ser trémula a mão, costuma ferir. Assim o fez Doeg: embriagado com o vinho da malevolencia, deu a morte ao Sacerdote Abimelech, a quem tinha denunciado com funesta aleivozia, por ter recolhido em caza a David, a quem Saúl ardendo no fogo da inveja perseguia. 1. Reg. 22.9.

CAPITULO XII

Naõ se deve prometter nada contra o honesto: se se jurar alguma coiza injusta, naõ se deve cumprir: mostra-se que Herodes peccou contra esta regra. Reprehende se o voto, que fez Jephthe: e todos os outros, que Deos naõ quer que se lhe cumpraõ. Compara-se a filha do mesmo Jephthe com os dois celebres Pythagoreos; e mostra-se que os excedeu

Deve pois ser puro, e sincero o animo; dizer cada hum palavras simples, e innocentes; possuir em santidade o seu tempo, nem enganar seu irmão com o artificio de palavras maliciosas: naõ prometter nada contra o honesto; e se acazo prometter, mais vale naõ cumprir a promessa, do que fazer o que he torpe.

Obrigaõ-se muitos ás vezes a si com juramento; e tendo conhecido que naõ deveraõ prometter, comtudo fazem em attensaõ ao juramento o que prometteraõ, como vimos assim a Herodes, que prometteu injustamente o premio à dansarina, e lho pagou com crueldade. He injusto prometter hum Reino por dansar: he crueldade dar a morte a hum Profeta em veneraçã de tal promessa jurada. Quanto melhor tivera sido faltar áquelle juramento, do que cumprillo? Se acazo se pode dizer perjurio faltar ao juramento, que tinha feito hum homem embriagado; que tinha promettido entre o rancho dos que dansaraõ, hum Principe transtornado do juizo. Traz-se a cabeça do Profeta em hum prato, e julgou-se que era cumprimento da palavra o que foi arrematada loucura.

- Jud. 11.31. Naõ poderei persuadir-me nunca que Jephthe naõ prometteu inconsideradamente sacrificar a Deos a primeira coiza, que lhe viesse ao encontro, quando voltasse para sua caza, vendo eu que elle mesmo se arrependeu da sua promessa, depois que a filha lhe sahio ao encontro. Rasgou os proprios vestidos, e disse: *Ai de mim, filha minha! embarçaste-me, foste para mim estimulo de dor.* Ainda que com piedoso temor, e medo, cumprio o cruel, e duro voto, que tinha feito: comtudo deixou-lhe livre, e lhe concedeu hum anno inteiro para ella chorar, e a posteridade. Dura promessa, cruel satisfaçã, que foi necessario choralla o mesmo, que a cumprio! Fez-se huma Lei, e Decreto em Israel desde entã para sempre,
- Ibid. 35. que dizia: *Andaraõ as filhas do Povo de Israel chorando a filha de Jephthe Galaadites quatro dias no anno.* Naõ posso accuzar hum homem, que julgou necessario cumprir o que promettera: comtudo
- Ibid. 40.

he lastimoza aquella promessa necessaria, que se satisfaz com hum parricidio.

He melhor não prometter, do que prometter huma coiza, que aquelle mesmo, a quem se promette, não querer que se lhe pague. Temos exemplo em Izaac, em lugar de quem determinou o Senhor que se lhe sacrificasse hum carneiro. Não se haõ de cumprir sempre todas as promessas. O mesmo Deos muda algumas vezes o seu parecer, como mostra a Escritura. Em o livro, que se intitula *Numeros*, vemos que tinha determinado este Senhor ferir de morte, e perder o Povo; mas rogado depois por Moyzès reconciliou-se com o mesmo Povo. Diz a Moyzès, e a Aaraõ: *Separai-vos do meio daquella synagoga, e consumillos hei a todos juntamente*. Retirando-se elles, abrindo-se a terra em huma grande boca, de repente tragou os impios Dathan, e Abiron. Gen. 22.13.
Num. 14.12.
& seq.
Num.16.21.

He mais nobre, e mais antigo este exemplo da filha de Jephthe, do que o outro, que se tem por memoravel entre os Filozofos, ácerca dos dois Pythagóreos. Hum destes sendo condemnado á morte por Dionyzio tyranno, determinado dia da execuçaõ; pedio que se lhe desse licença de hir a caza para deixar recommendados os seus: e para que não faltasse á fé, de que havia de tornar, deu hum fiador com tal condiçaõ, que se faltasse no dia ajustado, o seu fiador o haviaõ de matar em lugar d'elle. Nem rejeitou a qualidade da promessa o que se offerencia por fiador, e esperava com animo constante o dia da morte. Deste modo hum não se escuzou, o outro veio no dia ajustado. E foi isso coiza tão estupenda, que os mesmos, cujo perigo era tão grande, o tyranno os escolheu para seus amigos.

Isto em homens conhecidos, e sabios he maravilha grande: em huma donzella he muito mais magnifico, e muito mais illustre, a qual ouvindo chorar seu pai, lhe diz: *Uza comigo como sahio da tua boca*. Pedio o tempo de dois mezes para com as que lhe eraõ iguaes na idade se ajuntar nos montes, para que acompanhassem com piedozas lagrimas a pureza della, que estava destinada á morte. Nem moveraõ a donzella as lagrimas das suas companheiras, nem enterneceu a dor, nem a detiveraõ os gemidos, nem passou o dia, nem a enganou a hora. Tornou para o pai, como quem tornava para o voto: e dilatando se elle por sua vontade, o obrigou, e espontaneamente fez que aquillo, que era sacrificio fortuito da impiedade, o fosse da piedade agora. Judic. 11.36.
seq.

CAPITULO XIII

Judith tendo-se exposto a muitos perigos para conservar o honesto, alcançou muitas utilidades

Judith. 10.12. & seq. Temos o exemplo da admiravel Judith, que animozamente foi á prezença de Holofernes homem temido das naçoens, acompanhado dos Assyrios vencidos. Primeiramente com a belleza da formozura, e gentileza do rosto o venceu; depois o cativou com a graça, e suavidade das suas palavras. O primeiro triumpho, que ella conseguiu, foi voltar da barraca do General inimigo salva a sua pureza: o segundo que, sendo mulher fraca, alcançou victoria de hum homem, e com o seu conselho poz em fugida os Povos.

Ibid. 13.20. Tiverão os Persas horror á sua ouzadia. O que naquelles dois celebres Pythagóreos admiraõ todos, isso teve ella: não temeu o perigo da morte, nem tambem o da pureza, que he mais grave ainda em as mulheres santas: não recebeu, não digo o golpe do algóz; mas nem ainda as armas de todo o exercito. Esteve entre as tropas dos Soldados, entre as armas vencedoras huma mulher sem temer a morte. Se olhamos a grandeza do perigo, foi a morrer: se olhamos á fé, a pelejar.

Judith. 8.10. & seq. Seguiu Judith o honesto, e seguindo-o achou o util. Foi honesto impedir que o Povo de Deos se sujeitasse aos profanos; não entregasse infielmente as ceremonias, e sacrificios de seus pais; não submettesse as donzellas consagradas, as viuvvas veneraveis, as matronas castas, á torpeza barbara; e não se livrassem do cerco rendendo-se: foi honesto querer antes arriscar-se a si por todos para livrar a todos do perigo.

Quão grande he a auctoridade do honesto! Toma huma mulher sobre si deliberar sobre os maiores pontos; nem commette isto aos Principes do Povo. Quanta auctoridade he a do honesto! toma a Deos para o ajudar! Quanta he a sua felecidade, que o acha!

CAPITULO XIV

Quanto foi honesta, e util a acção de Elizeu: compara-se com a celebre façanha dos Gregos. O Baptista deu a vida pelo honesto: Suzana expoz-se ao perigo da morte pela mesma cauza

Que outra coiza seguiu Elizeu mais do que o honesto, quando introduzio em Samaria o exercito dos Syros, que o tinhaõ vindo sitiado, tendo feito que ficassem todos cegos, e dizendo depois: *Senhor, abri-lhes os olhos para que vejam: e viraõ?* Por isso querendo o Rei de Israel ferillos depois de terem entrado, e pedindo ao Profeta que lhe desse licença para isto: elle lhe respondeu, que os não devia ferir; porque o cativoiro, em que estavaõ, não era obra nem do seu braço, nem das suas armas; mas antes lhes devia acodir com o sustento. Dando-se-lhes o de que necessitavaõ para se alimentar, entenderaõ os piratas da Syria que não deviaõ tornar nunca depois á terra de Israel. 4. Reg. 6.18. & seq.

Quanto he isto mais sublime, do que aquella acção, que os Gregos fizeraõ, quando elles, e os Lacedemonios disputavaõ entre si a gloria, e o Imperio! e tendo Themistocles Atheniense occaziaõ de lansar fogo ás escondidas ás naus dos Lacedemonios, antes quizeriaõ ter menor poder com honra, do que maior com torpeza. Na verdade não podiaõ fazer isto sem crime; porque enganavaõ com esta infidelidade a huns homens, que tinhaõ feito alliansa com elles para concluir a guerra da Persia: e esta infidelidade ainda que a podiaõ negar, comtudo não podiaõ deixar de se envergonhar della. Mas Elizeu quis antes salvar, do que destruir huns homens, os quaes ainda que foraõ induzidos, não foi com engano, mas sim vieraõ castigados pela mão do Senhor: porque julgou que seria honra perdoar ao inimigo, e dar vida ao adversario, que lha tivera podido tirar, se lhe não tivera perdoado.

A' vista do que he claro que o que he honesto, sempre he util. A Santa Judith desprezando o decóro da propria vida, tirou o perigo do cerco, e ganhou a utilidade publica com a honra propria: e Elizeu perdoou mais gloriozamente do que teria castigado; e salvou com maior utilidade os inimigos, que tinha feito prizioneiros.

Que outra coiza considerou o Baptista, se não o honesto, não podendo sofrer ainda no Rei o incestuozo matrimonio, dizendo-lhe: *Não te he licito ter aquella por mulher?* Poude calar-se, se não tivesse julgado que lhe estava mal deixar de dizer a verdade por Marc. 14.4.

medo da morte, dobrar-se a auctoridade de hum Profeta a ElRei, tratallo com lizonja. Sabia de certo que havia de morrer; porque contradizia a ElRei: mas preferio o honesto á propria vida. E comtudo que coiza mais util, do que aquella, que ganhou a gloria do

Dan. 13.23. martyrio áquelle varaõ Santo? Tambem Suzana, aterrando-a com o testemunho falso, vendo-se obrigada de huma parte com o perigo, de outra com a infamia, quis antes evitar a infamia com morte honrada, do que ter, e conservar huma vida infame pelo

Ibid. 60. dezejo de viver. Assim em quanto cuida da honra salvou tambem a vida: e se tivesse preferido o que lhe parecia util para viver, não tivera alcansado tanta gloria: antes talvez não se tivera livrado da pena do crime, o que não só lhe seria inutil, mas tambem perigozo. Bem vemos pois que o que he torpe, não pode ser util; nem tambem o que he honesto pode ser inutil; porque a utilidade sempre comprehende em si o honesto, e o honesto a utilidade.

CAPITULO XV

Refere-se huma generosa rezolução dos Romanos. Mostra-se pelas obras de Moyzès que teve grandissimo cuidado do honesto

Referem como coiza memoravel os Rhetoricos que Fabricio General Romano tendo vindo ter com elle hum Medico de ElRei Phyrrho, promettendo que havia de dar veneno a este; prendendo-o Fabricio, o remetteu ao inimigo. Na verdade foi acção illustre não querer vencer com engano quem tinha emprendido disputar o valor. Não julgava a victoria honesta, mas declarava que a mesma victoria era torpe, a não ser ganhada com honra.

Tornemos a Moyzès, e consideremos novamente o que já dissemos; alleguemos exemplos tanto mais excellentes, quanto mais antigos. Não queria o Rei do Egypto deixar sahir o Povo Hebreu. Disse entãõ Moyzes a Aaraõ, que tocasse com a vara

Exod. 7-20. todas as aguas do Egypto. Assim o fez Aaraõ; converteu-se a agua do rio em sangue; ninguem podia beber agua; morriaõ á sede todos os Egyptcios; mas os Hebreus tinhaõ boa agua em abundancia.

Ibid. 9.10. & seq. Lansaraõ fogo ao ar, e nasceraõ tanto nos homens, como nos quadrúpedes chagas, e bolhas vivas. Fizeraõ descer chuva de pedras em fogo ardente, e tudo se desfez sobre a terra. Fez Moyzès

oração, e tornou tudo ao seu natural: cessou a pedra, sararaõ as chagas, deraõ os rios agua pura.

Depois levantando Moyzês o braço, e derramando trevas sobre tudo, tres dias esteve a terra coberta de espesso, e cerrado nevoeiro. Morriaõ todos os primogenitos do Egypto, e não tinhaõ damno algum os filhos dos Hebreus. Pedio-se a Moyzês que acabasse tambem estas pragas; fez oração, e acabaraõ-se. Deve-se-lhe louvar no primeiro cazo, haver-se abstinido de engano: no segundo devemos admirar-nos; pois huns castigos ordenados por Deos, elle com a propria virtude até do inimigo os apartou, mostrando-se verdadeiramente manso, e benigno, como está escrito. Sabia elle que delRei não havia de ser fiel ás promessas; comtudo julgava que era honesto que, sendo rogado, fizesse oração; sendo offendido, abensoasse; perdoasse, sendo acommettido.

Ibid. 10-21.

Ibid. 12.29. & seq.

Num. 12.3.

Lansou a vara em terra, e se converteu em serpente, que devorou as serpentes do Egypto: significando que se havia de fazer homem o Verbo eterno, que havia de consumir o veneno da cruel serpente com a remissão, e indulgencia dos peccados. Porque a vara he o Verbo recto, real, cheio de poder, insignia do imperio. Converteu-se a vara em serpente; porque quem era filho de Deos, nascido de Deos Padre, fez-se filho da creatura, nascendo da Virgem: e o mesmo Verbo exaltado na cruz como a serpente no Egypto applicou remedio ás feridas dos homens. Por isso o mesmo Senhor diz; *Assim como Moyzês exaltou a serpente no dezerto*, Joan. 3.14. *assim convém que seja exaltado o filho do homem.*

Exod. 7.12.

Joan. 3.14.

Pertence tambem ao Senhor JESUS o outro milagre, que fez Moyzês. *Metteu a sua mão no seio, e tirou-a, e ficou a sua mão como neve. Metteu-a segunda vez, e tirou-a, e era como figura de carne humana*: significando o primeiro o esplendor da Divindade do Senhor JESUS; depois o tomar elle carne humana; em fé do que deviaõ crer todas as Gentes, e Povos. Com razão metteu a mão; porque a direita de Deos he Christo, em cuja Divindade, e Encarnação se alguem não crer, he castigado como réprobo: assim como aquelle Rei, o qual, porque não creu os milagres evidentes, tendo sido castigado, depois rogava que se lhe perdoasse. Ora quanto deve ser o amor do honesto se prova com isto, que temos dito, e sobre tudo com vermos que se offerecia pelo Povo dizendo a Deos, que ou perdoasse a este, ou o riscasse do livro dos vivos.

Exod.4.6.& 7.

CAPITULO XVI

Tocando algumas coizas á cerca de Tobias, mostra que Raguel em o honesto se avantajou aos Filozofos

Tob. 2.2. &
seq.

Ibid. 7.13. &
seq.

Reprezentou tambem Tobias a imagem do honesto mais claramente, quando deixava a meza para enterrar os mortos, e convidava os pobres para comerem á mesma pobre meza. Melhor o fez Raguel, o qual attendendo ao honesto, pedindo-lhe que desse sua filha para espoza do moço Tobias, não calava os defeitos da mesma filha, para que não parecesse que calando-se enganava a quem a pedia. Assim pertendendo Tobias o moço, filho do outro Tobias, que elle lha desse por espoza; respondeu Raguel: que pela lei certamente lha devia, como a hum parente; mas que já a tinha dado a seis maridos, e tinhaõ morrido todos. Temia este varaõ justo mais os damnos alheios, e antes queria que ficasse sem espozo a sua filha, do que que tivessem perigo os estranhos por cauza do seu matrimonio.

Como acabou em breve todas as questoens dos Filozofos! Elles falaõ dos defeitos, que tem, por exemplo, as cazas; e perguntaõ se se devem encobrir, ou declarar pelo vendedor: Tobias nem ainda os defeitos de sua filha entendeu que devia occultar. E na verdade não era elle quem procurava cazalla; mas rogavaõ-no. Quanto este seja mais honesto, do que aquel'outros, não o podemos duvidar, se examinarmos quanto mais nobre he o interesse da filha, do que o direito do que se vende.

CAPITULO XVII

Quão grande dezejo do honesto tiveraõ os Israelitas quando, sendo levados ao cativeiro, esconderaõ primeiro o sagrado fogo

Consideremos outra acção, na qual, sendo feita em o cativeiro, brilhou muito a excellencia do honesto. Porque nenhuma adversidades embaraçaõ o honesto, antes nestas sobressahe, e brilha mais, do que nas prosperidades. Entre as cadeias, entre as armas, os fogos, e escravidão, que para homens livres he mais pezada, que todo o castigo; entre as penas dos que morriaõ, entre as ruinas da Patria, o temor dos vivos, o sangue dos mortos, não faltou aos Israelitas

o cuidado da honra; mas resplandeceu, e brilhou nos piedozos animos entre as cinzas, e chammas da Patria destruida.

Sendo levados os Israelitas nossos pais cativos para a Persia, como entaõ eraõ adoradores verdadeiros do Deos omnipotente; tomando os Sacerdotes do Senhor de sima do Altar o sagrado fogo, o esconderaõ em hum valle. Havia nelle hum como poço; porque por falta de agua estava deixado, nem servia ao Povo; era lugar desconhecido, e desamparado: alli deixaraõ escondido o fogo, pondo signal em o lugar, e calando se sobre isto. Naõ cuidaraõ em enterrar o ouro, em occultar a prata para a guardarem para os seus descendentes: mas entre as extremidades, em que estavaõ, tiveraõ cuidado do honesto, julgaraõ que deviaõ esconder o sagrado fogo, ou para que os impuros o naõ contaminassem, ou para que o sangue dos mortos o naõ apagasse, ou as ruinas amontoadas o naõ extinguissem de todo.

2. Mach.1.19.
& seq.

Foraõ-se para a Persia, hindo só senhores de si na Religiaõ; pois só ella se lhe naõ poudo extorquir com o cativeiro. Passado dilatado tempo, quando Deos foi servido, deu vontade ao Rei dos Persas, para que mandasse que se reedificasse o Templo em Judéa, e se renovassem os verdadeiros ritos em Jerusalém. Para se fazer assim, enviou ElRei o Sacerdote Nehemias. Levou elle comsigo os netos daquelles Sacerdotes, que quando sahiraõ da sua patria tinhaõ escondido o sagrado fogo para se naõ consumir. Quando vieraõ buscallo, como se diz nos livros Sagrados, naõ o acharaõ, mas acharaõ agua. Faltando-lhes fogo, com que accendessem os Altares, mandou Nehemias que tomassem daquella agua; que lha trouxessem, e a lansassem sobre a lenha no Altar. Entaõ (que maravilha!) estando o Ceo nublado appareceu de repente o Sol, accendeu-se grande fogo, encheraõ-se todos de espantoza alegria, admirando a evidente graça do Senhor. Orava Nehemias, cantavaõ os Sacerdotes a Deos hum cantico. Tanto que se consumio o Sacrificio, mandou segunda vez Nehemias que se lansasse sobre maiores pedras o resto da agua: fazendo-se isto pegou o fogo, e logo se consumio a resplandecente luz sobre o Altar.

Publicando-se esta maravilha, ordenou o Rei dos Persas que no lugar, em que tinha estado escondido o fogo, e depois se achou agua, se edificasse hum Templo, aonde concorriaõ muitas offertas. Os que estavaõ com o Santo Nehemias lhe chamaraõ Ephtar, que quer dizer *Purificação*: muitos lhe chamaõ Nephth. Tam-bem em as relaçoens do Profeta Jeremias lemos que mandou

que os que depois houvessem de succeder, tomassem daquelle fogo. Este he o fogo, que cahio sobre o sacrificio de Moyzês, e o
 Levit. 9.24. consumio, como está escrito: *Sahio fogo do Senhor, e consumio todos os holocaustos, que estavaõ sobre o Altar.* Com este fogo devia
 Levit. 10.1. & sanctificar-se o sacrificio; por isso contra os filhos de Aaraõ, que
 seq. quizerão introduzir fogo estranho, sahio segunda vez o fogo do Senhor, e os consumio, e os seus cadaveres se lansaraõ fóra dos arraiaes.

2. Mac. t. 5. Vindo Jeremias áquelle lugar, achou hum a caza á maneira de
 & seq. cova: touxe para ella o Tabernaculo, e a Arca, e o Altar do incenso, e tapou a porta. Examinando com mais curiozidade isto os que tinhaõ vindo juntos, para que conhecessem o lugar, não poderaõ de nenhum modo conhecello, nem achallo. Advertio Jeremias o que elles pertendiaõ: Será desconhecido o lugar, lhe disse, até que Deos ajunte o Povo, e se faça propicio. Entaõ mostrará Deos aquellas coizas, e apparecerá a magestade do Senhor.

CAPITULO XVIII

Que no successo referido, e principalmente no sacrificio, que Nehemias fez, se significa o Espirito Santo, e o Baptismo dos Christaons: ao mesmo se refere tambem o sacrificio de Moyzês, e de Elias, e a historia de Noé

No's os Fiéis somos o Povo congregado, e junto; conhecemos a bondade do Senhor nosso Deos, que o Salvador mostrou na sua Paixaõ. Parece-me que nem podemos ignorar o que seja este fogo; pois lemos no Evangelho de S. Joaõ, que diz o Senhor
 Joan. 1.33. JESUS, que baptiza em o Espirito Santo, e em o fogo. Consumia-se justamente o sacrificio; porque era feito para expiar o peccado. Aquelle fogo era figura do Espirito Santo, que depois da Ascensaõ do Senhor havia de descer, e perdoar os peccados de todos: figura do Espirito Santo digo, o qual como fogo abraza o animo, e o espirito dos Fiéis. Esta he a razãõ, porque diz Jeremias tendo
 Jer. 20.9. recebido o Espirito Santo: *E fez-se no meu coração como hum fogo ardente, que se ateava nos meus ossos, e eu fui desfalecido de toda a parte,*
 Act.2. 4. & *e o não posso soffrer.* Tambem nos Actos dos Apostolos, tendo
 seq. o Espirito Santo descido sobre elles, e sobre muitos, que esperavaõ as promessas do Senhor, lemos que o fogo viera como linguas espalhadas sobre cada hum. Estava o animo de cada hum delles

repassado de sorte, que parecia estarem cheios de vinho os mesmos, que tinham recebido a graça das diversas linguas. Que quer dizer pois que a agua se converteu em fogo, e a água levantou de si fogo, senão que a graça espirital como fogo abraza, como agua lava os nossos peccados? Na verdade lava-se, e se abraza o peccado: por isso diz o Apostolo: *Qual seja a obra de cada hum, o fogo o provará*; e abaixo: *Se arder a obra de alguém, padecerá detrimento; porém elle ficará salvo; comtudo de sorte, que seja como pelo fogo*. 1. Cor. 3.14. Ibid. 15.

Alleguei isto para provar que os peccados se abrazaõ pelo fogo. Assim he claro que era verdadeiramente fogo sagrado aquelle, que entãõ na figura do perdaõ futuro dos peccados desceu sobre o sacrificio.

Esconde-se este fogo no tempo do cativoiro, no qual reina o peccado; no tempo da liberdade mostra-se. E ainda que esteja mudado na apparencia de agua, comtudo guarda a natureza de fogo para consumir o sacrificio. Nem nos admiremos lendo que Deos Padre disse no Deuteronomio: *Eu sou fogo, que consome*: e em outro lugar: *Deixaraõ-me a mim fonte de agua viva*. Tambem o Senhor JESUS como fogo inflammava os coraçoens dos ouvintes, como fonte os refrigerava: elle mesmo diz no seu Evangelho que veio a metter fogo á terra, e dar a beber agua viva aos sequiozos. Deut. 4.14. Jerem. 2.13. Luc. 12.49. Joan. 7.37. & seq.

Tambem no tempo de Elias desceu o fogo do Ceo, quando desafiou os Profetas Gentios para que sem fogo accendessem o Altar. Naõ o poderaõ elles fazer: entãõ lansando Elias tres vezes agua sobre a victima, e alagado todo o circuito do Altar, clamou ao Ceu, e veio o fogo do Senhor, e consumio a victima. 3. Reg. 18.38.

Aquelle victima es tu, ó homem. Considera cada huma das circumstancias em silencio. Desce o fogo do Espirito Santo sobre ti; parece que te abraza quando consome os teus peccados. O sacrificio, que se consumio no tempo de Moyzès, era sacrificio para expiar o peccado. Por isso Moyzès diz, como está escrito no livro dos Macabeus, que se consumio, porque se naõ comeu o que era para expiar o peccado. Porventura naõ te parece que se consome quando todo o homem exterior morre no Sacramento do Baptismo? Clama o Apostolo, que o nosso homem velho foi pregado na cruz: alli, como ensinaõ os antigos exemplos dos Patriarcas, se afoga o Egypcio, resuscita o Hebreu, renovado com o Espirito Santo, tendo passado o mar Vermelho a pé enxuto, onde os pais foraõ baptizados debaixo da nuvem, e no mar. 2. Mac. 23.11. Rom. 6.6. 1. Cor. 10.1. & seq.

No tempo de Noé no Diluvio acabou todo o vivente: comtudo

o mesmo justo se salvou com a sua familia. Porventura não se consome o homem, quando se aparta da vida o que he mortal? Corrompe-se o exterior, mas o interior renova-se. Nem só no baptismo, tambem na penitencia morre a carne para proveito do espírito, como nos ensina a auctoridade do Apostolo S. Paulo, *que diz: Julguei como prezente aquelle, que obrou desta sorte, entregallo a Satanás para a morte da carne, para que o espirito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesu Christo.*

Gen. 7.21. &
seq.

Parece que fiz huma digressão mais dilatada, por cauza do admiravel mysterio, em quanto procuro declarar mais completamente o Sacramento, que está revelado; o que he taõ cheio do Honesto, quanto o he de Religião.

CAPITULO XIX

Refere-se o crime commettido pelos moradores de Gabaa contra a mulher de hum Levita. E com o castigo deste crime se mostra quanto os antigos estimavaõ o Honesto, ou a Honra

Quaõ grande cuidado tiveraõ nossos antepassados do honesto? Não perseguiraõ com guerra a Tribu de Benjamin pelo estupro de huns homens devassos contra huma mulher innocente? Não protestaraõ em Israel contra mesma Tribu, vencendo-a, de que lhe não haviaõ de dar nunca as próprias filhas para esposas? Tinha ficado aquella Tribu sem subsidio algum de posteridade, a não tomar a liberdade de hum engano necessario. Comtudo este favor, e indulgencia parece que os não livrava do castigo devido á sua devassidão: porque sómente se lhe permittio que podessem cazar com as que roubassem, e não que se lhe dessem voluntariamente nenhuma para esposas. Na verdade foi justo que aquelles, que tinhaõ offendido a fidelidade conjugal do outro homem, ficassem privados do matrimonio legitimo, e solemne.

1. Cor. 5.3.
& 4.

Quanto he digno de compaixão este successo! Tinha hum Levita tomado por companhia huma mulher, a qual algum tempo depois aggravada com alguns motivos, que elle lhe deu, como costuma succeder, se retirou para caza de seu pai, e alli esteve quatro mezes. Lembrou-se della o Levita seu marido, foi a caza de seu sogro para se reconciliar com ella, e tornar a trazella, e recolhella para caza: veio a mulher recebello, e o introduzio em caza de seu pai.

Alegrou-se este com a vinda, recebeu-o bem, deteve-o consigo tres dias, comeraõ, e descansaraõ. Levantou-se o Levita no dia seguinte ao amanhecer para fazer jornada, e o sogro o não deixou, pedindo-lhe que o não privasse tão depressa do gosto de o ter á sua meza. O mesmo fez nos dias seguintes, não o deixando hir, até que ficasse estabelecida entre elles a alegria, e a amizade. Passados sete dias, sendo já pela tarde, depois de haverem jantado muito bem, ainda que lhe rogou que se não fosse, dizendo-lhe que estava chegando a noite, e que era melhor passalla alli, do que em caza alheia, comtudo não o poudo impedir: despedio o Levita juntamente com a filha.

Tendo andado parte do caminho, vindo chegando a noite, e estando perto da cidade dos Gebuzeus, disse-lhe hum escravo, que levava, que se recolhesse alli. Mas não esteve por isso o Levita: porque não era cidade dos filhos de Israel: determinou-se a deitar a Gabaa, cidade da Tribu de Benjamin. Em chegando não tiveraõ ninguem que os hospedasse senaõ hum estranho, homem já de idade adiantada. Este assim que os avistou perguntou ao Levita: Homem, para onde vás, ou donde vens? Elle lhe respondeu que era hum passageiro, e caminhava para o monte Ephrem, e não achava alli quem o recolhesse. Offereceu-lhe o outro a caza, e lhe preparou logo a cea.

Tinhaõ acabado de cear muito bem, e se tinha levantado a meza, eis que daõ de tropel, e cercaõ a caza por toda a parte alguns homens insolentes, e devassos. O velho, que tinha huma filha, e outra donzela da mesma idade sua companheira, dizia aos malvados que abuzassem antes dellas, e não affrontassem violentamente o seu hospede. Mas aproveitou de pouco tudo isto: instaraõ violentamente, foi obrigado o Levita a ceder sua mulher. Abuzaraõ della, e a insultaraõ toda a noite segundo a sua paixão torpe. Com o horror, e atrocidade do insulto, ou com pena da afronta, se lansou ella á porta da caza, onde seu marido estava, e alli expirou: conservando ainda no ultimo alento da vida a lealdade de boa espoza, esperando de seu marido ao menos a honra da sepultura.

Divulgado este cazo (por não me dilatar mais) todo o Povo de Israel se amotinou, e inflammou para a guerra; tendo dado batalha primeira, e segunda vez, e ficando duvidoza a victoria; comtudo na terceira batalha venceu Israel a Benjamin; e entaõ sentenceada esta Tribu pelo Senhor pagou o castigo da sua devassidaõ. Foi condemnada a que ninguem de todo o Israel lhe desse filha nenhuma

Jud. 19.1. &
seq.

Ibid. 20.1. &
seq.

para espoza: e se confirmou isto com juramento. Afflictos os de Israel de terem dado sentença tão severa contra seus irmaons, moderaraõ o seu rigor desta sorte; que os de Benjamin podessem tomar para mulheres as filhas orfans, cujos pais tivessem sido mortos por crimes, ou aquellas, que elles tivessem roubado; porque á vista de hum delicto tão feio, como tinha sido aquelle, se faziaõ indignos de alcansar hum matrimonio legitimo huns homens, que tinhaõ offendido a Lei do matrimonio alheio. Mas para que não acabasse de todo huma Tribu, se permitio que se disfarsasse aquelle engano.

Ora aqui se vê quão grande cuidado tiveraõ do honesto, e da honra aquelles antigos, que quarenta mil homens desembainharaõ a espada contra seus irmaons da Tribu de Benjamin, querendo vingar a injuria feita á castidade; porque não podiaõ soffrer os offensores desta virtude. Morreraõ naquella guerra de huma parte, e de outra sessenta e sinco mil homens, e se queimaraõ algumas cidades. Tendo sido vencido ao principio o Povo de Israel, comtudo estimulado do temor da guerra despertou a dor para tomar vingansa da castidade offendida. Hia arrebatadamente para o campo, assentando apagar a nodoa do delicto commettido, ainda que fosse com o proprio sangue.

CAPITULO XX

Acabado o cruel cerco de Samaria pelo vaticinio de Elizeu, mostra-se quão grande cuidado tiveraõ do Honesto os quatro leprozos.

4. Reg. 6.25. & seq. E que he de admirar que o Povo de Deos tivesse tal cuidado do Decóro, e do Honesto, quando até huns leprozos, conforme lemos nos livros dos Reis, attenderaõ ao Honesto?

Havia grande fome em Samaria, porque a tinha em sitio o exercito dos Syros. Rondava ElRei mesmo cuidadamente as sentinelas, que estavaõ sobre o muro: veio ter com elle huma mulher, dizendo-lhe: Esta mulher, que vem comigo, me persuadio que trouxesse meu filho; eu o trouxe, e o cozemos, e o comemos. Prometteu ella que depois tambem havia de dar seu filho, e que juntamente o haviamos de comer. Agora escondeu o, e o não quer dar. Indignado ElRei de que as mulheres estivessem satisfeitas não só com a carne humana, mas com o parricidio; e enfurecido com o exemplo de

calamidade tão atroz, disse, que havia de matar o Profeta Elizeu, em cuja mão entendia que estava fazer levantar o sitio, acabar a fome; talvez porque o não tinha deixado matar os Syros que tinha feito cegos.

Estava Elizeu em Bethel sentado com os mais velhos; e antes que lhe chegasse o correio de ElRei, lhe disse: Tendes visto que o filho daquelle homicida mandou que me tirassem a cabeça? Entrou o correio, declarou a ordem de ElRei, que lhe denunciava a morte: respondeu-lhe o Profeta: A' manhã a esta hora estarão na porta de Samaria a medida de trigo por preço de hum siclo, e duas medidas de senteio pelo mesmo preço. Não dando credito a isto o correio, que ElRei tinha mandado, disse: Ainda que o Senhor chovesse do Ceo abundancia de trigo, nem ainda assim poderia ser isso. Elizeu lhe disse: Porque não creste, verás com os teus olhos, e não comerás.

4. Reg. 6.32.
& seq.

Ibid. 7. 1. seq.

Levantou-se de repente no arraial dos Syros como estrondo de coches, e clamor grande de soldados de cavalo, e poderosas forsas, e extraordinario tumulto de guerra: e entenderão que o Rei de Israel tinha chamado para o acompanhar na batalha o Rei do Egypto, e o Rei dos Amorreus: e fugirão ao amanhecer, desamparando as suas barracas; porque temião ser assaltados de repente, e vencidos com os novos inimigos, que tinhão chegado de improvizo, e não poderem resistir ás forsas dos Reis juntas entre si. Não se soube isto em Samaria; porque os moradores ganhados do medo, e mortos de fome se não atrevião a apparecer.

Estavaõ quatro leprozos á porta da cidade, para quem a vida era castigo, e seria fortuna o morrer: disserão huns a outros: Estamos aqui sentados, e morremos. Se entrarmos na cidade, morremos á fome; se nos deixamos aqui estar, nenhum soccorro temos para viver: vamos aos arraiaes dos Syros; ou apressaremos a morte, ou teremos remedio para viver. Partirão, e entrarão nos arraiaes; eisque os achão todos desamparados dos inimigos. Foraõ ás barracas: primeiramente achando algum comer, matairão a fome, depois roubaraõ o ouro, e prata, quanto poderaõ. Podendo aproveitar-se só da preza, comtudo rezolverão dar noticia a ElRei de que tinhão fugido os Syros; porque julgavaõ que assim era honesto; e não occultando a noticia, aproveitarem-se do roubo enganozamente.

Chegando a noticia, sahio fóra o Povo, saqueou os arraiaes, recolheu os muitos víveres dos inimigos, e ficou o pão por preço

tao barato, como o Profeta tinha dito; custando a medida do trigo em farinha espoada hum siclo, e o mesmo as duas medidas de senteio. Entre esta alegria do Povo o correio, que tinha hido ao Profeta, atropelado na porta com o concurso dos que sahiao á pressa, e voltavao alegres, foi esmagado, e morreu.

CAPITULO XXI

Esther com perigo da sua vida seguiu o Honesto: o mesmo fez o Rei barbaro Assuero, mandando matar Aman impio, de quem era muito amigo: deve a amizade sempre ajuntar-se com o Honesto. Mostra-se com o exemplo de Jónathas, e de Achimelec

Esth. 4.16. Que fez a Rainha Esther? Porventura para livrar o seu Povo do perigo (o que era coiza decoroza, e honesta) não se offereceu á morte, nem temeu o furor do Rei deshumano? O mesmo Rei dos Persas Assuero, cruel, e soberbo, julgou que pedia o decóro pagasse o beneficio ao que lhe denunciava a traição, que se lhe tinha armado, deixar hir o Povo livre da escravidão, salvallo da morte, não perdoar a Aman, que o tinha aconselhado tanto contra o decóro. Em fim este homem, que era o segundo depois da sua pessoa, e o primeiro entre todos os amigos, o mandou enforcar; porque conheceu que o tinha infamado com os seus conselhos mal ciosos, e enganadores.

Na verdade amizade estimavel, digna de se preferir ás honras, aos cabedaes, ás dignidades, he aquella, que conserva o Honesto: esta amizade não se lhe costuma preferir a elle, mas seguillo. Tal foi a de Jónathas, que pela amizade justa nem fogia de offender seu pai, nem de arriscar a vida. Tal foi a de Achimelech, que julgava que em defeza das obrigaçoens da amizade se devia expôr antes á morte, do que entregar alcivozamente o amigo, que hia fugindo.

1. Reg. 20.29.
& seq.

Ibid. 26.1.

CAPITULO XXII

Naõ se deve faltar ao Honesto por cauza do amigo: comtudo se se houver de depôr contra elle, deve haver cautella. Entre os amigos he necessario que haja candura em descobrir o coração, generosidade em soffrer, liberdade em reprehender. A amizade guarda as virtudes: sómente se acha em homens de costumes semelhantes. Deve ser mansa em corrigir, e livre de interesse proprio. Por isso são raros os amigos dos ricos. He grande a excellencia da amizade: quanto esta he maior, tanto he mais detestavel a deslealdade do amigo: vê-se em Judas, e nos amigos de Job

Naõ ha nada pois, que se deva preferir ao Honesto; o qual nem ainda se deve deixar por amor da amizade; o que a Escritura ensina a respeito della. Ha muitas questoes dos Filozofos sobre isto. Taes são estas: Se por cauza do amigo deve alguém votar, ou não votar contra a patria, para obedecer ao amigo? Se deve faltar á palavra para favorecer, ou ajudar os interesses do amigo?

He verdade que diz a Escritura: *Assim como a massa de ferro, e a espada, e a setta farpada, assim he o homem, que dá testemunho falso contra o seu amigo.* Mas consideremos o que adverte. Naõ reprehende dar testemunho contra o amigo, mas dar testemunho falso. E com razão; pois que deve ser, se formos obrigados a dar testemunho contra elle, por cauza de Deos, ou por cauza da Patria? Porventura deve a amizade pezar mais do que a Religião, pezar mais do que o amor dos Cidaões? Comtudo nisto mesmo he necessario que haja verdade de testemunho: não perseguir o amigo com deslealdade, pois deve ser absoluto por meio da nossa fidelidade para com elle. Assim o amigo nem deve fazer favor injusto ao que he reo, nem ser traidor ao innocente. Prov. 25.18.

Mas se for necessario ser testemunha contra elle; se conhecermos defeito no amigo; devemos reprehendello occultamente: se não der ouvidos, então reprehendello em publico. As reprehensões são boas, e ordinariamente melhores, do que a amizade, que não diz nada. Se o amigo entende que o aggrava; comtudo reprehende-o: se a aspereza da reprehensão lhe ferio o animo, comtudo reprehende-o; não receies: *São mais soffríveis as feridas do amigo* (diz o Espirito Santo) *do que os beijos dos lizongeiros.* Pelo que reprehende o amigo errado, não desampares o innocente; porque a amizade deve ser Prov. 27.6.

constante, perseverar em o affecto: nem devemos mudar de amigos variando, como os meninos.

Abre o teu coração ao amigo, para que te seja fiel, e delle colhas o gosto da tua vida; pois o amigo fiel he remedio da vida, e bem da immortalidade. Trata ao amigo como a igual; nem te envergonhes de seres primeiro no obzequio para com elle; porque a amizade não sabe o que he suberba. Esta he a razão, porque Eccles. 6.16. o Sabio diz no Ecclesiastico: *Naõ te envergonhes de cumprimentar o amigo*. Não faltes ao amigo na necessidade; não o deixes, nem o desampares; porque a amizade he o socorro da vida. Levemos Galat. 6.2. os nossos pezos, como advertio o Apostolo; e o advertio áquelles, a quem tem unido a caridade do mesmo corpo. E na verdade se as felicidades do amigo ajudaõ aos amigos, porque razão não teraõ favor os interesses dos amigos nas suas adversidades? Ajudemo-los com o conselho, aproveitemos-lhe com os desejos, assistamos-lhe com o affecto.

Se necessario he, sofframos ainda as coizas asperas, e custozas por amor do amigo. Muitas vezes nos havemos de expôr a inimizades, muitas vezes a murmuraçoens pela innocencia do amigo, como succede se nos oppomos, ou defendemos quando accuzaõ, ou reprehendem o nosso amigo. Não tenhas pena desta offensa, filho: he palavra do Espirito Santo: *Ainda que me succedaõ trabalhos por amor do amigo, eu os soffro*. Prova-se o amigo nas adversidades; porque nas felicidades todos parecem amigos. Mas assim como nas adversidades do amigo nos he necessaria paciencia, e soffrimento; assim tambem nas suas prosperidades nos he necessaria auctoridade para conter, e reprimir a elevação do amigo, se se ensuberbece. Eccles. 22.31.

Que excellentemente fala Job entre as adversidades: *Compadeceivos de mim, amigos; compadecei-vos*. Esta voz não he de abjecção, e abatimento; he de reprehensão, e censura. Accuzavaõ-no os amigos injustamente; por isso responde: *Compadecei-vos de mim, amigos*; isto he, deveis ter misericordia: opprimís, e acommetteis hum homem, de cujos trabalhos devieis compadecer-vos, como pedia a amizade. Job. 19.21.

Pelo que, filhos, conservai a amizade, que tendes com vossos irmaons: não ha nada mais excellente, que ella entre os homens. He certamente consolação desta vida teres a quem abrir o vosso coração, a quem communicar os segredos, a quem fiar o interior do vosso animo: teres seguro hum homem fiel, que nas prosperidades vos felicite, nas afflicçoens se compadeça de vós, nas perseguiçoens vos aconselhe. Que bons amigos os tres meninos

Hebreus, aos quaes nem o fogo do forno ardente separou do seu amor! Bem diz o Santo David: *Saúl, e Jónathas formozos, e amicissimos, inseparaveis na sua vida, e não se separaraõ na morte.* Dan. 3.16. & seq. 2. Reg. 1.23.

He fructo da amizade não se destruir por amor della a fé. Porque não pode ser amigo do homem quem for infiel a Deos. A amizade he guarda fiel da piedade, e mestra da igualdade, e faz que o superior se faça igual ao inferior; o inferior ao superior; porque entre costumes desiguaes não pode haver amizade; e por isso deve ajustar-se, e concordar a estimação de hum, e outro. Não falte, a quem he menos, a auctoridade; nem a quem he mais, a humildade, se o cazo o pedir. Ouça ao amigo, como igual, como quem tem a mesma auctoridade; e elle advirta, reprehenda como amigo, não com desejo de vaidade, mas com efficacia de amor.

Nem a advertencia seja aspera, nem afrontoza a reprehensão; porque assim como a amizade deve fugir da lizonja, assim tambem deve ser alheia de atrevimento. Porque que outra coiza he o amigo mais, do que hum mesmo no amor, a quem unimos, ajuntamos, e ligamos o nosso animo de sorte, que de dois fique sendo hum, a quem nos confiamos, como de nós mesmos; de quem não tememos nada; a quem não pedimos nada contra o honesto por nosso proprio interesse? Porque a amizade não he tributaria, mas cheia de decóro, cheia de graça. A amizade he virtude, não he ganho; porque não se consegue com o dinheiro, mas com o agrado; nem com o maior preço, que se dá, mas com a maior benevolencia, que mostramos.

De ordinario são melhores as amizades dos pobres, do que as dos ricos: e as mais das vezes os ricos não tem amigos; os pobres tem muitos. Não ha verdadeira amizade onde ha lizonja, que engana. Assim aos ricos procuraõ muitos agradar com dissimulação: para com o pobre ninguem se finge. A attensaõ, que se uza com o pobre, he verdadeira: a amizade, que se tem com elle, de ninguem he invejada.

Que ha mais preciozo, do que a amizade, que he commua aos Anjos, e aos homens? Por isso diz o Senhor JESUS: *Fazei amigos para vós da riqueza, que he coiza má, os quaes vos recolhaõ para os seus Tabernaculos eternos.* O mesmo Senhor, de servos, que eramos, nos faz amigos, como elle mesmo diz: *Vós já sois meus amigos, se fizeres as coizas, que eu vos mando.* Deu-nos a fôrma da amizade, que devemos ter, que façamos a vontade do amigo; que descubramos ao amigo os nossos segredos, quaesquer que temos no coração; Luc. 16.7. Joan. 15.14.

e não ignoremos os seus particulares. Mostremos-lhe o nosso peito, e abra-nos elle o seu. O Senhor diz: *Chamei-vos amigos; porque todas as coizas, que ouvi a meu Pai, vo-las fiz conhecer.* Assim o amigo, se he verdadeiro, não esconde nada, descobre o seu animo, assim como o Senhor JESUS descobria os mysterios do Padre.

Quem cumpre os mandados de Deos, he amigo, e honra-se com este nome. Quem he bem unido, he amigo; porque nos amigos ha uniaõ do animo: nem ha ninguem mais detestavel, do que aquelle, que offende a amizade. Em o discipulo traidor o que o Senhor achou mais grave, foi o que condemnava a sua perfidia, o que fazia que não pagasse o agradecimento, e lansasse o veneno de aleivozia em o banquete, que fazia a amizade. Por isso diz Psalm. 54.14. *assim: Tu porém, homem unanime, meu guia, e meu conhecido, que sempre tomavas comigo os doces sustentos.* Isto he; não pode supportar-se que, estando tu unido, aggravasses aquelle, que te tinha feito o beneficio: *Porque se o meu inimigo me tivesse amaldiçoado, certamente o tivera soffrido;* e escondermehia daquelle, que me aborrecia. Se o inimigo quizer fazer traição, podemos acautelar-nos delle; mas do amigo não podemos. Acautelamo-nos daquelle, a quem não confiamos os nossos particulares; daquelle, a quem os confiamos, não podemos acautelar-nos. Assim para augmentar o odio do peccado, não disse o Senhor: *Porém tu, meu servo, meu Apostolo;* mas, *meu intimo;* isto he, não só es meu traidor, mas tambem teu; porque entregaste o teu amigo intimo.

O mesmo Deos, tendo-o offendido os tres Reis, que não tinhaõ attendido ao Santo Job, antes lhes quis perdoar, por amor do amigo, para que o favor da amizade ficasse sendo perdaõ das culpas. Assim orou Job, e perdoou o Senhor. Aproveitou a amizade áquelles, a quem tinha feito mal o seu atrevimento.

Depozitei em vós todas estas doutrina, filhos, para que as guardeis nos vossos animos: se tem alguma coiza util, vós o julgareis: comtudo offerecem grande copia de bons exemplos; porque quazi todos os dos nossos maiores, e tambem muitos ditos seus, ficaõ comprehendidos nestes tres livros; de modo, que, ainda que as minhas palavras não tenhaõ nada agradavel, comtudo os successos da antiguidade, referidos em breve por sua ordem, haõ de aproveitar muito para a vossa instrucção.